

RESISTENCIA

Orgão do Partido Republicano de Coimbra

COIMBRA — Quinta-feira, 4 de abril de 1907

13.º ANNO

N.º 1195

A SOLUÇÃO

Contra a expetativa geral o conselho dos decanos condenou os supostos cabeças de motim do ultimo movimento academico no maximo da pena.

Mais uma vez o conselho de decanos deixou de se inspirar nos desejos de todo o paiz que queria resolvido o conflito com a maxima benevolencia, para condenar, no criterio antigo do autoritarismo que é um pouco diferente do respeito moderno pela autoridade.

Neste conflito, a Universidade condena-se duplamente pelo exagero do preconceito, e ao mesmo tempo por um facto aparentemente paradoxal e bizarro pelo desprezo de velhos foros e regalias.

A Universidade não era, na opinião de toda a gente, um todo, com existencia propria no meio portuguez.

Ha muito que não tinhamos Universidade; mas sim cinco repartições do estado — as cinco faculdades — sem nexos intimo que as prendesse num organismo vivaz, em dependencia absoluta e mesquinha do ministerio do reino.

A pretendida autonomia dos estabelecimentos scientificos, tão apreçada pelo sr. João Franco, foi aqui occasião de mostrar o que valem os principios, qual a força das ideias deste falhado estadista.

No principio do conflito o sr. João Franco põe o sr. governador civil a assistir ao conselho dos decanos; e, segundo nos afirmam, é ainda o sr. governador civil de Coimbra que, como delegado do governo, assiste á decisao final.

Não se percebe porque não assinou tambem a sentença o sr. governador civil.

Pela primeira vez, a Universidade accusou por um ato publico falta de força que não pôde ser-lhe senão prejudicial no futuro.

E é o sr. João Franco que se gaba de ter feito a autonomia dos estabelecimentos de ensino em Portugal!

Apezar porém de tudo, esperava-se mais benevolencia do conselho de decanos, e a sentença foi recebida com verdadeiro desgosto pelo paiz que desejava liquidada, o mais breve possivel, no interesse geral, esta questão.

Ninguem esperava extraordinaria benevolencia no sr. dr. Costa Alemão, cujo modo de ver em questões disciplinares é de mais conhecido, ha muito, para poder supôr-se que agora contradiria principios afirmados durante toda a sua vida.

Mas não succedia o mesmo com o sr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos, cujas palavras de simpatia pelos estudantes andavam de boca em boca e faziam por isso esperar do illustre catedratico benevolencia especial para os estudantes.

O sr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos é, além disso, um espirito que por mais de uma vez se tem

mostrado pouco propenso a admitir, como sagrado o principio da autoridade, e a sua rebelião contra o prelado diocesano valeu-lhe até um processo eclesiastico, felizmente arquivado.

Era por isso de esperar mais benevolencia de quem afirmara já a sua simpatia, e por caracter era pouco propenso a respeitar incondicionalmente o principio de autoridade, e de quem beneficiara já num conflito, digamos da mesma ordem, da bondade do prelado diocesano, o bispo de Coimbra sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina, cujo nome escrevemos hoje mais uma vez com verdadeira satisfação.

E como poderia esperar-se mais rigor do sr. dr. Paiva Pita, cuja bondade é conhecida e que ha tantos annos dá prova de tão extraordinaria benevolencia com os escolares deixando-os rir e brincar á vontade na sua aula que é, sem novidade para ninguem, a de mais relaxada disciplina na Universidade?

Como poderia supôr-se que não fosse benevolente, quem o mostrara toda a vida?

Como esperar que mostrasse pelo brio dos colegas zelo extraordinario o sr. dr. Paiva Pita que, ha annos a esta parte, é diariamente desrespeitado pelos estudantes, com conhecimento dos outros professores, sem que da parte da faculdade tenha havido até hoje um acto publico de solidariedade, um gesto de indignação?

Como?

Como não esperar um gesto de clemencia do sr. dr. Julio Henriques, cuja vida é de bondade exemplar, de sacrificio constante, modesta, sem aspirações do mando, sem lisonjas ao poder?

Como não o esperar, quando, na começo da sua carreira de professor, o sr. dr. Julio Henriques se levantara só a protestar contra o seu colega que abusivamente lançara um R num estudante intelligente e estudioso tentando manchar-lhe a reputação.

Todos se lembram dêsse escandaloso universitario passado, com o sr. dr. Ferreira da Silva, professor no Porto e um dos homens que mais tem levantado no estrangeiro o nome portuguez, dando mais uma vez razão á sentença popular que afirma que a Universidade tem geito especial de adivinhar homens de valor para os hostilizar.

Não era para esperar benevolencia do honesto professor que, naquela hora angustiosa, se viu abandonado da faculdade sem ter para a sua reabilitação mais que a ajuda do odio politico do professor de outra faculdade?

Como não esperar benevolencia para insultos a professores, com toda a escusa dos vellos annos, da parte do sr. dr. Luiz da Costa e Almeida que é acusado de, em idade mais madura, ter escarrado na cara de um colega, professor da mesma faculdade, respeitado e velho?

Antonio José d'Almeida

A manhã ou depois, realisaré este nosso prestante correligionario e querido amigo, no teatro da Figueira da Foz, uma conferencia que está sendo esperada com alvoroço, porque é a primeira vez que o illustre parlamentar falla naquela cidade.

Alguns dos nossos correligionarios de Coimbra tencionam ir á Figueira da Foz tomar parte no festivo acolhimento do nosso correligionario, que ali conta tantos e tão dedicados amigos.

Bombeiros voluntarios

Por ordem superior foi prohibida a festa do anniversario desta associação, bem como o espectáculo da empreza, no sabado.

Decididamente não se compreende bem.

Que o sr. João Franco obrigasse os estudantes a jejuos e penitencias, vá! Estavam culpados.

Podia até organizar-se uma procissãozinha de desagravo.

Assim se fez em Lisboa, quando foi do desacato ao Santissimo Sacramento.

Mas prolongar a quaresma para quem não tem culpa do desacato, lá nos parece forte.

E era bem para desejar um alegrãozinho agora que tudo está tão triste com a paralisação do commercio.

O sr. João Franco está mais fustigado que o proprio sr. Hintze Ribeiro que um renovo de amor á liberdade traz mais divertido agora.

Bem se vê que são filhos da mesma mãe.

A grande porca, como lhe chamava Rafael Bordalo Pinheiro...

Dr. Angelo Fonseca

Partiu hontem no rapido para o Porto, este distinto professor da Universidade, a tomar parte no congresso da Liga dos nucleos contra a tuberculose, que ali se realisa.

Boa viagem.

O nosso amigo e correligionario sr. João Augusto Simões Faves entregou ás Creches a quantia de 970 réis, em que se condenou uma pessoa que o quiz burlar.

Estatutos da Universidade

Com este titulo publica o nosso collega O Coimbricense, um artigo, que nos parece ser reedição de artigo velho, ou de vellos apontamentos.

Se o não é, é para estranhar, que neste assunto o sr. Martins de Carvalho esquecesse o que no Anuario da Universidade escreveu o sr. dr. Antonio Ribeiro de Vasconcelos.

Se em Coimbra, se não conhece o que cá se escreve e publica, como haviemos de estranhar que fora se façam tantas vezes bem pouca justiça aos trabalhos dos escritores coimbrões?

O artigo é, aliás, deficitante e pouco exato.

Partiu para Lisboa o sr. reitor da Universidade.

Associação das Artes Graficas

Esta associação vai solicitar das redações dos jornaes, o envio gratuito das publicações periodicas portuguezas para a biblioteca que vai formar.

Com o mesmo fim officiou a escriptores e outras individualidades pedindo livros, especialmente referentes á especialidade a que se dedicam os socios.

Na mesma sessão de domingo, resolveu a comissão organizadora embandeirar a sede da associação no dia primeiro de Maio, o dia da festa universal do operariado.

A disciplina

No Centro Eleitoral Republicano de Belem, pronunciou o sr. dr. Bernardino Machado as palavras que arquivamos, embora por escassez de tempo e de espaço não possamos fazer-lhe hoje as considerações que a sua oportunidade merecia:

Os reacionarios accusam-me de ser o promotor de todas as revoltas da mocidade. Serêi. Mas professor, falo aos estudantes como falo aos meus filhos: Na Universidade eu digo-lhes sempre: ela deve ser para nós como uma segunda patria; combatemo-nos dentro dela, mas sem jamais a ferirmos e que as nossas lutas internas sejam exclusivamente de ideias, porque só essas são dignas de nós. Disse-o solenemente a primeira vez que me coube proferir a oração chamada de sapiencia, após um anno letivo de dissensões, em outubro de 1885, já lá vão quasi 22 annos, e tenho-o repetido constantemente, ainda nos mais recentes dias. Por que serêi então revolucionario com os rapazes? Ah! é porque, ao mesmo tempo, voltando-me para os professores, eu tenho tambem reclamado sempre: o estudante é um homem, um cidadão livre. E, se quero que ele cumpra todos os seus deveres, quero igualmente que lhe reconheçam todos os seus direitos.

Zombeariam da sua capacidade mental os mesmos que zombeteiam da capacidade mental do povo, a respeito autocrata. E ficam depois indignados, quando os rapazes, como o povo, reivindicam tumultuariamente as reformas liberaes! Pois é a consequencia lamentavel, mas fatal dos seus grandes decedens.

Foi o que succedeu ultimamente na Universidade de Coimbra. Ha quantos annos a mocidade academica faz a campanha das suas liberdades? Não houve momento solene em que não reclamasse frementemente alguma. E, ha quantos annos, de dentro do proprio magisterio, saem vozes, perdidas, solicitando-as, instando por elas? Porque a verdade é esta: libertar e dignificar tambem o professor: quanto mais livre o ensino, mais o professor é um eleito do aluno que o segue. A desconfiança, o despotismo do professor, por parte do aluno, e a desconfiança de rebelião do aluno por parte do professor, este antagonismo que os põe em conflito, fazendo com que o aluno vá até á insurreição violenta e o professor apêlle para as represalhas excessivas, provêm do distanciamento em que vivem um do outro, não se conhecendo bem, não podendo portanto deixar de frequentemente se ferir com injustiças mutuas. E porque? porque não querem viver intimamente entre si? não! porque não podem, porque o regimen das aulas não deixa essa liberdade. E a prova está em que estes conflitos se dão principalmente na faculdade de direito, onde ao estudo falta a observação e a pratica, porque a faculdade não tem sequer como devia ter uma banca de consulta para pobres e onde o numero de alunos por professor é tão exagerado que se torna quasi impossivel a livre troca de ideias entre uns e outros, de modo que o ensino por causa do regimen tem de ser forçosamente automatico, de cativeiro. Por isso é nela maior que em nenhuma das outras faculdades o distanciamento entre mestres e discipulos.

Os professores de direito doem-se dos desrespeitos praticados outro dia contra eles por um ou outro mais exaltado no meio dos manifestantes? Tambem a mim me doeram, por uns e outros. Mas esses professores não houvêrão os apodos e doestos que por todo o paiz entoaõ recriminativamente á sua faculdade tantos bachareis formados que dela receberam uma carta, que aliás, até por decoro proprio, deviam prestar? Mas não lhes chegaram aos ouvidos, a propósito do actual conflito universitario, as ironias deprimentes que no proprio parlamento

atiraram no seu ensino dois membros da maioria? Mas não leram no orgão jornalístico do governo, dito e redito escarinhadamente, que, se a Universidade se encerrasse por um anno, não era nenhuma perda nacional? Nada d'isto os afrouta? Só dos agravos dos rapazes se queixam? A ninguem mais processam? Não pôde ser! Processam mas é o regimen que, na Universidade, como cá fora, é o grande culpado.

Os agravos que, num momento passageiro de exaltação mutua, um ou outro estudante cometeu mas toda a academia, logo reunida em assembleia geral, repudiou, indo dar deles satisfação, castiguem-nos, se não têm grandeza d'alma para os perdoar. Mas castiguem, sujeitando-os ao fóro comum, em conformidade com o rodigo penal, que, desde 1885, dispõe sobre a materia, e não ao fóro universitario, que por falta de garantias para a defeza, desde que deixe de ser paternal, converte-se em inquisitorial. Nem sirva de embaraço o decreto de 30 sobre disciplina academica, porque outro decreto ou uma lei o deroga. O que seria incrível é que a Universidade que ensina o direito o não praticasse. Castiguem, muito embora, se creem mais na eficacia do rigor do que da bondade. Será triste que nada desculpe aos rapazes, aos pequenos, a mesma faculdade que tudo desculpa ao antigo ditador violador dos seus direitos, o chefe do franquismo e actual chefe do governo, ao ponto de lhe dar dois dos seus deputados da maioria: mas que fazer?

O que não admitiremos, é que se deturpe o ato admiravel de solidariedade da academia, acamando alguns dos seus membros de principaes autores de injurias aos lentes. Injurias, se as houve, foram individuais; rapazes não se concertam para injuriar ninguem. Caudilhos, se os houve, foram do nobre movimento de emancipação dos estudos universitarios. E eu que sempre a tenho propugnado, escusado é affiançar que, no momento actual em que, por essa causa, os estudantes correm perigo, estou com eles, repetindo aqui o que disse já no Centro Republicano de Belem: se algum d'elles, como cabeças do movimento de reformas liberaes, for punido, por obsoleto criterio disciplinar, precisamente o que esse movimento tem de belo é consolador, a sua unanimidade, enquanto para ele se não abrirem as portas da Universidade, estarão tambem para mim fechadas.

Se com os estudantes da Universidade o regimen, para exercer a disciplina, tenta applicar a legislação arcaica do fóro academico para processar disciplinarmente o capitão Homem Cristo, o regimen faz peor, porque atenta contra a lei, pondo a nu toda a perversidade do seu arbitrio despotico.

Quando li que o governo mandara convocar o conselho disciplinar do exercito por causa do capitão Homem Cristo, supuz que seria para submeter á sua apreciação a manifestação colectiva que um grupo de officiaes do regimento 23 de infantaria fizera contra aquele seu camarada. Eu não podia imaginar que fosse para castigar o sr. Homem Cristo por se não haver batido em duelo com o sr. dr. Alfonso Costa. Mas porque tinha ouvido contar que um dos membros do governo, que é militar muito brioso, depois de servir de padrinho num duelo, fora penitenciar-se perante o núncio de Sua Santidade, declarando-lhe que nunca se bateria em duelo, nem sequer voltaria a ser testemunha de nenhum. Mas parece que me enganou, e o que se deprecia de informar

ção do órgão jornalístico ministerial. Então não temos uma lei contra o duelo, que o governo deve cumprir? Então é licito que o proprio governo incite a classe militar a pôr-se em hostilidade ao poder civil, deliberando contra uma lei, que é a expressão sagrada da vontade da nação? Então na mesma ocasião em que o governo vai nomear delegados á conferencia da Haia onde se procura suprimir pela arbitragem o duelo das nações, ele pretende impôr-nos o duelo singular, de homem para homem, como se estivessemos em plena idade média?

Este governo á ingleza ignora que na Inglaterra não ha duelos e todas as pendencias se resolvem humanamente por tribunaes de honra. A sociedade moderna não está constituída sobre a luta, mas sobre o trabalho e o auxilio mutuo. A efervescência belica hoje em dia é uma doença, a irritabilidade dos ociosos: trabalhem e passar-lhes-á. O nosso ponto de honra não está em provarmos a nossa coragem fisica num lance teatral, mas está para todos, civis e militares, mesmo em campanha, no valor moral, no cumprimento estrito do dever até ao sacrificio, modestamente, ignoradamente, a cada instante; está em sermos capazes de dar a vida não por nossa vangloria pessoal, mas pelos outros, para lhes fazer o bem, para acudir á patria, á familia, aos nossos amigos, mesmo aos nossos inimigos, seja a quem fôr, mesmo ao maior criminoso. Assim é que se demonstra coragem. É a justiça de hoje não é a justiça sacrilegamente chamada de Deus, em cujo nome na meia idade a luta, o duelo, como seu representante na terra, scienciava. Não! a nossa justiça é humana, e as suas sentenças em todas as pendencias de ordem moral têm de ser proferidas por tribunaes de honra constituídos por homens justos e bons.

Esta é a doutrina do nosso tempo, a do partido republicano. E foi a que o seu directorio ultimamente applicou á pendencia jornalística entre o deputado republicano, o sr. dr. Afonso Costa, e o antigo membro do directorio, o sr. Homem Cristo.

O sr. Homem Cristo, agravado pelo desforço com que o sr. dr. Afonso Costa respondeu aos seus ataques, teve um momento de sobreexcitação, a que logo se seguiu na sua consciencia um conflito entre as suas convicções publicamente expressas durante muitos annos seguidos contra o duelo e os melindres da sua qualidade de official do exercito, porque infelizmente, nos paizes governados despoticamente como o nosso, que o espirito cavalheiroso do nosso tempo não anima profundamente, ainda nas classes dirigentes sobrevivem com pertinacia os preconceitos atavicos antisociaes. E, não podendo resolver por si esse conflito interior, entregou-o á soluçãõ de duas pessoas da maior respeitabilidade, o sr. Manuel de Arriaga e o sr. Augusto de Vasconcelos, os quaes, tendo pontos de vista diversos, concordaram em submete-lo ao julgamento superior do directorio. Esse julgamento é conhecido. O directorio, ao mesmo tempo que declarou injustas as acusações feitas pelo sr. Homem Cristo ao nosso eminente correligionario o sr. dr. Afonso Costa, não digno de toda a nossa gratidão pelos seus inexcusáveis serviços ao partido, ilibava o sr. Homem Cristo de todo o desaire que para ele podiam envolver as palavras de represalia do sr. dr. Afonso Costa.

Parcia que tudo estava acabado corretamente, não é verdade? Mas não o entendeu assim o governo, que, espadachim como é o seu chefe, queria talvez chachina entre republicanos.

Que vae agora fazer o conselho disciplinar do exercito? Vae revogar o *vereditum* do directorio republicano, pronunciando-se contra os brios d'um official que tem sido um dos melhores educadores do soldado portuguez pelas suas lições aos analfabetos no quartel e até do official portuguez pelos seus artigos doutrinarios sobre a democratização do exercito, na propria ocasião em que, mais que ninguem, os seus camaradas devem pelo seu procedimento para com ele assegurar-lhe a consideração publica? Não o creio. O sr. Homem Cristo nunca, durante toda a pendencia, se recusou a ir para o campo do duelo, nunca, apezar de comprender bem que, sabidas as suas convicções sempre haviam depois de dizer d'ele como do pobre José Julio, que se batera não por livre vontade mas congedado pela força do preconceito, nunca, apezar de ver igualmente bem que, se no duelo a victoria fosse o sr. dr. Afonso Costa, ficaria pesando sobre ele a horrivel suspeita caluniosa de haver sido um instrumento da monarquia para exterminar um dos seus maiores inimigos. E, apezar d'isso, não trepidou; e, se os srs. Manuel de Arriaga e Augusto de Vasconcelos lhe dissessem que se devia bater, batia-se. Que maior sacrificio das suas convicções lhe podia exigir a sua classe? Que mais querem d'ele os paladinos do duelo?

Condena-lo o conselho disciplinar seria entre os dois conceitos de que o seu procedimento foi ditado pelas suas convicções ou ditado pela sua covardia, imputar-lhe o label de covarde. Não o fará, de certo; não o podem fazer camaradas. Mas, se o fizerem, se, depois do directorio do partido republicano ter tirado as palavras do sr. dr. Afonso Costa todo o sentido de agravo ao caracter do sr. Homem Cristo, lhe lançarem essa infamante imputação, hal' então com quem querem que ele se bata? Ele teria então o direito, aceitando o criterio dos seus juizes, de lhes mandar os seus padrinhos.

Na Alemanha czarista um distincto official foi radiado dos quadros do exercito, esse por se não querer bater por escrupulo de consciencia. Mas, pago o tributo ao ponto de honra medieval, o proprio imperador, em cujo peito, sob a pesada armadura de Loengrin, pulsa uma alma, por vezes bem delicadamente e enternecidamente moderna, significava no dia seguinte á officialidade de regimento o seu pezar pela falta tão sensível daquele camarada. Foi uma reparação! Qual é a que se poderia dar amanhã ao capitão Homem Cristo?

Meus senhores! Não nos encarnecemos nunca. E' o que a monarquia quer. Liberdade e paz, só a republica nos pode trazer. Façamos tudo por dotar com ambas elas o nosso paiz, o nosso partido.

Casa da Sofia

D'este estabelecimento de novidades, conhecido pela variedade dos artigos á venda, acabamos de receber uma linda colção de dez bilhetes postaes illustrados.

Agradecemos.

Um caso

O advogado officioso do sr. Quartin refere-se na defeza, que apresentou, á pouca idade do moço estudante, que obedeceu sem reflexão a sugestões estranhas á academia.

O sr. Quartin protestou e repeliu indignadamente a estranha defeza. E' o caso conhecido.

Um dia, um par do reino, ao atravessar o Terreiro do Paço, em Lisboa, foi surpreendido por uma chuva que o apanhou sem guarda chuva.

Olhou o pobre homem em volta e não viu mais abrigo do que a guarita da sentinela.

Para lá deitou a correr, e lá se ia a meter quando a sentinela o repeliu. De cabeça perdida, atevendo já um inverno de reumatismos ferozes, o homem empurrou a sentinela, que lhe respondeu, travando-se lucta entre os dois.

No dia imediato seguia do quartel general parte contra o velhote, acusado de ter assaltado o posto de uma sentinela, em pleno dia, de ofensas ao exercito e do mais que um sargento escrevera na mais legivel e suggestiva caligrafia.

Vae o pobre homem a responder; recusa-se, forte da sua innocencia, a apresentar defeza. Nomeiam-lhe advogado officioso, um homem pratico, com uma alcunha ridicula, em opposição com a sua bela e severa figura.

Ele, aborrecido, fica-se a ouvir o advogado, que ás primeiras palavras confessa o crime do seu constituinte, e acrescenta como remate triunfante:

— E' verdade, senhor juiz! E' verdade; mas o reu estava bebido...

Levanta-se o pobre homem do banco dos reus e grita indignado:

— E' falso! Eu nunca me embebedei!

Ao que atalhava-lhe solicito o advogado:

— Cale-se, homem, cale-se, que é para seu bem!...

E' o caso! O sr. Quartin não se calou, mal lhe foi o caso.

Ha apenas uma ditterença: o advogado lisboeta passava por burro; o de Coimbra é esperto, muito esperto...

Oh! Se é!

A AUTONOMIA DO ENSINO

Afirmam o os jornaes e custa a crer. O sr. João Franco, que diz desinteressar-se pela soluçãõ do conflito academico, fez notar ao conselho dos decanos as palavras attribuidas a este respeito ao sr. dr. Bernardino Machado, professor da Universidade, e um dos mais avançados reformadores do ensino no nosso paiz.

Em vista da insinuaçãõ, o sr. dr. Santos Viegas, reitor da Universidade, *in partibus infidelium*, enviou ao sr. dr. Bernardino Machado o officio seguinte:

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Queira V. Ex.^ª declarar-me com urgencia se é ou não verdade ter V. Ex.^ª proferido publicamente, na sessãõ de 25 do corrente, do Centro Republicano Escolar de Belem, as expressões que lhe são attribuidas no jornal *O Seculo*, n.^o 9071, de 26 deste mez, nos termos seguintes: (Segue a transcriçãõ).

De V. Ex.^ª, Paço das Escolas, em 30 de março de 1907. — Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. conselheiro dr. Bernardino Luiz Machado Guimarães, lente catedratico da faculdade de filosofia — (a) O reitor, Antonio dos Santos Viegas.

E' para lastimar que o sr. dr. Santos Viegas se não lembrasse antes de repellir a insinuaçãõ governamental, garantindo com a sua autoridade de reitor da Universidade a absoluta confiança no professor que só provas de cordelidade e dedicaçãõ ao ensino tem dado.

O sr. dr. Bernardino Machado respondeu:

Il.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Surpreendeu-me o officio de v. ex.^ª Então eu preciso ainda de dar provas da minha cordelidade para com todos, grandes ou pequenos, mestres ou discipulos? E é v. ex.^ª que m'a põe em duvida, v. ex.^ª, que, num lance critico da sua vida universitaria, quasi só com a minha consideração publica se encontrou! Tenho bem o direito de lho recordar, não por mim mas por v. ex.^ª

Compreende-se que v. ex.^ª, apezar de todo o meu claro passado, levasse o zelo da sua estima pelo meu bom nome ao ponto de chamar a minha atençaõ para quaesquer palavras destoantes que algum jornal me attribuisse. Era dum colega e dum reitor. Mas intirme-me a dar-lhe explicações por elas! V. ex.^ª não pensou, decerto, que se dirigia ao

De v. ex.^ª, sempre at. ven. — Bernardino Machado. Lisboa, 1-4-907.

Esta resposta, acabando com o incidente novo que o governo queria levantar para exacerbar uma questãõ que todos queriam ver terminada, tem tido aplausos geraes.

A comissãõ representando em Lisboa os estudantes de Coimbra lavrou o seguinte protesto:

A comissãõ da academia de Coimbra em Lisboa repele energicamente as insinuações inqualificáveis insertas nos jornaes do governo, acerca da noble e generosa attitude do nosso queridissimo professor dr. Bernardino Machado, que se pretende levar á conta de exploração politica. Essas insinuações que desde o principio do conflito universitario têm sido a unica e favorita arma dos que o pretendem desvirtuar e prejudicar, atinge agora as proporções criminosas d'um insulto vilissimo dirigido a um homem que em toda a sua vida de professor, ainda quando militava nos partidos monarchicos, tem representado na Academia de Coimbra o papel de educador proficienteissimo, do amigo carinhoso paternal, do denodado protetor dos estudantes, amado por todos, sem distincção de cores politicas. Os principios agora tão nobremente afirmados pelo illustre catedratico são os mesmos que já em 1885 e ainda ha tres annos nas suas orações de sapiencia, pronunciadas na sala dos capelos, elle defendeu e preconizou.

Felizmente que essas insinuações caem pelo desprezo de toda a gente criteriosa e honesta.

E, em resposta, oferece-se mais á comissãõ dizer que questãõ politica, em satisfacão a velhos odios, ataque premeditado contra creaturas que se pretendem inutilisar, por considerarem perigosas pela independencia do seu caracter, tem na o governo feito, exercendo pressãõ no conselho dos decanos e na

faculdade de Direito para a desastrosa, injusta e intoleravel decisãõ em que apenas se expulsaram estudantes republicanos, tentando desprestigiar a coerente e generosa attitude d'um grande professor e d'um grande homem de bem.

A Comissãõ de Lisboa.

O sr. João Franco continuará porém a afirmar que não, que elle bem sabe, que os republicanos são a causa de tudo...

O furor da perseguiçãõ que, facil seria provar, apparece como uma estigma, involuntariamente, todas as vezes que a doença sacode os nervos irritaveis do illustre chefe do governo.

OS RISCADOS

Pela sentença do conselho de decanos, já conhecida, e que, apezar de todo o desejo de a deixarmos arquivadas, não podemos transcrever hoje, foram riscados por 2 annos léivos os srs. João Evangelista de Campos Lima, do 5.^o anno de direito; Carlos Olavo, do 4.^o anno de direito, e Ramada Curto, do 2.^o anno de direito.

E por 1 anno léivo foram riscados os srs. Antonio Maria Enrico Alberto Fiel Xavier, do 4.^o anno de direito; José Rebelo Pinho Ferreira, do 4.^o anno de direito; Francisco Mendes Gonçalves de Freitas Preto, do 3.^o anno de direito, e Antonio Pinto Quartim, do 1.^o anno de direito.

Como se vê, não ha nestes pretendidos cabeças de motim um só monarchico.

São todavia conhecidas as declarações feitas por muitos que o são e se têm mostrado solidarios com os seus camaradas.

E' o dedo do gigante! Conhece-se bem uma açãõ do sr. João Franco e de quem o aconselha, se é que ouve conselheiros, procurando desnaturar o movimento, dando-lhe o caracter politico que não teve.

Nada poupo o sr. João Franco para dar a cor de um movimento republicano á insubordinaçãõ dos estudantes.

Não o conseguiu porém, e é para arquivar na sentença o considerando seguinte:

Sendo apenas de notar que um só dos arguidos alega por intermedio do seu defensor officioso a atenuante da menor idade e pede benevolencia atendendo a que influencias estranhas á academia suggestionaram tantos espiritos juvenis e inexperientes.

A nota do sr. João Franco lá ficou, mas nas palavras apenas do advogado officioso contra as quaes protestou aliás o estudante que assim se pretendia defender, insinuando o que, em nenhuma das defezas, aliás conhecidas do publico por publicadas já, fôra apresentado por nenhum outro estudante.

Neste movimento, é sem duvida esta resistencia dos estudantes a aceitarem uma desculpa, que lhes era insinuada pelo proprio governo desde os primeiros dias do conflito, um dos factos que mais abonam a sinceridade e altivez d'este gesto de protesto.

Os estudantes confessaram tudo, até mesmo os desmandos de que publicamente se penitenciaram, e não procuraram pôr-se a coberto de um expediente que lhes era insinuado como taboa de salvacão.

O governo procurava apenas com o expediente, apresentar Coimbra como focõ perigoso de insurreições revolucionarias e servir-se d'êlo para prejudicar a Universidade e o ensino.

Porque é apenas isso que se pretende.

A mudança da faculdade de Direito para Lisboa, ou o desdobramento desta faculdade, é o que ha muito desejam franquistas bem conhecidos, professores da Universidade que a ambicão levou ao meio de Lisboa, e que d'êlo não desejam sair.

E' tambem desejada por outros vultos do franquismo, que, se não são hoje professores da Universidade, bem desejavam sê-lo um dia, em Lisboa, para comodidade da sua vida e farta clientela.

Tudo se procurou para envenenar e prolongar esta questãõ que para credito da Universidade deveria ter sido rapidamente resolvida.

E tudo se fez, para ac-ntuar no espirito publico que a Universidade é um organismo caquético, que precisa para

se vitalisar doutros ares, de mudar de meio.

O grande meio lisboeta — a arcada — o terreiro do paço...

Como tudo isto é ridiculo. Como desalenta tanta falta de sinceridade, tão pouco amor pela causa publica!

Carta do Rio de Janeiro

9—III—907.

No dia 26 do proximo passado, respondeu perante o tribunal de jury, na visinha cidade de Niteroy, onde tenho a minha residencia, um individuo de nacionalidade hespanhola, autor do assassinato de um nosso compatriota, assassinato que teve logar na localidade denominada Ponta d'Arcia, e nos fins do anno transato.

Ocupou a tribuna da defeza o dr. Alexandre de Moura, deputado estadual e vulto proeminente na alta sociedade fluminense.

Tanto á defeza como á accusação é-lhes facultada a recusa de doze jurados.

Antes do sorteamento dos mesmos, o dr. A. de Moura que, diga-se de passagem, tem gozado de certa simpatia da colonia portugueza, pedindo a palavra pela ordem, declarou que ia recusar todos os srs. jurados que fossem portuguez.

Esta declaracão foi recebida como uma afronta em maior ou menor grau para o amor proprio dos nossos compatriotas.

Se é certo que mais do que a outra pessoa, estas palavras se dirigiam aos portuguezes naturalizados, tambem é certo que o advogado frizou bem as palavras ultimas em que dizia «ou tenham cara de portuguez».

Estando eu presente como espectador, recebi as palavras do dr. Alexandre de Moura, como uma das provocações que nem sempre sabem esconder aqueles que nos querem tocar, quando hajam de se referir a nós portuguezes...

E assim, pelas columnas do jornal *O Fluminense*, fiz correr nas ruas da cidade, e no dia 1 do corrente, o artigo abaixo, e assinado por mim perante a redacção, e pelo meu pseudonimo para o publico:

A colonia portugueza em Niteroy

E' com um pouco de calma, as bem com o coração maguado ainda pelas palavras que me foi dado ouvir ontem no tribunal do juri, em que pelo crime da morte na pessoa de um portuguez respondia um cidadão de outra nacionalidade que eu escrevo.

A defeza representada pelo sr. dr. A. Moura, num rango de inteiro e manifesto jacobinismo, lançou nas faces da colonia portugueza, ou antes na Patria de A. Cabral, um desses insultos que não podem e não devem ficar no olvido.

A defeza, nesse rango do jacobinismo ferrenho, declarou «amavelmente» que sendo o reo hespanhol e a vitima portugueza ia recusar todos os jurados que «fossem portuguezes ou tivessem cara de portuguez».

Ao findar a sua acintosa declaracão, deixou transparecer no seu riso sarcotico, estampado na sua «cara de brasileiro» ainda que descendente de portuguez, a ironia propria de quem insulta.

Não sei eu quem venha afirmar que a defeza estivesse fóra do seu papel, procurando lançar mão de todos os meios que julga bons para bem do seu constituinte.

Para isso lhe paga.

E para isso todos os meios são licitos, mesmo quando vão afrontar uma colonia que representa a Patria dos seus antepassados, aqueles portuguezes que são portuguezes em Portugal, são portuguezes em toda a parte e são portuguezes na Ponta d'Arcia... como sua ex.^ª frizou.

Mas que tambem não são menos portuguezes, na sua consciencia que se não troca, que se não vende, para a condenaçãõ ou absolviçãõ deste ou daquêlo.

São realmente portuguezes, de cujo sangue a defeza participa, se bem que em afastada particula...

E' triste, muito triste mesmo, que pelos laios de um representante da Nacão Brasileira, que já tive occasião de dizer, amo, como minha segunda mãopatria, aniam frases que por tal forma vão molindrar portuguezes... e brasileiros!

E sinto ainda o ruido, ruido que em volta de mim se expandiu quando a defeza á laia de garoto que lança uma pedrada lançou essas palavras postulentas que mutuamente feriram dois povos: por

tugues, que no entender da defeza, não tem consciencia; e o Brazil, que adoton seus filhos os ars. jurados, a quem hontem directamente foi lançada a pedrada. O Brazil adoton homens como seus filhos — cuja consciencia para jurados é suspeita. . . .

Tenho por habito receber o coice conforme a besta que o atrai.

Se é um burro já caçado e velho, poderá mesmo, o seu coice me não occupa atenta a pouca força que o manda, e assim o desprezo; mas se é dado por uma besta com todos os requisitos para a sua boa venda, forte, manhozo. . . sabido e até ilustrado — também ha machos evitados — o coice então se o não posso evitar, procuro devolve-lo representado num chicote.

Mas vejão, compatriotas, que quem acaba de vos insultar, quem hontem vos disse o que eu ouvi, não é qualquer mulaque das ruas, não é qualquer desses gaitos que vulgarmente vos tratam de «galagos» ! Não.

Quem hontem lançou elevada offensa á nossa querida Patria, é um illustre homem de letras, é quem já tem representado a gloriosa Patria de Pedro II, de não menos gloriosa memoria.

Mais do que eu; mais do que o maior numero de compatriotas meus nesta cidade, se devem sentir maguados aqueles que tendo por berço a Patria Lusa, hajam pela fatalidade, pela ignorancia, ou pelos ardis dos que para se elevar procuram o maior numero de votos, roubando o direito de cidadão portuguez a aquellos que inconscientemente caem no laço. . . , mas a esses que deixo citados, se devem sentir maguados, pois que directamente a eles foi dirigida a pedra que no entretanto chamo a mim como filho da mesma Patria.

É certo que o sr. dr. A. Moura, no final do seu discurso tentou destruir a má impressão que havia levado até aos nossos corações, e não só de portuguez mas tambem de distintos brasileiros que bem conheciam o significado da affronta.

Mas o seu «bouquet» cujo aroma formava um ambiente de arrependimento, não logrou penetrar até onde foi o veneno vomitado. . .

Não é intento meu o ir melindrar pessoa alguma, se no entanto algum haja que ponha a carapuça. . . ou só escrevo o que me dita um coração portuguez; portuguez em todas as fases, em todos os tempos e em toda a parte onde eu me encontro, tenho por divina respeito a todos, e a todos, mas não deixar sem o devido reparo o que eu julgar offensa á terra d'onde a fatalidade me tem afastado.

Não é patriotismo; é a consciencia de portuguez.

28—II—907. TRIMONIO. Este artigo que não logrou resposta do illustre deputado, foi no entanto muito discutido e sinto ainda os apertados abraços de compatriotas que me fizeram ver que estavam ao meu lado, bem como filhos da terra que só devem taes palavras ao dr. Alexandre Moura, a um Moura, a uma leviandade ou recurso da defeza. . .

Seja como for o protesto fez-se ouvir. Não findo ainda este assunto sem dizer que a imprensa d'esta cidade tambem se occupou das palavras do sr. dr. A. Moura.

No dia 28 do mez passado, e sob a presidencia do comendador Manuel Marques Leitão, reuniu-se a assembleia geral do Retiro Literario Portuguez.

Lido e aprovado o parecer da comissao de contas, procedeu-se á eleição da administração, que ficou assim constituída:

Directoria — Presidente, José Constante; vice-presidente, comendador Manoel Marques Leitão; 1.º secretario, Joaquim José Rodrigues de Sousa, 2.º secretario, Manuel Segismundo Alvares Pereira; 1.º tezeiroiro, Joaquim Dias Machado; 2.º tezeiroiro, Arnaldo Duarte Areosa; bibliotecario, Antonio Manuel Zilhão.

Comissão litteraria — Dr. Bernardo T. de Moraes Leite Velho, Antonio Marques de Carvalho Xavier e Joaquim Mais da Silva Freire.

Conselho — Adelino Rodrigues Machado Reis, Antonio Maria da Costa, Antonio Pereira Ferraz, Antonio Soares da Cruz, comendadores Custodio Manoel Fernandes; João Bernardino Coelho Granado, José Antonio da Silva, José Ribeiro Duarte, Julio Ferreira Vianna, padre Ricardo Silva, Joaquim Campos Mendes, Joaquim da Costa Almeida, Joaquim de Sousa Mendes, José Car-

los da Costa Monteiro, José Correia Ribeiro, José Maria da Cunha Vasco, José da Rocha Romariz, Julio Pedroso de Lima, Manuel Ventura Teixeira Pinto e Vitorino Gomes de Avelar.

No dia 11 do corrente, é esperado nesta cidade o general sr. Julio Roca, ex-presidente da Republica Argentina e que ainda ha pouco Lisboa teve a honra de hospedar.

Em honra de sua ex.ª estão sendo organisados grandes festejos, achando-se já entre nós para assistir aos mesmos a familia de sua ex.ª, o sr. Campos Sales, ex presidente desta Republica, jornalista, etc.

O dia 1.º de março recordou dois factos de bastante valor para o Brazil e portanto dia de festa nacional.

A 1 de março de 1845, deu-se a pacificação da antiga provincia do Rio Grande do Sul, pelo duque de Caxias, então barão do mesmo nome, que poz termo á luta que havia dez annos en sanguentava o solo dos pampas, transportado em Republica de Piratinins, pelo braço glorioso de Bento Gonçalves.

O outro facto é a terminação da guerra do Paraguay, com o combate de Cerro-Corá, nas margens do riacho Aquidaban, cujo epilogo foi a morte do ditador Solano Lopez, a 1 de março de 1870.

Na visinha cidade de Nicteroy, onde está aquartelado o 38.º batalhão de infantaria, deu-se um facto que se não assumiu maior gravidade foi devido á rapida intervenção das autoridades respeitivas.

E' o caso que por antigas rixas entre aquêle batalhão e a força policial ali aquartelada ha constantemente pequenos conflitos, se bem que mais ou menos graves, tendo ha dias sido morto um soldado do 38.º por uma patrulha da policia montada, quando esta foi atacada por soldados á paisana.

Na noite immediata cerca de 50 soldados arrombando a arrecadação regimental marcharam sobre o quartel da policia, pelas 2 horas da madrugada do dia 7, com o fim proposito de vingar a morte do seu camarada.

Travou-se renhido tiroteio, do qual saíram diversos feridos.

Com a intervenção de um official os amotinados recolheram ao seu quartel, onde pouco depois chegava o 24.ª infantaria desta cidade, sendo presos os soldados que tomaram parte no ataque e enviados para a forlaleza de Santa Cruz, situada á barra deste porto.

O batalhão teve ordem de seguir hoje para Pinheiros, ficando em Nicteroy o 24.

Num dos ultimos dias do anno findo de 1906 um audacioso ladrão, cujo nome foi, durante muito tempo, desconhecido da policia franceza, usando de chaves falsas, penetrou em um emporio de joias situadas nas visinhanças da antiga capela dos Barnabistas, cuja egreja dos Santos Apostolos, na rua Legendre, em Paris, e retirou de lá avultada quantia em artefactos de ouro e pedras preciosas, desaparecendo em seguida.

Os agentes de policia francezes andaram dias e dias lutando contra a treva em que se envolvera o crime e, depois de muitas diligencias quasi sem exito, vieram eles a saber que o autor do roubo se evadira para a America do Sul.

Imediatamente a justiça franceza, por intermedio do ministerio das relações exteriores, se correspondeu com os plenipotenciarios e consules da França neste continente, pedindo lhes a prisão do ladrão.

O sr. Picon, ministro do exterior da Republica Franceza, pediu, por intermedio do representante dessa Republica junto a este governo, ao chefe de policia a captura do criminoso, o que foi feito pela maneira seguinte:

Ha dias, pela manhã, ancorou neste porto o vapor Amazon, a cujo bordo, se supunha, viajava o autor do roubo.

Pessoal da legação franceza, acompanhado da policia maritima, isto por determinação do dr. chefe de policia, foi logo a bordo do transatlantico, dando ahi rigorosa busca.

Dentro de curto praso Roger Edouard Weil, o ladrão da rua Legendre, era descoberto entre os passageiros do Amazon e immediatamente preso. Acompanhavam-no sua mulher e um filho menor, cendo todos trazidos para terra com as suas bagagens que constavam de duas malas, um valise e uma cesta.

Transportados para a repartição central, a policia apreendeu em poder de Roger um colar de ouro e pedras finas,

avaliado em 30:000 francos e um brilhante descravado, no valor de 8:000 francos.

A justiça franceza vão ser entregues o ladrão Weil, que se acha incommunicavel, e os valores apreendidos, devendo seguir um e outros, pelo primeiro vapor.

Nestes ultimos dias faleceram — o dr. Paranhos Pederneras, que na sua mocidade se dedicou ás lutas jornalisticas, onde occupou logar distinto pelo seu vasto talento; dr. Costa Ferraz, que era assás conhecido na sociedade, por ser um trabalhador indefesso, que repartia a sua grande atividade em diferentes esferas da vida social: na sciencia medica, na clinica propriamente dita, na politica e mesmo na imprensa, onde colaborou durante um certo tempo; e o dr. Vicente Machado, presidente do Estado do Panamá.

Com uma boa corrida de touros terminou no dia 3 a segunda temporada da empresa tauromaquica José Bento d'Araujo.

Soterrado numa barreira faleceu o menor Eurico Gonçalves, de 9 annos, portuguez, filho do trabalhador Joaquim da Silva, tambem portuguez. Trabalhando ambos na escavação de barro não poudo a creança fugir quando um bloco o colheu, falecendo em seguida.

Deram entrada no hospital, onde se acham em tratamento e devido a desastres, os nossos patricios:

Venancio Berdir Martins, de 42 annos d'idade; Joaquim Ferreira, de 32 annos, solteiro; João Ferreira, de 32 annos, casado; Filipe Martins Areas, de 17 annos, solteiro e maimitimo.

Trindade.

De luto

Está de luto, por morte de seu pae, o sr. Afonso de Barros, acreditado e bemquisto industrial desta cidade. Sentidos pezames.

A camara municipal de Coimbra, foi autorizada pelo ministerio do reino a proceder á reparação, com dispensa de hasta publica, da passagem da estrada de Villa Pouca, sobre o caminho do Norte, da qual será encarregada a Companhia Real dos caminhos de Ferro Portuguezes, como foi deliberado pela mesma camara em sessão de 15 de fevereiro ultimo.

O conselho superior de obras publicas vae ser ouvido acerca da empreitada da construção do lação do Amieiro aos Pelicanos, nesta cidade, de que é adjudicatario o sr. Manuel Pereira.

A camara municipal da Figueira da Foz, foi autorizada a proceder á desmortaização, por aforamento, de um lote de terreno municipal, marginal á estrada da mesma cidade a Coimbra.

Nota

Dos nossosolicitos correspondentes de Hespanha e Brazil temos recebido regularmente as correspondencias, que agradecemos, mas a que não temos podido dar publicidade pelas circunstancias de momento que nos impedem o tratar inadiavelmente de outros assuntos.

Publicámos, no ultimo numero, uma de Hespanha, e hoje outra do Brazil, por se referirem a factos ocorridos com os nossos estimados correspondentes, que muito os honram, embora para isso tivessemos de deixar por compôr materia urgente.

Das outras faltas involuntarias vae nestas palavras a nossa desculpa.

Maximo Gorki

NA ESTEPA

Tradução de Romualdo de Figueiredo

Guimarães & C.ª editores Rua do S. Roque, 68 a 70 — LISBOA

A' venda na

NOVA AGENCIA DE PUBLICAÇÕES

Rua da Sofia — COIMBRA

As Pupilas do Senhor Rector

Romanço de Julio Diniz

CONDIÇÕES DA PUBLICAÇÃO:

Esta sumptuosissima edição consta de um volume illustrado com 30 magnificas aguarelas a côres, originaes de Roque Gameiro, executadas por um novo processo completamente desconhecido em Portugal e 127 gravuras a preto, intercaladas no texto, e um soberbo retrato do autor. O formato é o mesmo do prospêto distribuido e o papel será de qualidade egualmente superior; o texto é em tipo elzeviriano inteiramente novo e elegantissimo, e a impressão deveras aprimorada. Nas initicias de cada capitulo empregar-se-ão letras caprichosamente ornamentadas que entram no numero das illustrações.

Apesar das enormes despezas de publicação tão monumental, o preço dos fasciculos é apenas de

300 réis cada um, em Lisboa e Porto pagos no acto da entrega

Nas demais terras do paiz, pagamento adiantado ás series de dois, tres ou mais fasciculos. As despezas da remessa são á custa d'A Editora, e a distribuição de cada fasciculo é feita nos dias 10 e 25 de cada mez.

Pedidos de assinatura podem ser feitos a

A EDITORA

Administração em Lisboa—Largo Conde Barão, 50 Pílula no Porto: Lelo & Irmao, Carmelitas, 144,

Balzae

Um começo de vida

Tradução de Beluemonio

Casa editora de GUIMARÃES & C.ª

Rua de S. Roque, 68 a 70 — LISBOA

Escola Nacional de Agricultura

Faz-se publico que no domingo, 14 de Abril corrente, na sala das sessões do Conselho de Administração da Escola Nacional de Agricultura, em S. Martinho do Bispo, pelas 11 horas da manhã e perante o Conselho de administração da referida Escola, se procederá á licitação para o arrendamento do lote n.º 11 do Camalhão de S. Thiago e n.º 1 e 20 do Camalhão da Vagem Grande, que não foram licitados na praça publica realisada em 24 de Fevereiro ultimo. As condições e praso de arrendamento são as mesmas que as da primeira praça, sendo as bases de licitação, por anno as seguintes:

Lote n.º 11, do Camalhão de S. Thiago 50000.

Dito n.º 1, do Camalhão da Vagem Grande 30000.

Dito n.º 20, do Camalhão da Vagem Grande 40000.

As condições estão patentes na secretaria e podem ser examinadas todos os dias uteis das 10 e meia da manhã ás 4 e meia da tarde.

A adjudicação fica dependente de aprovação superior.

Escola Nacional de Agricultura, 2 de Abril de 1907.

O director,

Antonio Correia da Silva Rosa.

Escripções mercantis

Para comercio em sociedade ou por grosso, encarrega-se pessoa habilitada, durante algumas horas de que possa dispôr.

Tambem lecciona esta materia. Para informações, carta para esta tipografia.

!! DE LONDRES !!

Impermeáveis contra a chuva. Casaco por 25 shillings! Capas por 17 shillings!

Corte inglez, qualidade garantida.

The English Supply Co.ª

Representante em Coimbra

A INTERMEDIARIA

O grande catalogo, mostruario e modelos, está á disposição dos ex.ªs clientes. Basta dirigir bilhete postal indicando a morada á Intermediaria, rua Eduardo Coelho, 44-1.ª.

VENDA DE PREDIO

Em licitação particular vende-se, convido o maior lance oferecido, um moinho de moer farinha com tres pedras, tendo anexos um olival e terra de sementeira, no sitio da Nogueira, junto ao rio Eça, freguezia de Almalaguer, concelho de Coimbra.

Quem pretender o mesmo predio deve comparecer em casa do sr. Santos Viegas, rua da Sofia n.º 21, no domingo 14 de abril do corrente anno, pela 1 hora da tarde.

Coimbra, 31 de março de 1907.

Julio L. Fonseca.

Vinagre puro de vinho

Superior qualidade

A' venda na rua do Visconde da Luz, 58 — Coimbra.

ALVIÇARAS

Dão-se a quem, na rua do Pateo, n.º 1, em Celas, entregar um fio de perolas, com uma cruz de ouro (comenda), esmaltada de vermelho e um pequeno berloque, objetos estes que se perderam na tarde de domingo, 17 do corrente, desde os Arcos do Jardim até Celas.

A' pessoa que esses objetos tenha encontrado e que de alviçaras não necessite, pede-se-lhe a fimca de os mandar entregar no commissariado de policia, aonde se deu conhecimento da perda de taes objetos.

ALVARO ROXANES

Medico-Cirurgião

Consultorio: Marco da Feira, 8 (telef. 178)

Das 10 ás 12 e das 2 ás 4

Residencia: R. de Tomar, 11 (telef. 178)

CONSULTORIO DENTARIO

Rua Ferrelra Borges — COIMBRA

Herculano de Carvalho Medico pela Universidade

Consultas das 9 horas da manhã ás 4 horas da tarde, em todos os dias uteis.

JOSÉ EUGENIO FERREIRA

ADVOGADO

ESTRADA DA BEIRA 96.

CASA

Vende-se uma casa na rua do Cosme n.º 3, composta de rez do chão, 1.º e 2.º andar e um pateo á frente. Tem magnificas vistas.

Para tratar na Couraça dos Apostolos n.º 43.

LOJA DE FERRAGENS

Trespasa-se, nas melhores condições, um estabelecimento de ferragens, acreditado, num centro comercial importante.

Nesta redação se dão aos interessados todos os esclarecimentos necessarios.

GRIADA

Precisa-se para todo o serviço e que saiba cosinhar bem. E' para casa de pouca familia.

Na Estrada da Beira, 45, se diz.

Rol da roupa enviada á lavadeira

Preço 120 réis

A' venda na typographia deste jornal.

Consultorio de clinica dentaria

MARIO MACHADO

Praça S de Maio, 8

Tratamento de doenças da boca

colocação de dentes artificiaes

Consultas das 9 horas da manhã ás 4 da tarde

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 Rua Ferreira Borges - 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se a venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.
Dóces de fructa de diversas qualidades, adoc. e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando-se de folhado.

Galantines diversos. Tété d'Achar. Paté de Lievre e Foie.

Sauceses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em vinhos generozos e licóres finos das principaes marcas.

Ameoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efetua seguros postaes, para todas as cabeças de districtos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas
Coimbra

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguezes, á venda na

Mercearia LUSITANA

(Depósito unico em Coimbra)

Estab. Ind. Pharm. "Souza Soares,"

(NO BRAZIL E NA EUROPA)

Devidamente legalisado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.ª classe e cinco medalhas de Ouro, na America do Norte, França e Brazil, pela perfeita manipulação e eficacia dos seus productos medicinaes:

PEITORAL DE CAMBARÁ

(Registado)

Cura prompta e radicalmente as tosse ou rouquidões;
Cura a laringite;
Cura perfeitamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou asthmatica;
Cura a tísica pulmonar, como o provam numerosos attestados medicos e particulares;
Cura incontestavelmente a asthma, molestia difficil de ser debellada por outros meios;
Cura admiravelmente a coqueluche, e, pelo seu gosto agradável, é appetido pelas creanças.
Frasco, 1\$000 réis; 3 frascos, 2\$700 réis.

PASTILHAS DA VIDA

(Registado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as náuseas e vomitos, o enjôo do mar, o mau halito, a flatulencia e a dilatação do estomago. São de grande eficacia nas molestias do utero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue.
Caixa, 600 réis; 8 caixas, 3\$240 réis.

36 Remedios Especificos em pilulas saccharinas

(Registados)

Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade.
Febres em geral;
Molestias nervosas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos orgãos urinaes;
Molestias das senhoras e das creanças;
Dóres em geral;
Inflammações e congestões;
Impurezas do sangue;
Fraqueza e suas consequencias.
Frasco, 500 réis; 6 frascos, 2\$700 réis.

Consultem o livro — O Novo Medico — pelo Visconde Souza Soares, á venda nos depositos dos remedios do auctor. Preço: brochado 200 réis, encadernado 500 réis.

Medicamentos homeopaticos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos

1 Tubo com globulos 200 réis; duzia 2\$160.
1 Frasco com tintura 3.ª ou 5.ª 400 réis; duzia 4\$320.
1 Dito com trituração 3.ª 700 réis; duzia 7\$560.
Vêde os preços correntes, o Auxilio Homeopatico ou O Medico de Casa e a Nova Guia Homeopatica, pelo Visconde Souza Soares.

Estes productos vendem-se em Coimbra na drogaria de Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges, 36.
Deposito geral em Portugal — Porto, rua Santa Catharina, 1563.

Aviso importante

O Estabelecimento tem medico habilitado, encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por escripto, sobre o tratamento e applicação desses remedios.

Os armazens GRANDELA & C.ª

RUA DO OURO, 115 — LISBOA

mandam catalogos e amostras do seu colossal sortimento a quem as pedir.

Vendem para as provincias pelos mesmos preços que para Lisboa

Pagam o porte das encomendas cuja factura pode ser satisfeita no correio na occasião de as receberem

Mandam amostras a todos que as pedirem para que as confrontem com as das outras casas.

Não têm agentes em parte alguma, tratam todos os seus negocios directamente com o publico de todo o paiz, e é por isso que vendem mais barato que ninguem.

O catalogo geral de verão com 116 paginas e 1050 gravuras é enviado de graça a quem o pedir a

Grandela & C.ª

Rua do Ouro, 115 — LISBOA

CASA MEMORIA

SUCURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Lus, 1
Praça 8 de Maio, 10

Esta casa continua a fornecer ao publico as suas acreditadas máquinhas de costura Memoria. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tantas outras que por si se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Adoção-se máquinhas usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se se publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e compram-se pianos usados.
A sempre quantidades de piano para alugar.

Fumiro do Alentejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revedora em Coimbra, a

MERCEARIA LUSITANA

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

Mercearia LUSITANA

Machinas fallantes

Deposito completo de aparelhos das principaes marcas e para todos os preços a partir de 14000

Variada colleção de discos e cylindros com musicas e cantos executados pelos mais notaveis artistas.

Vendas pelos preços de Lisboa e Porto.

Depositarios da Companhia de Gramophone, da Edison National Phonograph, C.ª de New-York, e dos Grandophones e Odeon.

TELLES & C.ª

R. Ferreira Borges, 152, 1.ª

COIMBRA

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital --- 200.000\$000 réis

Séde em Lisboa — PRAÇA DO DUQUE DA TERCEIRA, 11, 1.ª

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mixtos, Praso Fixo, Combinados e Supervivencia, com ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitales differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Seguros operarios a 20 réis semanaes

Para informações e tarifas dirigir-se ao agente em COIMBRA:

JOÃO GOMES MOREIRA — R. FERREIRA BORGES

CAÇADORES

O mais importante estabelecimento de espingardas, carabinas, revolveres e munições, é o de JOAO GOMES MOREIRA, rua de Ferreira Borges — Coimbra — Sucursal na Figueira da Foz (em frente ao Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

Espingardas Ideaes — da manufatura de Saint-Etienne, Galand Elite, Francesa, Francotts, Remington, Bernard, manufatura Liegeais Carabinas — La Francott, Popular, Winstchester, Colts, etc.
Revolveres — Galand, Saint-Etienne, Smith Werson, Vello Doges, etc., etc.
Pistolas — Mauzer, Browing, Gaulcis, etc., etc.

Análises de todos os calibres e qualidades

Mandam-se vir armas de qualquer fabricante, como por exemplo: Holland & Holland, Puy, Dierrdsen, Greener, etc.

PAPELARIA CENTRAL

Rua Visconde da Luz — Coimbra

Pianos GAVEAU

Recebidos directamente de Paris, vendem-se nesta casa pelos preços da fabrica, e recebem-se pianos em troca, — pedir catalogos e condições de venda.

Um completo sortimento d'aparelhos e todo o material preciso para a fotografia, que recebe dos principaes fabricantes e vende pelos preços mais baratos.

Grande edição de bilhetes postaes illustrados

De Coimbra, Vizeu, Aveiro, Castelo Branco, Covilhã, Amarante, Beja, Mirandela, Serra d'Estrela, etc.

Papelaria Borges

COIMBRA

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGURO

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 155, 1.ª

Tomam-se seguros de predios mobilia e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Repara . . . Lê . . .
Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosse, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenua sempre, e curra as mais das vezes com o uso dos Saccharolides d'alcairão, compostos (Rebuçados Milagrosos) onde os efeitos maravilhosos do alcairão, juntamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencioam em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos Saccharolides d'alcairão, compostos (Rebuçados Milagrosos) são confirmados, não só por milhares de possadaes que os tomam usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lázaro PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

CASA COBELE

Fornecedora da Casa Real

Visitem este estabelecimento e verão V. Ex.ª que ha vantagem.

Generos alimenticios das mais finas qualidades, em concorrência de preços com as cooperativas.

Vinho de meza e de Amaranthe, qualidades e preços sem competencia.

Distribuição aos domicilios, sem aumento de preço.

"RESISTENCIA,"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno 2\$700

Semestre 1\$350

Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 2\$400

Semestre 1\$200

Trimestre 600

Brasil e Africa, anno 3\$600

Uhas adjacentes, anno 3\$000

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto 50%.

Comunicados, cada linha 40

Reclames, cada linha 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações, com ou sem relação este jornal, por honrario.

RESISTENCIA

Orgão do Partido Republicano de Coimbra

N.º 1196

COIMBRA — Domingo, 7 de abril de 1907

13.º ANNO

ENTREM!

A acção governamental, no actual conflito académico, é de uma vileza, como até hoje não houve outra na historia da Universidade, pelo cinismo, pelos ardis mais baixos de corrupção, pelos expedientes postos pacientemente, demoradamente em pratica para desnortear e perverter os estudantes que, por missão educativa, o governo deveria pelo contrario pôr no caminho do dever, incitar á pratica das grandes e generosas dedicações.

O procedimento dos estudantes tem sido, pelo contrario, do mais bello exemplo, e, quer pela solidariedade que afirmam, quer pela elevação das defezas apresentadas pelos pretensos criminosos, ha de ficar na historia da Universidade, na historia nacional, como mais um documento de vitalidade da nossa raça, como afirmação superior do nosso progresso e adiantamento.

A acção do sr. João Franco é da mais asquerosa e abjecta vileza. No principio do conflito recusa-se a ouvir os estudantes, recua porém logo ao ver a attitude de aplauso do paiz inteiro e passa a dar conselhos; affirma que vai dar-lhes tempo para reflectir.

Depois, e aqui começa a calunia canalha, a corrosiva acção da insinuação mentida e velhaca de que aos republicanos se deve o movimento que é puramente politico.

O sr. João Franco pretende assim obter as adhesões incondicionaes tanto nos habitos da relaxadissima politica monarchica em Portugal.

Levantam-se vozes indignadas a protestar.

O sr. João Franco muda de tom, e diz mais baixo: sim, os senhores não acreditam, mas pensem, ouçam seus paes, e deixem-se convencer.

E espalha os estudantes pelo paiz inteiro, a pensar, a deixarem-se convencer.

Ele continua a esconder-se, mas toda a gente o vê. E' necessario porer que a maioria e os correligionarios comecem a gritar que o sr. João Franco é extranho á soluçào do conflito, e o sr. Franco declara que se desinteressa da questào.

A Universidade, diz o sr. João Franco, é que vai fazer a luz e proclamar a justiça.

E reúne-se o conselho de decanos com o sr. governador civil, como delegado do governo!

E o governo exige condemnações, quando na propria faculdade de Direito se pedia benevolencia!

Continuam porém todos a gritar bem alto: o sr. João Franco não quer saber de nada, a Universidade está procedendo livremente!

Nos movimentos entraram todos os estudantes.

O processo é feito apenas contra os republicanos.

E o sr. João Franco do seu retiro a dizer: é um movimento republicano, não houve estudante que

dêse nas vistas, senão republicano! Ouçam os paes, ouçam os paes! Só republicanos!...

Falem os paes, convençam os filhos, façam-os entrar para as aulas, e os filhos serão tratados com extraordinaria benevolencia.

Garante-o o governo!

Os professores saberão obedecer ás indicações do governo, continua o sr. João Franco, e os estudantes que entrarem nas aulas serão tratados no fim, na prova final, com carinho especial.

O governo garante-o...

Os professores da Universidade, diz o orgão do governo, saberão ouvir o governo.

Entrem, diz o sr. João Franco, entrem serão bem tratados...

Entrem, os atos serão simples, uma formalidade...

Entrem, e deixem falar, não se pôde levar a mal a ninguem que trate dos seus interesses, quando não pôde servir os interesses alheios.

E os estudantes condenados, estão irremediavelmente condenados... Nada os salvará!

Para que comprometerem-se? Vá, entrem...

Os professores não de ser benevolos.

Garante-o o governo...

Pensem; deixem-se convencer; fale o coração dos paes!

O governo não disse que no movimento não havia senão manejos republicanos, quando ninguem o sonhava?

E não veio depois a Universidade, deixada na mais ampla liberdade, dar razão ao governo e condemnar só republicanos?

Vá! Entrem!

O anno ha de ter um bom fim. A aprovação está segura.

O governo garante-o. E o governo não se engana.

Não viram os processos académicos?

Vá! Entrem...

Fale o coração dos paes...

Assim escreve o governo.

Vejam se pode haver vileza mais infame!

Directorio do Partido Republicano

O Directorio do Partido Republicano, para a boa regularisação dos seus trabalhos, pede a todas as comissões e agremiações republicanas, que ainda não tenham participado a sua constituição, a fineza de lha participarem, a fim de serem inscritas nos livros respectivos.

O secretario do Directorio,
Antonio José d'Almeida.

Associação de Instrução artistica figueirense

Celebra hoje na Figueira da Foz o seu undécimo aniversario esta associação, fundada em 1896, com a distribuição de premios aos alunos mais distintos da aula.

Terminará a festa com um sarau literario e dançante.

Agradecemos a amabilidade do convite e fazemos votos pela prosperidade da prestantissima associação operaria.

Chegou a esta cidade o sr. dr. Santos Viegas, reitor da Universidade, que já reassumiu as funções do seu cargo.

A UNIVERSIDADE E O GOVERNO

A carta enviada pelo sr. Antonio Granjo á imprensa, e que adiante publicamos, põe a claro a influencia que o governo exerceu sobre a Universidade, exigindo os processos académicos e a condemnação dos alunos.

Só falta agora a vir a provar-se que fosse feita no ministerio do reino a lista dos estudantes riscados!

Por o mesmo documento se vê que o espirito universitario era absolutamente contrario a castigos rigorosos que apenas se deram em obediencia ás ordens do governo.

Entretanto continuará a falar-se no espirito intolerante e autoritario da Universidade.

E é justo; porque a Universidade devia protestar contra o procedimento insolito do ministerio.

Submeteu-se, condenou-se a si mesmo. A falta indignação e a força com que o governo sacode de si a responsabilidade da condemnação académica, que o tornaria anjupatico a todo o paiz, deve indicar á Universidade a enormidade do erro que cometeu em se submeter.

A Universidade caiu num duplo laço servindo os odios do sr. João Franco; porque ajudou duplamente a sua politica criminoso condemnando estudantes republicanos e pondo-se em opposição com a vontade expressa do paiz inteiro.

O sr. João Franco deseja fazer a vontade aos seus partidarios que querem a faculdade em Lisboa e faz o possivel por desacreditar a Universidade.

Não pode haver duvida.

O sr. João Franco declarou categoricamente que nunca desdobraria a faculdade de direito.

E' por isso certo que o sr. João Franco a desdobrará contra a razão e o interesse nacional.

Em 13 de março passado appareceu n'«O Seculo» e n'«A Luta» a noticia de que entre mim e o sr. dr. Pedro Martins haveria, naquello mesmo dia, em Coimbra, uma conferencia de caracter oficial para resolver o conflito académico.

No dia seguinte vi em varios jornaes um telegrama do sr. dr. Pedro Martins taxando de inexacta essa noticia.

A noticia era realmente inexacta. Em vez de ter havido só uma conferencia entre mim e o illustre professor em questão tinha havido duas, uma em 12, ás 6 horas da tarde, em casa do quartanista do direito Agostinho Ferreira, e outra em 8, na mesma casa, pela mesma hora. A noticia era ainda inexacta porque, principalmente da parte do sr. dr. Pedro Martins nenhuma das conferencias teve caracter official.

Em 13, á noite, e em 14, de manhã, recebi já aqui na Foz, para onde tinha retirado, dois telegramas do sr. dr. Pedro Martins pedindo-me telegraficamente autorisação para dar publicidade a essas conferencias, a que s. ex.ª não sei bem porque, dava o nome de palestras. Dei telegraficamente a autorisação pedida e esperei que nos jornaes dos dias seguintes s. ex.ª explicasse publicamente a sua attitude e me desse a perceber as razões do seu tão formal deamento á referida noticia.

Nada appareceu nos jornaes, todavia. Pensei em acudir logo a pôr a questão nos seus verdadeiros termos. Considerando, porém, que eu não tinha o direito de, por uma impaciencia, um prurido de retificar, abrir mais um incidente na questão académica; e por outro lado, conhecendo eu suficientemente a psicologia do lente e sabendo que qualquer retificação só faria acirrar os animos belli da maioria da corporação — prudentemente, embora violentadamente, calei-me. Calei-me, na persuasão em que sempre estivo de que nenhum estudante seria expulso, de que não se praticaria esse crasso erro juridico e politico, essa injustiça que só pôde degradar as nossas leis, os nossos costumes e os nossos homens.

Em 23, quando não me podiam restar duvidas sobre o andamento dos processos telegrafei ao sr. dr. Pedro Martins pedindo que, não tendo s. ex.ª dado publicidade ás nossas palestras, me esclarecesse a situação. Sua ex.ª enviou-me de Casa Branca, Souzel, uma carta datada de 24, declarando não perceber uma parte do meu telegrama, visto que s. ex.ª era senhor da oportunidade da publicação das nossas conferencias.

Escrevi-lhe então, a 26, esta carta:

Il.º e Ex.º Doutor Joaquim Pedro Martins. — O meu telegrama dizia o seguinte: «Tenho estado espera v. ex.ª de publicarem as nossas palestras. Até agora só vi telegrama v. ex.ª dando enten-

der v. ex.ª desse publicidade ás nossas entrevistas. E eu (ingenosamente, verifico agora), desde que v. ex.ª me pedia autorisação para tal publicidade por meio dum telegrama, julguei que o momento oportuno e necessario — era o dia seguinte. Enganei-me. V. ex.ª, que certamente conhece melhor do que eu as leis da lealdade, entendeu que isso devia ficar para quando v. ex.ª quizesse — e eu não tenho mais do que submeter-me a esse «verdictum». Não são estas palavras d'agravo a v. ex.ª. Eu não pretendo, nunca pretendi, agravar ninguém. São palavras d'agravo a mim mesmo, que já não me entendo nem entendo os outros.

Quanto ao meio porque se tornou publica a noticia da nossa segunda conferencia, asseguro que nada tenho com tal imprudencia. Não era segredo de dois. Eu tinha de dar, como dei, conta de tudo ás comissões do Coimbra, Porto e Lisboa. De resto, embora fesse uma imprudencia, eu não quero acreditar que essa simples facto, sem significação e sem caracter, fesse motivo sufficiente para apagar no espirito de v. ex.ª os sentimentos de benevolencia e conciliação.

Credo ter-me feito comprehender. Só me resta fazer a v. ex.ª pedido identico ao feito a mim por v. ex.ª. Peço autorisação para dar a publicidade que entender ás nossas palestras.

Por lealdade e respeito declaro que fiquei com copia d'esta carta; pedindo tambem autorisação para a tornar publica oportunamente.

Esperando uma resposta breve e categorica, com a consideração e respeito que v. ex.ª merece de todos os espiritos justos, assino me

de v. ex.ª at.º ad.º or.º ob.º
Foz do Douro, 26 de março de 1907.
Antonio Granjo.

Em resposta, recebi de s. ex.ª uma carta datada de 29 autorizando-me a dar publicidade ás nossas palestras e cartas e aos nossos telegramas. Compre-me agradecer aqui a consideração com que s. ex.ª sempre me tratou e a boa vontade, a sincera e generosa boa vontade por s. ex.ª manifestada e empenhada em solver honrosa e pacificamente o conflito. Só tenho a lamentar que a maioria do professorado e o conselho de decanos não tivessem comprehendido, como este professor, que perdoar é a unica forma de esquecer e a verdadeira forma de educar.

Resta-me — e eu vou ser tão laconico quanto me for possivel — revelar o que se passou nas conferencias.

A primeira durou proximo a hora e meia. A primeira hora gastou-se em circuloquios e affirmações sem importancia. Num dado momento o sr. dr. Pedro Martins disse-me: «Mas afinal ainda não adiantamos nada!...» Fui apontando então, uma a uma, as reclamações feitas na representação ao governo e que a Academia queria ver satisfeitas immediatamente. Sua ex.ª afirmou que, por elle — e estava convencido que, como elle, outros professores — não levantaria difficuldades á satisficção immediata das seguintes reclamações: cursos livres, garantia do ponto por este anno, abolição do furo academico. Não aceitava, nem podia aceitar, o juri mixto; e nada tinha, elle ou a faculdade, com o pedido de sindicancia ás tesas do sr. dr. José Eugenio Ferreira. O governo que concedesse a sindicancia se quizesse. Elle não podia concordar em que se pedisse, porque estava possuido da certeza de que nada fizera senão justiça. Quando apontei a ultima reclamação, relativa á não expulsão de qualquer aluno, s. ex.ª preferiu as seguintes palavras que ainda tenho nos ouvidos: «Quem assegura ao sr. Granjo que estejam instaurados processos? Observei que o decreto de encerramento é que o affirmava. Então disse-me s. ex.ª: «O sr. Granjo sabe perfeitamente que ha muitas maneiras de inutilisar processos?». «Sim, concordei, quando mais não seja por falta de provas...» Ao que s. ex.ª atalhou num tom peremptorio que me deu a convicção de que não haveria expulsões: «O sr. Granjo sabe perfeitamente

Esperava, pois, com viva ansiedade

mente que ha muitas maneiras de inutilizar processos. Rejubiliava no mais intimo da minha alma e só eu sei o esforço que tive de fazer para não gritar todo o meu jubilo. Perguntei, por fim, se a Faculdade interviria oficial ou officiosamente. Disse-me s. ex.ª que por enquanto, no momento, essa intervenção era impossivel. Podia, no entanto, intervir officiosamente se alguma oportunidade sobreviesse; e se surgisse alguma circumstancia que legitimasse a intervenção official, entendia que certamente a Faculdade interviria d'esse modo. Estava inteirado. Combinamos a segunda conferencia, que se realizaria na quinta feira seguinte, 13, depois de eu me haver entendido com as comissões do Porto, Lisboa e Coimbra, a quem ia dar parte pessoalmente da conferencia e do que s. ex.ª me havia dito — a despedimo-nos.

Como, porém, depois de me haver entendido com as comissões do Porto e Lisboa, eu tivesse chegado a Coimbra no dia 12, a segunda conferencia teve lugar neste mesmo dia.

Com a declaração de que eu trazia, assinada por todos os membros das comissões, precisamente em harmonia com as palavras do sr. dr. Pedro Martins, eu cheguei a Coimbra convencido de que realmente trazia no bolso a concordia e a paz.

Mas em breve os optimismos se subverteram dentro em mim — permitam-me a imagem biblica. Nesta segunda conferencia declarou-me o sr. dr. Pedro Martins que havia um resistencia a vencer, a grande resistencia — o governo. O governo é que se opunha á solução pacifica do conflito. O governo queria as expulsões como unico maneira de se manter o principio da autoridade e justificar os termos imprudentes do decreto de encerramento. Era preciso, portanto, levar o governo a aceitar uma solução benevola e honrosa para todos. Para isso, disse-me s. ex.ª, ha só um recurso — a imprensa. Mas o presidente do conselho é um casmurro, e uma campanha violenta por parte da imprensa só conseguirá irritar-lhe os nervos. Então s. ex.ª declarou-me que iria a Lisboa, convocaria ali uma reunião de paes dos alunos e faria tudo o que possesse para ver se o governo aceitava, como mandava o mais elemental bom senso, uma solução conciliatoria de todos os interesses e aspirações. A proposito, lembrai a s. ex.ª quanto era necessaria e seria util essa solução conciliatoria. Seria a melhor maneira de ir obliterando no animo dos estudantes «o odio ao lente» e «o horror ao estudo», que são tristemente as características do estudante coimbrã. Seria a melhor maneira de preparar o caminho para a implantação dos cursos livres, que, segundo s. ex.ª me affirmou, era tambem aspiração da maioria do professorado de direito, e assim acabar com os metodos de ensino e seleção atuais, dos tentantes á protecção dos cabulas e dos cretinios. S. ex.ª concordava, afirmando ser indispensavel a reforma dos estudos e não tomar como uma agressão ou desconsideração pessoal os tumultos nos geraes.

Fica, pois, provado: que houve duas conferencias, palestras ou entrevistas (que importa o nome?) entre mim e o sr. dr. Pedro Martins; que um grupo de professores era partidario de que se usasse para com os estudantes da maxima benevolencia e se lhes satisfizessem algumas das suas reclamações immediatamente, que o governo, segundo o sr. dr. Pedro Martins, é que se impoz para que houvesse expulsões; que este illustre professor, um dos apupados, não tomava á conta de desconsideração pessoal essas apupos, mas os interpretava — no que não fazia mais do que justica aos intuitos dos academicos — como um protesto, embora inconveniente, contra o ensino universitario.

Estão expulsos, sr. diretor, sete dos meus companheiros. A academia não se submeterá, porém, á sanha injustificavel do conselho de decanos, nem ás ameaças do governo. A academia saberá manter para honra de todos, para honra dos proprios professores e do proprio governo, a attitudé que se definiu nitidamente. O governo conta, eu sei-o bem, que a maioria da academia vá ás aulas, curvando-se e rojando-se perante a sobrançeria olimpica do lente, — o governo conta que a geração actual seja mais coarbaté do que nenhuma outra. Pois o governo pode contar que encerrará definitivamente a Universidade.

Nenhum aluno quererá rebaixar-se a tal ponto, que se veja um miseravel aos seus proprios olhos; e nenhum paes terá tão pouco amor a seus filhos, que lhes aconselhe um acto infame. Foi do Douro, 2 de abril de 1907.

REFORMISTAS

Tudo a reformar a instrução publica. E' a moda. A loucura do momento. A reforma e a fobia á Universidade. E, pelo visto, tanto se sabe de Universidade como de reformas de instrução.

Coimbra é uma cidade privilegiada, com um movimento proprio, que é desconhecido da maioria do paiz; porque a maioria do paiz é de gente que para aqui passa a formar-se em Direito e que d'aqui se vae, na opinião d'elles, sem saber de direito, e na opinião de toda a gente, a não conhecer nada de Coimbra.

O meio é pequeno. A cidade sem vida, dizem eles. E é de encantar um côro tão universal.

Todos sfinam pelo mesmo diapasso, lentes e discipulos, por ambição ou ignorancia.

Coimbra é uma sociedade parasitaria que só do estudante vive, gritam.

E afirma-se isto; porque se ignora que o maior numero de obras produzidas pela industria coimbrã são feitas para fóra.

Tudo padece aqui do mesmo vicio. O estudante e o lente não se vêem senão a si mesmos e imaginam que ninguem olha senão para elles.

E á volta de estudantes e lentes creou-se neste meio de Coimbra, um pequeno meio de artistas catedraticos, como as pessoas que servem, e que lhe copiam os modos, os ares, a fala e o gesto de importancia: os bem conhecidos artistas de Coimbra, bem diferentes dos operarios cheios de aptidões que para honra desta terra se entregam tão devotadamente ao trabalho, exclusivamente presos pelo amor das suas profissões.

Em Coimbra ha um meio ridiculo ha, é o que vive na adoração atavica do catedratico, sempre dobrado a arquer a espinha quando ele passa irto, cheio de importancia, o corpo numa attitude empertigada e ridicula, como se furtasse a cabeça alta aos vapores de insensação que os turbularios lhe atrassem ás ventas.

Esse o professor ridiculo, que não é felizmente todo o professor, mas que acima de todos se julga.

A' volta dele ha tambem um mundo, felizmente pequeno, de insignificantes que gravitam copiando-lhe os gestos ridiculos, as palavras vãs e sonorasas.

Mas tudo isto é, felizmente, no meio um episodio que tem tambem o seu encanto nesta terra de ruinas, de vestigios pitorescos de um passado velho e esquecido.

Ao lado ha uma população ativa e laboriosa que por mais duma vez se tem feito notar no movimento nacional pela sua iniciativa inteligente frutuosa.

Como ao lado dos professores que representam o passado e se mostram desconheedores do presente, na sua maioria hoje na faculdade de direito, regendo por normas velhas, herdeiros dos rançosos principios pedagogicos dos classicos padres-mestres de latim, sempre afastados dos alunos, sempre a inquirir de desrespeitos, ha professores modernos, conhecidos no paiz e no estrangeiro pelo seu amor ao ensino, pelo seu saber e pela sua cordalidade.

E não os ha melhores nem em Lisboa nem no Porto, apesar do meio que toda a gente agora diz excelente para alfobres de lentes.

De Coimbra tem sido para o movimento scientifico nacional mais de um alento vitalisador.

Entretanto o doutoraco e o brioso continuam a achar o meio pequeno para seus talentos que querriam talvez mais publico e mais sensacionaes admirações.

Coimbra é porem encantadora, e na saude do fado e da guitarra, confessam que não deve ser esquecida.

Deixem-lhe a teologia, dizem-nos. Porque? pergunta-se naturalmente surpreendido.

Porque é dogmatica, responde triunfalmente o outro.

E tudo pasma, sem compreender bem. Neste saber de cantiga, que é o fundo da ignorancia erudita nacional, tudo se ignora, tudo se esquece. Apenas o fado lembra.

Nem uma pagina da historia da Universidade, nem uma lenda heroica, nem um facto de civismo, onde tantos se contam. Nada! Os reformadores ruminam o

fado, choram endeixas ao Mondego e pedem para Coimbra agricultura, no mesmo paradoxo que o rei lavrador pediu universidade.

Na mesma ordem superior de ideias podiam pedir academias de bilha e conservatorios de guitarra.

Na linguagem das publicas reformas, Coimbra é qualificada de cidade parasitaria como se ella sugasse á nactença o cerebro de catedraticos geniaes, quando Coimbra nada tem direta nem indirectamente com a faculdade de Direito e com os parasitas bachareis com que ella afflige a vida nacional.

Coimbra é uma cidade em evidente evolução e deve-o ás proprias forças, pois se desenvolve e medra, quando a Universidade estaciona ou define.

O espirito moderno vê-se em tudo, até nos mais pequenos objetos, corre as ruas, as praças.

Se define!... Coimbra é hoje mais conhecida pela excelencia dos seus artistas, do que pelo valor dos excellentissimos doutores e bachareis que exporta.

A velha cidade dos conventos, o burgo universitario desapareceu e sobre as suas ruinas que afloram ainda pitorescas do sólo e são conservadas com tão raro amor e devoção, levantou-se uma cidade com espirito e feitiço moderno, capaz e digna de uma universidade modelar.

Novo livro

Na coleção de classicos, publicada pela acreditada livraria editora Franca Amado, e dirigida pelo sr. dr. Mendes dos Remedios, vae publicar se brevemente mais um volume com as obras portuguezas de Gil Vicente.

Continua tambem a publicação, esperada com anciedade por todos os amadores das belas obras da nossa literatura, quando de mais a mais não apenas conhecidas de um pequeno numero pela sua alta raridade, da obra de Samuel Usque, verdadeiro serviço prestado á literatura nacional, qualidade que deveria fazê-la preferir á publicação de outra obra qualquer.

Está muito adeantada a armação da marquise da estação velha, devendo ficar pronta e coberta por estes quinze dias.

Parece porém que a obra não é definitiva, porque a companhia vae fazer modificações no assento das linhas determinadas pela segunda via que vae em breve construir-se.

Assim é que o comboio do ramal parará do outro lado da estação estabelecendo-se para isso uma derivação da linha, ficando assim a estação entre a linha do ramal e as de Lisboa Porto, havendo tambem marquise sobre a linha do ramal.

Parece que para obedecer á inexoravel lei da simetria se desmanchará um dos corpos já assentes que passará para o outro lado da estação.

O melhor seria deixar o que já está construido e construir uma marquise menor sobre a linha do ramal.

Se porem a simetria se impõe, então deixem ficar o que está e que é necessario, e façam do outro lado o mesmo embora neles e careça de marquise menos larga.

Prejudicar os viajantes pelo prejuizo estetico da simetria parece-nos ser levar muito longe o amor da arte.

Pelo relatório apresentado á camara pelo sr. Charles Lepierre, chefe do Laboratorio de microbiologia e quimica biologica da Universidade de Coimbra, vê-se que a agua do deposito da zona alta contem 45 bacterias suscetiveis de se desenvolverem na gelatina a 20,22º por centimetro cubico, dois fungos e muito pequena quantidade de colibacilos e especies similares; no deposito da zona baixa encontraram se 55 bacterias, muito poucos colibacilos e especies similares e nenhuns fungos.

O relatório conclue destes resultados de analise que a agua dos dois reservatorios é pura.

Pela junta hospitalar da 5.ª divisão militar foram arbitrados 60 dias de licença ao capitão de infantaria 24, sr. Antonio Augusto Faro.

Foi apresentado na igreja de S. Salvador, Miranda do Corvo, o sr. Mendes Cabo.

DR. BERNARDINO MACHADO

Este nosso amigo enviou á imprensa a seguinte carta, repelindo os ataques que lhe estão dirigindo os cafes ás ordens do sr. João Franco.

Senhor redactor. — O orgão officioso do governo, reportando-se ao «Povo de Aveiros», diz que o sr. Homem Cristo me fizera confidencia do seu intuito de se desforçar do sr. dr. Afonso Costa e que eu o denunciara á policia. O sr. Homem Cristo não escreveu, nem podia escrever tal: eu soube da sua intenção pelo professor Charles Lepierre, em Coimbra, meia hora antes de o procurar para o demover dela; e as prevenções que tomei, a este respeito, foram tão sómente aquelas a que todo o homem está moralmente obrigado para evitar um crime e uma desgraça. E, desde que o conflito entrou na fase de ser resolvido pelo duello ou pela arbitragem, as minhas prevenções immediatamente cessaram.

No mesmo numero do referido jornal do governo diz-se tambem que fiz conferencias com os estudantes de Coimbra, quando rebentou o conflito universitari; que, quando tudo ia voltando á normalidade, lancei pelo meu discurso de Belem nova agitação nos espiritos; e que dei indirectamente no jornal «O Mundo», ao reitor da Universidade, as explicações que directamente lhe não quiz dar, em resposta ao seu officio. Nada disto é exacto. Não tive conferencias com estudantes; mas á comissão dos meus discipulos, na aula, e aos outros estudantes que foram a minha casa, chamados por mim, dei, como costume, os conselhos de cordura que dou sempre, porque me julgo obrigado para com eles a essa acção educativa. Depois, conservei-me silencioso, esperando por uma solução equitativa do conflito. E, só quando vi que alguns estudantes estavam ameaçados de ser punidos, não por injurias individuais aos lentes, mas sob a acusação de serem os instigadores dessas injurias, como se a academia se tivesse concertado para as cometer, deturpando assim o sentido moral da solidariedade academica, que, determinada por um impulso generoso de camaradagem, logo se elevou a toda a altura duma nobre reivindicacão de reformas liberaes e portanto do progresso do ensino, só então é que em Belem, sem deixar ainda nessa occasião de censurar expressamente quaisquer desatões que porventura tivesse havido, eu declarei que, se tão injustas condenações se consummassem e algum estudante fosse, por esse motivo, expulso, as portas da Universidade, ao ischarom-se para elle, se fechariam tambem para mim. Finalmente, nada escrevi no «Mundo» sobre o caso; mas, se o tivesse feito, as explicações que do meu discurso de Belem fosse pela imprensa para restabelecer a verdade dos factos, era ao publico que eu as dava e não ao governo nem ao reitor, seu delegado.

Agradecendo a v. a fineza da publicação desta carta, tenho a honra de me subscriver. De v. etc. — Bernardino Machado.

O nosso querido amigo e illustre professor, recebeu mais as seguintes mensagens.

Da Comissão Central Academica:

A comissão central academica, tomando na devida consideração as palavras do sr. dr. Bernardino Machado a respeito do actual conflito universitario, agora agravado extraordinariamente com a attitudé do conselho de decanos, resolve manifestar a sua mais alta simpatia pelo illustre professor.

Não são precisas mais palavras para indicar a v. ex.ª a sinceridade da nossa afirmacão.

A v. ex.ª, que sempre tem mantido uma conduta profundamente leal e em harmonia com o Progreso e a Liberdade, não deve causar estranheza o nosso protesto de simpatia no momento em que a reacção universitaria quer exercer a sua vingança. A Universidade não esqueceu ainda a oração de sapiencia do anno letivo de 1904-1905.

Coimbra, 2 de abril de 1907. — De v. ex.ª com a maxima consideração (aa) Mario Monteiro, Alfredo Franca, Alfredo Pimenta, Francisco Luiz Tavares, Francisco Augusto de Lacerda Forjaz, Henrique Braz, João Costa de Cabêdo, Francisco Mendes Gonçalves Preto, João Monteiro de Castro, Oscar M. d'Alvarenga, Francisco Manuel d'Araujo, Pereira da Rocha, Henrique Pereira de Carvalho, Martin Machado de Faria e Maia, Manuel Gregorio Pestana Junior, Francisco X. Vaz Pacheco de Castro, Alvaro Mendes Corte Real, Francisco Antonio de

Vale, Paulo Teixeira de Queiroz, Candido Guerreiro, Afonso Henriques Duarte de Vasconcelos, Antonio Aires Nogueira de Araujo, Ernesto Pelagio dos Santos, Verissimo Freitas da Silva, Joaquim Monteiro Arruda, Benjamin Coutinho, Ernesto Carneiro Franco, Henrique Carvalho, Doodoro Castro Carreira, Nuno de Moura Tavares, Julio Dias Costa e Manuel Macedo.

Da Comissão do Porto:

A comissão dos estudantes de Coimbra no Porto, repole a afrontosa insinuação que o officio do reitor da Universidade pretende lançar sobre o nome do professor dr. Bernardino Machado.

Protesta contra as intenções com que naquêllo estabelecimento «cientifico» se pretende deturpar o movimento academico, servindo-se de todos os meios para isso e sendo um dos que mais espetaculosamente se põe em pratica, o de lançar sobre Bernardino Machado a responsabilidade de, em colligações secretas com alguns estudantes, ter planeado o protesto contra os lentes. E afirma publicamente a sua estima e consideração pelo dr. Bernardino Machado, um dos poucos que em Portugal sabe comprehender a significação moral da sua missão de professor.

Porto, 4 de abril de 1907. — A Comissão.

Devem ser gratas ao illustre professor estas provas de deferencia e respeito carinhosos dos estudantes, tão eloquentes como o movimento de revolta que despertou no paiz inteiro a odiosa perseguição politica que tentou mover-lhe o sr. João Franco.

MANOBRAS

Saui um protesto que se dizia ser de estudantes catholicos, feito na ordem de ideias advogadas pelo sr. João Franco.

Não recebemos, nem vimos. Os estudantes protestaram ao seguinte aviso inserto em todos os jornaes:

AOS ESTUDANTES DE COIMBRA

Sabendo que deve brevemente ser distribuido um manifesto contrario ao movimento academico actual, a Comissão Central Academica faz saber a todos os estudantes da Universidade, que tal documento não é redigido por membros da Academia, e é orientado pelo governo. Coimbra, 3 de abril de 1907.

Ontem era distribuido profusamente por Coimbra o protesto seguinte:

«No manifesto espalhado hontem pelo paiz, assinado nebulosamente por um vago «grupo de estudantes» affirmase que «uma parte da Academia se deixou ludibriar na sua generosidade e boa fé, entrando no movimento com calor e entusiasmos». Nós somos parte da Academia e somos além d'isso estudantes.

«Ninguém, absolutamente ninguém, poderá negar as nossas crenças, a nossa devoção incondicional pela doutrina que o divino Cristo semeou na terra e a Igreja tem sustentado e glorificado atravez dos tempos. E porque somos catholicos, tão sinceros que não tememos a critica dos adversarios, jurando a nossa fé sob a reserva do anonimato, entendemos do nosso dever o levantar a insinuação que um grupo anonimo de catholicos nos acaba de atirar em rosto.

«Nós damos o nosso apoio moral ao movimento academico de Coimbra.

«A nossa qualidade de ministros e de crentes da Igreja catholica, não nos cega, não nos obceca a ponto de nos fazer atraigáo a coletividade a que com muita honra pertencemos. Repetimos: damos o nosso apoio moral á faculdade de Direito, mas apenas moral, não tomando parte, pois, nos factos que venham a dar-se porque não temos o menor agravo dos lentes da faculdade de Teologia, nem os tem nenhum dos seus alunos.

«Assimando-o hoje bem alto, bem desassombadamente, perante o paiz inteiro, além de sermos coerentes com a nossa attitudé de solidariedade, dentro da ordem, no começo do movimento, desmentimos a falsa insinuação de ludibriados com que se pretende desvirtuar a nossa serena attitudé.

«Não somos creanças inconscientes, facilmente suggestionaveis por impulsos irrequietos de desordeiros. Nós não somos creaturas levianas que se deixem arrastar pela corrente impetuosa duma revolta de momento. «Assistimos ao desdobrar dos aconte-

tecimentos, desde o seu inicio, ao dia d'hoje.

«Alguns dos estudantes que mais se salientaram no movimento, conhecemo-los pessoalmente, sabemos-los amigos da ordem, da paz social, das doutrinas e das tendencias politicas que professamos.

«Esses estudantes, refletidos e inteligentes, não se deixavam arrastar inconscientemente no torvelinho revoltado das paixões, se porventura as houvesse. Mas que importava que no movimento entrasse maioria de revolucionarios — o que é contestado não só pelo numero dos que falaram nas assembleias geraes e pelos que entraram nas demais manifestações publicas, como pelos 350 que foram a Lisboa — se esse movimento tem por fim a reforma da Universidade?

«E' preciso acabar-se, de uma vez para sempre, com a lenda de que nós, os amigos da Igreja, somos inimigos do Progresso.

«Essa reforma está em harmonia com as reformas em vigor desde ha muito nos estabelecimentos scientificos dos países mais cultos. Que venha ella, pois, e não seremos nós, verdadeiramente catholicos, verdadeiramente amigos da Igreja, que tentemos impedir-lhe a execução imediata e pronta.

«Reprovamos os insultos aos lentes, como indignos de nós, como indignos de homens de educação.

«Mas nem por isso nos declaramos contra o conflito universitario, porque os excessos são de todas as causas, as mais justas, as mais santas, aquelas que se apresentam sob a bandeira dos mais nobres principios.

«A nossa attitude é portanto coerente, e consciente.

«Coerente, porque não protestámos contra o conflito no momento em que elle se manifestou. Consciente porque pensamos hoje, fria e refletidamente o que pensavamos no dia 1 de março: a necessidade inadmiavel de reformar fundamentalmente os estudos e processos universitarios.

«O motivo que nos traz a publico é o manifesto d'um «grupo de estudantes» não ser assinado, ter sido anunciado pelos jornaes como dos estudantes catholicos, e nós não queremos que nos julguem, por isso, incursos nesse grupo.

«Somos pela greve, mas nesse ponto cada um procederá consoante as forças das circunstancias lho permitir.

«Padre Antonio Augusto, do 5.º anno teologico; Albertino da Silva, do 5.º anno teologico; Padre José Fernandes Forte, do 3.º anno teologico.»

O sr. João Franco tem procurado despertar todos os odios, sem excepção para dividir os estudantes.

Começou pelos odios politicos, continuou com os religiosos.

A academia porém tem dado um consolador exemplo de solidariedade e altivez.

BOAS RASÕES

A furia de autoridade desencadeada a proposito dos acontecimentos da Universidade, é um fenomeno do temperamento lusitano.

Os portuguezes são autoritarios. Mandar é um verbo que nos sobe á cabeça. Dificilmente se encontra em Portugal um homem capaz de mandar sem se emborrachar. Dahi, o substantivo *mandão*, que não creio se encontre noutra lingua.

O que caracteriza o nosso espirito autoritario é o faciosismo. A autoridade é impessoal, por isso que se exerce em nome do principio e não em nome do individuo que está investido nas suas atribuições. Em Portugal, porém, a autoridade é exercida em nome do individuo, de forma que desrespeitar entre nós o principio da autoridade é afrontar pessoalmente o individuo que a exerce.

D'alto a baixo, em todas as gerarquias da autoridade, isto é assim. Toda a perturbação da ordem publica do nosso país, determina uma perturbação de animo nos agentes da autoridade, desde o ministro do reino até o derradeiro policia. O ministro perde a cabeça, o policia também. Nenhuma serenidade, nenhuma impassibilidade, nenhum sangue frio. Demencia — a demencia das razões pessoas armadas.

Quando subiu ao poder o ministro Combes, o ministro do interior que era então Clemenceau foi interpelado no Senado sobre o modo como o governo intendia proseguir o inventario dos bens das igrejas de França, o qual estava encontrando a resistencia encarnizada dos fieis catholicos e se o faria pela força, no caso de ser necessario empregar a força.

— Não sei, respondeu simplesmente Clemenceau, que providencias o governo será obrigado a tomar para proseguir o inventario dos bens das igrejas de França. Tudo o que posso dizer á camara é que, segundo o meu sentimento pessoal, me parece absurdo matar gente para contar alguns candelabros.

Este criterio não o têm os nossos mandões. Para esses, é licito matar gente para contar alguns candelabros de igrejas, comtanto que a sua dura noção da autoridade lhe imponha a contagem desses candelabros.

Para o nosso espirito obscurecido ainda pelas influencias do nosso horrendo passado social, todas as relações sociaes, todas, mesmo as da familia, se contem nestas duas palavras — *mandar*, *obedecer*.

Revoltar-se, mesmo para a sociedade portugueza do seculo XX, ainda é o maior dos crimes.

O que é, por exemplo, que se puniu impiedosamente nos marinheiros da armada? A indisciplina? — Não. O direito á revolta.

O que é que se acaba de punir com um desabrimento insensato nos estudantes de Coimbra? Os atentados contra os lentes? — Não. O direito á revolta.

Por isso, essas penas são desproporcionadas, porque não se inspiram no facto mesmo, mas no conceito de que a revolta é um crime.

Este conceito, instalado na alma arquiologica de individuos possuidos do espirito de autoridade até ao ponto de terem no sangue, é verdadeiramente um flagelo social, o que quer dizer em resumo que a educação liberal não fez no fim de contas uma sociedade liberal. A sociedade liberal só é liberal pelo rotulo. A sua alma é absolutista.

O governo levou positivamente a mal ao dr. Bernardino Machado que este catedratico se declarasse solidario com os estudantes.

E' naturalissimo. A adesão do dr. Bernardino Machado á causa dos estudantes enobrecer-a, tirando-lhe o caracter, que ao governo convinha dar-lhe, de rebelião escolar a elevando-se á altura de uma reivindicação social.

Os rapazes, só, eram os rapazes. Os rapazes e este professor são — ameida e não ha nada que mais perturbe os governos conservadores do que as ideias.

D'ahi o facto do dr. Bernardino Machado se ter tornado infinitamente antipatico ao governo e tanto mais antipatico quanto o dr. Bernardino Machado pertence ao numero d'esses inimigos que não se pode odiar francamente.

Este professor é uma força moral e como combater uma força moral? Dificil situação! D'essa situação difficil dá conta o governo e amofina-se até á exasperação.

O dr. Bernardino Machado aparece de repente aos seus olhos, como um trambolho, no meio da sociedade conservadora e dos seus interesses assustados.

Odioso Bernardino Machado! E aqui está o que distingue os regimens de progresso, dos regimens estacionarios — e é que nos regimens de progresso, homens como Bernardino Machado são considerados como fautores, enquanto que nos regimens estacionarios são vistos como obstaculos.

Haverá talvez quem veja nas minhas palavras um reflexo da minha simpatia pessoal pelo homem de quem se trata. Se ha alguém que o veja, peço-lhe o favor de não o ver, porque vê mal. Nenhuma simpatia pessoalmente me perturbou ainda a razão a ponto de eu a pôr ao serviço de meritos illegitimos. Essa cegueira é propria do amor, pois já o diz o dictado que «quem feio ama bonito lhe parece». Como, porém, justamente não se dá o caso de o dr. Bernardino Machado ser uma mulher feia a quem eu amo, o dictado não tem applicação. A minha simpatia pessoal pelo professor de Coimbra é, pois, completamente extranha ao juizo que formo dele. Quando o caso me faz ter simpatias por um homem mediocre (e ha homens mediocres estimabilissimos) tudo quanto faço em seu favor é, não expol-o, mas subtrair-o á discussão, por que fazer discutir um homem mediocre não é de amiguo.

João Chagas.

Promoções

Foram promovidas á segunda classe ás sr.ª D. Clementina Pedrosa da Silva, professora em Lavos, D. Maria do Carmo Massa e D. Maria Taborda, professoras em Poiares.

No conselho superior de instrução publica foi distribuida a consulta da direção geral sobre a *Nova Gramatica Portuguesa*, do sr. Antonio A. Cortezão.

O sr. diretor da Penitenciaría de Coimbra foi autorizado a expedir telegramas officiaes nacionaes ao ministro da justiça, á direção geral dos negocios de justiça e aos procuradores regios junto das relações.

Foi solicitada a limpeza da vale de Ançã por alguns proprietarios confinantes da mesma vale.

Parece que pelas obras publicas se vaee concluir a estrada para Aldeia das Dez.

Faleceu a sr.ª D. Gertrudes da Conceição Santos, viuva do negociante sr. José Mateus dos Santos, abastada proprietaria moradora no bairro de S. José.

Agradecimento e missa

Maria Emilia Gouveia da Costa, e seu marido João da Costa Lourenço, agradecem por este meio a todas as pessoas que se interessaram durante a doença da sua extremosa tia, que a vitimou, e bem assim a todos que se dignaram acompanhá-la á sua ultima morada, pedindo desculpa de alguma falta involuntaria; e participam que a missa do setimo dia será rezada na Sé Catedral, ás 7 horas da manhã, do dia 10 do corrente, convidando a assistirem as pessoas das suas relações e da finada, agradecendo penhorados a assistencia a este piedoso acto.

Coimbra, 6 de abril de 1907.

Obras de ALEXANDRE DUMAS

Memorias dum medico

PRIMEIRA PARTE
JOSÉ BALSAMO
VOLUME VII

CASA EDITORA DE GUIMARÃES & C.
R. de S. Roque, 68 a 70 — Lisboa

As Pupilas do Senhor Reitor

Romanos de Julio Diniz

CONDIÇÕES DA PUBLICAÇÃO:

Esta sumptuosissima edição consta de um volume illustrado com 30 magnificas aguarelas a côres, originaes de Roque Gameiro, executadas por um novo processo completamente desconhecido em Portugal e 127 gravuras a preto, intercaladas no texto, e um soberbo retrato do autor. O formato é o mesmo do prospecto distribuido e o papel será de qualidade igualmente superior; o texto é em tipo elzeviriano inteiramente novo e elegantissimo, e a impressão deveras aprimorada. Nas inicias de cada capitulo empregar-se-ão letras caprichosamente ornamentadas que entram no numero das illustrações.

Apesar das enormes despesas de publicação tão monumental, o preço dos fasciculos é apenas de

300 réis cada um, em Lisboa e Porto pagos no acto da entrega

Nas demais terras do país, pagamento *adeantado* ás series de dois, tres ou mais fasciculos. As despesas da remessa são á custa d'*A Editora*, e a distribuição de cada fasciculo é feita nos dias 10 e 25 de cada mez.

Pedidos de assinatura podem ser feitos a

A EDITORA

Administração em Lisboa — Largo Conde Barão, 80
Filial no Porto: Lelo & Irmao, Carmelitas, 144.

AGRADECIMENTO

José Francisco Fernandes, convalescente da grave doença que o reteve no leito por algum tempo, vem publicamente testemunhar a sua muitissima gratidão para com o seu medico assistente, ex.º sr. dr. Cruz Amante, que com tanto carinho e desvelo o tratou, e bem assim agradecer a todas as pessoas que se interessaram por elle, quer visitando-o, quer perguntando pelas suas melhoras.

Para com todos, pois, jámais olvidará o seu muito e muito reconhecimento.

Coimbra, 6 de abril de 1907.

José Francisco Fernandes.

EDITAL

O Doutor José Pereira de Paiva Pita, pro-provedor da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra.

Faço saber que por deliberação da Mesa da mesma Santa Casa se acha aberto concurso por espaço de 15 dias em conformidade com o artigo 376 do regulamento para o provimento de alguns lugares de orfãos e orfãs dos Collegios de S. Caetano.

Os representantes dos concorrentes a esses lugares apresentarão na secretaria seus requerimentos dentro do referido prazo munidos dos attestados exigidos pelo artigo 277 do regulamento, a saber: certidão de idade, de obito do pae, attestado de pobreza passado pelo paroco e attestado sobre o seu estado de saúde passado por um dos facultativos da Santa Casa.

Secretaria da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra, 4 de abril de 1907.

O pro-provedor,

Dr. José Pereira de Paiva Pita.

VENDA DE PREDIO

Em licitação particular vende-se, convindo o maior lance oferecido, um moinho de moer farinha com tres pedras, tendo anexos um olival e terra de sementeira, no sitio da Nogueira, junto ao rio Eça, freguezia de Almalaguez, concelho de Coimbra.

Quem pretender o mesmo predio deve comparecer em casa do sr. Santos Viegas, rua da Sofia n.º 21, no domingo 14 de abril do corrente anno, pela 1 hora da tarde.

Coimbra, 31 de março de 1907.

Julio L. Fonseca.

CONSULTORIO DENTARIO

Rua Ferreira Borges — COIMBRA
Herculano de Carvalho
Medico pela Universidade

Consultas das 9 horas da manhã ás 4 horas da tarde, em todos os dias uteis.

ALVIÇARAS

Dão-se a quem, na rua do Pateo, n.º 1, em Celas, entregar um fio de perolas, com uma cruz de ouro (comenda), esmaltada de vermelho e um pequeno berloque, objetos estes que se perderam na tarde de domingo, 17 do corrente, desde os Arcos do Jardim até Celas.

A' pessoa que esses objetos tenha encontrado e que de alviçaras não necessite, pede-se-lhe a fineza de os mandar entregar no commissariado de policia, aonde se deu conhecimento da perda de taes objetos.

Escola Nacional de Agricultura

Faz-se publico que no domingo, 14 de Abril corrente, na sala das sessões do Conselho de Administração da Escola Nacional de Agricultura, em S. Martinho do Bispo, pelas 11 horas da manhã e perante o Conselho de administração da referida Escola, se procederá á licitação para o arrendamento do lote n.º 11 do Camalhão de S. Thiago e n.º 1 e 20 do Camalhão da Vagem Grande, que não foram licitados na praça publica realizada em 24 de Fevereiro ultimo. As condições e prazo de arrendamento são as mesmas que as da primeira praça, sendo as bases de licitação, por anno as seguintes:

Lote n.º 11, do Camalhão de S. Thiago 50000.

Dito n.º 1, do Camalhão da Vagem Grande 30000.

Dito n.º 20, do Camalhão da Vagem Grande 40000.

As condições estão patentes na secretaria e podem ser examinadas todos os dias uteis das 10 e meia da manhã ás 4 e meia da tarde.

A adjudicação fica dependente de aprovação superior.

Escola Nacional de Agricultura, a 2 de Abril de 1907.

O diretor,

Antonio Correia da Silva Rosa.

CAIXEIRO

Precisa-se para mercearia e penhoras. Prefere-se com pratica.
Rua Visconde da Luz, 58.

RAPAZ

De 9 a 10 annos, precisa-se.
Rua da Sofia, 64.

JOSÉ EUGENIO FERREIRA

ADVOGADO

ESTRADA DA BEIRA 96.

CRIADA

Precisa-se para todo o serviço e que saiba cozinhar bem. E' para casa de pouca familia.
Na Estrada da Beira, 45, ao dis.

LOJA DE FERRAGENS

Trespassa-se, nas melhores condições, um estabelecimento de ferragens, acreditado, num centro comercial importante.
Nesta redação se dão aos interessados todos os esclarecimentos necessarios.

CASA

Vende-se uma casa na rua do Cosme n.º 3, composta de rez do chão 1.º e 2.º andar e um pateo á frente. Tem magnificas vistas.
Para tratar na Couraça dos Apostolos n.º 43.

Escripções mercantis

Para commercio em sociedade ou por grosso, encarrega-se pessoa habilitada, durante algumas horas de que possa dispor.
Tambem leciona esta materia.
Para informações, carta para esta tipografia.

Rol da roupa enviada á lavadeira

Preço 120 réis

A' venda na typographia deste jornal.

ASSOCIAÇÃO DE CLASSE

DAS

ARTES GRAFICAS

São avisados os socios desta coletividade que a sua sede se acha instalada na rua Eduardo Coelho, 7, 1.º, e que as sessões ordinarias da Commissão continuam a ter logar nos dias 15 e 30 de cada mez.

Coimbra, 31 de março de 1907.

O secretario,

J. Pereira da Mota.

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 Rua Ferreira Borges - 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se a venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.
Dóces de fructa de diversas qualidades, doces e cristalizados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
Variada pastelaria em todos os generos, especializando-se no do folhado.
Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.
Saucisses. Pudings de diversas qualidades, visto-namente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.
Especialidade em vinhos generozos e licores finos das principaes marcas.
Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal effectua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas
Coimbra

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguezes, á venda na

Mercearia LUSITANA
(Depósito unico em Coimbra)

Estab. Ind. Pharm. "Souza Soares,"

(NO BRAZIL E NA EUROPA)

Devidamente legalisado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.ª classe e cinco medalhas de Ouro, na America do Norte, França e Brazil, pela perfeita manipulação e efficacia dos seus productos medicinaes:



PEITORAL DE CAMBARÁ

(Registado)

Cura prompta e radicalmente ás tosses ou rouquidões;
Cura a laringite;
Cura perfectamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou astmatica;
Cura a tísica pulmonar, como o provam numerosos attestados medicos e particulares;
Cura incontestavelmente a asthma, molestia difficil de ser debellada por outros meios;
Cura admiravelmente a coqueluche, e, pelo seu gosto agradável, é appetido pelas creanças.
Frasco, 1\$000 réis; 3 frascos, 2\$700 réis.

PASTILHAS DA VIDA

(Registado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as nauseas e vomitos, o enjôo do mar, o mau halito, a flatulencia e a dilataçao do estomago. São de grande efficacia nas molestias do utero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue.
Caixa, 600 réis; 6 caixas, 3\$240 réis.

36 Remedios Especificos em pilulas saccharinas

(Registados)

Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade:
Febres em geral;
Molestias nervosas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos orgaos urinaes;
Molestias das senhoras e das creanças;
Dóres em geral;
Inflammações e congestões;
Impurezas do sangue;
Fraqueza e suas consequencias.
Frasco, 500 réis; 6 frascos, 2\$700 réis.

Consultem o livro — O Novo Medico — pelo Visconde Souza Soares, á venda nos depositos dos remedios do auctor. Preço: brochado 200 réis, encadernado 500 réis.

Medicamentos homeopaticos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos

1 Tubo com globulos 200 réis; duzia 2\$160.
1 Frasco com tintura 3.ª ou 5.ª 400 réis; duzia 4\$320.
1 Dito com trituração 3.ª 700 réis; duzia 7\$560.
Vede os preços correntes, o Auxilio Homeopatico ou O Medico de Casa e a Nova Guia Homeopatica, pelo Visconde Souza Soares.

Estes productos vendem-se em Coimbra na drogaria de Rodrigues da Silva & C. — Rua Ferreira Borges, 36.
Deposito geral em Portugal — Porto, rua Santa Catharina, 1503.

Aviso importante

O Estabelecimento tem medico habilitado, encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por escripto, sobre o tratamento e applicação destes remedios.

Os armazens GRANDELA & C.ª

RUA DO OURO, 115 — LISBOA

mandam catalogos e amostras do seu colossal sortimento a quem as pedir.

Vendem para as proximas pelos mesmos preços que para Lisboa.

Pagam o porte das encomendas cuja factura pode ser satisfeita no correio na occasião de as receberem

Mandam amostras a todos que as pedirem para que as confrontem com as das outras casas.

Não têm agentes em parte alguma, tratam todos os seus negocios directamente com o publico de todo o paiz, e é por isso que vendem mais barato que ninguem.

O catalogo geral de verão com 116 paginas e 1050 gravuras é enviado de graça a quem o pedir a

Grandela & C.ª

Rua do Ouro, 115 — LISBOA

CASA MEMORIA

SUCURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Lus, 1
Praça 8 de Maio, 10

Esta casa continua a fornecer ao publico as suas acreditadas máquinhas de costura Memoria. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestaçao e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinhas usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condicões do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e comprão-se pianos usados.

A sempre quantidades de piano para alugar.

Fumeiro do Alemtejo

Recebem mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a

MERCEARIA LUSITANA

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUSITANA

Machinas fallantes

Deposito completo de aparelhos das principaes marcas e para todos os preços a partir de 14\$000

Variada collecção de discos e cylindros com musicas e cantos executados pelos mais notaveis artistas.

Vendas pelos preços de Lisboa e Porto.

Depositarios da Companhia de Gramophone, da Edison National Phonograph, C.ª de New-York, e dos Grand-phonos «Odeon».

TELLES & C.ª

R. Ferreira Borges, 152, 1.ª

COIMBRA

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital --- 200.000\$000 réis

Séde em Lisboa — PRAÇA DO DUQUE DA TERCEIRA, 11, 1.ª

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mixtos, Frasco Fixo, Combustões e Supervivencia, com ou sem participacão nos lucros da Companhia.

Capitales differidos e rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Seguros operarios a 20 réis semanais

Para Informaçoes e tarifas dirigi-se ao agente em COIMBRA:

JOÃO GOMES MOREIRA — R. FERREIRA BORGES

CAÇADORES

O mais importante estabelecimento de espingardas, carabinas, revolvers e munições, é o de JOAO GOMES MOREIRA, rua de Ferreira Borges — Coimbra — Sucursal na Figueira da Foz (em frente ao Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

Espingardas Ideaes — da manufatura de Saint Etienne, Galand Elite, Francesa, Francolls, Remington, Bernard, manufatura Liegeais Carabinas — La Francoll, Popular, Wmschester, Colts, etc.
Revolvers — Galand, Saint-Etienne, Smitt Werson, Vello Doges, etc., etc.
Pistolas — Mauzer, Browing, Gaulcis, etc., etc.

Munições de todos os calibres e qualidades

Mandam-se vir armas de qualquer fabricante, como por exemplo: Holland & Holland, Puy, Dierrassen, Greco, etc.

PAPELARIA CENTRAL

Rua Visconde da Luz — Coimbra

Pianos GAVEAU

Recebidos directamente de Paris, vendem-se nesta casa pelos preços da fabrica e recebem-se pianos em troca, pedir catalogos e condicões de venda. Um completo sortimento d'aparelhos e todo o material preciso para a fotografia, que recebe dos principaes fabricantes e vende pelos preços mais baratos.

Grande edição de bilhetos postaes illustrados

De Coimbra, Vizeu, Aveiro, Caspelo Branco, Covilhã, Amarante, Beja, Mirandela, Serra d'Estrela, etc.

Papelaria Borges

COIMBRA

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGURO

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.ª

Tomam-se seguros de predios mobilia e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Repara... Lê...
Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipacões, bronquites, rouquidões, asma, tosses, coqueluche, influencia e outros encomodos dos orgaos respiratorios.

Se a atenção sempre, a curacão as mais das vezes com o uso dos Saccharoides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos) onde os efeitos maravilhosos do alcatrão, juntamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar efficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos Saccharoides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos) são confirmados, não só por milhares de pessoas que os toem usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fora do Porto, 220 réis

CASA COLOMBIA

Fornecedora da Casa Real

Visitem este estabelecimento e verão V. Ex.ª que ha vantagem.

Generos alimenticios das mais finas qualidades, em concorrência de preços com as cooperativas.

Vinho de meza e de Amaranthe, qualidades e preços sem competencia.

Distribuição aos domicilios, sem aumento de preço.

"RESISTENCIA"

CONDICÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$850
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

Brazil e Africa, anno..... 3\$800
Ilhas adjacentes, 3\$000

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os nonhores assinantes, desconto 50%
Comunicados, cada linha..... 40
Réclames, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações, com ou sem remessa este jornal por honorario.

DIRETOR

Dr. Teixeira de Carvalho

Redacção e administração
CENTRO REPUBLICANO JOSE' FALGÃO
Largo da Freiria, 5

Editor e administrador
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Officina tipografica
Rua da Nouda, 12 e 14 — Rua Direita, 9, 11 e 13

RESISTENCIA

Orgão do Partido Republicano de Coimbra

N.º 1197

COIMBRA — Quinta-feira, 11 de abril de 1907

13.º ANNO

Conflito academico

Nunca, e ha já longos annos que habitamos Coimbra, vimos manifestação academica que mais se imponha ao nosso respeito e á nossa admiração, como a que, com espanto geral de todo o paiz, estão realisando os estudantes de Coimbra, deixando a frequencia das aulas num belo gesto de protesto contra uma sentença injusta, dando ao paiz exemplo de amor á Verdade e á Justiça.

Uma geração que assim se porta num meio corrompido como o nosso, em que os actos de subversão são apregoados pelos homens mais em vista na sociedade portuguesa, como exemplos de disciplina, numa sociedade em que o cerebro é torturado desde a escola primaria donde ainda não foi banida a tradição do padre-mestre, até aos cursos superiores em que se ensina ainda hoje com a rigida e falsa disciplina do mestre de retorica jesuita, em que a instrução está convertida em deformadora de caracteres, tal geração é uma prova da resistencia da nossa raça, uma esperança consoladora dum redentor futuro.

A geração academica que se nobilita por um acto de tanta solidariedade social, hade ficar na memoria enternecida de todos os que desejam e crêem num futuro de progresso, de elevação mental e moral bem diferente do presente, de abjeção e de ignominia.

E é tanto mais para admirar esta attitude que á volta da academia se teceram todas as intrigas por forma a desvirtuar o movimento e a estabelecer entre os estudantes a divisào que deveria facilitar a acção do governo.

Tudo se poz em pratica desde a insinuação torpe, até ao castigo exagerado dado a estudantes, que no movimento tinham tomado a mesma generosa e desinteressada parte que os outros, e que foram castigados apenas para dar a côr politica a um protesto que a não tinha, esperando erradamente que a opinião publica perfilhasse a insinuação do governo com a mesma ingenua docilidade das justas universitarias que a si mesmo se condemnaram, rostrando-se incapazes de bem e justamente avaliar um movimento a que assistiram, num meio que deviam conhecer, com todo o tempo que quizeram para organizar o processo, para o discutir, para o resolver.

Á volta das vontades que tão altamente se vinham afirmando num protesto de tão alta significação mental e moral, poz-se a acção demorada e lenta da familia, a quem, em artigos da mais velhaca e infame perfidia, pretendiam ensinar o modo de ajudar a acção governativa, indicando-lhes o caminho para desnortearem o espirito dos estudantes e leva-los a perfilhar a infamia do governo.

Tudo venceram os estudantes, adoptando fracamente a causa dos estudantes condenados, dando um

exemplo consolador de solidariedade.

E é consolador, ao entrar dum novo seculo, encontrar uma geração que nos faz antever uma patria nova em que triunfem de vez a liberdade e a justiça.

GUERRA JUNQUEIRO

Foi condemnado nos tribunaes do Porto, pelo brilhante artigo publicado na *Voz Publica*, este nosso amigo e glorioso poeta.

A sua defeza, cuja leitura fez a maior impressão no publico, e que lêmos a horas de não podermos transcreever neste numero, é brilhante de forma, intensidade de sentimento, suggestionabilidade de expressão, bela e simples como uma obra de arte, impressionante como a voz de uma superior e estranha consciencia.

A *Resistencia* abraça comovidamente o grande poeta e o grande revolucionario.

A GREVE

Está generalizada a todos os estabelecimentos scientificos.

A reportagem da imprensa diaria tem informado o paiz dos sucessos que dia a dia se vão passando no pormenorizar minucioso caro á imprensa portuguesa.

Ha porém um facto sobre que não tem insistido seguramente por a informação ter sido dada por pessoas que só accidentalmente conhecem o meio academico de o ver agora: é a absoluta serenidade da academia.

Não sei porque motivo, obedecendo a que razões, os telegramas e reportagem de alguns jornaes dão os estudantes de Coimbra como em estado excepcional de efervescencia fazendo da greve o assunto de palestras inflamadas, convertendo os cafés em assembleias revolucionarias.

Ora tal não ha, e é exatamente attitude nova da academia que dá valor especial ao seu protesto, e desde o primeiro dia convenceu os lentes de que estavam em frente dum conflito verdadeiro de consciencia.

Os estudantes não discutem. Cada um deles sabe o que quer, o que deve fazer.

Nas ruas passam serenamente, falam e riem uns com os outros.

Se se avista um jornal, correm, compram a rir, leem e quasi não fazem observações.

Nos cafés, em que o caso mais insignificante da vida academica é sempre protesto para discussões ruidosas, os estudantes têm agora attitude que ha muito lhes não víamos.

Falam, riem, brincam; mas ha um enternecimento, uma doçura, uma cordialidade que se não vêem sem deixar uma impressão funda.

Todos estes espiritos juvenis se aproximaram pela solidariedade que despertou a perseguição e a injustiça com que pretendem sufocar-se um movimento nobre de revolta. Parece que nenhum deles quer dar ao acaso o pretexto para um grito, um gesto que não seja de amizade, uma palavra que não seja de confraternisação.

E, se os estudantes não perdem a occasião de mostrar a solidariedade que os une, evitam tambem as serenatas, as musicas ruidosas que estão tanto nos seus habitos e que se não ouvem agora.

A academia de Coimbra mostra com este procedimento fora dos seus habitos, que tem perfeita consciencia da gravidade do acto que pratica, e que dará a todas as manifestações a seriedade de protesto refletido e consciencioso que até hoje as tem ir-posto absolutamente ao respeito e á admiração de todos.

Manifesto dos Estudantes da Universidade de Coimbra 1862-1863

O sr. João Franco parece acreditar que só agora a academia tem a coragem de protestar contra as deciddes do fóro academico e atribue essa feliz mudança á acção actual dos republicanos.

Acreditamos que assim o julgou sinceramente.

O sr. João Franco é de bem reconhecida ignorancia para admitir-se facilmente e de boa fé que não o saiba.

O sr. João Franco ignora a existencia de centros democraticos em Coimbra em epoca anterior a estes ultimos tres annos.

O sr. João Franco passou á sua vida academica sem dar pelos outros e sem ninguem dar por ele.

Foi uma creatura frivola, a quem a liberdade do meio coimbrão não serviu para formar livremente o espirito; mas para deixar medrar e crescer á vontade nas fañhanas noturnas do corte de cabelo e da caça aos gatos os naturaes instintos de perversidade.

Do que diziam os livros, do que pensavam os homens da sua geração, não quiz saber o sr. João Franco que se conservou ignorante, atrevido e mau, como então.

Publicando hoje o manifesto dos estudantes da Universidade de Coimbra de 1862 a 1863, documento ignorado de muitos e que é uma das mais gloriosas paginas da historia academica, faremos sentir que é o mesmo grito de agora, na voz genial de Antero do Quental, um filho da Universidade que até á ultima hora honrou as palavras de fé que proferiu no ardor primeiro da sua mocidade.

Ao Governo, aos homens desinteressados e liberaes desta terra, vamos dar razão do nosso procedimento. Oigam-nos. Pedimos um quarto de hora de atenção: não é muito que ao prazer e ao interesse se roubem alguns minutos para atender á voz da mocidade de um paiz. Essa voz parte d'alma: é a voz da eterna justiça.

Todo o facto pede uma explicação. Se o acontecimento é grave, graves devem ser os motivos que o produziram; e, mais que ninguem, homens novos, quando deliberam, podem sim enganar-se, mas a intenção é sempre generosa e nobre.

Pergunta-se hoje em Coimbra, pergunta-se por todo o paiz: — Que querem os Estudantes da Universidade de Coimbra? Que significa a evacuação da sala dos Capelos no dia 8 de dezembro de 1862? Que protesto é esse dum corporação contra o seu chefe?

Os Estudantes não são meia duzia de crianças turbulentas que, numas horas de galhofa, se combinem para pregar uma peça engraçada; tantos homens não se entendem, como um bando de rapazes de escola, só com o fim de se divertirem á custa de uma coisa muito seria. Não foi, pois, o prurido da infancia o motor daquêlle acontecimento. Esta hipótese nem se discute. O bom senso da nação regeita a como uma offensa feita a si mesma na pessoa dos seus melhores filhos.

Os Estudantes não são, tão pouco, instrumentos cegos de vinganças pessoais, trabalhando á luz do dia, mas movidos por um braço occulto na sombra. São instrumentos sim, mas da propria causa. O braço que os impelle não vem de cima, nem vem de baixo o impulso que os leva. Escutam a voz da consciencia e obram.

Os Estudantes não são discolos, amotinadores, faciosos ou assassinos. Pois o leite que se bebe no seio das mães transformar-se-ia em veneno ao primeiro sorvo do ar de Coimbra? Pois estaria tão gangrenado este paiz que o seu coração — um coração de vinte annos — só abrigue odios e trevas? orgulho e miseria? Pois será esta a esperança do futuro? Ah! a nação tambem é mãe; não pode caluniar seus filhos.

Á evacuação da sala dos Capelos no dia 8 de dezembro de 1862, o protesto da Academia contra o Reitor da Universidade deve, como todo o facto, ter um motivo e um fim. Partido de uma corporação onde o paiz reconhece o melhor, o mais puro de seu sangue, deve, mais que nenhum, ter um motivo justo, um fim grave e elevado.

Os que sobre nós lançam o estigma

de amotinadores são esses os primeiros a reconhecê-lo. Pois se assim não fosse, se contra si não temessem a justiça da nossa causa, com que motivo adulterar os factos para depois os combater? Quem calunia, quem cria um fantasma para ter a esteril gloria de o derrubar ante os olhos do paiz, é que teme lutar a verdade, se confessasse.

Porque os factos foram adulterados. Debaixo da capa do anonimo fomos caluniados por cobardes que á luz do dia não se atrevem a dar com o seu nome garantia ás suas palavras. Julgou a boa fé dos nossos vinte annos que em questão tão grave sobrenadaria a justiça e a verdade acima da onda lamacenta do interesse pessoal, da calunia, das misérias dum ou doutra facção.

Foi ainda um engano. A boa fé do jornalismo do paiz foi tambem ludibriada. Quizeram desacredita-lo, desacreditando-nos, fazendo-lhe repetir o que a malevolencia de algum lhe segredou em hora de estulta inspiração.

Como homens, filhos desta epoca de liberdade, lamentamos que uma instituição que amamos, porque é a educadora dos povos, a mãe das nações livres, que a imprensa fosse enganada por falsos informadores e, ainda sem o querer, mentisse uma vez á sua missão. Mas, como membros de uma corporação, é do nosso dever, é da nossa honra aceitar a luva que nos lançam e esclarecer a opinião, salvando desta injustiça a imprensa portuguesa.

Os Estudantes saíram da sala dos Capelos, mas não saíram amotinados. Viraram somente costas a um homem que não amam nem respeitam, porque se não sabe fazer nem respeitado nem amado. Ficar é que seria crime porque fôra uma baixeza.

Os Estudantes, reunidos no terreiro da Universidade, deram vivas á independencia, vivas á liberdade, mas não tumultuaram, não se revolucionaram, não deram morras, não pediram a cabeça de ninguem; porque os Estudantes sabem que a cabeça de qualquer homem é sagrada, porque nossas mães não nos ensinaram a solettrar em seus olhos a religião do amor, para nós virtuosos aqui transformarmos-nos em bandidos e homicidas e a essa religião transformá-la em lei de morte.

A nós córar-nos-iam as faces de vergonha por este povo, se em Portugal um só homem ousasse tal acreditar.

Não se pedia a morte de ninguem, não se perturbou um acto soléne com vozes nem tumultos. Evacuou-se uma sala com o socego que tal evacuação comporta. Depois — fóra, no meio da

praça — deram-se vivas á liberdade por que não sabiamos ainda aqui que esta palavra tivesse sido riscada, por ordem do Geral dos jesuitas, do dicionario politico desta nação.

Que infamia cometeram os estudantes da Universidade, saindo dum sala onde não podiam ficar, sob pena de ouvirem cousas desagradaveis para o seu brio, da boca de um homem que se compraz em os amesquinhar?

Que crime cometeram, num paiz liberal, os filhos dos homens do Miodelo, dando vivas á liberdade?

Sabemos manifestar-nos contra uma autoridade, nos limites da ordem e da lei. Ordem e lei, em terra de livres, não são circulo tão estreito que se não possa dar um passo sem lhes sair logo da periferia.

E' esta a verdade. Para a restabelecer temos ainda voz que se erga, fale e se escute em todos os angulos desta terra. Falamos; que nos oiça a nação: que a nação são nossos paes, são nossas mães, é o coração de nossas familias, e aos vinte annos não se aprendeu ainda a linguagem da mentira para falar a um paiz e a uma mãe.

A verdade é esta. Que se levante algum e, arrojando a mascara vil do anonimo, se atreva a desmentir-nos!

Eis o facto. Agora os motivos dele. Que tem o Reitor da Universidade que mereça tal desaprovção?

Respondam por nós os jornaes do paiz que, ha tres annos, não cessam de registrar em suas colunas factos sobre factos, iniquidades e misérias. Respondam as representações, os pedidos de justiça, que cada acto seu tem promovido. Responda o corpo catedratico, apoia-lo. Responda a retidão de nossas intenções, — de nós, que o acusamos, que somos moços, e não erguemos a voz contra um homem sem razão, sem muita razão.

Póde supôr-se que o corpo docente da Universidade, que devemos julgar prudente e ilustrado; que a mocidade portuguesa, que abriga no coração tanta retidão e justiça; que o jornalismo, éco da opinião publica; que sciencia nobreza de intenções, prudencia e illustração; que tanta gente, e da melhor, em tão diversos sitios, sem se passarem palavra, sem um fim qualquer, se conspire e combine contra um homem, o acuse e guerreie... e que esse homem não tenha dado motivo a esta declaração de guerra? Póde supôr-se isto?

Se assim fosse, se a nação supozesse tal do que tem melhor em si... que ideia formaríamos então da opinião publica, da moral deste paiz?

E' uma hipótese que se não discute. Estranho caso, em verdade, é encontrar na historia o facto de um homem grande, menosprezado, acusado injustamente por tudo quanto tem em si de melhor uma nação. Será o Reitor da Universidade o Colombo que nós todos desconhecemos?... Que lhe responde a consciencia.

Mas não é só contra o Reitor, o sr. Doutor Basilio Alberto de Sousa Pinto, que nos manifestamos, contra a autoridade que não cumpre o seu dever de justiça, o primeiro e unico que lhe impõe o seu cargo. Ha aqui mais alguma cousa, e alguma cousa peor. Gememos sobre o jugo de uma legislação iniqua, porque é velha; necessariamente injusta, porque é confusa. Cumpre ao Reitor adoçar-lhe o rigor, e, no meio da liberdade que tal confusão lhe dá, escolher sempre em harmonia com a ideia do seculo, que é a Justiça.

E' isso que ele não compreende; é isso que ele não quer; e é contra isto que nós protestamos.

Se uma vez não applica a lei, se muitas vezes é o arbitrio o seu unico código, é isto mau. Mas quando trata de a cumprir, quando é justo como executor da lei, porque se escuda com ela, incarnar em si todo o rigor da velha instituição, tirar-lhe as ultimas consequências, ter na sua mão uma espada,

e, podendo escolher entre o game e as costas, preferir o game... isto é pior, porque isto é pessimista.

A manifestação contra o Reitor da Universidade é também protesto contra a iniquidade da legislação atrasada de tres seculos, porque este Reitor simboliza todo o rigor dessa lei, porque consubstancia em si tudo quanto ha de mau na instituição.

A lei pesa sobre nossas cabeças com o peso de muitos annos, mas o Reitor carrega ainda, com todo o peso da sua mão, sobre o já enorme da lei, e quer-nos esmagar sob a pressão imensa dos annos e do rigor ainda.

Um e outro jugo nos é odioso; contra ambos protestamos.

O Reitor que deu lugar a vermos, em toda a sua lealdade, a injustiça da instituição, abriu caminho a que, manifestando-nos contra ele, nos manifestássemos contra ella também.

São esses os nossos motivos. E' este o duplo sentido do nosso protesto.

Em quanto ao fim é claro, depois disto qual elle seria.

Substituir a voz dos opprimidos, forte porque parte dum coração torturado a voz da imprensa—essa defensora dos que soffrem, sim, mas que não pode erguer-se tanto, porque não pede em causa propria. O jornal fala, mas como quem discute, perde-se elle a voz no meio do tumultuar de muitos interesses que por ali se agitam.

Nos falamos, com o brado dos opprimidos, que todos escutam, que todos devem escutar, porque ninguém negará aos filhos dos heroes do Mindelo e do Porto, ainda palidos pelo sangue que seus paes perderam, regando a arvore da liberdade, ninguém lhes negará, nesta terra de Portugal, o direito de pedir que lhes aliviem o jugo dum lei de opressão e espionagem, que corrompe porque rebaixa e envideta; uma lei velha de seculos, que aqui se escondo temendo a luz da nossa era, a luz do progresso; uma lei que viu e tratou os jesuitas e o poder absoluto; uma lei contemporanea da Inquisição!

Que querem, pois, os Estudantes da Universidade de Coimbra? Vamos responder a esta ultima pergunta.

Os Estudantes querem a reforma d'um processo inquisitorial; garantias de justiça; que se seja julgado e condemnado em estado livre e não como relapso fugido aos carcereiros do Santo Officio; que a egualdade perante a lei seja uma realidade aqui e não risivel fantasmagoria; que nos julguem homens desapaixonados e não os que mais estão no declive escorregadio das vingancas; que se distingua entre sciencia e costumes, e acabe por uma vez essa pena infamante que, com um traço negro de tinta, mata a reputação, o futuro de uma vida em começo, quando, muitas vezes também, não mata o coração de uma familia.

Que querem os Estudantes da Universidade? Que se indague tudo da sciencia, que é patrimonio de todos, e nada da vida particular, que é assim individual e inviolável; que por detraz da cadeia do ensino se não lobrigue o olho do esbirro; que se faça progredir a sciencia, e se deixe a moral desenvolver-se por si.

Que querem os Estudantes da Universidade? Justiça! Um olhar de respeito para Portugal velho que por todos os lados se remooça e só teima em esquecer no friso emmirador da meia idade. Quem? os melhores de seus filhos!

Justiça! Um raio de sol também para nós, desse sol de liberdade e progresso que luz para todo o seculo e só a nós nos deixa nas trevas do passado. Um lugar no banquete das garantias liberaes, que nos é devido, porque essa liberdade custou o sangue de nossos paes, o nosso sangue!

Garantias para quem quer ser livre, digno e justo; auxilio a estes escravos que querem, um dia, ser homens e cidadãos.

Antero do Quental.

Objetos perdidos

No Commissariado de policia estão depositados e serão entregues a quem mostrar pertencerem-lhe, os seguintes objetos de ouro: uma pulseira, um anel, uma argola e dois boites, sendo um de punho e outro de peito.

Estão também em deposito umas contas com uma cruz de madreperola, entastoadas em preto.

Dr. Bernardino Machado

Este nosso presado mestre e amigo dirigiu aos academicos promotores do comicio de domingo no Ateneu Commercial de Lisboa, a carta que transcreyemos, com tanto mais prazer que a linguagem simples e verdadeira do sr. dr. Bernardino Machado, forma um contraste frisante com as falsas insinuações e as calunias vis que contra o prestigio democratica vomita slusivamente nos seus jornaes o sr. João Franco:

Meus amigos:—Estou sempre no meu posto em defesa da Universidade, e tanto dos seus discipulos como dos seus mestres.

Quando o atual presidente do conselho, ministro do reino então como agora, preferiu os direitos do lento Alves Moreira, fui eu que instei porque a Universidade, em claustrro pleno, verberasse semelhante atentado, e só eu tirei delle deslorço por todo o corpo docente, opondo-lhe o meu protesto solene na sala dos capelos. Assim tenho testemunhado em todos os lances a minha fiel camaradagem nos meus colegas. Uma ocasião, para defender dois deles aleivosamente accusados, cheguei a arriscar a simpatia da população de Coimbra para comigo e a ver voltados contra mim mesmo varios outros colegas. Mas defendi-os atrevez de tudo e de todos até ao provar por completo a sua inocencia.

Na sessão da abertura das aulas em que, pela segunda vez, profiri a oração chamada de sapiencia, as novas doutrinas que sustentei, foram officialmente contestadas pelo vice-reitor. A sua apologia da ditadura irritou muito gente, sobretudo, é claro, ao partido republicano. Pois escrevi aos jornalistas meus correligionarios para que, combatendo-o, não confundissem com elle a Universidade, onde, dia dia, apesar de todos os factos em contrario, a corrente liberal engrssa irresistivelmente.

Mas, se pugno pela justiça de todos, professores e alunos, e pela honra e decoro da Universidade, não ha duvida que aos estudantes devo uma defeza paternal a que eston comprometido pela propria ação educativa que procuro sempre exercer sobre eles, aconselhando-os, ralhando-lhos, e, permitam-me eles diz-lo, mesmo castigando-os.

Ainda agora, ao rebertar desta controvérsia, aconselhei a não deixarem nenhuns dos seus companheiros desactuar nem a Universidade nem os seus mestres. Não ha muito os increphei por haverem dirigido ao reitor um requerimento cruel, precisamente contra o lento vice-reitor que impugnara tão acerbamente a minha oração insingular. E eston sempre a recomendar-lhes que se preservem das intemperanças de linguagem. Por causa de que referencias inflamadas e irreverentes demais, imaginario os monarchicos que eu, revolucionario, como elles aprogam, incitador de revoltas, como hontem me chamou o presidente do conselho, obstei a que fosse reproduzido na integra pela imprensa de meu partido um manifesto academico contra a expulsão parlamentar dos deputados republicanos?

Por isso, se, como disse, tenho a obrigação, tenho também o direito e talvez a autoridade para intervir pilos estudantes junto dos professores e dos politicos publicos, quando estes são injustamente tratados. E' lo, estando o processo do atual conflito universitario no poder do conselho de decanos, logo que os officios da reitoria a alguns estudantes me inspiraram receio de desmoderados rigores. Protestei contra a confusão da solidariedade de todos no movimento de reforma com a cumplicidade colectiva nos desmandos individuaes dum ou doutro, pondo mesmo na balança o peso, embora diminuto, dos meus serviços. Infelizmente nada conseguí: o conselho de decanos levou ao cabo o seu deploravel proposito, condemnando 7 estudantes a expulsão como cabeças de motim.

Sem desnaturalizar a questão, eu tenho portanto agora de reclamar do governo que a resolva.

Em 1902, fez a academia na sala dos capelos uma manifestação tumultuaria de hostilidade ao bispo do Porto e aos membros do corpo docente que lhes eram mais adictos. Fechou-se a Universidade. E, ao apurarem as responsabilidades, todos os estudantes se declararam solidarios na manifestação, não porque não venerassem naquella proclamação o missionario Barroso, apostolo da civilização o padre patriota, mas porque não poderiam tolerar que se pretendesse, festejando-o então, consagrar na Universidade a reueção, de que elle acabava de ser o porta-estandarte, ao levar ao pago a mensagem dos bispos em

favor das ordens religiosas. Como foi que, dessa vez, se castigaram os manifestantes? Publicando no decreto de reobertura das aulas uma admoestação a toda a academia.

No caso presente, os desactos, se os houve, foram exclusivamente individuaes; e não só a academia não foi solidaria nelles, mas repudiou-os formalmente em assembleia geral, de modo que bem se pôde dizer que os seus autores ficaram logo punidos. Apesar d'isso, inventaram-se investigadores desses excessos para se expulsarem da Universidade por um e dois annos. Não pôde ser!

Não quero fazer desta questão uma questão politica, muito menos no sentido irritante da palavra. O governo, proclamando que não se derogará a sentença do conselho de decanos, é que a está fazendo, porque torna necessaria para a solução della a sua queda.

Não temo! Seja logico consigo. Ha pouco ainda, aconselhou ao moderador a commutação da pena d'expulsão d'um aluno, que o conselho de decanos condemnara também por agravos aos seus lentes, em 8 dias de reclusão na cadeia academica. Mais obrigado está moralmente agora a submeter o processo a revisão do conselho superior d'instancia publica; e, se não houver meio de anular a sentença, recomende egual commutação de pena. E, meus amigos, levem a sua solidariedade ao ponto de pagarem uns pesos outros.

Liquidados sem rigores odiosos os desmandos individuaes dos estudantes, que resta para se restabelecer da normalidade das aulas e, com ella, as relações entre mestres e discipulos? Que vão trabalhar juntos, até na reforma do ensino e da disciplina na propria Universidade. Nomeie ella para este fim uma comissão de lentes, com a clausula de ouvirem um estudante delegado, eleito pela academia em cada Faculdade. E assim tudo resoerará, creio.

Senão, a violencia legal do poder responde a Academia com a resistencia legal. Não vá ninguém ás aulas. E' o seu direito. O ensino superior não é, nem pôde ser obrigatorio. Refere o grande professor da Faculdade de Direito, Ovelho da Rocha, citando a cronica dos godos, que eles tinham tal ciume pela liberdade, que não aprovavam que se dessem mestres aos principes, com receio de que o medo e o respeito lhes fizesse perder a coragem. Penso também que, á custa da sua intemperancia e dignidade, nenhum rapaz deve casar uma aula. Ou ensino liberal do nosso tempo, ou antes nenhum. Se haviam só mais tarde de servir a nação, começariam desde já a prestar-lhe o seu contingente, trabalhando, dando lições com o que já sabem, e sobretudo sacrificando-se nobremente para fazer d'ella uma nação d'homens livres.

E animo! que não de vencer na sua generosa campanha. Os nossos adversarios, alarmados, gritam que a sua agitação pelas legitimas reivindicaciones é obra dum partido, dum homem. Como se enganam tão cegamente! E' a obra de forças bem mais potentes. E' a sociedade portugueza que avança. Contem, pois, com o seu firme apoio.

Mando-lhes essa copia do parte dum carta que hontem recebi dum dos nossos bons parcosos.

«Sr... Pelo relato dos jornaes é-me tão simpática a attitude de v. nos acontecimentos de Coimbra, que, vendo-o collocar os deuses dos bons principes em beneficio dos pequenos, os estudantes, não posso conter o meu aplauso sincero nem esconder a v. a melhor parte dos afectos do meu coração agradecido. Não tenho em Coimbra estudantes da familia, tenho apenas dois filhos do meu amigo dr. F., que foram meus commensas. Interpretando, pois, os sentimentos desses dois amigos, venho por mim e por eles testemunhar a v. a minha admiração e o mais subido reconhecimento.— De v.— O abade F.— 3 4 907.

Eis o que se ganha em defender uma causa justa. E, como vêem, meus amigos, nesta nossa solidariedade eu é que sou já

Seu devedor muito obrigado,
Bernardino Machado.

Nomeação

Vae ser nomeado capitão de primeira classe por contar dez annos de exercicio deste posto o sr. Julio de Souza Pereira Girão, de infantaria 23.

Teve 30 dias de licença o sr. A. Cardoso Paes, primeiro aspirante da repartição de fazenda de Coimbra,

Responsabilidades

De quem as responsabilidades do conflito?

Do governo e exclusivamente do governo, que mais uma vez se mostrou traidor aos principios que clama em alta voz.

Por toda a parte, mal rebentou o conflito, se levantou a opinião publica pedindo indulgencia para os abusos que facilmente se explicavam e desculpavam em motivos academicos, pedindo mesmo que se reabrissem as aulas e que todos fossem admitidos sem suieitar nenhum a um vexame.

Isto se disse, isto se escreveu durante longos dias, enquanto o sr. João Franco se conservava intrasigente, atribuindo aos factos importancia que não tinham, desnaturando-lhes a significação, impondo-se ao tribunal julgador para exigir uma sentença que não estava no animo do publico.

Durante este longo periodo nada se fez, nem da parte do sr. João Franco, nem da parte das autoridades academicas por elle inspiradas, para encontrar uma solução rapida a um estado de coisas que não podia protelar-se sem prejuizo grave, não digo já para a cidade, mas para o ensino.

Enquanto por toda a parte se levantam vozes de simpatia a favor da causa dos estudantes, o governo manda ativar processos e os seus orgaos officiosos pretendem fazer passar como demonstrado que o sentimento generoso que levantou a academia contra as normas velhas de ensino que a faculdade de direito mantem em prejuizo do ensino e do credito universitario que se não mede nem em processos nem em orientação scientifica pelo que se ministra em outras faculdades, é completamente estranho a influenciaes academicas.

Por toda a parte se levantam contra a faculdade de direito todas as vozes, o credito e a honra da faculdade é arrastada pela lama, o ensino é ridicularizado, soltam-se as mais amargas vaias contra os professores que são apresentados em toda a imprensa num pim-pam-pum grotesco.

O que faz a Faculdade? Defende-se? Aparece alguem a escrever, levanta-se alguma voz a protestar nas assembleias publicas onde a honra e o credito da faculdade é diariamente enxovalhado?

Não! A Universidade tem preocupação maior. O que a encomoda não é a voz dos pensadores, nem sempre bem conhecedores do seu ensino. O que a preoccupa não é a voz da imprensa que reclama della a prova de que dirige o seu ensino dominada pelo espirito moderno.

A faculdade de Direito não se reunia para repelir o ataque. Porquê? Os lentes vêem-se tanto em Coimbra...

Não! A faculdade tem preocupação maior—organizar processos. Os lentes vêem a Coimbra conferenciar sobre a satisfação a tomar não dos que conscientemente, com autoridade, lhe criticam publicamente os seus processos de ensino, a sua orientação, mas para tratar do castigo a impor a quem, no uso de um direito, se revoltou contra um ensino velho e esteril.

Não os preoccupam as vozes dos pedagogistas que os censuram; o que os traz inquietos é o castigo a dar aos discipulos, castigo exemplar, que se imponha...

Que importa o que dizem os que com idade e experiencia vieram pôr-se ao lado dos novos, perfilhando a sua causa?

O que o ensino reclama é o castigo. A faculdade é insultada. Conferentes de todas as classes atiram-lhe os maiores insultos. A faculdade prepara a sua defeza; organisa o processo academico.

Reune-se. Nomeou um delegado, uma comissão que a defenda?

Não, a faculdade reuniu para nomear o inquiridor e o promotor do processo academico. Com esta droga estava limpo o credito universitario!

O governo longe de se opôr a desviar tal auxilio; porque o chefe do governo é um nulo bacharel em direito, a quem o respeito pelo saber veio no fim da vida.

No seio da faculdade levantam-se duvidas, criam-se partidos, ha uma corrente contraria a odios e perseguicões,

O governo favorece este movimento generoso tão de acordo com o modo de pensar e sentir geral?

Não! O governo intervem; resolve todas as difficuldades; nomeia-se o inquiridor e promotor; o processo organisa-se.

Está salvo o credito do ensino! Crescem as conferencias, avulta o escandalo universitario, accentua-se o descredito universitario.

Fala alguem? Todos olham ansiosos a Universidade, em azafama de dia, iluminada de noite.

Que será? Sairá triunfante a resposta a ataques tão violentos?

O que faz a Universidade? A Universidade informa solicita: o processo está a organisar-se, a faculdade vae tirar um desforço brilhante, o processo está quasi terminado, vae reunir o conselho dos decanos...

E enquanto a Universidade é insultada sem se ouvir uma voz repellido o ataque que é violento, perigoso, mas que facil seria evitar ou vencer, a Universidade passa longos dias a escolher republicanos para imolar aos odios do sr. João Franco, na submissão rasteira ao governo que tem sido a caracteristica da administração universitaria, e a causa verdadeira da crise em que a Universidade se debate.

O que era necessario não era mostrar o valor proprio na defeza da propria causa tão insistentemente atacada, o que era necessario era fazer processos!

O que era necessario era castigar, manter a disciplina, por forma a evitar greves futuras.

Santa ingenuidade! A greve é uma forma de protestar que o direito moderno garante.

A greve é um direito social. Não seria uma sentença academica que a impediria. A greve apareceu e hade aparecer mais vezes como uma forma legal de protesto.

Aparece aqui, como aparece lá fóra. Menos vezes aqui do que lá fóra, porque nós vamos sempre na cauda do movimento social.

E a greve aparecerá tanto mais dominadoramente, quanto mais fortemente se formar a consciencia colectiva das classes.

Não é com uma sentença injusta que se vence nas consciencias uma causa.

Não será o espantallo de cinco venerandas reliquias de um passado boforento que deterá os que caminham afoitamente pela vida com a coragem e a altivez da propria dignidade.

Roubo

Na segunda feira, quando pela volta do meio dia a sr.ª Joaquina Augusta, moradora na Volta do Salgueiral, regressava do rio a sua casa, encontrou a porta arrombada, reconhecendo que tinha soffrido o roubo importante de uma grande quantidade de peças de roupas.

A sr.ª Joaquina Augusta, que se queixou na 2.ª esquadra, poude ainda ver o gatuino, que apenas a viu, se poz imediatamente em fuga, não lhe sendo possível conhece-lo.

Foi demetido do lugar de distribuidor supra da estação telegrapho postal de Coimbra, o sr. Acacio Matos.

O sacristão da capela de Pousada encontrou na terça-feira, ao entrar na sacristia, o cadaver de uma creança embrulhada numa toalha de linho, com uma camisita e manteo vestido, e em parte devorado já pelos vermes.

Parece ter sido deixado para a sacristia por uma fresta. O pequenino cadaver deu hoje entrada na morgue.

Directorio do Partido Republicano

O Directorio do Partido Republicano, para a boa regularização dos seus trabalhos, pede a todas as commissões e agremiaciones republicanas, que ainda não tenham participado a sua constituição, a fineza de lha participarem, a fim de serem inscritas nos livros respetivos.

O secretario do Directorio, **Antonio José d'Almeida,**

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontram-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.

Dóces de fructa de diversas qualidades, secos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especialmente sendo os de folhado.

Galantines diversos. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauçes. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos productos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal afétua seguros postaes, para todas as cabeças de districtos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas
Coimbra

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguezes, á venda na

Mercearia LUSITANA
(Depósito unico em Coimbra)

Estab. Ind. Pharm. "Souza Soares,"

(NO BRAZIL E NA EUROPA)

Devidamente legalizado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.ª classe e cinco medalhas de Ouro, na America do Norte, França e Brazil, pela perfeita manipulação e efficacia dos seus productos medicinaes:



PEITORAL DE CAMBARÁ

(Registado)

Cura prompta e radicalmente as tosses ou rouquidões;
Cura a laringite;
Cura perfeitamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou asthmatica;
Cura a tísica pulmonar, como o provam numerosos attestados medicos e particulares;
Cura incontestavelmente a asthma, molestia difficil de ser debellada por outros meios;
Cura admiravelmente a coqueluche, e, pelo seu gosto agradável, é appetido pelas creanças.
Frasco, 1\$000 réis; 3 frascos, 2\$700 réis.

PASTILHAS DA VIDA

(Registado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as nauseas e vomitos, o enjô do mar, o mau halito, a flatulencia e a dilatação do estomago. São de grande efficacia nas molestias do utero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue.
Caixa, 600 réis; 6 caixas, 3\$240 réis.

36 Remedios Especificos em pilulas saccharinas

(Registados)

Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade:
Febres em geral;
Molestias nervosas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos orgaos urinaes;
Molestias das senhoras e das creanças;
Dóres em geral;
Inflammações e congestões;
Impurezas do sangue;
Fraqueza e suas consequencias.
Frasco, 500 réis; 6 frascos, 2\$700 réis.

Consultem o livro — O Novo Medico — pelo Visconde Souza Soares, á venda nos depositos dos remedios do auctor. Preço: brochado 200 réis, encadernado 500 réis.

Medicamentos homeopaticos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos

1 Tubo com globulos 200 réis; duzia 2\$160.
2 Frasco com tintura 3.ª ou 5.ª 400 réis; duzia 4\$320.
1 Dito com trituração 3.ª 700 réis; duzia 7\$560.
Vede os preços correntes, o Auxilio Homeopatico ou O Medico de Casa e a Nova Guia Homeopatica, pelo Visconde Souza Soares.

Estes productos vendem-se em Coimbra na drogaria de Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges, 36.
Deposito geral em Portugal — Porto, rua Santa Catharina, 1503.

Aviso importante

O Estabelecimento tem medico habilitado, encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por escripto, sobre o tratamento e applicação dos remedios.

Os armazens GRANDELA & C.ª

RUA DO OURO, 115 — LISBOA

mandam catalogos e amostras do seu colossal sortimento a quem as pedir.

Vendem para as provincias pelos mesmos preços que para Lisboa

Pagam o porte das encomendas cuja factura pode ser satisfeita no correio na occasião de as receberem

Mandam amostras a todos que as pedirem para que as confrontem com as das outras casas.

Não têm agentes em parte alguma, tratam todos os seus negocios directamente com o publico de todo o paiz, e é por isso que vendem mais barato que ninguem.

O catalogo geral de verão com 116 paginas e 1050 gravuras é enviado de graça a quem o pedir a

Grandela & C.ª

Rua do Ouro, 115 — LISBOA

CASA MEMORIA

SUGURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Lús, 1
Praça 8 de Maio, 10

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas máquinhas de costura *Memória*. Têm todos os modêllos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinhas usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e compram-se pianos usados.

Á sempre quantidades de piano para alugar.

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a

MERCEARIA LUSITANA

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUSITANA

Machinas fallantes

Deposito completo de aparelhos das principaes marcas e para todos os preços a partir de 14\$000

Variada collecção de discos e cylindros com musicas e cantos executados pelos mais notaveis artistas.

Vendas pelos preços de Lisboa e Porto.

Depositarios da *Companhia de Gramophone*, da *Edison National Phonograph*, C.ª de *New York*, e dos *Grandophones «Odeon»*.

TELLES & C.ª

R. Ferreira Borges, 152, 1.ª
COIMBRA

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital --- 200.000\$000 réis

Séde em Lisboa — PRAÇA DO DUQUE DA TERCEIRA, 41, 1.ª

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mixtos, Praso Fixo, Combinados e Supervivencia, com ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitales differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Seguros operarios a 20 réis semanaes

Para informações e tarifas dirigir-se ao agente em COIMBRA:

JOÃO GOMES MOREIRA — R. FERREIRA BORGES

CAÇADORES

O mais importante estabelecimento de espingardas, carabinas, rewolveres e munições, é o de JOAO GOMES MOREIRA, rua de Ferreira Borges — Coimbra — Sucursal na Figueira da Foz (em frente ao Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

Espingardas Ideaes — da manufatura de Saint-Etienne, Galand Elite, Francesa, Francotts, Remington, Bernard, manufatura Liegeais
Carabinas — La Francott, Popular, Winchester, Colts, etc.
Rewolveres — Galand, Saint-Etienne, Smitt Werson, Vello Doges, etc., etc.
Pistolas — Mauzer, Browing, Gaulcis, etc., etc.

Munições de todos os calibres e qualidades

Mandam-se vir armas de qualquer fabricante, como por exemplo: Holland & Holland, Puy, Diehrssen, Grecur, etc.

PAPELARIA CENTRAL

Rua Visconde da Luz — Coimbra

Pianos GAVEAU

Recebidos directamente de Paris, vendem-se nesta casa pelos preços da fabrica e recebem-se pianos em troca. — pedir catalogos e condições de venda.

Um completo sortimento d'aparelhos e todo o material preciso para a fotografia, que recebe dos principaes fabricantes e vende pelos preços mais baratos.

Grande edição de bilhetes postaes illustrados

De Coimbra, Vizeu, Aveiro, Castelo Branco, Covilhã, Amarante, Beja, Mirandela, Serra d'Estrela, etc.

Papelaria Borges

COIMBRA

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGURO

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.ª

Tomam-se seguros de predios mobiliarios e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Repara... Lê...
Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgaos respiratorios.

Se atenuão sempre, e curão as mais das vezes com o uso dos *Sacharolides d'alcairão*, compostos (*Rebuçados Milagrosos*) onde os efeitos maravilhosos do alcairão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar efficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacharolides d'alcairão*, compostos (*Rebuçados Milagrosos*) são confirmados, não só por milhares de possôas que os têm usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

CASA COIMBRA

Fornecedora da Casa Real

Visitem este estabelecimento e verão V. Ex.ª que ha vantagem.

Generos alimenticios das mais finas qualidades, em concorrencia de preços com as cooperativas.

Vinho de meza e de Amarante, qualidades e preços sem competencia.

Distribuição aos domicilios, sem aumento de preço.

«RESISTENCIA»

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

Brasil e Africa, anno..... 3\$600
Lhas adjacentes, »..... 3\$000

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto 50%.

Comunicados, cada linha..... 40
Réclames, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTENCIA

Orgão do Partido Republicano de Coimbra

DIRETOR

Dr. Teixeira de Carvalho

Redacção e administração
CENTRO REPUBLICANO JOSE FALCÃO

Largo da Freiria, 5

Editor e administrador

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Officina tipográfica

Rua da Moeda, 12 e 13 — Rua Direita, 9, 11 e 13

N.º 1198

COIMBRA — Domingo, 14 de abril de 1907

13.º ANNO

O ENSINO

O problema do ensino era para o sr. João Franco uma questão de ordem publica apenas.

E assim devia logicamente ser, se alguém quizesse ver apparencia de logica nas afirmações incoherentes do illustre estadista, chamemos-lhe assim, salvo o respeito devido á significação das palavras que tão desvirtuada anda na nossa lingua.

Para o sr. João Franco o ensino superior era modelar em Portugal.

Assim o affirmára com insistencia singular em mais de um documento da sua administração.

Em Portugal, havia ensino superior e só ensino superior, dizia o sr. João Franco.

Em Portugal havia só uma categoria de funcionarios dignos de respeito, — os professores dos cursos superiores — dizia o sr. João Franco na admiração feticista e respeitosa de gente ignorante pela letra redonda.

O ensino superior era em Portugal uma maravilha.

E o sr. João Franco apresentava até como coisa para ser muito admirada o ter entregado a educação de seu filho aos professores da faculdade de Direito.

E era, na verdade, para admirar, em outro que não o sr. João Franco, que quem possuía avultados bens de fortuna e tinha tido em viagem occasião de ver o organismo maravilhoso do ensino no estrangeiro, que quem tinha aspirações e podia dar a seu filho fora do paiz uma educação superior, o deixasse debater no mediocre ensino publico portuguez.

E, se nesta afirmação incluímos a Universidade, dela não excluímos tambem nenhun dos outros institutos scientificos do paiz.

A instrução em Portugal é viciosa e deficiente, em Coimbra e fóra de Coimbra.

No que afirmámos não fazemos mais que repetir os queixumes constantes dos professores mais inteligentes e devotados ao ensino, que têm visto as suas reclamações sempre despresadas pela serenidade Augusta e superior dos governantes em Portugal.

O ensino é mau; porque se não pôde ensinar sem saber e sem material escolar.

Para ensinar não basta ter a facilidade de encher com frases uma hora de aula, é necessario saber, vontade de ensinar e facultades de ensinar.

É necessario tambem amor ao saber. É isso o que se vê bem pouco nos professores portuguezes que, em Coimbra e fóra, passam a vida a fazer decorar compendios, e a quem nunca ninguem viu abandonar o texto de um livro para se entregar fóra das aulas e dos textos sagrados dos compendios, a observações scientificas, originaes, de orientação propria, num trabalho apaixonado, em

bera sem applicação directa e immediata ao ensino, mas treinde de uma fórma indiscutível amor pelo saber,

Os raros que trabalhão, fóra das suas applicações escolares, são vistos pelos outros com o desdem superior e característico com que o governo ouve tambem as suas reclamações a favor do ensino.

E bem raros são. O criterio diretor do ensino é mesquinho e burocrático.

O governo julga ter satisfeito a todas as reclamações quando cria as cadeiras pedidas, nomeia os professores e aprova e publica os programas das respectivas cadeiras.

Depois, a acção do governo limita-se a exigir, em regulamentos minuciosos, duma impertinencia a transudar ignorancia, que o professor reja com assiduidade, que o aluno não falte.

E julga ter cumprido assim. E nestes pontos o verdadeiramente inexoravel.

A correspondencia dos estabelecimentos de ensino com as estações superiores limita-se a exigir o programa das cadeiras quando o não ha.

Nunca se encontrará em tão vasta correspondencia, cheia de cuidados burocraticos, a pergunta feita pelo governo ao professor, inquirindo se êle tem laboratorios, material de ensino, mobiliario escolar indispensavel.

Em todas as reformas avulta o cuidado com o programa que se quer pomposo e *satisfazendo todas as exigencias do ensino*, e vê-se a desconfiança pelo professor, a duvida sobre o valor das suas notas de aproveitamento escolar, o cuidado pela frequencia do banco que para nada serve, senão para fazer ouvir ao aluno uma pregação dita sonolenta ou sonorosamente, na evocação das resonancias aceitas das aulas portuguezas, preleção que, pelas mesmas sacramentaes e sagradas palavras o aluno recebe á noite, impressa ou litografada, e que no dia immediato repete escrupulosamente, na successão dos mesmos termos e das mesmas frases, e o sorriso beatifico do catechatico que se baba de gôso numa pornografia intelectual revoltante.

O sr. João Franco é, como o resto do paiz, um bacharel, longe de preocupações intellectuales e que, ha muito, vê o paiz ameaçado de uma perturbação de ordem publica, que o ponha no lugar das inutilidades reconhecidas e faça rebentar de vez a bexiga da sua vaidade incuravel.

E' o seu delirio a perturbação da ordem publica, delirio com um nome conhecido, o delirio de perseguição, o mais perigoso dos delirios.

O sr. João Franco nada aprendeu na Universidade, e ainda bem, porque não pôde ser argumento contra ella.

O sr. João Franco cresceu e desenvolveu-se longe da atmosfera do estudo, é um producto artificial da cultura politica em Portugal.

O sr. João Franco deve o que

é, á sua aprendizagem nas secretarias do Estado; o sr. João Franco é um burocrata, com a educação de um burocrata e com todos os seus defeitos.

Faz ensino como faz eleições. Que o ensino seja bom ou mau, pouco lhe importa: o que é necessario é que não embarace o governo.

E nada mais justo, porque o governo se não importa tambem de mais com êle.

Se se levantam difficuldades, o sr. João Franco propõe-se vence-las como se vencem eleições, inventando perturbações de ordem para ter ensejo de as reprimir e para satisfazer odios e ruins paixões.

Desta vez, porém, os caceteiros das eleições não conseguiram fazer-se ouvir, a perturbação da ordem não appareceu, e o problema do ensino levantou-se sem complicações deante do estadista nulo, que se recusou a vê-lo, quando de todo o paiz lhe gritavam que era necessario estudá-lo, urgente resolve-lo.

Dr. Angelo Fonseca

Chegou do norte, aonde fóra em visita ás suas importantes propriedades, este nosso amigo e presumido correligionario.

Boas vindas.

O sr. João Machado está modelando os detalhes do tumulo monumento que vai levantar-se em Lisboa, á memoria de Eduardo Coelho, o bemquerido filho de Coimbra, fundador do *Diario de Noticias*.

O projeto é do arquiteto Machado, autor do belo tumulo do Visconde de Valmor, em Lisboa, e um dos artistas em que a erudição se liga ao espirito mais moderno, numa visão artistica sempre pessoal, sempre original.

A linha do monumento, de grande simplicidade, é accentuada por uma decoração vegetal de eras, em que os troncos são felizmente aproveitados nos caprichos de linhas enredadas, com que a arte moderna fez rejuvenescer o amor de troncos e raizes que tanto se admirava na arquitetura medieval e do começo do renascimento.

Os ferros que servem de guarda e decoração ao tumulo, serão feitos pelo sr. Manuel Pedro, o modesto artista, a cujas obras nos tempos por mais de uma vez referido com o elogio que merecem.

Dr. Antonio José d'Almeida

A *Gazeta das escolas* vai publicar em numero especial o discurso do nosso amigo e illustre deputado republicano dr. Antonio José de Almeida, pronunciado na camera em defeza da instrução popular e dos professores primarios.

Uma comissão de professores primarios procurou o nosso amigo para lhe agradecer a defeza eloquente que fizera dos seus interesses, em tão pouca consideração tidos pelos poderes publicos.

Vieram da relação do Porto, acompanhados por uma força de infantaria 18, comandada por um capitão, vinte e nove presos que deram entrada na penitenciaría.

Foi promovido a medico naval de segunda classe, o nosso patricio sr. dr. Carlos Henriques Lebre, medico naval auxiliar.

Conflicto academico

Não pode demorar-se por muito mais tempo o proposito em que se mantem o sr. João Franco e que tem todo o paiz numa irritação contida, mas bem visivel.

A situação foi creada por o sr. João Franco, só ao sr. João Franco compete resolve-la.

A Universidade acatou as suas ordens, os processos organizaram-se, os castigos deram-se.

O paiz reclamava benevolencia nos castigos, o conselho dos decanos deu a pena maxima.

Os estudantes protestaram contra a injustiça que foi ferir companheiros seus, cúmplices dos mesmos crimes, se os houve, mas não seus auctores unicos e responsaveis.

O protesto não se limita a Coimbra, é perflhado, num exemplo raro de solidariedade pelos estudantes de todo o paiz.

A opinião publica vê o protesto com a simpatia que lhe é justamente devida, aplaude mesmo.

Deante da attitude correta, serena e grave dos estudantes, caem os poucos rancores que desmandos e irreflexões de momento tinham provocado.

Hoje, em todo o paiz, a opinião é de simpatia para os estudantes.

Impõe-se um acto de clemencia que evite que um sacrificio generoso seja esteril.

E' esse o dever educador do governo.

Os estudantes têm sido sujeitos a uma prova terrivel, de que se tiraram consoladoramente para todos.

A greve geral impunha o encerramento das aulas e a instauração dos processos.

Nada disto se fez e os estudantes foram condenados ao suplicio lento de perderem o anno, cadeira a cadeira, com longos dias de provação.

Cumpriram fielmente o dever que lhes impunha o acto inicial do protesto.

Sem uma exaltação, nem um tumulo, os estudantes têm perdido o anno com a serenidade de quem cumpre um dever sagrado.

Em cada consciencia ha uma convicção formada. E cada um se sacrificia aos ditames da sua consciencia.

Não discutam, quasi nem falam do assunto que a todos preoccupa; sorriem, abraçam-se, como se entendessem do seu dever incutir coragem uns aos outros.

O que os estudantes portuguezes estão a fazer é nobre de mais para se não impôr absolutamente a todas as consciencias.

E o paiz inteiro não pode assistir parado, apenas com palavras de simpatia a um sacrificio que se faz sereno e reflexivamente, sem uma palavra de odio, sem um gesto de violencia.

Pelo seu procedimento, sereno e activo, como nunca vimos outro, a academia de Coimbra regastou as inconsiderações de começo.

A generosidade do seu sacrificio impõe-se um acto de clemencia por parte do governo, que deve vir por termo a este estado irritavel do espirito publico, dando uma satisfação á opinião que pede benevolencia.

E não é só a elevação moral do acto de protesto academico que o recommenda a uma solução benevola e pronta, ha tambem interesses multiples de estudantes e familias; ha o interesse tambem da cidade que tem sofrido com um conflito em que não tem responsabilidades de especie alguma, comquanto o tenha acompanhado com manifesta simpatia.

Faca o governo o gesto paternal que não tiveram as justicas universitarias e não fará mais do que atender ao desejo publico.

Cassee o sacrificio academico com a amnistia geral; todos verão com aplauso um acto de benevolencia, bem me-

recido pela attitude grave da academia, sofrendo serenamente um sacrificio demorado, de todos os instantes, deixando os seus interesses por um acto generoso de solidariedade.

O que houve de irrefletido no primeiro movimento têm-o os estudantes feito esquecer pela serenidade com que se sacrificam, e que se impoz, mesmo aos professores, desde o primeiro dia de aulas.

O dever do verdadeiro educador não é descobrir vicios para corrigir, é investigar de impulsos generosos para desenvolver.

Quem sabe educar, sabe bem que é cultivando a virtude que se evita o crime.

Quando um impulso generoso origina uma má acção; louva-se o impulso e não se castiga o acto, a que não pode exigir-se responsabilidade de crime.

Quando actos generosos determinam erros dos filhos, não ha paiz que não tenha um sorriso de perdão.

Se, no principio da vida, as acções determinadas pelos sentimentos bons, os grandes sacrificios sociaes ficam sem incentivo, são mesmo castigados, com que força se formarão as consciencias para lutar mais tarde no sacrificio constante que é a vida social de hoje?

Por uma frase antiga a justiça com escolares tem de inspirar-se no sentimento com que os paes castigam e pedoam os erros dos filhos caros.

As justicas universitarias esqueçam o gesto paternal.

Faca-o o governo.

Todos lho agradecerão.

Ferro forjado

O sr. Lourenço de Almeida está acabando uma grande varanda de ferro batido para as casas que anda construindo no parque de Santa Cruz o nosso amigo, sr. Cassiano Martins Ribeiro.

O desenho, que é tambem do sr. Lourenço de Almeida, é de uma linha elegante, inspirado em motivos decorativos da arte romanica.

A execução simples, o ferro em curvas naturaes, vergado com absoluto respeito e conhecimento de sua materia, tão bella, quando bem utilizada, e toda a obra acusa no sr. Lourenço de Almeida um artista que estuda e tem empenho em avançar sempre, apesar dos seus successos passados que lhe garantiram um logar honroso entre os seus colegas.

O sr. Antonio Heitor, diretor das obras da camera, levantou a planta da igreja de Santiago e está elaborando o projeto de restauração da fachada principal e da que deita para as escadas que pretendo alargar-se agora.

O projeto de restauração não pôde claramente ser definitivo; porque não ha desenhos reproduzindo a igreja, além do conhecido plano do seculo XVI em que os edificios vem indicados por fórma esquematica e claramente sem a pretensão de reproduzir o aspeto que então tinham.

O conselho superior de obras publicas está discutindo o plano da rede ferro viaria, na região correspondente entre o Tejo e o Mondego.

Directorio do Partido Republicano

O Directorio do Partido Republicano, para a boa regulatização dos seus trabalhos, pede a todas as comissões e agremiações republicanas, que ainda não tenham participado a sua constituição, a fineza de lha participarem, a fim de serem inscritas nos livros respectivos.

O secretario do Directorio,
Antonio José d'Almeida,

INSINUAÇÕES

Os republicanos têm sido acusados de ter provocado e dirigido o movimento acadêmico. Desmentimos isso, afirmamos então como hoje, que as manifestações acadêmicas era um fenómeno de consciencia coletiva. Hoje folgamos de ver que se dá razão ás nossas primitivas afirmações e que apenas se deplora o não tê-las tomado na devida conta, porque eram feitas com o proposito de achar uma solução rapida no conflito.

Não pôde na verdade demorar-se mais tempo este estado. Com o tempo a questão não se azedará: os estudantes imprimiram ao seu protesto uma linha de serenidade e altivez que se não desmentirá. Prolongar o conflito para que serve? Apenas para tornar irredutivel a situação, irremediavel o erro. O partido republicano tem, em toda a questão, dado mostras de que tem da politica a verdadeira noção e que se inspira apenas nos interesses sociais. Aplauda a attitude da academia, como todo o paiz, dá-lhe o seu apoio moral e nega que tenha determinado o movimento. E é para aplaudir esta attitude, porque o movimento faria honra ao partido politico que o levantasse e que conseguisse assim congregare tantas vontades, que divididas andavam mais por indiferença do que por odios e ressentimentos. O partido republicano não quer porrem para si, a gloria que lhe viria, aliás facilmente, de interpretação errada dos factos. A corrente geral que sobre o facto se estabelece por todo o paiz e que, nem mesmo as palavras sinceras dos academicos chegaram ainda a fazer desaparecer de todas as consciencias é muito honrosa para o partido republicano, pois indica que o paiz o julga capaz de grandes e generosas acções e lhe atribue a ele só, a acção dominadora que para poderem governar precisam de ter na consciencia da mocidade de um paiz, na vespera da sua entrada na vida publica, os partidos políticos que pretendem dirigir uma nação. A academia determinou-se por si, não obedeceu felizmente a sugestões estranhas. E, felizmente, porque a academia teve sugestões e das peores. Não do partido republicano; mas do proprio governo. Ao governo pertence guiar a mocidade, elogiando lhe as ideias altas e generosas, evitando o aparecimento e o desenvolvimento de principios maus e deletorios. O que devia ter visto, desde o principio o governo na insubordinação academica? Apenas o principio generoso que a motivára e nunca desvios criminosos, logo reprimidos e logo retratados. O que faz o governo? Não viu o principio generoso que reuniu os estudantes, exagerou o valor dos chamados ataques á propriedade dos professores, e gritou vingança contra os insultos. O ataque á propriedade foi apenas iniciado e logo reprimido. Os insultos foram dirigidos a professores que a academia sempre respeitou e cuja attitude tinha elogiado até, nas teses que foram a ocasião d'este movimento. Quem levasse a serio a sua missão de educador insistiria então nos intuirios generosos da academia, censuraria os desmandos e dar-lhes-ia a pena breve que a generosidade da causa naturalmente indicava. Nada disto viu o governo. O governo descobriu logo republicanos e deu ordens para os castigar. Da sublevação academica desaparecia assim a situação generosa que a determinou e ficava a academia como um bando de ingenuos facilmente levados como automatos por anarquistas e republicanos. Esta a ideia que tem do ensino, e da dignidade, da elevação moral do estudante o sr. João Franco. Mas não pára aqui. Deixando perante o paiz a academia de Coimbra nesta situação degradante, o sr. João Franco fez mais; o sr. João Franco tentou preverter a consciencia dos estudantes portuguezes e obrigá-los a abandonar, vilmente, os compa-

neheiros que se imolavam ao simbolo augusto da justiça da retorica patria. Mandaram-se os estudantes para casa e disse se oficialmente aos paes que, se não quizessem perder tempo e dinheiro, convencessem os filhos de que o movimento fôra devido apenas aos republicanos para fins politicos. Veio a sentença academica; apareceram só estudantes republicanos riscados; o sr. João Franco lembrou a lição aos paes, e mostrou como a justiça dera razão ás suas palavras. E, para culmulo da infamia, o sr. João Franco prometeu a benevolencia por acto aos que se submeterem. Houve na verdade sugestões; houve, em todo o conflito academico, sugestões da maior vileza, ditas pelo espirito mais baixo, vergonhosas, indignas de um homem ou de um partido. Houve! Partiram do governo. A academia não lhe obedeceu, resistiu pelo contrario abertamente, levantando-se num belo gesto de dignidade, no mais alto grito de indignação, num abraço sagrado de solidariedade. Honra lhe seja!

Desastre

Caiu, ao entrar para casa, o sr. Artur Pereira da Mota, filho do proprietario do Hotel Central, sofrendo o entorse do braço direito.

Faleceu ontem o sr. Antonio Luiz, fiscal dos hospitales da Universidade. Gosava geraes simpatias.

A um pae

O Jornal do Comercio, elogiando em artigo do fundo de quinta-feira passada o procedimento do sr. capitão Craveiro Lopes, que com risco da propria vida salvou duas mulheres no incendio da rua da Magdalena, em Lisboa, termina com esta evocação:

Academicos em greve! Este é que é o espectáculo educador. Este, e não o que estão oferecendo esses politicos e jornalistas, que não duvidam explorar a ardência e inexperiencia, proprias da vossa invejavel idade, como instrumentos das suas ambições ou dos seus despeitos. E doutra coisa vos podemos dar também a certeza: é que neste momento os paes do joven capitão Craveiro Lopes os sentem um pouco mais felizes e gloriosos... do que os vossos.

Mas, meu caro Eduardo Burnay, é precisamente isso mesmo o que estão fazendo os estudantes.

O seu é, como a acção do capitão Craveiro Lopes, um acto de generosidade e de sacrificio que só admirações e respeito deve provocar, e que só admirações e respeito tem tido.

O que fizeram os academicos? Atirar-se a um incendio para salvarem sete dos seus companheiros que, se não eram absolutamente innocentes, eram pelo menos tão reus como eles.

E atiraram-se corajosamente, desprezando o perigo, sacrificando os seus interesses, sem perderem o respeito a seus paes, porque esse só se perde quando se esquece o sentimento da propria dignidade.

Se os filhos do sr. dr. Eduardo Burnay não acompanhassem generosamente os seus companheiros de trabalho, teriam faltado então ás tradições do illustre professor seu pae, que, em Coimbra, durante toda a sua vida academica, deu sempre provas da maxima cordialidade, de sinceridade e inteira solidariedade com os seus companheiros de estudo, solidariedade que o sr. dr. Eduardo Burnay tem procurado manter toda a sua vida, conservando as suas relações academicas, tratando e servindo carinhosamente todos os que aqui conheceu tão intimamente, apesar de mais tarde afastados por differença de meio social, por antagonismo até de ideias politicas.

O sr. dr. Eduardo Burnay, e diz-l'o quem tem a amarga experiencia da vida, hade ter pelo contrario como esperanza segura do futuro de lealdade e honradez de seus filhos, o seu procedimento de hoje, porque o paiz inteiro vê com sincero alvoroço a nova geração, que se afirma por um acto de tão reflectida e generosa accção. E deve considerar-se feliz por seus filhos presenciarem, por uma benção do destino, a mocidade academica de 1907,

GUERRA JUNQUEIRO

Publicamos a seguir as palavras que em sua defeza pronunciou o grande poeta no tribunal em que foi condenado no Porto.

São um belo trecho, que hade ficar como exemplo de belleza, na última fórmula do poeta que atinge por vezes unção verdadeiramente religiosa, na simplicidade propositada de expressão dum grande pensador.

O seu efeito foi perfeitamente dominador, mesmo para os juizes, que segundo o informe do jornal d'onde as transcrevemos, se retiraram com as lagrimas nos olhos.

Guerra Junqueiro teve, apesar da condenação, um duplo triunfo de pensador e de artista.

— Tenho. Devo pronunciar algumas palavras. Mas receando que ao dizê-las podesse afraqueir o meu pensamento, escrevi-as. Pesei as uma a uma com a solidão que me o teria feito á hora da minha morte.

Se me ouvirem não podem julgar-me. Não peço benevolencia; peço justiça e justiça rigorosa. Oçam até ao fim. Se alguma frase houver, aspera ou dura, peço que a deixem passar. Depois me julgarão.

Acusam-me de injuriar o rei de Portugal. Porquê? Porque chamei á sua realza uma tirania de engorda e de vista baixa.

Injuriar, é caluniar. Sendo incapaz de caluniar, sou incapaz de injuriar.

Se eu, exaltando meu sentimento, accuso de palavras e mais humilde, e mais indefezos dos homens, volvi do a mim, suplicaria o seu perdão.

Suplicaria-o só, em última instancia, de joelhos e de mãos postas. Dando-me a escolher entre este perdão e todas as glorias do mundo, eu preferiria a com immortalidades deslumbrantes a morte obscura do meu amor.

Pois bem. As palavras de que me accusam, meditando-as, com a alma serena e os olhos em Deus, nem d'ellas me envergonho, nem delias me arrependo. Foram justas.

Eu não aludi á vida íntima do sr. D. Carlos. Aludo, é o meu direito e o meu dever, á sua vida de monarcha. Ora a historia do rei de Portugal, á todos manifesta, em quatro palavras e desenha: — inourias, desmandos, arbitrios e bocejos. E' a verdade clara, a verdade autentica, a verdade sinistra. Uns proclamam-na; outros murmuram-na.

E quem a esconde, ou por dolo, ou por constrangimento, ou por temor, no fundo da alma reconhece-a.

Eu bradei-a, e hei-de brada-la até á morte.

Quem me impede? A lei? Se a lei deante dos actos de um homem, noivos a existencia de quatro milhões de creaturas, me tohe o direito de o combater e condemnar, se a lei me obriga a ser injusto e ser indigno, renego a lei, odio a lei e não a cumprio. Porque não ha lei de tirania que me obrigue a falar á lei suprema da verdade.

Resultam-me desgraças, calunias, tormentos, perseguições? Que venham. No carcere ou no desterro, adorando a verdade, espiritualmente aerei livre. Se atraçoando-a e crucificando-a, embora cheio de honras e de fortunas, eu viveria escravo abjeito nas galés do mim mesmo.

Mas o código fundamental da monarchia permite-me que eu julgue os actos do monarcha.

O monarcha é indiscutivel, é inviolavel enquanto o monarcha rigorosamente obedece á lei, deixando de cumprir, torna-se o direito, porque faitou ao dever. Então não é só discutivel; é destituiavel. A carta o diz: o rei pode ser deposto por uma causa fisica ou moral.

O sr. D. Carlos achou-se á testa da nação, na flor dos annos, com um poder immenso. Jurou dedica-lo ao bem da patria, ao sustentamento da justiça, e fundamente moral de toda a sociedade bem organizada.

Foram estas as palavras do sr. D. Carlos á Camara do Porto em 12 de fevereiro de 1891.

Cumpriu-as? O meu valoroso e nobre defensor acaba de nos fazer a historia de um reinado, em que os dois grandes brios da monarchia, ao alternarem no governo, um ao outro se accusam, publicamente, de esquecimento da nação, em que o jornal de um antigo chefe de ministério, adverte, aos dois bandos, confidencia que pelos bocejos da vida, nos últimos tempos, andaram quardilhas de ladrões; em que alguns homens

dizendo-se já cansados de tanta baixeza e tanto escandalo proclamam que o sceptro se converteu num rolo de tabaco, num simbolo de afronta e tirania, e vão depois humilhar-se ao mesmo sceptro convertendo-o, para a investida ao Direito, do rolo de tabaco, que faz nauseas, em arma de bronze, que faz mortes; e como epilogo e como supremo comentário, a voz altiva dum general do exercito, ajudante do rei, saltando da tribuna da camara estas palavras vingadoras: «contra as prepotencias que se estão dando, a historia só indica um remédio: o apelo reductor á revolução armada».

Conclusão: Da obra nefasta nem só o rei foi culpado. Mas é cala a maxima culpa, que exerceu o maximo poder.

Todos os tiranos são execrandaos; porém este que nos calca, além de execrandao, é vergonhoso. Não lhe movem sequer a fugia, nem a ambigão de uma grandeza terrora, nem as lavaredas de um patriotismo alucinado. Não silata o olho, nem para Deus, nem para o mundo. Crava-os unicamente em si no seu egoismo receptivo e vulgar. E', encovo a frase a tirania de engorda e de vista baixa: A frase é indecorosa? Jamais.

As palavras são indecorosas, quando ha mentira nas palavras. A nossa lingua é indecorosa, quando repuxa embustes e veneno. E se é temivel o veneno da serpente, porque mata um homem, que veneno infernal o de um homem quando perturba ou mata milhões de almas!

A perfeição soberana reside no soberano amor e na soberana misericordia. O grande justo é o grande santo. O santo perdõa infamias, perdõa afrontas, perdõa crimes. Não sabe resistir ao mal, usando da violencia.

Eu julgo-me um grande peccador e não um santo. Mas dir-me-hão: Falas continuamente de paz e harmonia, a palavra amor anda continuamente na tua boca, podias ser justissimo sem firmeza, aunar com brandura e bondade com benevolencia e humidade. Porque não o fazes? Porque és aspero, arú e desabrido?

Vou dizê-lo.

Porque nos enganamo, imaginando que a santidade tudo perdoa e tudo sofre. Perdõa todos os crimes e soffes todas as tiranias, quer dizer, não resiste ao mal com o mal, á violencia com a violencia. Mas o santo que fisicamente se não revolta, é, moralmente, contra os opressores, o mais audaz dos revoltados. Não lhes atenua as infamias, porque atenuar-as é servir-as.

Denuncia-as sem medo e acusa-as sem piedade. Jesus, o santo ideal, o santo misericordioso, invetivou os despotas, os fariseus, e os escribas, com palavras candentes de indignação e de rigor. Perdõou injurias e suplicios, sacrificando-lhes o corpo, mas não perdõou a mentira, ea criticando-lhe a verdade.

A verdade bradou-a inexoravelmente, e por ela morreu de morte infame e divina entre dois ladrões.

Amarga me na bocca a palavra odio, mas articulo-a aqui, deante dos homens e de Deus, sem contrição e sem temor. Eu odio o sr. D. Carlos, não com odio sangrento, com odio de rei e de vingança. O meu odio é bom, conforta-me e consola-me. Odio o rei, porque amo a verdade e a minha patria.

Providencias

O sr. Manuel Vitorino Baptista, industrial conhecido e estimado desta cidade, foi ferido na cabeça, ao passar nas escadas de S. Tiago por uma pedreira que caíra da casa em reconhecção.

A quem competir pedras providencias para que se não repita o caso como este de que foi victima o sr. Vitorino Baptista.

Se se não pode fazer, um tapume bastante alto e forte que obste á que as pedras saltem a ferr quem passa pelas escadas, interrompa-se de vez o transito por ali.

Deve realizar-se hoje, no teatro Afonso Taveira, um espectáculo organizado pelo Grupo Dramatico de Instrução e Beneficencia.

Subirá á scena A pupila do corredor, opereta do sr. Miguel Costa.

No conselho superior de instrução publica foram distribuidos os processos de reclamação dos srs. José Nicolau da Silva, João Simões e Vitorio Teles de Vasconcelos, contra a reprovação de seus filhos nos exames do segundo grau em Coimbra, em 1906.

Literatura e Arte

CONSULTA

Quem poderá responder-nos ás perguntas seguintes?

Em A Concordia, jornal publicada no Porto desde 1 de junho de 1853, o 15 de setembro de 1855, vem annunciando ter-se levado á scena no teatro de S. João, em 11 de março de 1855, a comedia de Camilo Castelo Branco — O magnetismo — e em 15 de abril do mesmo anno a comedia em 2 actos do mesmo autor — O fim do mundo.

A ambas as comedias vêem as mais lisongueiras referencias.

Chegarão a ser impressas estas comedias? Conhecem-se os seus originaes?

No mesmo jornal A Concordia, publicou em folhetins, pela primeira vez, Camilo — A filha do arcebispo — e os artigos que formam o volume — Scenas contemporaneas.

Teatros da A Concordia, publicou de dois dias depois A Verdade, com o mesmo formato e com as mesmas seccões, e desde o 1.º numero vem em folhetins o romance de Camilo — A neta do arcebispo.

Estes dois jornaes são interessantes para os camilistas pelas muitas referencias que trazem a Camilo, já directas, já transcriptas de outros jornaes e por publicarem alguns outros folhetins escritos por Camilo.

Oh! Os nossos reis!

Les cinq langues, é o titulo de um jornal que se publica em Paris, tratando assuntos de ensino de linguas e destinado a professores e alunos.

Tem numeros diversos publicados na lingua que se pretende ensinar ou aprender.

O ultimo numero, destinado ao ensino do alemão, insere uma seccão com o titulo de viagens regias, e traz duas anedotas, uma do Schah da Persia, jurta do rei de Portugal, para alegria e instrução dos alunos.

Do Schah da Persia conta que, ao passar por Londres, fôra apresentado á duquesa de Westminster.

O Schah curvou-se na mais gentil cortezia e disse para a duquesa admirada:

— Estimo muito. A sua fama chegou já a Teheran.

A duquesa surpreendida, murmurou em agradecimento e disse para alguém da sua intimidade que estava perto:

— Que faria eu, meu Deus, para ser conhecida em Teheran? Ah! Talvez me tenha confundido com a catedral de Westminster...

Perguntaram ao Schah.

— Era verdade: o Schah da Persia imaginava que fôra apresentado á catedral de Westminster!

Está-se a ver a alegria que tão diversa historia deve produzir nos que pelo mundo pretendem aprender agradavelmente o alemão.

A outra historia passa-se com um rei portuguez.

Quem fosse não o diz a historia, que apenas o qualificou de — o falecido rei de Portugal.

O avô ou o pae do actual?

Qualquer d'elles podia ser. Ambos tinham a mania de adotar as artes, e abundam as historias ridiculas de um ou de outro.

A mania das belas artes é até um tic brigantino que ultimamente tem sido explorado pela caricatura franceza nas anedotas que a imprensa parisiense attribue a el-rei D. Carlos.

Vá porém a historia:

O falecido rei de Portugal, ao passar por Londres, quiz ser apresentado a Landseer, o grande animalista inglez, um dos primeiros que em quadros celebres soube exprimir a vida íntima, a alma dos animaes.

Um dia apresentaram-lho.

O rei de Portugal voltou-se sorrindo para Landseer, apertou-lhe a mão e disse:

— Estimo muito conhecê-lo. Não imagina como eu gosto de animaes!

O bom amigo do alemão ri e nós, merec da intelligencia e espirito artistico dos nossos reis, continuamos a servir de pretexto para o riso facil com que os professores de alemão aliviam pelo mundo as agruras do ensino!

Encerramento das camaras

Estão encerradas as camaras. Apesar de toda a subserviencia das maiorias, o sr. João Franco teve de fechar as camaras para evitar explicações que não poderia dar á opinião publica que claramente lhe pediu.

Tudo tem disposto o sr. João Franco para facilitar um governo que, se o illustre parlamentar tivesse ideias, tacto administrativo, e honradéz não podia deixar de ser benéfico para o paiz.

As camaras podiam encomodá-lo; o sr. João Franco arranhou uma maioria servil.

Os adversarios politicos podiam hostilisa-lo; o sr. João Franco ligou-se ao mais velho, sem pudor, esquecendo todo o desprezo que lhe votara, todo o odio com que o cobrira, e aproveitou para immobilisar o sr. Hintze o amor á realeza que é, na sua obsessão, a indicação segura da decadencia mental deste estadista.

A discussão encomodava-o; era necessario que o paiz só a ele ouvisse; o sr. João Franco aproveitou-se do regimento da camara dos deputados, e organizou para a camara alta um regimento conta-gotas, modelo dos ardis velhos que formam o fundo da sua falsa e apregoadada intelligencia.

Desde então, a vida parlamentar tornou-se da maior simplicidade.

Levanta-se um impidente? O sr. João Franco promete responder.

Se a maioria está ensaiada, o sr. João Franco vota contra a urgencia e o assunto não se discute.

Se não está ensaiada, o sr. João Franco fala a hora inteira e, mal acaba, diz ser escravo do regimento e cala-se.

Se algum adversario pede a palavra, o sr. João Franco se o teme, toma a palavra para explicações até dar a hora regimental.

E assim consegue ter um dia inteiro para exercer pressão sobre o orador a falar no dia immediato.

Assim não tem a contar com ataques imprevisios, com o calor que a discussão atea.

Com taes regimentos, as discussões eternizam-se, arrastam-se, perdem o interesse.

Na camara dos deputados tinha uma maioria humilde.

A camara dos pares era mais difficil de calar. O sr. João Franco fez o regimento e, feito ele, voltou ao seu estribilho — o respeito da lei.

E assim tem conseguido o sr. João Franco ser só ele a falar quando quer, e impor silencio aos outros quando lhe convem.

Apesar disso porém tem havido nas camaras verdadeiras revoltas contra modo tão hipocritamente revoltante de governar.

Então, o sr. João Franco invoca a ordem publica, como qualquer galopim de aldeia, e faz evacuar as camaras.

A pratica dos ministerios passados faz-lhe ver o perigo de deixar ecoar livremente nas camaras a opinião publica.

Por isso, quando o perigo aperta, o sr. João Franco encerra o parlamento e furta-se assim facilmente a explicações.

E este ministerio que diz só respeitar a lei, é o primeiro a desrespeita-la.

O que o sr. João Franco quer é ficar no poder; evita por isso discussões, afasta conflitos donde possa porvir-lhe inesperadamente a moção que o possa pôr em cheque.

Que, mesmo assim, acreditamos que se não demittisse.

O sr. João Franco tem perdido gradualmente as poucas simpatias que lhe grangeram as suas primeiras declarações, e as quaes tem faltado em todas as occasões.

Hoje o sr. João Franco está desaprestigiado, mesmo a dentro do proprio franquismo.

Se o sr. João Franco tiver de largar o poder, largou de vez.

Isso vê bem a sua intelligencia escassa.

Por isso se agarra a todos os expedientes para não abandonar o poder que nunca mais lhe virá ás mãos.

E' lucra de odio e de vaidade num afincio de usurario.

Só cairá quando lhe faltarem de todo as forças para gritar, para morrer.

E ha de cair sem forças para se torpar a levantar.

AS MINHAS RASÕES

Lisboa.

Aqui está, afinal, para que veio ao poder mais um governo — para manter a ordem!

Interpelado no parlamento, o chefe do governo declarou que a greve dos estudantes lhe é indifferente. O que o preocupa é a ordem.

Ora, ha ordem moral e ordem material.

O que preocupa o governo é a ordem material. Da ordem moral desinteressa-se.

Sómente, governar não é manter a ordem. Essa acção é sub lierna. Quando um governo se encontra reduzido a não ter outro objectivo senão o de manter a ordem, preside a um estado social de revolução e está pres a cair.

Mas o que significa esta palavra — ordem?

Em Portugal entende-se por ordem, a ordem nas ruas. Assim o entende, como meio mundo, — o governo. Desde que haja, portanto, ordem nas ruas, o governo está tranquilo.

No caso dos estudantes, por exemplo. A greve importa uma profunda perturbação social, e alguma coisa mais quer dizer do que perturbação domestica, quando, como esta, reclama reformas que implicam a existencia de um espirito novo no seio da sociedade. O que é que preocupa no entanto o governo? O que o preocupa é que os estudantes façam barulho. O mais deixa-o indifferente. Não é um criterio de governo: é um criterio de policia.

A ordem só é um facto quando é um facto o progresso e os governos em Portugal querem ordem, sem progresso. Não pode ser. A ordem não se chama socego: chama-se accordo. Impor a ordem, sem effectos o progresso, é fazer tirania. Os estudantes pedem progresso. O que é que o governo lhes dá? — Guitaldas!

Entretanto, o governo vive-se iludindo a si proprio e vive iludindo as instituições. Alguns telegramas de governadores civis communicando-lhes que tudo está em socego, dão-lhes a impressão da ordem.

Qual! São apenas as ruas que estão em ordem. As consciencias estão em revolta.

Dizia não sei se Thiers, se Emilio de Gerardin que as imposições da ordem são como os tapetes de casca de sobro que é costume estender em frente das casas em que estão pessoas doentes. A casca de sobro impede que haja barulho em volta do doente, mas não impede que o doente morra.

Assim succederá muito presumivelmente em Portugal com as coisas doentes, diante das quaes o governo estende a casca de sobro da ordem.

João Chagas.

Correspondencia de Goioia

Arcozelo, 8. — O curso noturno de instrucção primaria que, como noticiai, abriu em 1 de Novembro do anno findo, acabou de ser encerrado, terminando por este anno os seus trabalhos.

O curso, que foi aberto por iniciativa da comissão parochial republicana desta freguezia, da qual fazem parte os nossos amigos, srs. Joaquim d'Almeida Nunes Lobo, José Alves Saraiva, Antonio Augusto do Amaral e João d'Almeida Mendes Junior, teve uma concorrência muito para notar nestas paragens, e os resultados obtidos naquelle pequeno espaço de tempo, foram brilhantissimos, atendendo a que quasi todos os alumnos eram completamente analfabetos.

Para este bom resultado contribuíram muito as raras aptidões dum dos mais ardentes e devotados apóstolos da instrucção, o sr. Francisco Augusto Mendes Cabral, da vizinha povoação de Nespereira, a quem a comissão confiou o bom andamento da escola, depositando nele toda a confiança.

Em quatro mezes apenas, habilitou, para leitura, escrita e principios de contabilidade, nada menos, 65 alumnos, dos 85 que estavam inscritos, não se poupando a trabalhos nem canceiras, para conseguir este resultado.

E' este um dos amigos da instrucção que se deixa ficar na obscuridade, devido á muita modestia e a quem presto a homenagem de minha mais alta consideração, transcrevendo, qui também, um pouco do seu relatório enviado á comissão parochial, quando finalizou os trabalhos e que define bem o carater do sr. Cabral. Ei-lo:

Concluo, afirmando o que para todos os espiritos esclarecidos é já um axioma demasiadamente conhecido — a despeza mais frutifera e até mais santificada é, sem dúvida, a que se faz com o ensino — encorajar, portanto, para este fim abençoado, vulgarizando o ensino primario, multiplicando as escolas diurnas e noturnas primarias, conferindo premios aos que pelas mais se distinguem, habilitando os ineredulos inimigos do alfabeto para os diversos misteres, influido o gosto da leitura de bons livros uteis e praticos pelo volgo indouto e rustico, é uma obra tão altruista e benéfica em quo para todos ha sempre quinhão de sacrificios, trabalho e louvor e muita mais acentuadamente para os seus simples particulares, de cujo zelo humanitario á nossa sociedade actual confiadamente muito tem a esperar.

Que a sua modestia me perdoe.

Nesta grande obra educativa ha também a destacar dois homens, que não devem ficar esquecidos e que se tornaram dignos de todos os louvores. São eles os srs.: Cassiano Ribeiro, de Coimbra, que poz a sua bolsa á disposição da comissão, para que nada faltasse á escola e ela tivesse um bom funcionamento, e João Alves Saraiva, membro da comissão, que se tornou notavel pela sua dedicada cooperação.

Apesar, porém, dos trabalhos, canceiras e ate desgostos, devem todos estar satisfeitos com a sua obra porque, se este anno saíram 65 pessoas das trevas em que estavam, para o anno pôde sair o dobro ou o triplo, e assim, pouco a pouco, ir-se-hão fazendo consciencias, desenvolvendo cerebros, transformando escravos em cidadãos livres.

Continue, pois, o partido republicano com a sua nobre missão, porque é esse o melhor beneficio prestado ao povo e porque só assim ele compreenderá melhor os seus deveres.

Realizou-se ha dias o enterro do rev. arcepreste Martins Coelho, que se encontrava no Carvalhedo e que sejeu sepultado no cemiterio desta freguezia, onde contava numerosos amigos.

Ao sobrinho do extinto o meu amigo Lino Martins Coelho e irmão João, as minhas condolencias.

A. C.

Bombeiros voluntarios

Foi transferido para o dia 5 de Maio a festa comemorativa da fundação da Associação dos bombeiros voluntarios de Coimbra.

O sr. dr. Antonio de Padua está organisando um relatório da sua administração quando governador civil de Coimbra, que será brevemente publicado.

Está preso na esquadra, Cesar Augusto, do Tovim, no dia 11 do corrente entrou no escritorio do nosso amigo e correligionario sr. dr. Eduardo Vieira, ameaçando de morte o illustre advogado e puxando de uma faca com que dizia querer rasgar todos os livros do seu escritorio de notario.

O preso dá sinais evidentes de alienação mental.

Eduardo dos Santos, que exerce, no dizer do nosso informador, a profissão de gatuino, sem a desculpa da carta de conselho, foi preso por arrombar uma mala e furtar dinheiro e outros objetos a um caixaireiro vizjante, hospedado no Hotel Central.

ASSOCIAÇÃO DE CLASSE

DAS

ARTES GRAFICAS

São avisados os socios desta coletividade que a sua sede se acha instalada na rua Eduardo Coelho, 7, 1.º, e que as sessões ordinarias da Comissão continuam a ter lugar nos dias 15 e 30 de cada mez.

Coimbra, 31 de março de 1907.

O secretario,

J. Pereira da Mata.

Associação dos fabricantes de calçado

A associação de classe dos fabricantes de calçado procedeu na quarta feira á eleição para os corpos gerentes, ficando eleitos os srs.:

Assembleia geral: Antonio Izidoro Rodrigues, presidente; Joaquim Maria d'Azeyedo e José Maria da Cruz, secretarios.

Direcção: Domingos Dias da Cruz, presidente; José Fernandes Braga, 1.º secretario; Joaquim da Costa, 2.º secretario; Custodio Eugenio, tesoureiro; Julio de Matos, vogal.

O conselho superior de instrucção publica considerou como impresso e tendo a aprovação sanitaria a nova gramatica portugueza do sr. Antonio A. Cortezão.

Foi transferido para Liria o sr. Joaquim Ferreira Pequeno, terceiro oficial da repartição de fazenda do distrito de Coimbra.

A requisição da autoridade, foi preso em S. João do Campo, Manuel Bugalho, acusado de atentado ao pudor.

JOSÉ EUGENIO FERREIRA

ADVOGADO

ESTRADA DA BEIRA 96.

Juiso de Direito da comarca de Coimbra

EDITOS DE 30 DIAS

2.ª publicação

Pelo inventario orfanologico, pendente no cartorio do escrivão do 3.º officio, desta comarca, por obito de Rosa Banaca, moradora que foi na Ribeira de Frades, correm editos de trinta dias, a contar da ultima publicação deste anuncio, citando o interessado, filho da inventarianda, Miguel Gaspar Palhinha, solteiro, maior, ausente em parte incerta, para assistir, querendo, aos termos do referido inventario, em que é cabeça de casal, o viuvo da fallecida, Manuel Gaspar Palhinha, do mesmo logar da Ribeira de Frades.

Coimbra, 8 de Abril de 1907. — E eu, Joaquim Antonio Rodrigues Nunes, subscrevi.

Verifiquei a exactidão.

O Juis de Direito, Ribeiro de Campos.

Escrepturações mercantis

Para commercio em sociedade ou por grosso, encarrega-se pessoa habilitada, durante algumas horas de que possa dispôr.

Tambem leciona esta materia. Para informações, carta para esta tipografia.

RAPAZ

De 9 a 10 annos, precisa-se. Rua da Sofia, 64.

CONSULTORIO DENTARIO

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade

Consultas das 9 horas da manhã ás 4 horas da tarde, em todos os dias uteis.

LOJA DE FERRAGENS

Trespasa-se, nas melhores condições, um estabelecimento de ferragens, acreditado, num centro comercial importante.

Nesta redacção se dão aos interessados todos os esclarecimentos necessários.

VENDA DE BENS

Na repartição de Fazenda deste distrito, no dia 17 do corrente mez conforme a lista n.º 9050 do Ministerio da Fazenda, ha de proceder-se á venda dos seguintes bens, alguns já com abatimento da sua avaliação.

- 1.º — Sete e meia agulhadas de terra no sitio dos Cadoncinhos, campo e freguezia de S. Martinho do Bispo.
- 2.º — Cinco agulhadas de terra no mesmo sitio.
- 3.º — Cinco agulhadas de terra no mesmo sitio.
- 4.º — Uma morada de casas situadas na rua da Gala desta cidade, com o n.º 50, na quantia de 240000 réis.
- 5.º — Uma morada de casas situadas na mesma rua, com o n.º 38, que vac á praça na quantia de 256000 réis.
- 6.º — Um pinhal no sitio do Arieiro limite do Casal da Bemposta, freguezia de S. Martinho do Bispo.
- 7.º — Um pinhal no sitio do Fogacho, limite do Espirito Santo, da mesma freguezia.
- 8.º — Uma leira de terra, com sobeiros, no sitio da Lameira, tambem da mesma freguezia.

CRIADA

Precisa-se para todo o serviço e que saiba cozinhar bem. E' para casa de pouca familia. Na Estrada da Beira, 45, se dis.

CAIXEIRO

Precisa-se para mercearia e penhores. Prefere-se com pratica. Rua Visconde da Luz, 58.

CASA

Vende-se uma casa na rua do Cosme n.º 3, composta de rez do chão, 1.º e 2.º andar e um pateo á frente. Tem magnificas vistas. Para tratar na Couraça dos Apóstolos n.º 43.

ALVIÇARAS

Dão-se a quem, na rua do Pateo, n.º 1, em Celas, entregar um fio de perolas, com uma cruz de ouro (comenda), esmaltada de vermelho e um pequeno berloque, objetos estes que se perderam na tarde de domingo, 17 do corrente, desde os Arcos do Jardim até Celas.

A' pessoa que esses objetos tenha encontrado e que de alviçaras não necessite, pede-se-lhe a fineza de os mandar entregar no commissariado de policia, aonde se deu conhecimento da perda de taes objetos.

Consultorio de clinica dentaria MARIO MACHADO

Praça S de Maio, 8 Tratamento de doenças da boca e colocação de dentes artificiaes

Consultas das 9 horas da manhã ás 4 da tarde

ALVARO ROXANES

Medico-Cirurgião Consultorio: Marco da Feira, 8 (telef. 173) Das 10 ás 12 e das 2 ás 4 Residencia: R. de Tomar, 11 (telef. 178)

Rol da roupa enviada á lavanderia

Preço 120 réis

A' venda na typographia deste jornal.

II DE LONDRES II

Impermeaveis contra a chuva. Casaco por 25 shillings! Capas por 37 shillings! Corte inglez, qualidade garantida.

The English Supply Co.

Representante em Coimbra A INTERMEDIARIA O grande catalogo, mostruario e modelos, está á disposição dos ex.ºº clientes. Basta dirigir bilhete postal indicando a morada á Intermediaria, rua Eduardo Coelho, 44-1.º.

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 Rua Ferreira Borges 156
COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no jênero das de Lisboa e Porto, encontra-se a venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.

Dóces de fruta de diversas qualidades, doces e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.

Variaa pasteleria em todos os generos, especialmente os de folhado.

Cafantines diversos. Tete d'Achar. Patê de Lige e Foie.

Sauçõess, Pudings de diversas qualidades, vistosamente decorados. **Pão de ló**, pela systema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das primeiras marcas.

Ameidoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos productos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Conraça de Lisboa, 32

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efêtua seguros postaos, para todas as cabeças do districto e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas
Coimbra

União Vinicola do Dão

Parceira de lavradores dos melhores vinhos portuguezes, á venda na

Mercearia LUZITANA
(Depozito unico em Coimbra)

Estab. Ind. Pharm. "Souza Soares,"

(NO BRAZIL E NA EUROPA)



Devidamente legalisado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.ª classe e cinco medelhas de Ouro na America do Norte, Franca e Brazil, pela perfeita manipulaço e eficacia dos seus productos medicinaes:

PEITORAL DE CAMBARÁ

(Registado)

(Marca registada)

Cura prompta e radicalmente as tosses ou rouquidões;

Cura a laringite;

Cura perfeitamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou astmatica;

Cura a tísica pulmonar, como o provam numerosos attestados medicos e particulares;

Cura incontestavelmente a asthma, molestia difficil de ser debellada por outros meios;

Cura admiravelmente a coqueluche, e, pelo seu gosto agradável, é appetido pelas crianças.

Frasco, 1\$000 réis; 3 frascos, 2\$700 réis.

PASTILHAS DA VIDA

(Registado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as náuseas e vomitos, o enjô do mar, o mau hálito, a flatulência e a dilatação do estomago. São de grande eficacia nas molestias do utero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue.

Caixa, 600 réis; 6 caixas, 3\$240 réis.

36 Remedios Especificos em pilulas saccharinas

(Registados)

Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade:

Febres em geral;

Molestias nervozas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos orgãos urinaes;

Molestias das senhoras e das crianças;

Dóces em geral;

Inflamações e congestões;

Impurezas do sangue;

Fraqueza e suas consequencias.

Frasco, 500 réis; 6 frascos, 2\$700 réis.

Consultem o livro — O Novo Medico — pelo Visconde Souza Soares, á venda nos depositos dos remedios do auctor. Preço: brochado 200 réis; encadernado, 500 réis.

Medicamentos homeopaticos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos

1 Tubo com globulos 200 réis; duzia 2\$160.

1 Frasco com tintura 3.ª ou 5.ª 400 réis; duzia 4\$320.

Vêdo com tituracao 3.ª 700 réis; duzia 7\$560.

Dêto os preços correntes, o Auxilio Homeopatico ou O Medico de Casa e a Nova Guia Homeopatica, pelo Visconde Souza Soares.

Estes productos vendem-se em Coimbra na drogaria de Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges, 36.

Deposito geral em Portugal — Porto, rua Santa Catharina, 1503.

Aviso importante

O Estabelecimento tem medico habilitado, encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por scripto, sobre o tratamento e applicação dos remedios.

Os armazens GRANDELA & C.ª

RUA DO OURO, 115 — LISBOA

mandam catalogos e smotras do seu colossal sortimento a quem as pedir.

Vendem para as provincias pelos mesmos preços que para Lisboa

Pagam o porte das encomendas cuja factura pode ser satisfeita no correio na occasião de as receberem

Mandam amostras a todos que as pedirem para que se confrontem com as das outras casas.

Não tem agens em parte alguma, e os seus negocios directamente com o publico e é por isso que vendem mais barato que ninguém.

O catalogo geral de verão com 116 paginas e 1050 gravuras é enviado de graça a quem o pedir a

Grandela & C.ª

Rua do Ouro, 115 — LISBOA

CASA MEMORIA

SUCURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Luz, 1
Praça de Maio, 10

Esta casa continua a ser o publico as suas sornas de memorias de costura Memoria Terço e os modelos mais recentes, tais cor de vibrante, oscillantes e bobine central, o que é mais perfeito.

Ningum compra sem visitar esta antiga e acreditada casa e verificar a qualidade e preço das machinas que nenhuma outra se pode igualar na perfeição de seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tantas outras que por ali se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitam-se machinas usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e compram-se pianos usados.

A sempre quantidades de piano para alugar.

Fumeiro do Sementejo

Recebeu mais uma caixa da magnifica qualidade, do que é uma novidade em Coimbra a

MERCEARIA LUZITANA

Queijos da serra da Estrela
QUALIDADE GARANTIDA

Machinas fallantes

Deposito completo de aparelhos das principais marcas e para todos os preços a partir de 14\$000

Variada collecção de discos e cylindros com musicas e cantos executados pelos mais notavzis artistas.

Vendas pelos preços de Lisboa e Porto.

Depositaris da Companhia de Gramophone, da Edison National Phonograph, C.ª de New-York, etc.

TELLES & C.ª

R. Ferreira Borges, 152, 1.
COIMBRA

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital --- 200.000\$000 réis

Sede em Lisboa — PRAÇA DO DUQUE DA TERCEIRA, 41, 4.ª

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mixtos, Praso Fixo, Combatao e Supervivencia, com ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitales differidos e vendas vitalicias imediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Seguros operarios a 20 réis semanales

Para informações e tarifas dirigi-se ao agente em COIMBRA:

JOAO GOMES MOREIRA — R. FERREIRA BORGES

CACADORES

O mais importante e estabelecimento de espingardas, carbabina, revolvers e munições, é o de JOAO GOMES MOREIRA, rua de Ferreira Borges — Coimbra — Sucursal na Figueira da Foz (em frente ao Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

Espingardas J. Leaes — da manufatura de Saint-Etienne, Galaad Blite, Francesa, Francalls, Remington, Berrara, manufatura Liegeas

Carabinas — La Francoll, Popular, Winchester, Colts, etc.

Revolvers — Gaand, Saint Etienne, Smith Werson, Vello Doges, etc., etc.

Pistolas — Mauser, Browning, Gaulis, etc., etc.

Munições de todos os calibres e qualidades

Mandam-se vir arm. de qualquer fabricante, como por exemplo: Holland & Holland, Puy, Dietrichsen, Greer, etc.

PAPELARIA CENTRAL

Rua Visconde da Luz — Coimbra

Pianos GAVEAU

Recebidos directamente de Paris, vendem-se nesta casa pelos preços da fabrica e recebem-se pianos em troca.

Edir catalogos e condições de venda

Um completo sortimento de **anarelhos** e todo o material de **officina** e **officina**, que rec. e **officina**, **officina** e **officina**.

Grande edição de bilhetes postais illustrados:

De Coimbra, Vizeu, Aveiro, C.ª Branco, Covilhã, Arago, etc.

M.ª de S.ª Estrela, etc.

Papelaria Borges

COIMBRA

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.ª

Tomam-se seguros de predios mobilis e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Repapar... Le...

Traça-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosse, coqueluche, influenza e outros encoimões dos orgãos respiratorios.

Se a atenção se dirige ao olho as mais raras vezes com o uso dos **Saccharolides d'alcairão, compostos (Rebuçados e Machinas fallantes)** onde os efeitos maravilhozos do alcairão, jenninamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencioam em toda a sua inteira eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos **Saccharolides d'alcairão, compostos (Rebuçados e Machinas fallantes)** confirmados, que os mais notavzis artistas.

Venda pelo preço de Lisboa e Porto.

Depositaris da Companhia de Gramophone, da Edison National Phonograph, C.ª de New-York, etc.

TELLES & C.ª

R. Ferreira Borges, 152, 1.
COIMBRA

CASA COLONIA

Fornecedora da Cass Real

Visitem este estabelecimento e verão V. Ex.ª que ha vantagem.

Generos alimenticios das mais finas qualidades, em concorrencia de preços com as cooperativas.

Vinho de meza e de Amaranth, qualidades e preços sem competencia.

Distribuição aos domicilios, sem aumento de preço.

"RESISTENCIA"

CONDICIONS D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno..... 2\$70

Semestre..... 1\$35

Trimestre..... 68

Sem estampilha:

Anno..... 2\$40

Semestre..... 1\$20

Trimestre..... 60

Brasão e Alcairão, cada..... 3\$80

linhas adjacentes, 3.ª..... 3\$00

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os melhores assantantes, de cento 50%.

Comunicados, cada linha..... 4

Reclames, cada linha..... 6

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações sob o seu nome em 10 de dezembro.

RESISTENCIA

DIRETOR
Dr. Teixeira de Carvalho
Redação e administração
CENTRO REPUBLICANO JOSE' FALCÃO
Largo da Freiria, 5
Editor e administrador
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL
Officina tipografica
Rua da Noeda, 12 e 14 — Rua Direita, 9, 11 e 13

Orgão do Partido Republicano de Coimbra

N.º 1199

COIMBRA — Quinta-feira, 18 de abril de 1907

13.º ANNO

As minhas razões

Não se governa com pontos de interrogação. Governar é afirmar. Contudo foi assim que o atual governo começou governando — com pontos de interrogação.

Estamos todos, com efeito, lembrados que, na sua conferencia do teatro Principe Real, do Porto, o atual primeiro ministro, perguntou, depois de apresentar o seu programa de governo, se o paiz estaria tão divorciado das instituições que fosse impossível governar com estas.

O governo já está ha bastante tempo no poder, para que os factos tenham respondido á sua interrogação, e eu não sei se é impossível governar com as instituições e se, por esse motivo, paiz e instituições são redondamente incompatíveis. O que parece ser incompatível com as instituições é a liberdade, pois que sendo o programa do governo justamente um programa liberal foi por ahí que elle falhou.

Viu-se isto já e isto responde ás interrogações do primeiro ministro. — Em Portugal toda a liberdade é aproveitada — contra as instituições. Dá-se um momento de liberdade, e o que se ouve logo é isto — viva a republica.

A liberdade só serve em Portugal para combater as instituições. Ha liberdade de imprensa? A imprensa brama contra as instituições. Ha liberdade de manifestações? A rua clama contra as instituições. Ha liberdade de voto? O povo vota contra as instituições. Ha liberdade de tribuna? A tribuna perora contra as instituições.

Nestes termos todos os governos, todos, são irresistivelmente levados a fazer nma politica de opressão, porque é, segundo se vae vendo, a unica compatível com as instituições, e não ha programa de governo, o mais sinceramente liberal, que possa ser cumprido.

O governo atual está, porém, em circunstancias especiaes, porquanto não é obrigado a executar o seu programa senão com a condição d'elle ser viavel. Não o é? O governo vae-se embora tanto mais desafogadamente quanto não se comprometeu a governar a todo o transe, mas a governar se isso fosse possível.

Assim devemos interpretar as interrogações da conferencia do Porto.

A despeito dellas, no entanto, o governo fica e não podendo governar com o programa que apresentou governa com um outro qualquer.

E' esta a sorte de todos os programas de governo. São sempre postos de lado, quando os governos reconhecem que acima dos principios estão as necessidades.

João Chagas.

Foi hontem feito exame direto ao sr. Fernando de Oliveira, o aluno do Liceu vítima da ferocidade policial.

DR. BERNARDINO MACHADO

Pedi a sua exoneração de professor este nosso amigo e correligionario. E, se o facto se presta á discussão, não perde por isso da sua significação moral.

O sr. dr. Bernardino Machado tem feito sempre declaração de abandonar o professorado, quando entende que o conhecimento da sua resolução pode ter alguma influencia afastando decisões que julgue injustas ou contrarias ao interesse do ensino.

Apreciando, como devemos, a determinação do illustre professor, não podemos deixar todavia de lastimar que por intransigencia do governo se veja afastado do ensino um professor que o honrava.

Fomos discipulos do sr. dr. Bernardino Machado e nunca esqueceremos a impressão nova que sentimos ao ouvir as suas lições dadas com simplicidade e clareza, quando frequentavamos o segundo anno da Universidade.

A forma superior por que olhava as questões, simplificando-as, apresentando-as nas suas linhas paeas, dando uma impressão de clareza aos mais complicados problemas, fazia nos olhar a sua intelligencia como bem superior á dos que até ali nos haviam doutrinado e que no escrupulo do detalhe, nos haviam deixado sem as noções simples das grandes teorias.

Todos nós, que até ali tinhamos estudado por livros, ou por apontamentos antigos, sentimos vontade de tomar as nossas notas, e format os nossos cadernos de observações.

No fim não saberiámos um ou outro facto, mas tinhamos da quencia as ideias fundamentais que deviam guiar-nos seguramente no estudo e sistematização dos phenomenos scientificos.

Tivemos depois professores raras de saber e clareza, como os sr. drs. Santos Viegas, Albino Gerales, Lourenço de Almeida e Azevedo, mas de nenhum nos veio a confiança no estudo proprio, que adquirimos no anno em que fomos discipulos do sr. dr. Bernardino Machado, e não ser do ensino do sr. dr. Costa Simões.

Costa Simões foi um professor só bem avaliado pelos discipulos que lhe fizeram a manifestação carinhosa que foi na faculdade de medicina a consagração de uma epocha nova de cordialidade entre mestres e discipulos que não havia de quebrar-se mais.

Para os representantes do velho ensino universitario, para os ferventes do compendio e do programa da cadeira, o ensino do sr. dr. Costa Simões era uma irreverencia.

O dr. Costa Simões nunca deu o programa da sua cadeira, e o gabinete de histologia era uma casa de trabalho em que mestres e discipulos se reuniam a trabalhar alegremente.

Os discipulos tinham o meio simples de se furtar ás lições: era ir para o gabinete trabalhar.

Assim faziamos nós as nossas greves. O dr. Costa Simões fingia esquecer-se que tinha de preleccionar e ficava a trabalhar connosco, a dirigir nos, a ajudar-nos.

No fim do anno o programa estava por dar, mas cada um de nós sabia trabalhar, estudar um problema, verificar uma observação, realizar uma experiencia.

Todos nós aprendiámos a não confiar absolutamente na letra redonda, a ver os trabalhos scientificos com respeito, é certo, mas sujeitos sempre a verificações, a emendas, a correções.

Era este procedimento bem diferente do dogmatico ensino universitario. Da cadeira de Costa Simões saia-se com amor aos trabalhos praticos, com confiança no trabalho proprio, com respeito pelo trabalho e estudo dos outros.

A opinião do dr. Costa Simões nunca se fazia sentir autoritadamente; guiava,

ajudava a trabalhar, ajudava a interpretar.

Assim era tambem o ensino do dr. Bernardino Machado, que na faculdade de Filosofia organizou, ao fim da sua carreira scientifica o laboratorio de antropologia, crescendo ao mesmo tempo as relações scientificas com os estabelecimentos de ensino no estrangeiro que pela maioria do nosso professorado são vistas com um sorriso de ironia desdenhosa que revela de forma irrefutavel a ignorancia em que andam do que é o ensino contemporaneo.

Para bem do ensino e honra da Universidade quizeramos que se procurasse evitar a resolução do illustre professor, tão justamente estimado e respeitado dentro e fóra do nosso paiz.

Directorio do Partido Republicano

O Directorio do Partido Republicano, para a boa regularização dos seus trabalhos, pede a todas as comissões e agremiações republicanas, que ainda não tenham participado a sua constituição, a fineza de lha participarem, a fim de serem inscritas nos livros respectivos.

O secretario do Directorio,
Antonio José Almeida.

Lutuosa

Está de luto pelo falecimento de seu pae, o nosso presado amigo e correligionario, sr. João Augusto Simões Farias, a quem endereçamos sentidas condolencias, bem como a sua familia.

Ao presidente do tribunal arbitral foi hontem apresentada uma queixa pelo sr. José Joaquim Menezes, typografo, contra o sr. Frederico de Albuquerque Reis, proprietario da Typografia Literaria, por falta de cumprimento de contracto.

Foi hontem posto em liberdade, mediante termo de identidade, o aluno do 6.º anno do Liceu, sr. Francisco José da Silveira Campos.

O Tribunal Comercial, reunido na terça feira, adiou o julgamento do processo de classificação de falencia do negociante Alfredo Ferreira Barbedo Vieira para o dia 10 de maio proximo, em virtude da não comparancia do reu ao julgamento.

O mesmo tribunal declarou a abertura da falencia do negociante Eduardo Simões de Carvalho, estabelecido na rua Eduardo Coelho, desta cidade. Foi nomeado administrador da massa o sr. Antonio Jorge de Araújo Fonseca e curadores fiscaes o requerente da falencia A. Vieira de Carvalho e Antonio Pedro.

Foi marcado o prazo de sessenta dias para a reclamação dos creditos.

Bombeiros Voluntarios

No proximo sabado, 20 do corrente, realisa-se no teatro Principe Real um espetáculo em beneficio desta benemerita corporação, promovido por as atrizes Virginia Neri e Estelina Gamboa e por os socios d'aquella agremiação.

Subirão á scena pela primeira vez as comedias — *Primeiro desgosto* e *Casar para morrer*, além da aplaudida opereta — *S. mão, Simões & C.ª*.

E' de esperar, como de costume nos beneficios desta simpatica corporação, uma grande enchente e uma noite de alegria e de prazer.

Têm partido para Misra e Vendas Novas, por ordem do governo, os estudantes militares da Universidade.

A SITUAÇÃO

A situação de Coimbra é lastimavel e tanto mais que se deve simplesmente á forma inconsiderada de governar do sr. João Franco, que pretere interesses locais ou geraca por o que julga ser necessario para se conservar no poder.

O commercio de Coimbra está paralisado, o ensino interrompeu-se; a vida de uma cidade inteira foi sacrificada ao capricho de quem tem manifestado incapacidade segura para governar, não sabendo inspirar-se, como disse, na opinião publica, determinando-se ao acaso dos acontecimentos, sem norma orientadora, sem principios que dominem os actos da sua administração.

O sr. João Franco pretende governar sem atender á opinião publica e mesmo contra ella.

D'ahi o mal de todo o conflito que se vae agravando dia a dia, caminhando para uma solução prejudicial e irremediavel.

Desde o começo que o sr. João Franco se mostrou hostil a todo o movimento, recusando-se a ouvir reclamações, afirmando principios de intransigencia, que despertaram uma reacção igual e contraria da parte dos estudantes que responderam ao sr. João Franco com as proprias palavras e afirmações do illustre presidente do conselho.

Ora quem governa, quem pretende administrar bem, não pode nunca clamar alto e prematuramente opiniões definitivas. Deve sempre pelo contrario mostrar-se naturalmente favoravel ás reclamações publicas, disposto a fazer justiça a quem a tem.

O sr. João Franco, que foi aluno da faculdade de Direito e tinha como colega no ministerio quem coisas tão desagradaveis dissera a proposito do seu ensino, não durante a vida academica, mas passada ella, numa fase de reflexão, deveria ter, mais que nenhum outro, moderação nas afirmações, que, se são sempre norma invariavel no procedimento de todos os homens politicos, era na occasião, mais necessaria do que nunca para acalmar agitações, para conseguir uma solução conciliatoria.

Os estudantes em toda a parte são vistos com especial benevolencia, em toda a parte os seus processos de protesto, as suas manifestações são ruidosas, fóra dos habitos comuns.

E em toda a parte essas reclamações são vistas com benevolencia extraordinaria, para admoir mesmo em quem pela primeira vez sae do nosso pequeno meio scientifico, sobretudo quando ellas têm por objecto o interesse pelo ensino.

Era o caso presente. O sr. João Franco não viu porém senão a causa ocasional, a reprovação do nosso correligionario e amigo sr. dr. José Egenio Ferreira, e no candidato não viu senão o republicano, no odio cego e inconsciente que é uma das maiores provas da sua falta de capacidade politica. Disso quiz convencer o paiz.

E isso agravou a questão. Cada estudante, no seu lar, foi um inimigo do sr. João Franco; cada um d'elles mostrou que era uma calunia, com que se procurava tirar a força a um protesto, o admitir que tivessem obedecido a manejos republicanos.

Ora os paes comprehendem bem quando os filhos falam a verdade, e tiveram tres semanas para formarem uma convicção, verdadeira, e que não era facil desfazer.

E assim a attitude do sr. João Franco foi para todo o paiz, o do odio cego e inconsiderado, que não podia merecer-lhe simpatias e que pelo contrario tirava forças á causa que pretendia defender.

Apareceu assim uma questão politica a querer desnaturar um movimento a favor do ensino.

Assim alheava o sr. João Franco

todas as vontades e os estudantes foram deixados ao impulso da propria consciencia, quando deveriam ter sido norteados no sentido de um protesto favoravel á reforma do ensino, que elles sentem, é certo, necessaria, mas a que não saberão achar remedio; porque o mal não está só no que apontam e exige providencias diversas das que pedem.

Porque, e necessario diz-lo, as simpatias que por a causa dos estudantes têm demonstrado alguns dos espiritos mais levantados do nosso paiz, não envolvem por forma alguma o aplauso incondicional a todas as reclamações da mocidade.

O sr. João Franco tem arvorado, como norma governativa, uma intransigencia sempre a manifestar-se contra a opinião publica, todas as vezes que esta protesta ou tenta atenuar o mal a resultar das suas providencias administrativas.

Assim é que, para não ouvir uma recusa desabrida a um pedido justo, com toda a rigidez, pouco politica, dos seus modos, se não encontra hoje quem procure o sr. João Franco para o avisar da imprudencia ou injustiça dos seus actos.

Os correligionarios copiaram-lhe os modos impertinentes e insolentes e, intransigentes como elle, apregoam alto, como merecimento politico, a insolencia e a intransigencia do sr. João Franco.

E, no conflito academico, não deixou esta intolerancia dos seus correligionarios de produzir a irritação inevitavel por parte dos estudantes.

Num assunto, que punha em perigo tantos interesses de Coimbra, ficaram assim sóz, frente a frente, numa attitude intransigente os estudantes e o sr. João Franco.

O que era de esperar?

O que se deu. O sr. João Franco manteve-se intratavel e afastou de si todos os que poderiam intervir para uma solução pacifica, não olhando com a benevolencia devida os esforços dos paes que tantas vezes durante o conflito fizeram tentativas para interviirem sem uma palavra, não dizemos já de incitamento, mas de bondade, da parte do sr. João Franco e da sua imprensa.

O resultado vê-se agora: o commercio de uma cidade importante paralisado, o ensino interrompido em todo o paiz.

O sr. João Franco triunfa porém, pensa ella; a ordem não se perturbou o poder continua seguro na sua mão...

Tribunal Comercial

Por sentença publicada em audiencia comercial de segunda feira foram julgados procedentes e provadas, tendo sido os reus condenados no pedido, custas e procuradoria, as seguintes acções commerciaes:

Clemente Ribeiro dos Reis, desta cidade, contra Virgilio Negrão Calado, estudante da Universidade; e Joaquina Pratas Vilôa, da Ribeira de Frades, contra Francisco Ferreira Gramacho, do mesmo logar.

Está de luto pelo falecimento de sua mãe o sr. dr. Joaquim Alves dos Santos, illustre professor da faculdade de teologia.

Sentidos pezames.

Deu entrada nos hospitaes da Universidade Anna Roque, colhida ás 5 horas da manhã do dia 15 pelo comboio de mercadorias vindo de Lisboa.

Era guarda-substituta da passagem ao kilometro 190.

O comboio colheu-a arremessando-a a uns 10 metros da passagem, dando pelo accidente o condutor e o guarda-freio, parando o comboio para recolher a ferida e a transportar para Coimbra.

A JUSTIÇA

Muita gente extranha o sobresalto em que poz a opinião publica o conflito academico.

Custa na verdade a conceber que revolte um paiz e o levante inteiro num movimento de protesto a condemnação de alguns estudantes.

Este facto, porém, se é consolador por revelar que o espirito publico em Portugal está felizmente sofrendo uma evolução moralizadora, não é, porém, inexplicavel e indica antes reflexão que um impulso da facil sentimentalidade portugueza, natural e condenavel.

A justiça social não é hoje, como antigamente, um idolo cego que exige fatalmente uma vitima, a cada acto criminoso, e que se cala com a imolação embora de um innocente.

A justiça social exige hoje para ser bem recebida a convicção das consciencias.

E foi isso o que se não deu nos processos academicos.

Ninguem compreendeu que num movimento geral coubessem as responsabilidades unicamente a estudantes republicanos.

O julgamento academico appareceu então como um acto politico, feito unicamente para satisfazer o governo que tinha sustentado uma opinião errada por desconhecimento das causas remotas dos factos; e, a confirmar esta opinião, vieram declarações que não foram ainda desmentidas cabalmente.

E assim se explica o movimento de revolta que o facto despertou em todo o paiz.

O que ha a fazer agora? Tírar dêle o ensinamento que comporta.

A França deu ainda ha pouco um exemplo salutar de justiça com a questão Dreyfus que os amigos da oração apresentavam como um perigo verdadeiro para esta forte nacionalidade, honra e gloria da nossa raça.

O exercito representava para a França a maior das preocupações. A êle fazia todos os sacrificios; porque êle era a esperança da desforra de um paiz poderoso e inimigo.

E não havia interesse que a França lhe não sacrificasse.

Um dia surgiu a questão Dreyfus. Por o preconceito antigo foi necessario arranjar uma victima para imolar a justiça.

E escolheu-se um judeu, para que o odio da religião o deixasse abandonado dos outros cidadãos, para que este outro preconceito tornasse só por si odiada a vitima.

Organizou-se o processo. Forjaram-se provas, condenou-se Dreyfus.

O prestigio do exercito estava salvo.

Não haviam contado porém com os inimigos que hoje são a força dominadora, não julgavam que os intellectuaes possessem levantar a França um acto de revolta e de justiça, fazendo lhe esquecer preconceitos enraizados, odios de raça.

Os intellectuaes venceram.

A innocencia de Dreyfus foi demonstrada a toda a luz, e a toda a luz se viu que o exercito em que a França depositava toda a sua esperança e porque tinha feito todos os sacrificios, estava corrompido, desmoralizado e longe de ser a garantia da ordena, da deiza nacional, era pelo contrario um perigo eminente.

A França reconheceu que estava sem defeza.

Dreyfus foi rehabilitado, o exercito foi remodelado.

A questão academica levantou o paiz inteiro.

Porquê? Porque a faculdade de Direito vem sendo acusada, ha muitas gerações, de não ter acompanhado o movimento de progresso dos outros ramos do ensino, de conservar praticas e processos pouco de harmonia com as normas modernas de ensinar.

Essas acusações são geraes e antigas.

Exageradas são com certeza, mas nem por isso deixam de ter um fundo verdadeiro.

A voz dos estudantes pedindo uma reforma respondeu com aplausos o paiz inteiro. E a faculdade appareceu condemnada por todos os seus discipulos, os de hoje, como os de ontem.

Não se castiguem innocentes, julgando fazer triunfar a justiça.

Não se dê a responsabilidade de um facto colectivo apenas a alguns estudantes, esperando que o odio politico apla-

ne dificuldades e torne facil a imolação ao preconceito.

Amnistiem-se todos grevistas e riscados.

E, se o movimento actual poz a descoberto vicios radicais do ensino, reforme-se o ensino; pois dêle depende o futuro da patria portugueza.

João Machado

Ao darmos conta, no numero passado, com o interesse que nos merecem sempre as obras deste nosso amigo, erramos dizendo que o tumulo cujos estudos estava fazendo era para os ossos do nosso compatriota Edgardo Coelho, fundador do *Diario de Noticias*.

Foi equivooco nosso. O belo tumulo é para a familia do nosso amigo sr. dr. Alfredo da Cunha, director do *Diario de Noticias*.

A culpa de nos vermos obrigados a fazer esta retificação, é do nosso amigo sr. João Machado, cuja excessiva modestia se furta, sempre que pode, a dar-nos esclarecimentos sobre as suas obras, de que nunca pudemos obter noticia senão de forma indirecta, ou por informação de outros jornaes.

Foi recebida pelo Juiz Presidente do Tribunal do Comercio a concordata apresentada pelo negociante desta praça, José Adelino da Costa Pinto.

Pela ultima ordem do exercito foi condecorado com a medalha de Torre e Espada por serviços distintos no ultramar o 1.º sargento de infantaria 23, sr. José Antunes.

Cooperativa de pão A Conimbricense

Pelo relatorio da comissão instaladora desta cooperativa de pão, que acabamos de receber, vê-se que o seu estado é dos mais lisongeiros.

O numero de socios inscritos até 31 de dezembro de 1906 foi de 575, representando o capital de 43727500 réis, de que falta apenas cobrar a quantia de 7027000 réis.

Este numero teria com certeza augmentado, se a cooperativa tivesse já instalações suficientemente largas por forma a dar vencimento a todos os pedidos e a poder fabricar mais barato o pão.

E é esse o ponto capital na administração da cooperativa; porque já hoje a instalação é acanhada e insufficiente, sem poder pensar-se na sua ampliação que exigiria despesas e obras importantes, dando em rendas e juros uma soma que cobriria e excederia mesmo a dos juros do emprestimo a realizar para fazer nos terrenos magníficos, que a cooperativa já possui em Sant'Anna, todas as instalações necessarias para dar a esta sociedade todo o desenvolvimento que seria para desejar.

A cooperativa possui quatro mil metros quadrados de terreno, em Sant'Anna, confrontando ao nordeste com o palacete e quintaes do falecido bispo de Beja, ao nascente com Maria da Conceição Ventura, ao sueste com a estrada que vai de Sant'Anna para a Cumeada, ao sudoeste com o predio do sr. conego Ramalho e ao poente com a estrada que vai de Sant'Anna para as Arcas de Agua.

A planta do terreno está já levantada e o interesse da cooperativa exige que se proceda com brevidade ás necessarias instalações; porque o seu futuro está unicamente dependente do aumento de transações e este da ampliação dos seus serviços.

A cooperativa está acreditada pela qualidade de pão que produz, que é excelente.

E não são de mais todos os aplausos que se deêm á sôlicita administração passada pelo cuidado que teve em se fornecer sempre de farinha de primeira qualidade e de a fazer analisar antes de empregal-a no fabrico do pão.

Ha toda a conveniencia em que a cooperativa de pão, no interesse publico, se desenvolva e prospere.

Isso conseguirá com o favor publico que lhe não faltará e com administrações tão cuidadas, prudentes e trabalhadoras como a transacta.

As contas da gerencia da comissão instaladora estão patentes, para serem examinadas por os interessados, no escritório da cooperativa, largo da Feira, das 8 ás 10 horas da noite, a contar do dia 14 até 28 do corrente.

Causas do conflito academico

O *Jornal do Comercio*, que se imagina de uma comprehensão normal e mediana, erradamente porque entende e muito bem desde o principio a questão academica, diz não entender que possa ter importancia de maior a questão da reprovação dum candidato ao doutoramento.

E não admira; porque o sr. dr. Eduardo Burnay vê escadamente a questão do conflito academico, que é uma questão geral de ensino.

A reprovação injusta, a nosso ver, do sr. dr. José Eugenio Ferreira não foi a causa primaria do rompimento.

Este vinha annunciando-se de longe em conflitos parciais, em incidentes desagradaveis provocados pelo ensino da faculdade de direito cujos professores não têm acompanhado os das outras faculdades na evolução natural dos processos de ensino.

A reprovação do sr. dr. José Eugenio Ferreira foi apenas a causa ocasional de um conflito que estava prestes a rebentar e explodiria ao primeiro motivo que se lhe offerecesse. Se da faculdade de direito se diz que ha muito professor que estude, não é menos verdade que de rarissimos se ouve afirmar que saibam ensinar.

E os factos que os conflitos frequentes entre mestres e discipulos, na faculdade de Direito, trazem a publico parecem demonstral-o á evidencia.

Na faculdade de Direito tem-se ainda o preconceito jesuitico do premio e do castigo, da disciplina inflexivel do uniforme, de attude e se, sobre a cathedra houvesse a palmatoria que as cronicas dizem com tanto enternecimento existir na sala em que aprendia com seus mestres jesuitas el-rei D. Sebastião, não faltaria quem se servisse dela com convicção e com prazer.

A faculdade de Direito tem faltado o elemento reformador que houve para as de sciencias naturaes, — as viagens ao estrangeiro dos seus professores.

A faculdade de Direito tem-se conservado dentro das tradições do ensino universitario sem procurar no contacto com o espirito europeu moderno o elemento renovador de energias apagadas por tanta e tanta influencia nefasta para o paiz e para o ensino.

Enquanto que em todas as outras faculdades se encontra quem mesmo com sacrificio proprio e sem meios de fortuna tenha procurado instruir-se e tenha trazido de viagens elementos que reformaram o velho ensino e o aproximaram do espirito moderno, em Direito não ha um só de quem se possa dizer o mesmo.

O professor da faculdade de Direito ensina como o ensinaram decôra opiniões, enfi-as em eruditas lições, ás vezes de uma pretensão literaria bem ridicula, e exige que lhe repetam, manifestando mais aplauso e satisfação quando lhe redizem mecanicamente pelos mesmos terminos, no silencio e attude forçada da mulla sertaneja d'um padre mestre de latim.

Esta é a regra.

O ensino na faculdade de Direito não tem o carater pratico de utilidade social que se vê no das outras faculdades.

E a causa é que os professores ignoram de todo o modo de ensinar, que conhecem apenas de ver nos livros.

O ensino da faculdade de Direito tem todos os defectos do velho ensino jesuitico.

Entre o mestre e o aluno ha, marcada do primeiro ao ultimo anno da formatura, uma barreira que se não transpõe por um acto só de cordealidade.

Mestres e discipulos parecem odiarse.

A faculdade de Direito parece cul-tivar no ensino o velho preceito jesuitico do *vexime*, da humilhação.

Este estado é claramente incompativel com as condições modernas do ensino.

Ele mantinha em conflito latente mestres e alumnos.

A reprovação do sr. José Eugenio Ferreira foi a causa ocasional. No dia immediato, ninguem falava de tal, a questão do ensino levantara-se para fazer esquecer todas as outras.

Infelizmente, não estava no governo quem soubesse comprehender o que vinha formulado por tantas gerações academicas, e que, apesar de mal enunciado pela academia, trouxe para a sua causa os votos do paiz inteiro.

O sr. João Franco não viu na questão do ensino, mais que uma questão de ordem publica.

No que era um fenomeno da consciencia coletiva da academia, direi mais da consciencia coletiva da nação, o sr. João Franco viu uma manobra politica, a acção do partido republicano.

E por um acto de logica, a logica de um doido, teve de admimir, ao ver o aplauso que a attude dos academicos levantava em toda a nação, teve de admitir que uma vasta conspiração republicana se tramara em todo o paiz.

E como a ordem se não alterou, e como os movimentos republicanos não appareceram, apesar de todas as provocações e embaraços ao movimento academico, o sr. João Franco, muito logicamente, na sua logica, concluiu que a sua acção pronta e energica sufocára uma revolução...

Creche

Continua nas sympathias do publico esta benemerita instituição que, dia a dia, se va afirmando tanto pela sua extraordinaria administração como pelos beneficios com que favorece a população operaria desta cidade.

A direção das creches é em tudo digna de elogio pela administração cuidadosa que faz dos seus poucos rendimentos e pela solicitude com que procura aumentar os fundos da associação promovendo festas que tem pelo seu carater de novidade e pela sua elegancia constituído uma verdadeira revolução na pachorrenta e monotona vida de Coimbra.

E alegra poder assegurar que as senhoras têm pelo favor com que veem e protegem a associação, assegurado o successo desta empresa de caridade que, ha tanto tempo, sem resultado, outra senhora procurara acimar em Coimbra.

Na administração das creches, as esposas dos directores têm sido verdadeiras colaboradoras da obra filantropica que tão devotadamente fazem seus maridos.

E os nomes das sr.ª D. Mariana Portocarrero da Camara, D. Olympia da Cruz Teles e D. Solange Marques Ribeiro lembram naturalmente quando se pensa neste estabelecimento de caridade que tanta honra faz aos sentimentos filantropicos dos habitantes de Coimbra.

E é para louvar não só o ato caridoso como a forma porque êle se pratica, com verdadeiro sacrificio, com o trabalho com que nas pequenas terras se tem para congregar vontades á volta de uma empresa altruista, escondendo-se tanta vez no anonimato modesto pessoas cujo nome bom seria declarar, para exemplo, para estimulo.

Além da quantia offerecida por intermedio do sr. João A. Favas, de uma pessoa que pretendia burlal-o, teve ultimamente a Creche a dadiva de 6 bibes e 6 camisinhas offerecidas por uma senhora que modestamente se escondeu no anonimato.

Com fundos reunidos a direção comprou um titulo de cinco obrigações do Banco Ultramarino, na importância de 456.000 réis.

Dia a dia vão aumentando os fundos pela iniciativa e boa administração dos directores dignos de todo o elogio.

A Creche é uma instituição que bem merece de todos. Quem der para ali o seu dinheiro pôde ter a certeza que o emprega utilmente, numa obra de caridade bem necessaria e a que bom seria garantir um futuro desafogado.

Foi ante-ontem preso e affiançado o estudante do 6.º anno do Liceu, sr. Adriano d'Almeida Lopes, por incitar os seus discipulos a não irem ás aulas, segundo diz a participação da policia, facto que não é verdadeiro, segundo ouvimos a algumas pessoas e a declaração do arguido.

Hoje, ha de proceder-se a exame numa letra que serve de base a uma acção comercial que Antonio Braz dos Santos, desta cidade, move contra João Seco Fernandes, comarca de Estarreja, cuja firma o reu nega.

O sr. Eduardo Augusto Xavier da Cunha foi nomeado director da segunda direção dos serviços fluviaes e maritimos com sede em Coimbra, logar vago pela exoneração do sr. Chartera de Azevedo.

Batismo

Na igreja de Santa Clara realizou-se no domingo o baptisado dum filhiho do nosso estimado correligionario, sr. Manuel Nazareth, conceituado proprietario da farmacia Nazareth.

Do noivo, que recebeu o nome de José, foram padrinhos o sr. D. Boaventura Doria e sua esposa, a sr.ª D. Maria Doria.

O Tribunal Commercial, reunido no dia 12 do corrente, autorizou a suspensão da venda dos bens e direitos da firma falida de Areosa & C.ª, pelo tempo de mais dez dias.

Ante-ontem na administração da Imprensa Nacional fez-se a arrematação de papéis nacionaes e estrangeiros para fornecimento desta e da Imprensa da Universidade de Coimbra no trienio de 1907 a 1910.

A maior parte do fornecimento foi adjudicado á fabrica de Abelheira e á Companhia de Papel do Prado.

Concorreram além destas a Companhia fabril do Cavado, a Tomarense e diversos particulares.

Ao delegado do procurador regio nesta comarca foi entregue uma participação contra varios guardas de policia civil desta cidade, em que o estudante Fernando d'Oliveira se queixa das barbaras agressões de que foi vitima no liceu desta cidade, no dia 10 do corrente.

Realizou-se no domingo na Escola Dramatica Afonso Taveira um espectralo pelo Grupo Dramatico de Instrução e Beneficencia, revertendo o seu produto liquido em favor dos alumnos pobres das escolas officias desta cidade.

Levou-se á scena, como annunciámos, a opereta em 3 actos, arrégio de Miguel Costa — *A Pupila do Corregeador*, com musica dos srs. dr. Simões Barbas, Francisco Macedo e Francisco Costa.

No proximo domingo subirá á scena a mesma peça.

Liga das Associações de soccorros mutuos de Coimbra

2.º aviso

Por ordem do Ex.º Sr. Presidente, é convocada a assembleia geral da Liga, a reunir no domingo, 21 do corrente, pelas 11 horas da manhã, na sala da Associação dos Artistas de Coimbra, para se proceder á eleição dos corpos gerentes.

Coimbra, 16 de abril de 1907.

O secretario,
Neri Ladeira.

ASSOCIAÇÃO DE CLASSE

DAS

ARTES GRAFICAS

São avisados os socios desta coletividade que a sua sede se acha instalada na rua Eduardo Coelho, 7, 1.º, e que as sessões ordinarias da Comissão continuam a ter logar nos dias 15 e 30 de cada mez.

Coimbra, 31 de março de 1907.

O secretario,
J. Pereira da Mota.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

Inez d'Horta

Comedia semi-tragica em 5 actos, obra inédita publicada pelo sr. Visconde de Sanches Frias.

Viuva Tavares Cardoso — Editora

Largo do Camões — LISBOA

ALVARO ROXANES

medico-cirurgião

Consultorio: Marco da Feira, 8 (telef. 178)

Das 4 ás 12 e das 2 ás 4

Residência: R. de Tomar, 11 (telef. 178)

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes da Beira Alta

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, Administração dos Caminhos de Ferro do Estado (linhas do Sul e Sueste e do Minho e Douro) e Companhia Nacional de Caminhos de Ferro (linhas de Santa Comba a Vizeu e Foz-Tua a Bragança)

Tarifa especial N. B. M. V. n.º 11— Grande velocidade

(Aplicavel de uma para outra qualquer estação das linhas combinadas, sempre que a remessa seja destinada a uma estação pertencente á Administração diferente daquela que expede, salvo as excepções constantes da condição 1.ª)

Em applicação desde 1 de Maio de 1907

Volumes de pezo não superior a 10 kilos

Preços por volume

Incluindo as despesas de manutenção (serviço braçal), transmissão, guia e registo, e o selo de 20 réis por expedição

Trajetos em linhas de 2 Administrações diferentes	220 réis
„ „ „ „ 3 „ „ „ „	260 „
„ „ „ „ 4 „ „ „ „	300 „
„ „ „ „ 5 „ „ „ „	370 „
Sobretaxa para a entrega a domicilio em Lisboa ou pela entrega ou recepção em qualquer dos Despachos Contraos da mesma cidade	50 „

N. B.— Para a applicação destes preços serão consideradas como pertencentes a Administrações diferentes:

As linhas do Sul e Sueste, do Minho e Douro, Santa Comba a Vizeu e Foz-Tua a Bragança

CONDIÇÕES

1.ª— Conforme as disposições do Aviso publicado em 20 de Julho de 1898:

a) Seguem pelas linhas desta Companhia e da Companhia Real as remessas:

de Mealhada até ao Porto (Campanhã) ou mais além, para Figueira da Foz e para Sabugal até Covilhã ou vice-versa, de Figueira da Foz e de Pampilhosa até Coimbra, para Sabugal até Fundão ou vice-versa;

b) se, por vontade do remetente, o percurso entre os pontos mencionados na alínea a) tiver de ser feito exclusivamente pelas linhas da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, não será applicada a presente tarifa e as remessas serão taxadas pelas Tarifas Geraes.

2.ª— Esta tarifa é applicavel a todas as expedições de um só volume, de qualquer forma, dimensão ou natureza, contanto que não contenha valores, dinheiro, objetos preciosos, materias inflamaveis ou explosivas e animaes vivos.

3.ª— As expedições terão que ser feitas em porte pago, á partida, e seguirão pelo primeiro comboio de passageiros que partir para a estação de destino das remessas, uma hora pelo menos, depois da apresentação destas para expedir.

4.ª— Não serão aceitos, para expedição por esta tarifa, volumes cujo acondicionamento seja deficiente.

5.ª— Para que esta tarifa seja applicada é indispensavel que o expeditor inscreva, no volume, o seu nome e o do destinatario, bem como o da estação de destino. Quando não se puder escrever sobre o volume, serão estas indicações feitas em rotulo solidamente preso ao volume.

6.ª— Não são exigidas «notas de expedição». Em troca do volume receberá o remetente um talão numerado que substituirá a «senha»; um segundo talão de igual numero será colado ao volume e contra a entrega do primeiro destes talões, ou do documento que regulamentarmente substitua a «senha», serão as remessas retiradas da estação de chegada.

Não haverá cartas de porto.

7.ª— Dando-se perda ou avaria, será paga, salvo caso de força maior, a devida indemnização, limitada, porém, ao maximo de 10000 réis por kilograma.

8.ª— Ficam em vigor as condições das Tarifas Geraes em tudo que não seja contrario ás disposições da presente.

Pela presente tarifa é substituida e anulada, para todos os efeitos, a tarifa especial N. B. M. V. n.º 11, de grande velocidade, em vigor desde 1 de Dezembro de 1898.

Lisboa, 10 de Abril de 1907.

O Engenheiro Director da Companhia,
Marquez de Gouveia

Obras de ALEXANDRE DUMAS
Memorias dum medico
PRIMEIRA PARTE
JOSÉ BALSAMO
VOLUME VII
CASA EDITORA DE GUIMARAES & C.
R. de S. Roque, 68 a 70— Lisboa

Maximo Gorki
NA ESTEPA
Tradução de Romualdo de Figueiredo
Guimaraes & C., editores
Rua de S. Roque, 68 a 70— LISBOA
A' venda na
NOVA AGENCIA DE PUBLICAÇÕES
Rua da Sofia— COIMBRA

Balzac
Um começo de vida
Tradução de Beldemonio
Casa editora de GUIMARAES & C.
Rua de S. Roque, 68 a 70— LISBOA

IVAN TOURGUÉNEFF
OS DOIS AMIGOS
Trad. de Pacheco Neves
VIUVA TAVARES CARLOS, Editora
Largo do Camões— LISBOA

JOSÉ EUGENIO FERREIRA
ADVOGADO
ESTRADA DA BEIRA 96,

EDITAL
O Doutor Alvaro da Costa Machado Vilela, provedor da Santa Casa da Misericordia de Coimbra.

Faço saber que na secretaria desta Santa Casa, se acha patente por espaço de oito dias, a contar do dia 20 do corrente mez, o projeto do orçamento ordinario da recolta e despeza para o futuro anno economico de 1907 1908 Secretaria da Misericordia de Coimbra, 18 de abril de 1907.

() provedor,
Alvaro da Costa Machado Vilela.

As Pupilas do Senhor Reitor
Romance de Julio Diniz

CONDIÇÕES DA PUBLICAÇÃO:
Esta sumptuosissima edição consta de um volume ilustrado com 30 magnificas aguarelas a côres, originaes de Roque Gameiro, executadas por um novo processo completamente desconhecido em Portugal e 127 gravuras a preto, intercaladas no texto, e um soberbo retrato do autor. O formato é o mesmo do prospêto distribuido e o papel será de qualidade egualmente superior; o texto é em tipo elzeviriano inteiramente novo e elegantissimo, e a impressão deveras aprimorada. Nas iniciaes de cada capitulo empregar-se-ão letras caprichosamente ornamentadas que entram no numero das illustrações. Apesar das enormes despesas de publicação tão monumental, o preço dos fasciculos é apenas de

300 réis cada um, em Lisboa e Porto pagos no acto da entrega

Nas demais terras do paiz, pagamento adelantado ás series de dois, tres ou mais fasciculos. As despesas da remessa são á custa d'A Editora, e a distribuição de cada fasciculo é feita nos dias 10 e 25 de cada mez. Pedidos de assinatura podem ser feitos a

A EDITORA
Administração em Lisboa—Largo Conde Barão, 80
Filial no Porto: Lelo & Irmao, Carmalitas, 144.

DR. JOSÉ CORREIA DIAS

A alimentação das creanças

2.ª edição aumentada com um capitulo sobre a evolução dos dentes

Preço 200 réis
A' venda nas principaes livrarias e em casa do autor
Rua Ivens, 34.2.º— LISBOA

A. d'O. Cardoso Fonseca

JESUITAS
SUAS QUALIDADES E DOCTRINA

Ambiciosos. Hipocritas. Devassos. Prevertedores e prevaricadores. Missa e confissão

LIVRARIA EDITORA
VIUVA TAVARES CAROSO
Largo do Camões— LISBOA

Rol da roupa enviada á lavadeira
Preço 120 réis
A' venda na typographia deste jornal.

CONSULTORIO DENTARIO
Rua Ferreira Borges— COIMBRA

Herculano de Carvalho
Medico pela Universidade

Consultas das 9 horas da manhã ás 4 horas da tarde, em todos os dias uteis.

Escrepturações mercantis

Para commercio em sociedade ou por grosso, encarrega-se pessoa habilitada, durante algumas horas de que possa dispôr.
Tambem leciona esta materia.
Para informações, carta para esta typographia.

EDITOS DE 30 DIAS
(1.ª publicação)

Pelo juizo de Direito da comarca de Coimbra correm editos, citando quaesquer interessados incertos que se julguem com direito á herança que ficou por falecimento de Joaquim Augusto da Silva e esposa D. Henriqueta de Castro da Fonseca e Silva, que tambem usaram os nomes de Joaquim Augusto da Fonseca e Silva e D. Henriqueta Augusta da Silva e Castro, moradores que foram em Aguiar da Beira, e els falecida nesta cidade de Coimbra, em doze de feveiro ultimo, para na 2.ª audiencia posterior ao prazo de 30 dias, a contar da ultima publicação deste anuncio, virem acusar a citação e assinar-se-lhe o prazo de 3 audiencias para deduzirem o que tiverem a opôr contra a justificação avulsa requerida por D. Maria de Castro e Silva Cid, casada com o Dr. Antonio de Matos Cid, e por este autorizada, residente em Aguiar da Beira, afim de ser julgada e habilitada como unica e universal herdeira daquêles seus paes, e especialmente para levantar da Caixa Economica Portugueza os depositos n.º 360 e 678, feitos por sua mãe referida D. Henriqueta de Castro da Fonseca e Silva, e n.º 359, feito por seu pae dito Joaquim Augusto da Silva, na Delegação de Vizeu, cujo processo corre seus termos pelo cartorio do escrivão do 5.º officio da referida comarca.

As audiencias na comarca de Coimbra fazem-se todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, não sendo dias feriados ou santificados, de manhã, no respectivo Tribunal Judicial, situado na Praça 8 de Maio, da cidade de Coimbra, observando-se as disposições do artigo 151 e seus §§ do Cod. do Proc. Civil.

Verifiquei a exatidão.
O Juiz de Direito,
Ribeiro de Campos.
O escrivão,
João Marques Perdigão Junior.

ANUNCIO
(1.ª publicação)

Para se dar cumprimento á carta precatoria, vinda do juizo de direito da segunda vara da comarca de Lisboa, se anuncia que pelo cartorio do escrivão Luiz Maria de Freitas, correm seus termos uns autos civeis de justificação avulsa para habilitação da herança da falecida D. Emilia Sarmiento da Fonseca de Vasconcelos e Castro, que tambem usava o nome de D. Emilia de Moraes Sarmiento, em que são justificantes Alfonso de Moraes Sarmiento, Antonio Sarmiento da Fonseca e Adolfo de Melo Moraes Sarmiento, os quaes pretendem ser julgados habilitados para haverem a herança da dita falecida, que é sua irmã, a qual faleceu no estado de solteira em 31 de dezembro de 1906 na casa de sua residencia na Rua de Santissima Trindade, n.º 31, sendo natural da freguesia da Sé Nova da cidade de Coimbra, sem deixar descendentes nem ascendentes, e dos mesmos autos se mostra que os justificantes pretendem habilitar-se como herdeiros da falecida sua irmã para todos os efeitos de direito, e para depois poderem averbar em seus nomes os papéis de credito existentes na herança que vão abaixo designados, e ainda para poderem registar os

dominios directos e quaesquer outros valores imobiliarios:

Papeis de credito
45 inscrições d'assentamento na junta do Credito Publico do capital nominal de cem mil réis cada uma, com os n.ºs 780, 2:643, 4:299, 8:356, 10:672, 10:673, 12:459, 19:059, 23:189, 25:080, 29:332, 32:165, 33:671, 36:666, 39:229, 43:792, 50:340, 55:696, 59:269, 59:270, 61:902, 68:856, 82:083, 85:659, 92:724, 94:437, 94:438, 94:439, 94:440, 103:871, 105:247, 105:248, 105:249, 107:355, 107:356, 127:579, 133:677, 148:476, 169:939, 186:088, 192:050, 207:611, 211:207, 211:208, 219:922.

6 inscrições d'assentamento da mesma junta do capital nominal de quinhentos mil réis cada uma, com os n.ºs 1:317, 4:021, 13:010, 17:114, 17:115, 55:671.

7 inscrições d'assentamento da mesma junta do capital nominal de um conto de réis cada uma, com os n.ºs 15:544, 16:848, 23:688, 44:345, 91:978, 99:287 e 111:467.

3 titulos de 5 ações do Banco de Portugal do capital nominal de quinhentos mil réis cada titulo, com os n.ºs 23:686 a 23:690, 21:691 a 23:695, 23:696 a 23:700.

São pelo presente citadas quaesquer pessoas que pretenderem opôr-se á presente justificação para deduzirem a sua opposição na terceira audiencia que tiver logar depois de acusada a citação, sendo esta accusação feita na segunda audiencia que tiver logar depois de findo o prazo de trinta dias, e correndo este prazo da publicação do ultimo anuncio.

As audiencias na comarca de Lisboa, fazem-se em todas as terças e sextas feiras de cada semana, não sendo feriados ou santificados, porque sendo-o, se fazem nos dias imediatos, pelas dez horas da manhã, no tribunal judicial, sito no extinto convento da Boa Hora, na rua Nova do Almada.

Coimbra, 16 de abril de 1907.
Verifiquei a exatidão.
O juiz de Direito,
Ribeiro de Campos.
O escrivão do 1.º officio,
Alfredo da Costa Almeida Campos.

MARÇANO
De 10 a 11 annos, precisa-se.
Rua da Sofia, 64.

Novo bico de gaz
“Duplo brilhante,”

Grande economia de gaz, de mangas e chaminés.
Agencia em Coimbra—A Intermediaria—Rua Eduardo Coelho, 44-1.º.
Telefone n.º 177.

LOJA DE FERRAGENS

Trespasa-se, nas melhores condições, um estabelecimento de ferragens, acreditado, num centro comercial importante.
Nesta redação se dão aos interessados todos os esclarecimentos necessarios.

II DE LONDRES II

Impermeaveis contra a chuva. Casaco por 25 shillings! Capas por 27 shillings!
Corte inglez, qualidade garantida.

The English Supply Co.
Representante em Coimbra

A INTERMEDIARIA
O grande catalogo, mostruario e modelos, está á disposição dos ex.ºs clientes. Basta dirigir bilhete postal indicando a morada á Intermediaria, rua Eduardo Coelho, 44-1.º.

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 Rua Ferreira Borges - 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se a venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Doces de ovos com os mais finos recheios.
Doces de fructa de diversas qualidades, sãos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando-se de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauces. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló**, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licors finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos productos da Fabrica de bolachas e biscoitos da Couraça de Lisboa, 32

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal effectua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: **Gaito & Canas**
Coimbra

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguezes, á venda na

Mercearia LUSITANA
(Depósito unico em Coimbra)

Estab. Ind. Pharm. "Souza Soares,"

(NO BRAZIL E NA EUROPA)

Devidamente legalizado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.ª classe e cinco medalhas de Ouro, na America do Norte, França e Brazil, pela perfeita manipulação e eficacia dos seus productos medicinaes:



PEITORAL DE CAMBARÁ

(Registado)

Cura prompta e radicalmente as tosse ou rouquidões;
Cura a laringite;
Cura perfettamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou asthmatica;
Cura a tísica pulmonar, como o provam numerosos attestados medicos e particulares;
Cura incontestavelmente a asthma, molestia difficil de ser debellada por outros meios;
Cura admiravelmente a coqueluche, e, pelo seu gosto agradável, é apeteçido pelas creanças.
Frasco, 4\$000 réis; 3 frascos, 2\$700 réis.

PASTILHAS DA VIDA

(Registado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as nauseas e vomitos, o enjô do mar, o mau halito, a flatulencia e a dilatação do estomago. São de grande eficacia nas molestias do utero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue.
Caixa, 600 réis; 6 caixas, 3\$240 réis.

36 Remedios Especificos em pilulas saccharinas

(Registados)

Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade:
Febres em geral;
Molestias nervosas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos orgãos urinaes;
Molestias das senhoras e das creanças;
Dôres em geral;
Inflamações e congestões;
Impurezas do sangue;
Fraqueza e suas consequências.
Frasco, 500 réis; 6 frascos, 2\$700 réis.

Consultem o livro — *O Novo Medico* — pelo Visconde Souza Soares, á venda nos depositos dos remedios do auctor. Preço: brochado 200 réis, encadernado 500 réis.

Medicamentos homeopaticos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos

1 Tubo com globulos 200 réis; duzia 2\$160.
1 Frasco com tintura 3.ª ou 5.ª 400 réis; duzia 4\$320.
1 Dito com trituração 3.ª 700 réis; duzia 7\$560.
Vede os preços correntes, o *Auxilio Homeopatico* ou *O Medico de Casa e a Nova Guia Homeopatica*, pelo Visconde Souza Soares.

Estes productos vendem-se em Coimbra na drogaria de Rodrigues da Silva & C. — Rua Ferreira Borges, 36.
Deposito geral em Portugal — Porto, rua Santa Catharina, 1503.

Aviso importante

O Estabelecimento tem medico habilitado, encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por escripto, sobre o tratamento e applicação dos remedios.

Os armazens GRANDELA & C.ª

RUA DO OURO, 115—LISBOA

mandam catalogos e amostras do seu colossal sortimento a quem as pedir.

Vendem para as provincias pelos mesmos preços que para Lisboa

Pagam o porte das encomendas cuja factura pode ser satisfeita no correio na occasião de as receberem

Mandam amostras a todos que as pedirem para que as confrontem com as das outras casas.

Não têm agentes em parte alguma, tratam todos os seus negocios directamente com o publico de todo o paiz, e é por isso que vendem mais barato que ninguem.

O catalogo geral de verão com 116 paginas e 1050 gravuras é enviado de graça a quem o pedir a

Grandela & C.ª

Rua do Ouro, 115—LISBOA

CASA MEMORIA

SUCURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Luz, 1
Praça 8 de Maio, 10

Esta casa continua a fornecer ao publico as suas acreditadas máquinhas de costura *Memória*. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que é mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu mechanismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinhas usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remeasas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e compram-se pianos usados.

A sempre quantidades de piano para alugar.

Fumeiro do Alentejo

Recebeu mais uma remessa da magnífica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a

MERCEARIA LUSITANA

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUSITANA

Machinas fallantes

Deposito completo de aparelhos das principaes marcas e para todos os preços a partir de 14\$000

Variada colleção de discos e cylindros com musicas e cantos executados pelos mais notaveis artistas.

Vendas pelos preços de Lisboa e Porto.

Depositarios da *Companhia de Gramophone*, da *Edison National Phonograph*, C.ª de *New-York*, e dos *Grandphones «Odeon»*.

TELLES & C.ª

R. Ferreira Borges, 152, 1.ª

COIMBRA

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital --- 200:000\$000 réis

Sede em Lisboa — PRAÇA DO DUQUE DA TERCEIRA, 11, 1.ª

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mixtos, Fraso Fixo, Combinados e Supervivencia, com ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitaes differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Seguros operarios a 20 réis semanaes

Para informações e tarifas dirigir-se ao agente em COIMBRA:

JOÃO GOMES MOREIRA — R. FERREIRA BORGES

CAÇADORES

O mais importante estabelecimento de espingardas, carabinas, revolveres e munições, é o de JOAO GOMES MOREIRA, rua de Ferreira Borges — Coimbra — Sucursal na *Figueira da Foz* (em frente ao Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

Espingardas (Jéneros) — da manufatura de *Saint-Etienne, Galand Elite, Francosa, Francotts, Remington, Bernard*, manufatura *Liegeais*
Carabinas — *La Francott, Popular, Winchester, Colts*, etc.

Revolveres — *Galand, Saint-Etienne, Smith Werson, Vello Doges*, etc., etc.

Pistolas — *Mauzer, Browing, Gaulcis*, etc., etc.

Munições de todos os calibres e qualidades

Mandam-se vir armas de qualquer fabricante, como por exemplo: *Holland & Holland, Puy, Dierrassen, Greener*, etc.

PAPELARIA CENTRAL

Rua Visconde da Luz — Coimbra

Pianos GAVEAU

Recebidos directamente de Paris, vendem-se nesta casa pelos preços da fabrica e recebem-se pianos em troca. — pedir catalogos e condições de venda.

Um completo sortimento d'aparelhos e todo o material preciso para a fotografia, que recebe dos principaes fabricantes e vende pelos preços mais baratos.

Grande edição de bilhetos postaes illustrados

De Coimbra, Vizeu, Aveiro, Castelo Branco, Covilhã, Amarante, Beja, Mirandela, Serra d'Estrela, etc.

Papelaria Borges

COIMBRA

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.ª

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Repara... Lê...
Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosse, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenuão sempre, e curão as mais das vezes com o uso dos *Saccharoides d'alcairão*, compostos (**Rebuçados Milagrosos**) onde os efeitos maravilhozes de alcairão, jenunamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencioem em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Saccharoides d'alcairão*, compostos (**Rebuçados Milagrosos**) são confirmados, não só por milhares de pessoas que os tomam usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

CASA REAL

Fornecedora da Casa Real

Visitem este estabelecimento e verão V. Ex.ª que ha vantagem.

Generos alimenticios das mais finas qualidades, em concorrência de preços com as cooperativas.

Vinho de meza e de Amaranço, qualidades e preços sem competencia.

Distribuição aos domicilios, sem aumento de preço.

"RESISTENCIA,"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

Brasil e Africa, anno..... 3\$600
lhas adjacentes, "..... 3\$000

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto 50%.

Comunicados, cada linha..... 40

Réclamos, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa esta jornal he honrada.

REITOR NOVO

Para a vaga deixada pela demissão do sr. dr. Antonio dos Santos Viegas foi nomeado o sr. D. João de Alarcão.

Vem numa circumstancia difficil da vida universitaria, em que o governo da Universidade requisita além dos dotes de um politico habil, conhecimentos do problema do ensino, que entre nós se póde dizer por estudar.

A Universidade atravessa uma fase perigosa de desenvolvimento, está em verdadeira crise.

Prejudicada por má administração, conservada ha muito longe do favor, senão na hostilidade aberta de todos os governos, as iniciativas dos professores que poderiam ter feito evolucionar o ensino dentro da curva de desenvolvimento e progresso, foram deixadas sempre sem incentivo.

As vozes que se levantavam contra ou a favor do ensino universitario, não foram nunca ouvidas por quem tinha obrigação de as ponderar e atender.

E, enquanto por um fenomeno de vida proprio Coimbra se desenvolve, progride, e adquire fóros de rara vitalidade, sendo notadas com admiração as iniciativas que a individualizam no meio portuez, a Universidade conserva-se parada; porque deixou de ter, depois do Visconde de Vila-Maior, á sua frente, um homem de rasgada iniciativa dentro do espirito do seu seculo, conhecendo o problema do ensino, sabendo fazer-se respeitar de mestres e alumnos.

A administração da Universidade passou assim a ser nada, nem como intenção educativa, nem como exemplo.

E não tem faltado na reitoria homens de intelligencia, de saber, e sabendo ensinar.

Alguns mesmos como os srs. dr. Santos Viegas e Costa Simões tinham dado provas de aptidões raras na regencia das suas cadeiras e, pela modificação do ensino, realisado verdadeiros progressos a dentro das suas faculdades.

Parecia porem faltar-lhes a capacidade diretora, se não foi simplesmente a tranquillidade que os abandonou.

Na Universidade ha, na verdade, um mal estar que se tem accentuado nos ultimos tempos e que originou o conflito recente — a luta entre o espirito do passado, que ficou num formalismo sem grandeza e sem valor, num dogmatismo sem efeito, numa falsa disciplina, fóra de tempo, esterilizadora de vontades e iniciativas.

E' essa errada compreensão, que transformou a vitalizadora disciplina mental em servilismo esteril de intelligencias; que é a causa do mau estar geral, do conflito latente, sempre, entre mestres e discipulos, da falta de progresso no ensino tanto de mestres como de alumnos.

Quem, entre os professores, procura, fóra das horas regulamenta-

res da aula, mais do que deslumbrar o seu mercieiro pela attitude olimpica, pelo gesto nobre, pela voz medida, é visto pelos colegas com evidente desdém e por vezes animosidade.

A disciplina univeritaria é a da formula, a da pontualidade na aula, o melhor requisito do estudante a frequencia do banco.

E é um dos episodios mais desoladores do ensino universitario o cuidado metuculozo com que se passaram annos a meditar um regulamento de faltas, que com espanto dos catedraticos deu o resultado oposito ao que se esperava, apezar de todas as peias com que os professores tentaram opôr-se á vontade dos alumnos.

Isto tem sido a disciplina academica dos ultimos tempos, toda externa, de aparatos.

Dentro das faculdades porém a indisciplina é profunlissima. Os professores hostilizam-se uns aos outros, longe e na presença dos alumnos.

Formam-se dentro das faculdades partidos que se degladiam e esterilizam boas vontades e trabalho util.

E, por uma coincidencia paradoxal, é em nome da disciplina e da verdade, que se levantam as questões que mais vêm a redundar em prejuizo do ensino e da Universidade.

E, nesta campanha de descredito, em que as faculdades têm envolvido os professores, desautorizando-se perante os alumnos, os reitores têm sofrido dos odios de todas as faculdades, que procuram a occasião de os desrespetar.

E assim se tem immobilizado a Universidade, enquanto o burgo não escolar, tão desdenhosamente olhado pelo preconceito universitario, se desenvolve, prospera, numa vitalidade rara no nosso paiz, numa originalidade grande de iniciativas, tornando-se o foco e a origem do renascimento das nossas artes industriaes e explicando assim a opinião de Borges Grainha que, se pedia que se tirasse a Coimbra uma universidade improgressiva, pedia também em nome do desenvolvimento e progresso da cidade, da sua feição propria, um conservatorio de artes e officios.

Deste estado de falsa disciplina vem em grande parte o mal estar da Universidade, que, como todos os outros estabelecimentos scientificos do paiz, sofre ainda da falta de proteção dos governos, que noutros paizes chega a impôr-se á administração interna das universidades, favorecendo iniciativas isoladas de professores, ajudando e protegendo contra as conspirações internas merito ignorado ou perseguido.

Para a Universidade é critico o momento, da sua solução depende o seu futuro de progresso, não a sua existencia.

Essa parece assegurada para Coimbra.

O sr. D. João de Alarcão encontra os estudos interrompidos, com

perda para centenas de familias que vêm em perigo os seus esforços e sacrificios, com prejuizo dos estudantes que, a não se abrirem as aulas, ficarão com uma educação scientifica insufficiente; com paralisação absoluta do comercio de uma cidade.

O sr. D. João de Alarcão que estudou na Universidade, conhece bem o meio coimbrão a que tem ligados tantos interesses seus, está, como ninguém, no caso de resolver o intrincado problema.

Que o resolva com bondade, com a prudencia que requer o melindre da situação, são os votos que a Resistencia faz, ao dar as boas-vindas ao novo Reitor da Universidade.

Artes graficas

Os socios desta associação, que começa com bons desejos de trabalhar em honra e proveito da sua classe, está organisando uma biblioteca que facilite assim aos associados horas de prazer e de instrução.

Em Coimbra ha falta de bibliotecas em que o operario se possa instruir. A Bibliotheca da Universidade é privativa, está fechada aos domingos e dias santos e não pode ser utilizada por grande numero dos habitantes desta cidade.

O sr. dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Seco, cuja dedicacão pelos interesses desta terra era bem conhecida, deixou no seu testamento prova de que não havia passado despercebido ao seu espirito esta falta.

Por o seu testamento legou o illustre professor ao municipio a sua livreria para fundo, supomos, de uma biblioteca mumpal.

Não se realizou porém ainda a vontade do dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Seco; por isso para louvar é o esforço que estão fazendo os socios da Associação das Artes Graficas, para organisar uma livreria propria.

Bom seria porém, que neste empenho não esquecessem os interesses da propria profissão e formassem a sua livreria com obras da especialidade, que assim contribuíssem para o estudo da sua profissão e progresso da sua arte.

Para tal fim todo o livro serve, como exemplar tipografico, e uma coleção das mais antigas obras impressas em Coimbra, seria uma empreza que honraris por igual a associação e os socios que lhe metessem hombros.

E' necessario porem a literatura especial, a da historia e progressos da propria profissão, além das obras de instrução geral e da prudente escolha das obras simplesmente literarias.

Hoje, os delegados da commissão organisadora desta associação, irão solicitar de varios particulares donativos de livros para a sua bibliotheca.

E a este proposito cumpre-nos agradecer publicamente a nomeação de socio honorario com que esta associação honrou o nosso diretor, sr. dr. Teixeira de Carvalho, assegurando-lhes com a nossa gratidão a certeza de os ajudarmos, sempre que o interesse da sua classe o peça, com a boa vontade e lealdade de que costumamos usar sempre.

A agencia do Banco de Portugal nesta cidade, representou á camara sobre o preço de 13.500 reis que fóra fixado a cada metro quadrado do terreno que precisava para edificação das suas novas installações nesta cidade.

Por deliberação da camara ficou encarregado o seu presidente, sr. dr. Marcondes e Sousa, de resolver a questão com os interessados.

A cidade e os acontecimentos

Tem-se discutido muito a attitude da cidade em presença do conflito academico. Entendem uns que a cidade se devia manifestar ostensivamente, entendem outros que a neutralidade é o caminho a seguir. Quem tem razão?

O conflito é assunto muito melindroso para os interesses da cidade e a boa razão manda uma prudente reserva da sua parte. Entre as partes em litigio, ela só poderá cooperar como medianeira quando sceite a sua interferencia no sentido de uma conciliação honrosa, pois não lhe compete nem lhe é cometida a resolução do conflito.

E' a classe comercial a mais diretamente ferida, e por isso, mais se tem notado e discutido a sua conduta, especialmente da Associação Commercial.

No começo do conflito, a academia pediu, numa representação á camara dos deputados, o desdobramento da faculdade de direito em Lisboa e Porto.

Pouco depois era a Associação dos Advogados, de Lisboa, e a camara municipal do Porto, que tomavam a deliberação de igual pedido.

A Associação Commercial cumpriu então o seu dever contrariando apenas pretensões. Era um dever, duplamente economico e moral, de que se desempenhou honrosamente. Nessa occasião, levada por uma orientação muito oportuna e sensata, e perfeitamente harmonica com a sua missão e fins, declarou manter-se alheia ao conflito, com o qual nada tinha, respeitando-lhe tão somente a defeza dos interesses da cidade.

Não tinha creado o conflito e em nada contribuiu para ele. Respeitando os contendores, quiz apenas que lhe respeitassem os seus direitos e interesses.

Os acontecimentos seguiram o seu curso, e de precipitação em precipitação, agravando-se a cada momento, dá-se um novo encerramento na Universidade, talvez longo, com todo o seu cortejo de graves prejuizos para Coimbra. E' tensa a situação. Tem muitos aspectos dificeis. A intervenção, porém, da Associação Commercial vinha resolver a? Não, certamente; e só póde pensar o contrario quem desconhece o maquinismo em que assenta a tatica da burocracia portuez, na estreiteza dos seus principios e processos, unicas esusas determinantes da situação actual. Uma intervenção, ostensiva ou não, podia complicar ainda mais o assunto.

A Associação Commercial não podia, pois, sensatamente, assumir a responsabilidade duma situação equivoca, ou jogar por ventura o seu prestigio, que tanto tem sabido levantar. Ha situações em que a prudencia é tudo.

Na impossibilidade, bem manifesta, de obstar ou remediar o mal que pesa sobre a cidade, a sua conduta só póde ser, como tem sido, de espetativa e conciliação.

Os prejuizos para a cidade, nesta como noutras occasiões, são a resultante de causas perturbadoras da vida coimbrã, numa successão de acontecimentos sempre lamentaveis, devido, ás imprevidencias dos governos, e ao seu desprezo pelos interesses geraes duma população importante, podendo, se quizessem, evitar tudo com medidas acertadas, de principio. E neste ponto, o actual governo tem ido além de todos. Nisto é que devemos estar todos de accordo.

Imprensa da Universidade

Recebemos o relatório e contas da gerencia em 1906 da Associação de Socorros Mutuos da Imprensa da Universidade, uma das mais florescentes de Coimbra e que bem mostra quanto póde o espirito de classe aliado á economia e boa administração.

Dos mapas que publica se vê que a receita foi de 675:430 reis e a despesa de 360 935 reis, havendo portanto um saldo positivo de 314 495.

Procurando obter a melhor garan-

tia para salvaguardar o capital social, a direção adquiriu dez obrigações do emprestimo de 4 por cento de 1890.

As condições do cofre de inabilidade foram também melhoradas com o donativo de 214.000 reis que foi convertido em quatro obrigações do mesmo emprestimo.

A despesa com os socios doentes foi de 259.625 reis, assim distribuida: subsídios a doentes, 69 780 reis; subsídios a inabilitados, 128.070 reis; medicamentos 61.775 reis.

A verba dos medicamentos é consideravelmente beneficiada, neata como nas outras associações de socorros mutuos de Coimbra, pela Liga de farmacia das associações de socorros mutuos, que fez o importante desconto de 55 por cento em todos os medicamentos, além da quantia de 15.220 reis que ainda couberam ao Monte-pio da Imprensa dos saldos havidos em annos anteriores.

Em conclusão: o relatório mostra o estado prospero da associação e o zelo e o trabalho com que soube administrar bem a direção de 1906.

Biblioteca da Universidade

Ultimamente a coleção de moedas e medalhas que o sr. dr. Mendes dos Remedios, com a diligencia com que exerce o seu lugar de diretor deste estabelecimento, poz em ordem, publicando por essa occasião um curioso estudo historico sobre as coleções universitarias, como introdução ao catalogo que organizou das moedas romanas, tem tido dadas diversas de visitantes que a têm aumentado, dando importancia ao pequeno nucleo já existente.

A sr.ª D. Herminia da Conceição Frederico ofereceu, encaxilhada, uma medalha de prata comemorativa da inauguração do Palacio de Cristal Portuense em 1861.

O sr. dr. José Maria de Almeida Outeiro, diretor do Palacio de Cristal ofereceu a seguinte importante serie de medalhas comemorativas:

- medalha de cobre da exposição internacional do Porto (1865).
- idem.
- medalha de cobre da exposição industrial no Palacio de Cristal Portuense em 1897.
- medalha de prata, idem.
- medalha de cobre da exposição de cães, armas e utensilios de caça e pesca, no Palacio de Cristal Portuense em 1889.
- medalha de prata comemorativa primeira exposição internacional portu-gueza (1865).
- medalha de prata da exposição insular e colonial do Porto em 1894.
- medalha de prata da exposição agricola no Palacio de Cristal Portuense em 1903-1904.
- medalha de cobre da exposição de dallas em 1904, no Palacio de Cristal Portuense.
- medalha comemorativa da exposição de crisantemos no Palacio de Cristal Portuense em 1906.
- medalha de prata da exposição de rosas no Palacio de Cristal Portuense em 1906.
- medalha de prata da exposição de rosas no Palacio de Cristal Portuense, em 1902.
- medalha da exposição de rosas no Palacio de Cristal Portuense, em 1904.
- medalha da exposição de rosas no Palacio de Cristal Portuense, em 1903.
- medalha de cobre da exposição de aves no Palacio de Cristal Portuense, em 1900.
- medalha de cobre da exposição de aves no Palacio de Cristal Portuense, em 1904.
- medalha da exposição de aves no Palacio de Cristal Portuense, em 1902.
- medalha de prata da exposição de aves no Palacio de Cristal Portuense,

Disciplina e revolta

As revoltas académicas contra os professores estão nas tradições de todas as universidades e são um dos seus elementos de progresso.

Na Universidade antiga, professores e alunos formavam um todo, cuja unidade se procurava manter com os privilégios que por igual os cobriam a uns e outros.

Por isso, em toda a parte onde houve uma Universidade, houve sempre por isso mesmo luta aberta entre o pessoal universitário, gosando de fóros e isenções eclesiásticas e o poder civil.

As justias universitarias eram privilegiadas, por isso a sua sombra se collocaram pessoas estranhas á corporação, que por modos indirectos conseguiam assim gozar dos privilegios da Universidade. Estes contribuíam em grande parte para aumentar o odio da população civil contra a universidade; porque, de ruims manhas como aliás denotava o uso do expediente, se serviam de privilegios e regalias para afrontarem os outros cidadãos, em cuja intimidade e commercio viviam.

Isto se dava em toda a parte, isto se deu em Coimbra.

As vozes de protesto, que a população levantou contra a Universidade que aqui fundou D. João III, não são, como parecem indicar historiadores que desconhecem por completo a historia, um facto particular a Coimbra, uma excepção revelando a unica indole dos seus habitantes.

Pelo contrario, o movimento de revolta era digno e indicava o protesto da população civil contra os que vinham hostilisa-los com os seus privilegios.

E não era só e isoladamente o habitante, a vercação teve de defender-se varias vezes dos que com o privilegio e favor real, pretendiam caminhar sobre os interesses de todos.

Este protesto era mal visto pelos bons doutores, mas era natural; dava-se em Coimbra como se deu em Paris.

Se o privilegio em gente de idade madura e da illustração que então tinham os professores da Universidade, era pouco para temer, da parte dos escolares, novos e protegidos, era de recear.

O mesmo se dava em Salamanca, em Paris, porém, de forma mais grave do que em Coimbra, chegando a correr o sangue, e prendendo as justias civis os escolares, em plena festa académica, quando elles se julgavam a coberto do privilegio e do costume.

Nós somos da mais enternecida sentimentalidade.

E' unico talvez, na historia universal das universidades, o caso sucedido com o bom Mateus Aranda, que, ao vir ensinar musica para a Universidade, se finou de puro desgosto com as palavras que lhe disse, ao atravessar o mercado de Coimbra, uma regateira a quem escandalisavam os privilegios do novo instituto.

Oh! A doce sentimentalidade portuguesa!

O que lhe diria a regateira? Bem o quiz eu saber, na esperanza de encontrar injuria original para caso de afecção, em conflito de gravidade.

Estavam experimentadas. Eram de eficacia segura para lentes: o bom Mateus Aranda morrera de paixão só de as ouvir...

Nunca o consegui saber. Os processos académicos de então dizem que as testemunhas, ao serem interrogadas baixaram os olhos, coraram, recusaram-se a dizer deante do augusto tribunal as enormidades da regateira, e calaram-se...

Tal qual como agora em que se não conseguiu saber por um escrupulo das autoridades académicas as palavras insultuosas atribuidas a um academico.

Oh! Como é consolador ver que se não interrompe a continuidade historica através dos tempos...

A lucta entre universitarios e pessoas estranhas era comum no seculo XVI e prolongou-se durante muitos seculos.

Esta antinomia desapareceu com a sua causa — o privilegio.

Deu-se em Coimbra; mas não foi nunca um facto particular e exclusivo desta cidade: apparece onde apparece a Universidade e o privilegio: tanto em Coimbra como no estrangeiro.

No pessoal academico havia tambem luctas; mas essas eram simplesmente de ensino.

Professores e alunos interessavam-se por igual por o ensino que então começava.

Quando Guevára começou a ensinar praticamente a anatomia em Coimbra, as aulas despovoaram-se todas para seguir o ensino novo, e a faculdade viu-se obrigada a alterar os seus horarios para os outros mestres terem alunos.

Não se lembraram de oppôr resistencia á resistencia, de fazer applicar os regulamentos.

Outros tempos...

Os discipulos então, quando lhes não agradava o mestre interrompiam as aulas, e com a vozearia não o deixavam estudar.

E quem procurar nos velhos papeis da Universidade lá encontrará o caso de um professor que interrompeu os seus cursos, e que o conselho mandou descontar nesses dias, informando-o de que nunca lhe seria admitida tal justificação das faltas.

Era então critério universitário que o bom professor teria sempre calados e atentos á sua palavra os discipulos mais rebeldes.

Tempos atrazados...

E os estudantes manifestavam-se não só sobre o merito dos seus professores, como sobre o dos que aspiravam ao magisterio.

Quando os estudantes não gostavam do candidato iam para a porta fazer gritaria para o não deixarem estudar.

E no dia, lá estavam, deante dos mestres, a manifestar-se, e a votar...

Porque então admitia-se que o aluno podia como qualquer simples mortal avaliar da ineptia do professor.

Conceito velho, erro antigo...

Esta tradição partiu-a o ensino jesuitico.

Ela se reatará porém logo que o espirito universitário appareça em mestres e discipulos.

Em Paris, o estudante quando a prelecção lhe agrada aplauda, quando lhe desagradava assobia.

Nos concursos, os estudantes manifestam-se aplaudindo os que julgam dignos de ser seus professores, assobian-do os contrarios.

Em Paris, os alunos fazem abandonar a regencia das cadeiras a professores sem apuções ou sem vontade de ensinar.

E tal pratica, dentro das tradições universitarias, não pode ser senão favoravel para o ensino.

Orfeon

No Ginasio-Club organisou-se um orfeon, que brevemente se inaugurará numa das festas desta ativa agremiação.

E' composto por alguns socios e senhoras de suas familias e dirigido pelo sr. Francisco de Macedo, uma das melhores organizações musicas de Coimbra.

A camara municipal votou na sua ultima sessão um voto de louvor ao sr. Crespo, representante da Companhia Conimbricense de Illuminação a Gaz, pelos serviços prestados ao municipio.

Como se sabe, o sr. Crespo nas suas relações com a camara apreciou sempre, como devia, as dificuldades em que esta, por falta de realisação do emprestimo, tinha de solver os seus compromissos e não se valeu das condições leoninas do contrato para embarçar a administração municipal, antes pelo contrario accedeu a todos os pedidos da camara, comprehendendo as difficuldades involuntarias em que esta se encontrava.

A camara, lançando um voto de louvor ao sr. Crespo, solveu honrosamente a divida de gratidão de todos os municipios.

Queixa

Queixam-se alguns moradores da rua das Esteirinhas de que certa gente, que por ali mora, passa vida ruidosa e perturbadora até altas horas da noite, não deixando viver socegradamente a gente honesta.

Ao sr. commissario de policia pedimos as providencias que o caso requer.

NOTA VERMELHA

Ha em Portugal um homem que, na opinião da imprensa e de toda a gente que o conhece, é o melhor de quantos vivem e lutam a vida portuguesa.

Esse homem — todos o adivinharam já — é o dr. Bernardino Machado.

Ele é com efeito o mais entranhado amigo do povo, o maior e mais devotado defensor da instrução e educação nacionais. Ele é o mais extrenuo apostolo da bondade a toda a creatura e se muitos o equalam na sciencia e um ou outro no trabalho continuo e pertinaz, ninguem como ele sabe ser cidadão.

Até hoje parece que ainda se lhe não encontrou outro defeito que o de ter sido ministro e conselheiro do regimen — embora isso fosse no tempo em que ainda se podia, sem deshonra, ser ministro e conselheiro.

Eu, porém, reconheço-lhe ainda outro defeito.

Ele tem na sua vida — permita o illustre professor que aqui lho diga — uma outra mancha, que me parece ainda bem maior. Mancha de tal ordem que emquanto ele ou alguém lhe não lavar, ele não será isento de culpa, ele não será verdadeiramente um homem.

Ora essa mancha — com arrebatamento o digo — parece que vai ser lavada pelo governo, com a esponja nobilitante do presidente do conselho.

Mais claramente: o dr. Bernardino Machado vai ser, pelo que parece, expulso da Universidade.

Pois já era tempo. Esta reparação, essa justia devia-a o governo, ha muito, ao dr. Bernardino Machado.

Sem ela o grande catedrático, o luminoso auctor do livro *As Creações*, o promotor das colonias maritimas, o fundador e alma de mil empresas benemeritas, seria sempre um homem incompleto.

Por mais que ele fizesse, por maior esforço que empregasse e mais energia que distribuisse pela vida, á sua obra magnanima faltaria sempre esse complemento indispensavel: ser riscado dentre os seus colegas.

Eu proprio que tanto lhe devo como exemplo e como tudo, que tão grande admirador sou das suas qualidades — eu proprio queharia a descer dele se algum dia o quibesse louvado e aclamado pelos seus colegas de capelo. Isso felizmente não aconteceu ainda. Não aconteceu nem acontecerá decerto, porque não é possível.

Não acontecerá, não deve acontecer. E' a propria nação, é o povo em geral, é a Republica em clamor que assim o exige.

Nós, com efeito, todos os que pensamos e desejamos ver ainda a patria livre e redimida, só exigimos do dr. Bernardino uma fineza a mais: é que deixe de ser colega dos seus colegas.

Porque ele é nosso, porque ele é da Verdade e da Justia.

Tomas da Fonseca.

Policia divertido

Da correspondencia para o *Primeiro de Janeiro*:

Hoitem á noite, um particular dirigiu-se ao posto telefonico camarario da Casa do Sal, a solicitar que se pediasse para a esquadra de policia fossem ali alguns guardas para conter um outro que andava fazendo disturbios e tinha já disparado dois tiros de revolver.

Marcharam dois guardas em acelerado, e a seguir começou a correr, pela Sofia e imediações, que tinham morto um policia proximo á estação velha — a fantasia popular!

Fora o caso de que o guarda n.º 96, tendo andado, de tarde, a passeio com uns amigos, bebeu de mais, e proximo á noite, já só, ao passar ao Arco Pintado, encostou-se a uma parede para fazer qualquer serviço, mas num desleixo, dizem diversas pessoas, que fazia o seu pouco de escandalo.

Uns homens que passavam estranharam o caso, chamando-lhe cão, e ele, fúlo, deitou sobre os homens para os prender. Alocançou as nas alturas da estação velha, e lá andou com elles qual debaixo qual de cima, acabando por vir embora sem conseguir trazel-os presos.

Outra vez proximo do Arco Pintado, parece que se encostou a um muro, deixando cair para a isuaa, fúria de agua, o bonet, que um rapazito lhe apauhou, levando depois o rapaz a uma tasca para gratifica-lo com um copo de aguardente.

Estava na tasca e entraram uns individuos, e elle, talvez supondo serem os que lhe chamaram cão, saiu para a rua fazendo grande reboligo, em que se envolveu muita gente, ficando feridas, por serem derrubadas diversas pessoas, e aparcendo o mesmo policia tambem ferido.

Em meio da refrega disparou dois tiros, que por felicidade não atingiram ninguém.

Reproduzo a occorrenca como me foi relatada por gente do sitio, concluindo do que ouvi, que o 96 tambem spanhou o seu pedago de taponá.

A comparancia dos guardas puzeram termo ao barulho, sendo o 96 conduzido para a esquadra. Não traxa o sabre nem a bolsa do revolver.

Na esquadra tem hoje syndicado do caso, sendo detidos alguns individuos suspeitos de terem batido no embriagado guarda.

Oxalá esse trabalho seja isento de parcialidade, para se apurar a verdade e não se esquecer a imprudencia dos tiros nem do caso da embriaguez, que vem demosttrar uma vez mais que nem a toda a gente, mesmo guarda de policia, se pode confiar um revolver.

Vae sem comentarios...

Associação dos Artistas

Está publicado o balancete do primeiro trimestre de 1907.

A receita foi de 781.440 réis, e a despesa de 923.563 réis, havendo por isso um saldo negativo de 142.123 réis.

Os fundos em 31 de dezembro eram de 5.360.508 réis, ficando em 31 de março de 1907 em 5.118.385 réis.

A Associação dos Artistas de Coimbra foi, em tempo, exemplo a todas as associações operarias do paiz; e deve o seu estado pouco prospero a ter-se convertido numa agencia de eleições, deixando medrar e mandar quem só tinha fins politicos e para pouco se importava com os interesses dos operarios.

Toda a associação que se converte em agencia de eleições, e põe de lado os interesses do operariado, deixando tudo ao agradecimento de politiquelhos sem consciencia, está por isso mesmo perdida.

As associações operarias só progredem quando pensam exclusivamente nos interesses dos operarios e estes só se defendem quando se levanta bem alto a sua dignidade.

Para se administrar e dirigir proveitosamente uma associação é necessario que seja o amor á sua classe, e o respeito dos seus colegas que tenha dirigido a escolha dos corpos gerentes.

Ora isso tem-se dado poucas vezes na Associação dos Artistas que da politica trouxe as más manhas que a vão fazendo definhar apesar de esforços isolados, bem dignos de melhor resultado.

Foi aprovado pelo ministerio do reino o 1.º orçamento camarario suplementar deste anno, na importancia de reis, 106.564.000 sendo 3.235.340 reis para amortisação e juros (1.ª prestação) do emprestimo ultimamente realizado; 100.000 reis para conservação e reparação de pozos, fontes e lavadouros; 1.000.000 reis para reforço de verba destinada a execução, material, canalisação, e obras particulares e da camara; 2.000.000 reis para os pavilhões anexos ao mercado de peixe; 3.000.000 reis para o reservatorio das aguas em Celas; 54.000.000 reis para liquidação da divida á companhia do gaz; 16.000.000 reis para obras de modernisação, indispensaveis, na fabrica do gaz e 228.660 reis para reforço de verba de expediente da secretaria e repartições a seu cargo.

O sr. Antonio da Conceição, um dos mais habéis serralheiros conimbricenses, foi encarregado de executar uma grade de ferro batido para o massiço de verdura que deve isolar o coreto de musica, ao Caes.

Está tambem trabalhando num chadlet de estilo moderno para o cimo do largo das Ameias.

O sr. Antonio da Conceição foi o auctor do candelabro de ferro batido e da grade de nicho em estilo renascença da ultima exposição da Escola Livre das Artes do Desenho, trabalhos tão justamente apreciados e aplaudidos.

Vae ser posto a concurso o logar de capelão do cemiterio municipal, vago pelo falecimento do sr. Manuel Marques.

CRONICAS DE HESPAH

Forma e fundo

A grande massa do povo hespanh parece resignada á sua abjeção e á sua miseria.

Duas terças partes dos individuos que a formam, não sabem ler nem escrever; não fazem respeitar a sua liberdade e o seu direito; não reclamam justia quando lha recusam; e mal comem.

Não protestam contra a opressão não se elevam á noção de uma orden publico; deixam usurpar a sua soberania; consentem que durmam na Comittuição, sem ser utilizados, os seus direitos de cidadão. Com o seu afastamento sistemático dos comicios, autorisam e legitimam a usurpação de que são victimas.

Não se indignam nem deploram as desgraças proprias, as humilhações nacionaes.

Obedecem docilmente, servilmente a oligarcas e politicos de companaria.

Em taes circunstancias não se dá uma loucura que muitos sonhem proclamar a Republica, a fim de ampliar os direitos do povo, quando a liberdades legalmente existentes resultam ociosas por excessivas, dado o estado do paiz?

O argumento parece á primeira vista concludente; no fundo não é mais que um sofisma.

Efectivamente, a ser fundado o argumento, não se applicaria só á Republica, mas sim, a todo o progresso politico; destruiria mesmo o fundamento do regimen actual; demonstraria que o regimen constitucional foi para Hespanha uma reforma prematura.

Faria de Cea Bermudez e de R Narvacs dois inovadores perigosos e audazes revolucionarios; deixaria provado que, depois de um seculo de parlamentarismo, ainda não está apta Hespanha actual para exercer as liberdades do Estatuto, e para pôr a organização do Estado em harmonia com a situação da sociedade, e é necessario retroceder na historia pouco meros de uma centuria para que as coisas voltem ao ser e estado que tinham durante o reinado do glorioso Fernando VII.

Lamenta-se muitas vezes a funesta propriedade que têm as formas de subsistir na ordem publica e social muito tempo depois de ter-se extinguido a consciencia dos homens e povos os principios que um dia constituíram a sua medula e substancia.

A missa, o rosario, os sacramentos, sobrevivem á fé. Mortos os grandes preajugos da aristocracia, todavia persiste no vulgo a superstição nobiliaria. Adora-se a toga, ainda onde se chega a desprezar o magistrado, e a sotaina ainda onde não se aprecia o sacerdote.

Dissipada a crença no direito divino, e desvanecido o prejuizo da patrimonialidade, ainda se mantem a monarchia hereditaria com secetro e corôa e os mais simbolos arquiveneraveis.

O fenomeno oposto não é menos frequente.

As formas novas que engendra o progresso dos tempos não nasceram do assentimento de uma maioria nem tomam a sua origem no assentimento dos mais.

Nenhuma revolução verdadeira se fez por plebiscito. E' lei da vida que as inovações, concebidas por um individuo, sejam impostas por uma minoria que assuma ao mesmo tempo a representação de tudo.

Por isso, emquanto umas formas persistem depois de morta a sua ideia, outras se adiantam ao estado social representando não a realidade actual desse estado, mas sim a aspiração latente no fundo da consciencia colectiva. E por isso pode dar-se o caso de que um povo sem cultura disfrute do direito de sufragio.

Certamente a França de 1789 não estava disposta para fazer um uso prudente da liberdade, mas a ter-se agüardado a que o estivesse jámais a revolução teria redimido o mundo.

Com certeza a Hespanha do seculo passado não estava apta, nem ainda o está a do presente, para o regimen parlamentar; mas se se tivesse exigido tal capacidade, ainda estaria vigente o absolutismo.

Esta especie de antecipações é cheia de perigos, mas sem ela nunca se realisaria progresso algum.

Eis aqui em que consiste o círculo vicioso em que nos encerra a realidade,

que impede todo o racional progresso executado pela iniciativa dos mais.

Querem implantar a Republica? Perteitamente. Mas a Republica sobe no cidadão um alto grau de educação e de moralidade politicas.

Mas, se não é indispensavel que a grande massa do povo esteja preparada para a transformação, como não ha de ser exigivel que o estejam aqueles homens e partidos que se esforçam para consuma-la?

Querem estabelecer a soberania do todo? Mostrem-se dispostos a sacrificar as velezidades anarquicas do alvedrio individual.

Tratam de instaurar um regimen forte e respeitado?

Ensinem aos inimigos que sabem unir-se contra eles.

Aspiram a dar ao paiz um governo de paz?

Não principiem a fazer guerra.

Pretendem consumir labor de redenção moral?

Demonstrem com factos concretos quilates de exemplar virtude.

Se assim não fazem, mal podem pretender que a opinião aprenda o ensino nas palavras e não o desengano nas accões e que, ouvindo o que dizem, se distraia do que fazem.

Eu não sei que possa dar-se absurdo tão notorio como o que consiste em propôr a um paiz o seguinte contraste: «Dá-me tu o apoio activo e eficaz que é necessario para acabar com a velha ordem das coisas; pela minha parte ofereço-te para o dia do triunfo a desordem, a indisciplina e a discórdia».

Almodovar del Campo, 13 de abril de 1907.

S. de O.

Serviços de gaz

A camara que, como aqui temos por mais de uma vez noticiado, desceja dar ao serviço municipalizado do gaz todo o desenvolvimento proposto pelo sr. Charles Lepierre, como condição da sua prosperidade e desenvolvimento, pretendo adquirir terrenos situados na proxi-

(1) Folhetim da "RESISTENCIA,"

COIMBRA NO SEculo XVII

Ao meu amigo sr. dr. Augusto Mendes Simões de Castro.

Na biblioteca de Rouen, encontrei a curiosa descrição da viagem a Espanha e Portugal, feita pelo padre francês de Tours, pregador, da ordem dos capuchos, em 1698, e escrita e dada por elle mesmo aos capuchos de Orleans.

Ao le-la, meu caro Augusto Mendes, longe da nossa Coimbra, lembrei-me do prazer que teria se lesse as paginas que dedicava a Coimbra e que formam um quadro tão colorido do viver desta cidade no seculo XVII.

E copiei o manuscrito para lho trazer, contente por poder mostrar-lhe assim quanto o estimio, e com quanta admiração vejo o culto que tem votado a esta Coimbra, para que vim bem novo e que bem cedo me prendeu pela beleza desta paisagem encantadora, cheia de reliquias do passado que tão bem se identifica com a natureza particular do meu espirito, pelo perpassar constante de gente sempre moça, pela convivencia de espiritos que, como o seu, meu caro amigo, andam sempre bem alto e longe da miseria mesquinha do viver comum.

Comeco hoje a publica-lo, alegre da surpresa que vou fazer-lhe, e que tão escondida tenho trazido.

O frade francez era de Nevers e dahi veio correndo Orleans, Blois, Tours, Fontainebleau, Rouen, Havre, Caen, Cadix e San Lucar.

Entrou o bom do capuchinho por Moura, passou por Vidigueira, Porto

midade da fabrica actual e pertencente ao sr. Crespo, representante da Companhia Combricense de Iluminação a Gaz.

O terreno vae ser avaliado por dois peritos, sendo o do sr. Crespo o abastado capitalista sr. Antonio Rodrigues Pinto e o da camara o sr. Charles Lepierre.

Foi transferido para o serviço do ultimamar, o segundo sargento de infantaria 23, Antonio.

Theatro Principe Real

Hoje realisa-se a recita em beneficio da atriz Sofia Santos, uma das mais distintas da companhia permanente que funcionou este anno neste teatro, conhecida e aplaudida nos teatros de Lisboa.

Sobe á scena, pela primeira vez, a comedia em 2 actos — Padre, filho, espirito santo, — em que tomam parte os socios do Coimbra-Club, srs. Mario Témido, Gabriel Tinoco, Antonio Marta, Otaviano Sá e José Teixeira.

A beneficiada recitará — Creada politica —, monologo escrito expressamente para esta recita pelo sr. Rafael Ferreira.

O sr. Antonio Gomes, violinista do teatro de S. Carlos, tocará a Legende, de Wieniauski, e a Grande phantasie militaire, de Léonard.

O sr. Antonio Sergio recitará o monologo — Se eu quizer não me ralo... —

O espectáculo acabará com o Largo, de Mendel, e L'arrivee, de Ch. Danclá, executados por uma orchestra composta dos distintos madores srs. Plinio Martins, João Carvalho, Adriano Saraiva, Francisco Rocha, dr. Marcario, João Contente, Augusto Machado, Antonio Tinoco, Osorio Alves, Henrique de Melo, Vasco da Rocha e Francisco do Vale; e os distintos artistas srs. A. Ribeiro Alves, Bernardo d'Assunção, Francisco Peixoto, José Eliseu, Abel Eliseu, Augusto Paes, José Paes, Cruz, Campos, e o illustre maestro Dias Costa, que fará os acompanhamentos ao piano.

Pelo governo civil de Coimbra, foram concedidos, durante o mez de março ultimo, passaportes a 149 emigrantes, sendo 120 varões e 29 fêmeas, destinando-se 8 á Africa Occidental, 1 á Africa Oriental e 240 aos Estados-Unidos do Brazil.

Pertenciam 3 ao concelho de Arganil, 20 ao de Cantanhede, 7 ao de Coimbra, 2 ao de Condeixa, 35 ao da Figueira da Foz, 2 ao de Gões, 3 ao da Louzã, 11 ao de Mira, 37 ao de

de El-Rei e poz-se com o companheiro a caminho de Alcaçer do Sal.

Aqui começam as aventuras e os sustos que mais tarde nos valeram algumas más palavras.

Deixemos a palavra a de Tours;

«... dois portuguezes, que passavam, reuniram-se a nós, sem nos dar grande prazer; porque não sei se tinham alguma má tenção. Estavam armados de espadas e penhaes, e de resto mal vestidos.

«Tinha eu uma capa nova, e pelo caminho não faziam senão gabala.

«Julgavam que eramos carmelitas e perguntavam se não tinhamos dinheiro. Respondi-lhe que não e que, sendo capuchos, não o podiamos ter.

«Julgava eu que os frades capuchos eram conhecidos em Portugal, como em França, mas era mal fundada a minha convicção; porque não entendiam a palavra capuchos, continuavam a julgar que tinhamos dinheiro, falavam constantemente da belleza da nossa capa, levavam-na por caminhos de mato, de mais de seis pés de altura e falavam muitas vezes na palavra matar, que quer dizer tuer, que nós ouviamos perfeitamente bem, e que nos não dava prazer algum.

«Não nos quizeram deixar nunca, apesar de ás vezes fingirmos que paravamos, e paravam connosco. Se o caminho era um pouco estreito, queriam que marchassemos adiante e dêles; mas nós faziamos-nos pelo contrario caminhando adiante de nós; porque, sendo apenas dois, os teriamos, se fosse necessario, forçado bem.

«Quando estavamos no fundo do matagal, pararam a parlamentar. Ouvia

Miranda do Corvo, 15 ao de Montemó-o-Velho, 36 ao de Oliveira do Hospital, 29 ao de Penacova, 13 ao de Peneia, 5 ao de Poiães, 19 ao de Soure, 1 ao de Lisboa e 1 ao de Monteforte (Portalegre).

Eram as suas profissões as seguintes: 1 de profissão liberal, 31 proprietarios ou capitalistas, 4 empregados no commercio, 1 empregado publico, 2 alfaiates, 11 carpinteiros, 6 pedreiros, 5 de profissão não especificada, 164 operarios agricolas, 7 pescadores, 13 de occupações domesticas e 4 sem profissão, e somente sabiam ler e escrever 114 varões e 3 fêmeas.

Emigraram 196 pela primeira vez, 32 pela segunda, 14 pela terceira, 5 pela quarta e 2 pela quinta.

ANUNCIO

(2.ª publicação)

Para se dar cumprimento á carta precatoria, vinda do juizo de direito da segunda vara da comarca de Lisboa, se anuncia que pelo cartorio do escrivão Luiz Maria de Freitas, correm seus termos uns autos civeis de justificação avulsa para habilitação da herança da falecida D. Emilia Sarmento da Fonseca de Vasconcelos e Castro, que tambem usava o nome de D. Emilia de Moraes Sarmento, em que são justificantes Afonso de Moraes Sarmento, Antonio Sarmento da Fonseca e Adolfo de Melo Moraes Sarmento, os quaes pretendem ser julgados habilitados para haverem a herança da dita falecida, que é sua irmã, a qual faleceu no estado de solteira em 31 de dezembro de 1906 na casa de sua residencia na Rua de Santissima Trindade, n.º 31, sendo natural da freguesia da Sé Nova da cidade de Coimbra, sem deixar descendentes nem ascendentes, e dos mesmos autos se mostra que os justificantes pretendem habilitar-se como herdeiros da falecida sua irmã para todos os efeitos de direito, e para depois poderem averbar em seus nomes os papeis de credito existentes na herança que vão abaixo designados, e ainda para poderem registrar os dominios directos e quaesquer outros valores immobiliarios:

Papeis de credito

45 inscrições d'assentamento na

Francia que era o sr. presidente Rouillé vir a nossa casa de liteira de preferencia á carruagem.

A catedral é uma antiga mesquita de mouros, por isso é muito material.

Vê-se lá uma coisa particular que são dois corvos que ali estão desde que foi martirizado S. Vicente e que seu corpo foi guardado pelos corvos.

Quando morre um destes dois corvos, vem outro e ninguém sabe de onde. Apesar de terem tudo aberto, não fogem; voam todavia perfeitamente e não são maus; porque lhes dei de comer á mão.

E' costume trazer-lhes todos os dias carne.

Perto da catedral ha uma muito bela capela de Santo Antonio, que chamam de Padua, mas que é de Lisboa, por ter nascido na capela de que falo e em que todos os dias se diz quantidade de missas.

Ha a igreja dos italianos chamada Loreto, muito bem edificada e toda dourada; porque deve saber-se que todas as igrejas de Lisboa são muito douradas; isto é todos os altares de alto a baixo e mesmo os dois pulpitos, em que se prega, porque ordinariamente em todas as igrejas ha dois pulpitos.

A igreja dos agostinhos é digna de vêr-se; porque ha lá uma cruz que dizem valer um milhão, de ouro massivo, enriquecida de pedrarias, que foi o resgate de um rei mouro feito prisioneiro pelos portuguezes em um combate.

O convento de freiras capuchas foi estabelecido por capuchas de França, quando a filha do sr. duque de Nemoura veio para Rainha a Portugal e as trouxe com ella.

Diz-se que a construção custou mil e oitocenta mil libras.

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

58, Rua da Sofia, 62 — COIMBRA

Sortido variado de fazendas nacionaes e estrangeiras

Confeções para homens e crianças, pelos ullimos figurinos

Vestès para eclesiasticos

Grande variedade de coletes de fantasia, para verão

Gravatas, suspensorios, e diversos artigos para homem.

Junta do Credito Publico do capital nominal de cem mil réis cada uma, com os n.ºs 780, 2:643, 4:299, 8:356, 10:672, 10:673, 12:459, 19:059, 23:189, 25:080, 29:332, 32:165, 33:671, 36:666, 39:229, 43:792, 50:340, 55:696, 59:269, 59:270, 61:902, 68:856, 82:083, 85:659, 92:724, 94:437, 94:438, 94:439, 94:440, 103:871, 105:247, 105:248, 105:249, 107:353, 107:356, 127:579, 133:677, 148:476, 169:939, 186:088, 192:050, 207:611, 211:207, 211:208, 219:922.

6 inscrições d'assentamento da mesma junta do capital nominal de quinhentos mil réis cada uma, com os n.ºs 1:317, 4:021, 13:010, 17:114, 17:115, 55:671.

7 inscrições d'assentamento da mesma junta do capital nominal de um conto de réis cada uma, com os n.ºs 15:544, 16:848, 23:688, 44:345, 91:978, 99:287 e 111:467.

3 titulos de 5 ações do Banco de Portugal do capital nominal de quinhentos mil réis cada titulo, com os n.ºs 23:686 a 23:690, 21:691 a 23:695, 23:696 a 23:700.

São pelo presente citadas quaesquer pessoas que pretendem oppôr-se á presente justificação para deduzirem a sua opposição na terceira audiencia que tiver logar depois de acusada a citação, sendo esta accusação feita na segunda audiencia que tiver logar depois de findo o prazo de trinta dias, e correndo este prazo da publicação do ultimo anúncio.

As audiencias na comarca de Lisboa, fazem-se em todas as terças

e sextas feiras de cada semana, não sendo feriados ou santificados, porque sendo-o, se fazem nos dias immediatos, pelas dez horas da manhã, no tribunal judicial, sito no extinto convento da Boa Hora, na rua Nova do Almada.

Coimbra, 16 de abril de 1907.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Ribeiro de Campos.

O escrivão do 1.º officio,

Alfredo da Costa Almeida Campos.

Maquinas falantes

Cilindros e Discos

PATHE'

Deposito geral no distrito de COIMBRA

Rua do Sargento-Mór, 11-1.º

Grande redução de preços

Cilindros impressos pelos melhores cantores e cançonetistas nacionaes e pelas maiores celebridades liricas.

Fados acompanhados a guitarra e violão.

Solos de piano, violino, cornetim, etc., por conhecidos e afamados artistas.

Trechos musicos executados pelas bandas militares de Lisboa, Paris, Londres, etc.

Fonografos para diversos preços, desde 50000 réis.

Cilindros desde 250 réis.

O retabulo do altar mór, que é de colunas de marmore, custou mais de oitenta mil libras. As capelas e os pulpitos são todos dourados como nas outras igrejas.

Emfim, pode dizer-se que as igrejas de França não passam de cavalariças, se nos podemos servir de tal termo, em comparação das igrejas de Portugal e de Espanha em que ha tesouros imensos.

A uma boa meia legua da cidade está um convento de S. Jeronimo chamado Bethlem, mas por corrupção belem. Este convento é magnifico. Outra era sepultura dos reis de Portugal; porque se vêem ainda lá sete tumulos de reis e rainhas.

O palacio do rei não é dos mais belos; far-se-ia todavia d'elle a mais linda coisa, se se quizesse, pois está á margem do Tejo que, neste sitio tem mais de tres leguas de largo.

Os navios vêm ancorar em baixo do palacio e o ancoradouro é tão bom que podem ancorar ao mesmo tempo tres mil navios.

Veem-se de toda a sorte de nações e, aos domingos e dias de festa, é um regalo ver desenroladas todas as suas bandeiras de cores diferentes.

A corte do rei não é de forma alguma magnifica.

Só tem um guarda á porta, e todos os guardas do rei são artistas que só veem quando o rei vae em grande cerimonia a qualquer parte, e isso só raras vezes.

Vi-o muitas vezes de caruagem sózinho com um fidalgo e um creado, e só com dois cavalos a puxar.

(Continua.)

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.

Dóces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Saneissos. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló**, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos** e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos productos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros pontaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: **Gaito & Canas** Coimbra

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portugueses, á venda na

Mercearia LUZITANA (Depósito unico em Coimbra)

Estab. Ind. Pharm. "Souza Soares,"

(NO BRAZIL E NA EUROPA)



Devidamente legalisado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.ª classe e cinco medalhas de Ouro, na America do Norte, França e Brazil, pela perfeita manipulação e efficacia dos seus productos medicinaes:

PEITORAL DE CAMBARÁ

(Registado)

Cura prompta e radicalmente as tosseis ou rouquidões;

Cura a laringite;

Cura perfeitamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou astmatica;

Cura a tísica pulmonar, como o provam numerosos attestados medicos e particulares;

Cura incontestavelmente a asthma, molestia difficil de ser debellada por outros meios;

Cura admiravelmente a coqueluche, e, pelo seu gosto agradável, é apete-cido pelas creanças.

Frasco, 1\$000 réis; 3 frascos, 2\$700 réis.

PASTILHAS DA VIDA

(Registado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as nauseais e vomitos, o enjoio do mar, o mau halito, a flatulencia e a dilataçào do estomago. São de grande efficacia nas molestias do utero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue.

Caixa, 600 réis; 6 caixas, 3\$240 réis.

36 Remedios Especificos em pilulas saccharinas

(Registados)

Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade:

Febres em geral;

Molestias nervosas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos orgãos urinarios;

Molestias das senhoras e das creanças;

Dóces em geral;

Inflammações e congestões;

Impurezas do sangue;

Fraqueza e suas consequencias.

Frasco, 500 réis; 6 frascos, 2\$700 réis.

Consultem o livro — *O Novo Medico* — pelo Visconde Souza Soares, á venda nos depositos dos remedios do auctor. Preço: brochado 200 réis, encadernado 500 réis.

Medicamentos homeopaticos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos

1. Tubo com globulos 200 réis; duzia 2\$160.

2. Frasco com tintura 3.ª ou 5.ª 400 réis; duzia 4\$320.

1 Dito com trituracão 3.ª 700 réis; duzia 7\$560.

Vêde os preços correntes, o *Auxilio Homeopatico* ou *O Medico de Casa* e a *Nova Guia Homeopatica*, pelo Visconde Souza Soares.

Estes productos vendem-se em Coimbra na drogaria de Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges, 36.

Deposito geral em Portugal — Porto, rua Santa Catharina, 1503.

Aviso importante

O Estabelecimento tem medico habilitado, encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por escripto, sobre o tratamento e applicação destes remedios.

Os armazens GRANDELA & C.ª

RUA DO OURO, 115 — LISBOA

mandam catalogos e amostras do seu colossal sortimento a quem as pedir.

Vendem para as provincias pelos mesmos preços que para Lisboa

Pagam o porte das encomendas cuja factura pode ser satisfeita no correio na occasião de as receberem

Mandam amostras a todos que as pedirem para que as confrontem com as das outras casas.

Não têm agentes em parte alguma, tratam todos os seus negocios directamente com o publico de todo o paiz, e é por isso que vendem mais barato que ninguem.

O catalogo geral de verão com 116 paginas e 1050 gravuras é enviado de graça a quem o pedir a

Grandela & C.ª

Rua do Ouro, 115 — LISBOA

CASA MEMORIA

SUCURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Lús, 1
Praça 8 de Maio, 10

Esta casa continua a fornecer ao publico as suas acreditadas máquinhas de costura *Memória*. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que é mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por al se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinhas usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condicões do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e compram-se pianos usados.

A sempre quantidades de piano para alugar.

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a

MERCEARIA LUSITANA

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUSITANA

Machinas fallantes

Deposito completo de aparelhos das principaes marcas e para todos os preços a partir de 14\$000

Variada colleccão de discos e cylindros com musicas e cantos executados pelos mais notaveis artistas.

Vendas pelos preços de Lisboa e Porto.

Depositarios da *Companhia de Gramophone, da Edison National Phonograph, C.ª de New-York*, e dos *Grandophones «Odeon»*.

TELLES & C.ª

R. Ferreira Borges, 152, 1.ª
COIMBRA

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital --- 200.000\$000 réis

Sede em Lisboa — PRAÇA DO DUQUE DA TERCEIRA, 11, 1.ª

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mixtos, Prazo Fixo. Combinações e Supervivencia, com ou sem participacão nos lucros da Companhia.

Capitacs differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Seguros operarios a 20 réis semanacs

Para informações e tarifas dirigi-se ao agente em COIMBRA:

JOÃO GOMES MOREIRA — R. FERREIRA BORGES

CACADORES

O mais importante estabelecimento de espingardas, carabinas, revolvers e munições, é o de JOAO GOMES MOREIRA, rua de Ferreira Borges — Coimbra — Sucursal na *Figueira da Foz* (em frente ao Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

Espingardas (Ideas) — da manufatura de *Saint-Etienne, Galand Elite, Francesa, Francotts, Remington, Bernard*, manufatura *Liegeois*

Carabinas — *La Francott, Popular, Winchester, Colts*, etc.

Revolvers — *Galand, Saint-Etienne, Smitt Werson, Vello-Doges*, etc., etc.

Pistolas — *Mauzer, Browing, Gauleis*, etc., etc.

Munições de todos os calibres e qualidades

Mandam-se vir armazens de qualquer fabricante, como por exemplo: *Holland & Holland, Fuy, Dierdassen, Greer*, etc.

EDITOS DE 30 DIAS

(2.ª publicação)

Pelo juizo de Direito da comarca de Coimbra correm editos, citando quaesquer interessados incertos que se julguem com direito á herança que ficou por falecimento de Joaquim Augusto da Silva e esposa D. Henriqueta de Castro da Fonseca e Silva, que tambem usaram os nomes de Joaquim Augusto da Fonseca e Silva e D. Henriqueta Augusta da Silva e Castro, mordadores que foram em Aguiar da Beira, e ela falecida nesta cidade de Coimbra, em doze de fevereiro ultimo, para na 2.ª audiencia posterior ao praso de 30 dias, a contar da ultima publicação deste anuncio, virem acusar a citação e assinar-se-lhe o praso de 3 audiencias para deduzirem o que tiverem a opôr contra a justificação avulsa requerida por D. Maria de Castro e Silva Cid, casada com o Dr. Antonio de Matos Cid, e por este autorizada, residente em Aguiar da Beira, afim de ser julgada e habilitada como unica e universal herdeira daquêles seus paes, e especialmente para levantar da Caixa Economica Portugueza os depositos n.ª 360 e 678, feitos por sua mãe referida D. Henriqueta de Castro da Fonseca e Silva, e n.ª 359, feito por seu pae dito Joaquim Augusto da Silva, na Delegação de Vizeu, cujo processo corre seus termos pelo cartorio do escrivão do 5.ª ofício da referida comarca.

As audiencias na comarca de Coimbra fazem-se todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, não sendo dias feriados ou santificados, de manhã, no respectivo Tribunal Judicial, situado na Praça 8 de Maio, da cidade de Coimbra, observando-se as disposições do artigo 151 e seus §§ do Cod. do Proc. Civil.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,
Ribeiro de Campos.

O escrivão,
João Marques Perdigão Junior.

CASA COLONIAS

Fornecedora da Casa Real

Visitem este estabelecimento e verão V. Ex.ª que ha vantagem.

Generos alimenticios das mais finas qualidades, em concorencia de preços com as cooperativas.

Vinho de meza e de Amaranthe, qualidades e preços sem competencia.

Distribuição aos domicilios, sem aumento de preço.

"RESISTENCIA"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno.....	2\$700
Semestre.....	1\$350
Trimestre.....	680

Sem estampilha:

Anno.....	2\$400
Semestre.....	1\$200
Trimestre.....	600

Brasil e Africa, anno..... 3\$600
Ilhas adjacentes, "..... 3\$000

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto 50%.

Comunicados, cada linha..... 40
Réclames, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com oja remessa este jornal por honrade.

EM FESTA!

Repíques! Luminarias.
Está a Universidade em festa,
ha tres dias.

Como se nada houvera, como se tudo caminhasse em mar de rosas...

Houve a posse do sr. reitor; depois os três feriados do estilo.

Palavras, as do costume: situação embaraçosa, esperança na boavontade de todos, vontade de atender ao bom conselho do reitor demitido...

E nisto estamos. Ha três dias. Com repíques e luminarias de festa na Universidade, quando o ensino está embaraçado em todo o paiz, quando tantas familias vêem comprometidos os seus interesses por intransigencia, por falta de tino administrativo, por incapacidade do governo que nesta questão academica se mostrou sem orientação, sem criterio e sem serenidade, transformando numa questão politica, para resolver pelos expedientes da politica eleiçoeira, um protesto consciente contra o ensino official, fundamentado e apoiado por todo o paiz, com a mais lisongeira repercussão na imprensa de todas as côres politicas.

O ensino paralisou, os interesses desta cidade estão, como os do ensino, abandonados completamente pelos governantes, que apenas têm um fito conhecido, motivo de toda a luta politica monarchica — conservarem-se o mais tempo possível no poder.

Entretanto a cidade vê comprometidos os seus interesses commercias e o commercio paralisa como o ensino.

Na Universidade porém continuam os repíques festivos, as illuminações, como se se tratasse de uma época normal.

O que fará o novo reitor? Alguma cousa mais sem duvida do que demorar a solução de um problema que interessa vitalmente o ensino e o commercio desta cidade.

O sr. D. João de Alarcão veiu para resolver um conflito no interesse do ensino e da cidade; não veiu, sem duvida, para esperar pacientemente que o conflito se resolvesse por si, que os estudantes voltassem ás aulas por fastio de feriados.

O sr. D. João de Alarcão formou-se em Coimbra, conhece bem a Universidade, o meio academico para poder contar com tal solução.

O sr. D. João de Alarcão conhece as condições do commercio local, não pôde alegar ignorancia, nem mostrar desprezo por ele, fingindo ignorar o mal de que sofre e definiha.

A cidade e o seu commercio estão em crise.

E a cidade e o seu commercio em nada contribuíram para originar ou agravar um conflito, com que sofrem e que em qualquer outro paiz teria sido rapidamente resolvido, orientando as medidas governativas pela opinião pública.

A Universidade está em festa. Com repíques e luminarias mostra que lhe são completamente indifferentes os interesses do ensino e os da cidade.

A Universidade parece ter perdido de vez a sua autonomia, considerar-se como uma simples repartição ás ordens do ministerio do reino.

O ensino interrompeu-se por todo o paiz. As corporações scientificas reuniram-se antes dessa interrupção, continuaram a reunir-se depois.

Preocupa-as o problema do ensino.

Nada mais natural.

Em Coimbra, tudo passa em ferias, sem a reunião de uma faculdade, sem que os professores pensem em pedir, como lho garante a lei, um claustro pleno em que livremente estudem o assunto, proponham o que julgarem determinado pelas necessidades de momento do ensino, reclamem contra a suspensão dos trabalhos escolares que, a protelar-se por muito tempo mais, terá comprometido a centenas de alunos definitivamente um anno da sua vida de estudo.

Não, em Coimbra, repicam os sinos, hasteia-se na torre a bandeira nacional, illumina-se a Universidade, dizem-se as palavras convencionaes dos recebimentos ordinarios dos reitores.

A reitoria está em festa!
A cidade está de luto!
Falta de ensino e falta de pão.

Entretanto, como se fosse ocasião normal, reitor e professores continuam no maior isolamento, como se a resolução do conflito academico não necessitasse dos esforços, da boa-vontade, da prudencia, da inteligencia de todos.

A Universidade parece não se ocupar de pequenas ninharias humanas, planar por cima dos acontecimentos, na serenidade olimpica dos deuses.

A serenidade classica, a superioridade dêles...

Que val o ensino, que valem os interesses desta população laboriosa e humilde...

Primeiro o cerimonial!
Não vê faltar um repique do ritmo, uma luminaria do estilo.

O que é necessario é que a charanga sôe naqueles casarões abandonados, que appareça o louro na via-latina, que se execute á risca o cerimonial na sala dos capêlos.

O resto que importa? O que são os simples mortaes ao pé dos filhos queridos de Minerva e da Virgem?

Que importa que a fome ameace uma parte importante da população coimbrã, que o commercio, que atravessa uma crise, sofra de causas em que não interveiu e que facil seria remediar, que o ensino paralise, que estejam em jogo tantos interesses de estudantes e suas familias?

A tudo valerá o paraceto, o consolador, o illuminador!

Veiu um novo reitor...
Viva o reitor novo!

E repiquem os sinos, illuminem os paços que a miseria se calará.

A atmosfera superior do ensino!...

Como é profundamente desolador ouvi-los, a gracejar, ve-los passar indifferentes, quando tantos interesses sófrem porque se não ouvem as reclamações da opinião pública.

Pois esta fala bem claro, e diz bem claramente o que pensa.

A crise é facil de resolver. Basta querer, sem artificios de politica de aldeia, sem rancores e odios, nem justificados, nem de ocasião, dar a solução indicada desde o primeiro dia do conflito.

E essa é: publicar no *Diario do Governo* o decreto de amnistia, como o pede a justiça e o mais elemental bom senso; mandar abrir a Universidade, e aproveitar o mez que ainda temos de tempo letivo e alguns dias de junho para dar a parte essencial do programa das cadeiras, activando depois o serviço dos atos por fora a achar-se acabado dentro do periodo que marca a lei.

E fazer isto depressa por forma a não perder tempo precioso, a não agravar a situação.

Essa sim, é que seria a verdadeira festa para o ensino, para a cidade, festa de solidariedade, de amor e de justiça.

De resto podem illuminar os paços, repicar festivamente os sinos: a cidade continuará de luto!

A lei de imprensa

Realizou-se o que era de prever. Logo á primeira applicação da nova lei de imprensa accumulou-se as queixas e as multas, tentando dificultar a vida da imprensa contraria ao governo, mormente a republicana.

A nova lei, feita por um advogado rabula, connecendo todos os artigos do fôro, astuto como um camponio aferado ao ganho, torna condenavel a mais insignificante alusão, ou descuido de momento e força o jornalista a ter ao lado para lhe rever os artigos qualquer velhaco e manhoso pratico de tribunaes.

Ha jornaes que se gabam de poder continuar a publicar-se sem incorrerem em qualquer dos casos que a lei prevê.

Não sabemos bem como. Não ha artigo, por insignificante que pareça, em que não possa ver-se uma alusão multipas da publica administração.

Até nos anuncios será facil encontrar que criticar e que punir.

Pela nova lei apenas uma parte da imprensa pode dizer á vontade tudo o que lhe convier: é a imprensa governamental.

Essa sim pode escrever á vontade. Tem até a vida mais desafogada, a existencia garantida, se a lei se cumprir á risca.

As multas da imprensa da opposição podem ser assim uma das condições de vida da imprensa governamental.

De resto nem um jornalista se pode julgar ao abrigo da lei.

Chegou na terça feira o sr. Moreira Sá, engenheiro empreiteiro das installações para a viação electrica em Coimbra.

Hontem chegou o tecnico e parte do pessoal que vem do Porto para dar começo ás obras.

Em Coimbra está grande porção de material.

A NOSSA ATITUDE

Referindo-se á nossa attitud durante o conflito academico, diz num dos seus ultimos numeros o nosso estimado colega da capital *A Lucta* que, para causas em que se achasse envolvido, desejaria melhor advogado do que o que nós temos sido durante os debates.

O mesmo lhe desejamos; porque de mais conhecemos a propria insuficiencia.

Queremos porém levantar a insinuação que *A Lucta* nos faz de termos abandonado os estudantes no conflito, se é que não temos sido abertamente hostis.

Tal não quizemos fazer. Se por ventura é verdadeira a assertão de *A Lucta*, o facto depende da falta de qualidades de defensor e não de boa vontade de defender os estudantes, cuja causa nos é simpatica, como aliás julgavamos ter feito perceber, ignorancia em que nos mantinha o arrefecimento manifesto de relações que tem havido entre o director deste jornal e varias personalidades em evidencia do meio universitário.

Desde o protesto inicial contra a reprovação do dr. José Eugenio Ferreira, que estamos ao lado dos academicos por julgarmos que, quer no protesto, quer nas reclamações subseqüentes, eles defenderam a causa da justiça.

E desde o primeiro discurso até ao ultimo do sr. João Franco, temos analisado a sua attitud falsa e manhosa, pondo á todos em desconfiança sobre o que nos pareciam ter de perfido as suas insinuações, as dos artigos que publicava a sua imprensa officiosa.

Desde o conselho dos deanos, que antecipadamente previmos que só para os estudantes republicanos se apurariam responsabilidades, que fizemos á sua famosa declaração de benevolencia final nos actos o acolhimento que merecia, e que aplaudimos a greve e o procedimento do sr. dr. Bernardino Machado sem grande fantasia de caracteres tipograficos, é certo, porque não temos grande gosto por taes caprichos artisticos.

Em resposta a um artigo do sr. dr. Eduardo Burnay elogiamos o procedimento dos estudantes em greve e a attitud dos paes que respeitavam a consciencia dos filhos manifestando-se honrosamente por um acto de solidariedade e de justiça.

E quando, se acusaram de irreverentes, e de acção moderna os protestos dos estudantes, publicamos o manifesto dos estudantes de 1862 a 1863, mostrando que as reclamações contra o ensino e praxes universitarias eram antigas, tendo o prazer de mais tarde ver n' *A Lucta* o mesmo escrito de Antero do Quental, com o mesmo fim, embora com o brilho que eu lhe não poderia dar.

E a esse respeito, diremos que para satisfazer pedidos, reproduziremos no domingo outra vez o protesto de Antero, publicando então as assinaturas que o acompanhavam, pois ha nelas as de muito homem que depois honrou o seu nome, encontram-se as de varios professores da Universidade e até o conselho de deanos lá está representado...

Não o podemos fazer da primeira vez, apesar da significação que taes assinaturas teriam.

Procuramos sempre mostrar a simpatia que o movimento nos inspirava. Se o não conseguimos, não foi á falta de boa vontade.

E releve-nos a *Lucta* a retificação; mas não quizermos que nos attribuissem proposições que não fomos.

Se declinamos sempre a responsabilidade na determinação do conflito academico, assumimos de muito boa mente a da solidariedade moral com os protestantes.

E para que não ficasse duvida, alem desta declaração, iriamos até ao fim em sacrificios: passaríamos a usar os artificios suggestivos do tipo e da composição, chegaríamos mesmo até ás gravuras!

As execráveis gravuras...

Congresso do Partido Republicano

Realizar-se-ha em Lisboa nos dias 28 e 29 já designados, o proximo Congresso que estava anunciado para Coimbra, devendo os ponderosos motivos desta transferencia ser então expostos pelo Directorio aos seus correligionarios.

O Directorio do Partido Republicano Portuguez

Anuario

Está em distribuição o anuario da Universidade que não tem interesse de maior.

O anuario, longe de ter melhorado, tem nos ultimos anos sofrido uma reforma prejudicial.

Retiraram, e mal, os relatorios officias dos directores dos diversos gabinetes universitarios, que se liam com interesse e arquivavam os melhoramentos experimentados, os votos dos respectivos professores para melhoramento do ensino.

Hoje o anuario tem apenas um interesse secundario, de almanak official, dá os dados estatísticos de frequencia.

Perdeu a feição que tomára de arquivo historico, não tendo o cuidado, pela publicação spropositada de documentos, tornar conhecidas materias que habilitassem a ir formando a pouca clara historia da Universidade.

O que ha publicado é bem pouco e as memorias, que se escreveram por ocasião da celebração do centenário da sua reforma pelo marquez de Pombal, foram feitas em circunstancias especiaes pouco proprias para darem trabalho definitivo.

E algumas faculdades dispensaram-se do trabalho.

Foi uma a faculdade de direito.

A gloria do presente dispensa inquirições do passado, trabalho de genealogias...

O Anuario abre com o calendario e uma indicação do serviço divino na real capela.

Como indicativo de movimento scientifico, é talv z poucochinho...

Por pratica recente encontram-se impressas a tinta preta as indicações dos dias letivos e a tinta vermelha as dos dias feriados.

Este anno o calendario da Universidade erca muito.

Se acontecer o mesmo com o *Borda d'Agua*, mal vac aos lavradores...

ARQUIVO HISTORICO PORTUGUEZ

SUMARIO dos numeros de março e abril de 1907, segundos do V vol.:

SOUSA VITERBO — *Ocorrencias da vida mourisca.*

ANTONIO BAIÃO — *A Inquisição em Portugal e no Brazil. (Continuação.)*

GOMES DE BRITO — *As Tenças testamentarias da Infanta D. Maria.*

PEDRO A. DE AZEVEDO — *Livro de D. João de Portel. (Continuação.)*

VITOR RIBEIRO — *Algumas noticias documentaes de Arte e Arqueologia. (Conclusão.)*

A. BRAAMCAMP FREIRE — *Cartas de quitação del Rei D. Manuel. (Continuação.)*

15.ª folha da *Cronica del Rei D. João I de Fernão Lopez.*

AO CHEFE DO GOVERNO

No dia 8 o presidente do conselho de ministros, em resposta a um dos deputados republicanos, membro do Directorio, exprimi-se assim:

«O illustre deputado deseja saber se elle julga que o partido republicano tivesse intervençao nos acontecimentos de Coimbra.»

«Com toda a franqueza e sinceridade, dirá que em seu juizo e criterio, com inteira verdade não conhece factos, incidente ou circunstancia, que lhe permita afirmar que houve essa intervençao, isto é, que o partido republicano tenha preparado estes acontecimentos, originando-se immediatamente na sua açao o movimento academico que acaba de produzir-se.»

Mas, logo depois de encerrado o parlamento, no dia 13, na reunião das maiorias, o presidente do conselho dizia o contrario, imputando ao partido republicano «a organisação dum movimento revolucionario, para que foi tomar como primeiro elemento, efetivamente o mais proprio para agitaçoes desta natureza, os estudantes, a juventude.»

E acrescentava recriminativamente:

«Que dizer desse partido, o qual, ao ser-lhe franqueado um campo leal de combate, de discussao e de propaganda, responde, lançando a lucra a mocidade das escolas superiores e até as creanças de 10 e 12 annos que frequentam os liceus?»

Toda a imprensa republicana repeliu energicamente a contraditoria imputaço com que o presidente do conselho ousava desvirtuar os sentimentos do partido republicano, que são da nação inteira, para com a briosa academia portugueza. Tanto os jornaes da opposição monarchica como os jornaes estranhos aos partidos politicos lhe negaram o minimo credito. E até do proprio magisterio universitario saiu uma voz insuspeita, a do dr. Daniel de Mattos, declarando não poder supôr-se que o movimento academico fosse preparado pelo partido republicano.

Obrigado portanto a justificar-se, o presidente do conselho alegou pelo seu

«Posteriormente teve conhecimento de factos anteriores ao seu discurso de 8 de abril, que, comquanto não possam por enquanto constituir prova juridica, são contudo suficientes para o convencerem de que nem é injusto nem é menos verdadeiro, quando diz que o Partido Republicano encetou um movimento revolucionario, para o qual tomou como primeiro elemento os estudantes, lançando na luta a mocidade das escolas e até as creanças de 10 e 12 annos que frequentam os liceus. Quaes foram esses factos? A seu tempo dêles terá conhecimento o paiz, como tambem dos outros mais que se forem averiguando.»

Não era preciso mais nada. Estava julgado um chefe de governo que acusa sem sprova juridica e com factos que se «forem averiguando.»

Mas elle acaba agora de distribuir profusamente pelos domicilios o seu discurso do dia 13, ás maiorias, reeditando, com o discurso, a sua accusação.

Pois bem! Nada de insinuações e d'evasiyas! O Directorio do Partido Republicano Portuguez intima-o a articular precisa e claramente as suas arguiçoes.

O Directorio do Partido Republicano Portuguez.

Raiva

Mais uma leva de gente mordida por cães supostos de ataques de hidrophia vae partir para Lisboa a receber tratamento no Instituto Camara Pestana.

São eles: Maria do Carmo, casada; Maria do Carmo viuva; Rosa Alexandre, casada e seu filho Luiz, de 3 annos; e Antonio dos Santos, de 4 annos, filho de José dos Santos e Emilia Margalha.

São todos da Povoia de S. Martinho. Por varias vezes temos mostrado a frequencia dos casos de raiva e a conveniencia de estabelecer em Coimbra o instituto de tratamento e preparaçao de séros e vacinas.

E não deixaremos de o fazer mais uma vez, visto estar por agora posta de lado a creação do instituto bacteriologico da iniciativa da actual camara municipal, apesar de todo o interesse que tinha pelo seu lado tanto de utilidade geral, como de importancia scientifica.

Coimbra está neste ponto numa situaçao de inferioridade relativamente a Lisboa e Porto e, quem cuidar a serio e com amor, já não dizemos no levantamento do ensino ao que seria para desejar numa Universidade, mas por forma a conserva-lo ao nivel dos outros institutos scientificos do paiz, terá de proceder com urgencia á sua instituico.

Não é só a raiva que torna necessaria a creação de um instituto bacteriologico central, a mesma necessidade é imposta pela difteria, pela variola e por grande numero de doenças contagiosas dos animaes domesticos.

Coimbra tem estado por vezes sem socorros contra o mal rubro, e tem visto desaparecer os animaes quando facil seria acudir-lhes e localisar as epidemias que desimam o gado suino.

A importancia da vacina da variola e do seu rendimento é tão grande, que a todos se afigurou um negocio lucrativo e não tem faltado esforços para localisar o seu monopolio em Lisboa.

O Instituto Bacteriologico de Lisboa seria, como se vê das noticias que frequentemente damos, bastamente frequentado; para aqui derivaria, pelas condições especiaes da localidade, o movimento de doentes do norte do paiz que vae em Lisboa ter por vezes, pela accumulacio, tratamento demorado e em más condições.

Como estabelecimento de ensino, completaria as instalações universitarias congenere e seria de optima aprendizagem para os estudantes de medicina.

Dr. Bernardino Machado

Os republicanos do Cartaxo, reunidos em assembleia geral para nomear o seu delegado no congresso, aprovam por aclamação o voto de louvor proposto pelo nosso correligionario sr. Francisco Pereira, que gostosamente arquivamos:

Bernardino Machado, o professor da Universidade que naquelle estabelecimento saber e espirito educativo, nome sem uma mancha, carater diamantino, a bondade personificada, acaba de pedir a demissaõ do seu lugar por motivo do conflito academico, em que, com uma tao nobre isençao, se tinha colocado ao lado dos estudantes contra o foro academico e contra o espirito retrogrado do ensino universitario.

Alma feita de luz e de bondade, espirito educado e disciplinado no amor da verdade e da justiça, nome aureolado pelo saber e pela virtude, propagandista pela palavra e pelo exemplo de solidariedade humana na conquista da perfeibilidade social, Bernardino Machado, é um homem que se impõe e sobrepõe nesta sociedade portugueza, onde raras tem attingido o seu valor intelectual, — cuja fama de ha muito galgou as nossas fronteiras — onde nenhum se lhe avantaça na integridade moral absoluta, impecavel, luminosa.

Este homem que é uma das individualidades mais fortes, mais prestimosas e mais consideradas do nosso paiz, é uma legitima e lidima gloria do Partido Republicano. O seu gesto de tao grande abnegação, de tamanha isençao, reflata-se inteiramente sobre o nosso partido, e dá-lhe um novo e impreciable prestigio pela repercussão que em todos os espiritos illustros e em todas as almas puras um tal e tao grande exemplo produziu.

Por tudo isto, proponho que na acta desta reunião se lave e consagre um voto de homenagem a esse belo, alto e nobre espirito, que aos principios de Justiça, de solidariedade e de dever, acaba de prestar um tao grande e alevantado culto.

Parecer favoravel

O conselho superior de instrucção publica deu parecer favoravel á creação do lugar de professora ajudante para a escola do sexo feminino de Brastemes.

Foi transferido para a repartiçao de fazenda deste distrito, o sr. José Maria Ferreira da Rocha, 3.º official na do Porto.

INTERVENÇÕES

Vem o *Diario Ilustrado* em artigo de fundo defendendo as boas manhas do sr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos e elogiando o procedimento do illustre professor que tem procurado simplificar a açao do governo intrometendo-se em tricas academias por ora sem effeito util conhecido.

Abster-nos-iamos de comentar o procedimento do illustre catadrauco, se o sr. João Franco o não arastasse para o discutir, pondo a toda a luz do artigo do fundo, em atulid-de de sensaçao, brilhante e bem reclamada.

O sr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos teve uma bela occasio de intervir eficazmente no conflito academico, mas perdeu-a.

Agora a sua açao, sobretudo com os processos que lhe são attribuidos, não pode deixar de ser prejudicial.

O sr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos era membro do conselho dos decanos; ahi era a sua açao definitiva, usando de justiça e de bondade, dando satisfacão á vontade expressa pela opinio publica.

Se o sr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos tivesse exercido no conselho de decanos a açao de bondade para que deviam naturalmente inclina-lo o seu estado, a sua profissao, a sua idade madura, se a soluçao dos processos academicos tivesse sido inspirada pela ideia de afastar conflitos, usando da transigencia que a occasio recomendava, o sr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos não teria de andar agora a mendigar assinaturas, que lhe são amargamente discurtidas.

Era no conselho dos decanos que o sr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos tinha voto e qualidade para resolver.

Ahi é que havia de esperar no julgamento a oportunidade da sentença absolutoria que todo o paiz impunha por estar demonstrado á saciedade que o protesto academico era um acto de consciencia coletiva e não o resultado de condenaveis manejos politicos.

O sr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos deixou-se levar pelo espirito politico do seu partido, ouvio, como infalivel, a palavra do sr. João Franco, não ponde ver o problema como ele era, viu-o á luz falsa da politica, condenou, e terminou.

Era antes da sentença que a açao dos professores se deveria fazer sentir, manifestando-se pela atsolvição dos pretensos reus.

Foi então que o pretendeu fazer o sr. dr. Bernardino Machado, alegando e sacrificando os seus servicos ao ensino.

Depois só outra açao resta a um professor; mas essa não poderá faz-la o sr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos, porque se tornou incompativel com ela.

Essa açao, a unica para aplaudir com jubilo, seria o pedido de amnistia para os que se sacrificaram ao velho preconceito universitario.

Voltaire, no *Candido*, para definir o espirito universitario, conta que a Universidade de Coimbra, consultada sobre as causas do terremoto de Lisboa, e sobre o modo de evitar outros futuros, dissera que não havia como o auto de fé e o sacrificio de quatro ou cinco pessoas para evitar que a terra tremia.

E que por isso se fizera um auto de fé, sendo condenada uma das victimas por parecer isolar de heresia e outra por parecer dar-lhe atençaõ.

Isto em pleno seculo XVIII, no tempo de Voltaire.

Ao tempo que isto vae, e como isto lembra ainda...

Biblioteca da Universidade

O sr. dr. Mendes dos Remedios acaba de enviar aos jornaes e editores a circular seguinte:

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — A lei de imprensa ultimamente publicada dispõe no seu art. 34.º o seguinte:

Art. 34.º — De todos os periodicos se entregará ou remetará pelo correio um exemplar ao delegado do procurador regio da comarea ou distrito criminal, onde tiverem a sede da sua administração; entregado se ou enviando-se outro ao respectivo procurador regio, sob pena, por cada falta, de multa de

58000 réis, que será imposta ao proprietario, e na falta d'esto ao dono ou administrador do estabelecimento onde se houver feito a impressao.

§ 1.º — Além dos exemplares mencionados neste artigo, será igualmente enviado um exemplar a cada uma das bibliotecas publicas de Lisboa e Porto e á da Universidade de Coimbra.

§ 2.º — Das publicaçoes não periodicas, com excepção das mencionadas no § 2.º do art. 2.º, (a) será tambem enviado, sob as mesmas penas, um exemplar ás bibliotecas mencionadas no paragrafo antecedente.

§ 3.º — Na entrega ou remessa das publicaçoes mencionadas neste artigo observar-se-ha o disposto no artigo 1.º do decreto de 12 de novembro de 1898. (b)

Lembrando a V. Ex.^a esta simpatica disposiçao, como Director da Biblioteca da Universidade, faço-o não só no cumprimento dum dever, mas ainda mais, na gratissima esperanca de que V. Ex.^a lhe dará expontaneamente, além do seu apoio, o seu aplauso incondicional.

Desde muito que algumas casas editoras portuguezas enviam regularmente á Biblioteca da Universidade um exemplar de cada uma das suas publicaçoes, adiantando-se assim, pela sua iniciativa intelligente, a uma disposiçao que tem tanto de louvalvel como de sensata, e pela qual ha alguns annos eu vinha, embora sem fruto, pugnano.

A Biblioteca da Universidade publica ha seis annos o seu «Arquivo Bibliografico», que é largamente espalhado no paiz e no estrangeiro. Ahi são metodicamente registadas todas as publicaçoes que dão entrada na Biblioteca. Não será isso uma compensação, mesmo material, do exemplar cedido? Mas nem eu quero aduzir razões duma pratica que morreu, lá fóra, a devida consagração e que em Portugal, além do aplauso de varias casas editoras, encontrou tambem o de numerosas empressas jornalisticas como em Lisboa — as do «Diario de Noticias», «Novidades», «Jornal do Comercio», «Portugal», «Epoca», «Diario Ilustrado», «Mala da Europa», ... no Porto — as do «Primeiro do Janeiro», «Comercio do Porto», «Palavras», ... que ha muito tempo enviam os seus jornaes á Biblioteca da Universidade.

Logo se regista o cumprimento da lei, antes de tudo, pela muita consideração com que de V. Ex.^a me assino

Coimbra, 22 de abril de 1907. — Creodo obrigadissimo — O Director da Biblioteca da Universidade de Coimbra, Mendes dos Remedios.

Quanto a nós já ha muito tempo que enviamos á biblioteca da Universidade o nosso jornal, e chamamos para o seu estado e esforços do sr. dr. Mendes dos Remedios a atençaõ dos leitores da *Resistencia*, em artigos que nos dá prazer lembrar agora.

(a) «Exceçãoam-se das disposiçoes deste artigo as listas eleitoraes, bilhetes, cartas, circulares, avisos e outros impressos analogos, que não contemham apreciaçao dos actos da vida publica ou particular de qualquer pessoa ou colétividade, diversa do seu autor.»

(b) «A remessa ... será feita gratuitamente por intermedio da estaçao postal da localidade, onde a publicação... se efetuara.»

Associação do Sexo Feminino

Foi publicado e distribuido o balancete desta associação no primeiro trimestre de 1907.

Por elle se vê que a receita foi, durante este tempo, de 3397700 réis, e a despeza de 359421 réis, havendo por isso um saldo negavativo de 197721 réis.

Os fundos existentes nesta associação em 31 de dezembro de 1906 eram de 4:386595 réis, no dia 31 do mez passado tinham destido a 4:366874 réis.

Tribunal comercial

Por sentença publicada em audiencia comercial de 16 do corrente, foi condenado o rev. José da Costa Pinto, de Coimbra, a pagar a Antonio Simões Dias, tambem de Coimbra, o pedido de uma açao comercial por letra que este move contra aquele, custas e minimo da procuradoria.

A boa educação e a reforma do ensino superior

Esta é positivamente do sr. conde de Burnay!

Escreve o *Jornal do Comercio*:

Do liceu se transita para as escolas superiores, mas, evidentemente, da preparaçao educativa, que os pobres abandonados rapazes assim trazem, não podem desabrochar senão frutos equivalentes, e, quanto a nós, o que agora ocorreu, e é na forma e nos aspectos novo, não passa de uma lamentavel florescencia das novas camadas, proveniente do desgraçado cultivo dos liceus, que são, no seu conjunto, uma das maiores vergonhas nacionais.

E' claro que o sr. João Franco não intentou, que os liceus fossem isto, mas o fato é que o são, sem possibilidade de contestação, e que é sua a responsabilidade de ter pretendido matar o ensino particular, sem ter antes sufficientemente instalado e organizado os liceus.

Não dizemos isto agora, é claro, pelo gosto de reeditarmos pela centesima vez a nossa condemnação dos termos da reforma de 1894, mas para que se reconheça, como o illustre presidente do conselho não pôde já agora deixar de reconhecer, a necessidade de se cuidar dos liceus.

Que se saia de lá com pouca bagagem scientifica, vá. Mas, ao menos, cuide o Estado de disciplina e da compostura dos futuros cidadãos.

E ahi está.

A gréve veio da má organisação dos liceus!

E o sr. João Franco a acusar os republicanos!

Não é a crise de ensino, coisa apreçada por todos em Portugal, que organisou o protesto coletivo dos estudantes com aplauso de todo o paiz.

Não!

Os estudantes pedem reformas de ensino, porque perderam a compostura.

Nos liceus deixou de ser adoptada oficialmente a *Arte de viver na sociedade*, da sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho!

Esse o defeito do ensino: a falta do catecismo e do compendio de civildade...

O resto pouco é. O sr. conde de Burnay afirma-o!

Saia o aluno do liceu com pouca bagagem scientifica, que com isso não perde, nem ele, nem o Estado.

O que é necessario é que adquira no liceu o *vinco*... a compostura!

Ora valha-nos Santa Catarina, que é advogada de doutores...

Tribunal de arbitros avidores

Reuniu na passada segunda feira resolvendo por conciliação a açao intentada por o sr. João Duarte de Oliveira contra os srs. João Marques e Antonio Miguel e que, como em tempo noticiamos, tinha ficado adiada.

O sr. João Duarte recebeu 900 réis como indemnisação do que pedia.

O mesmo tribunal resolveu tambem por conciliação o pleito entre os srs. Henrique José Esteves Lopes e Sebastião José de Carvalho, tendo este ultimo de dar aquelle a quantia de 6.800 réis.

Hoje, tambem por conciliação resolveu o pleito entre o sr. José Joaquim de Menezes e o sr. Frederico de Albuquerque Reis, ficando aquelle ao serviço deste com o ordenado de 450 réis diarios.

Foi pronunciado Pompeu Ferreira, fogueteiro, de Fóra de Portas, por tentar, no Choupal, contra o pudor duma menor de 6 annos de idade.

O sr. Joaquim Ferreira da Silva foi nomeado ajudante do sr. dr. Clemente de Mendonça, conservador da comarca de Coimbra.

Directorio do Partido Republicano

O Directorio do Partido Republicano, para a boa regularisação dos seus trabalhos, pede a todas as comissões e agremiações republicanas...

O secretario do Directorio, Antonio José d'Almeida.

Ação comercial

Os peritos nomeados para proceder a exame na letra que serve de base a ação comercial que Antonio Braz dos Santos...

O sr. dr. José Maria Rodrigues foi nomeado presidente de uma comissão composta dos srs. Alfredo Martins Fernandes Nogueira...

Adelino Domingos Patricio, distribuidor supra-numerario da estação de Coimbra, foi exonerado.

Roubo

No ultimo dia 15 roubaram ao sr. Manuel Batista de Almeida, estabelecido no tecto do Forno, um cordão de ouro...

A policia fê-la comparecer na esquadra no dia 20, mas parece que pouco caso fez da queixa...

Tudo fica bem assim...

Folhetim da "RESISTENCIA," COIMBRA NO SEculo XVII

Apesar das ruas de Lisboa, particularmente as baixas, serem muito pouco limpas, ha-as todavia muito belas...

E esse preto procurará ocasião de encontrar na rua, seguiu-lo de perto...

Concurso

Foi mandado abrir concurso, por provas publicas, para a igreja de N. S. da Conceição, de Assaferge...

Foi mandado passar a inatividade o distribuidor rural da estação telegrapho-postal de Coimbra...

Recolheu às cadeias d'esta comarca Alfredo Vicente, casado, trabalhador...

Está aberto concurso por provas publicas para o provimento da igreja de Nossa Senhora da Conceição...

O sr. Teodoro Cruz, major do exercito de Africa, foi mandado louvar pelos relevantes serviços prestados...

Foi designado o dia 7 de maio proximo para o julgamento duma ação comercial por letra...

Realiza se no proximo domingo, 28 do corrente, com o esplendor do costume...

Beco da Boa União, Adro de Baixo, rua do Sargento Mór...

IVAN TOURGUÉNEFF

OS DOIS AMIGOS

Trad. de Pacheco Neves

VIUVA TAVARES CARDOSO, Editora Largo do Camões - LISBOA

Balzac

Um começo de vida

Tradução de Beldemonio

Casa editora de GUIMARAES & C.

Rua de S. Roque, 68 a 0 - LISBOA

As Pupillas do Senhor Reitor

Romance de Julio Diniz

CONDIÇÕES DA PUBLICAÇÃO:

Esta sumptuosissima edição consta de um volume illustrado com 30 magnificas aguarelas a côres...

300 réis cada um, em Lisboa e Porto pagos no acto da entrega

Nas demais terras do paiz, pagamento adelantado ás series de dois, tres ou mais fasciculos...

A EDITORA

Administração em Lisboa - Largo Conde Barão, 80

Rol da roupa enviada á lavadeira

Preço 120 réis

A' venda na typographia deste jornal.

DR. JOSÉ CORREIA DIAS

A alimentação das creanças

2.ª edição aumentada com um capitulo sobre a evolução dos dentes

Preço 200 réis

A' venda nas principaes livrarias e em casa do autor

Rua Ivens, 34-2.ª - LISBOA

Obras de ALEXANDRE DUMAS

Memorias dum medico

PRIMEIRA PARTE

JOSÉ BALSAMO

VOLUME VII

CASA EDITORA DE GUIMARAES & C.

R. de S. Roque, 68 a 70 - LISBOA

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses

58, Rua da Sofia, 62 - COIMBRA

Sortido variado de fazendas nacionaes e estrangeiras

Confeções para homens e creanças, pelos ultimos figurinos

Vestes para ecclesiasticos

Grande variedade de coletes de fantasia, para verão

Gravatas, suspensorios, e diversos artigos para homem.

Maquinas falantes

Cilindros e Discos

PATHE

Deposito geral no distrito de COIMBRA

Rua do Sargento-Mór, 11-1.ª

Grande redução de preços

Cilindros impressos pelos meliores cantores e cançonetistas nacionaes...

Fados accompanhados a guitarra e violão.

Solos de piano, violino, cornetim, etc., por conhecidos e afamados artistas.

Trechos musicaes executados pelas bandas militares de Lisboa, Paris, Londres, etc.

Fonogratos para diversos preços, desde 50000 réis.

Cilindros desde 250 réis.

EDITOS DE 30 DIAS

Comarca de Coimbra

1.ª publicação

Pelo tribunal do commercio de Coimbra e cartorio do escrivão do quarto officio...

Garcia, Fazenda Nacional. «Credores geraes». Oliveira Cardoso & C., de Lisboa...

Verifiquei a exatidão.

O juiz de Direito,

Ribeiro de Campos.

O escriptão do 4.º officio,

Artur da Coitsa Almeida Campos

Cobrança de dividas

Na administração deste jornal se diz quem se incumba de quaesquer cobranças...

Escripurações mercantis

Para commercio em sociedade ou por grosso, encarrega-se pessoa habilitada...

CONSULTORIO DENTARIO

Rua Ferreira Borges - COIMBRA

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade

Consultas das 9 horas da manhã ás 4 horas da tarde...

cular que penso que o leitor não des-gostará de o conhecer. Quando um rapaz se quer casar...

Depois de toda agente moça que quer casar se ter visto sem se falar; porque nunca falam senão na noite...

torsões lubricas, o rapaz faz-lhe qual-quer sinal com o lenço para lhe significar que lhe agrada o que ella faz...

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156
COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se a venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.
Dóces de fructa de diversas qualidades, secos e cristalizados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauces e Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló**, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das principais marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal effectua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas
Coimbra

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguezes, á venda na

Mercearia LUZITANA
(Depósito unico em Coimbra)

Estab. Ind. Pharm. "Souza Soares,"

(NO BRAZIL E NA EUROPA)

Devidamente legalisado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.ª classe e cinco medalhas de Ouro, na America do Norte, Franca e Brazil, pela perfeita manipulação e eficacia dos seus productos medicinaes:

PEITORAL DE CAMBARÁ

(Registado)

Cura prompta e radicalmente as tosses ou rouquidões;
Cura a laringite;
Cura perfeitamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou asthmatica;
Cura a tísica pulmonar, como o provem numerosos attestados medicos e particulares;
Cura incontestavelmente a asthma, molestia difficil de ser debellada por outros meios;
Cura admiravelmente a coqueluche, e, pelo seu gosto agradável, é apedido pelas creanças.
Frasco, 1\$000 réis; 3 frascos, 2\$700 réis.

PASTILHAS DA VIDA

(Registado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as nauseas e vomitos, o enjô do mar, o mau halito, a flatulencia e a dilatação do estomago. São de grande eficacia nas molestias do utero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue.
Caixa, 600 réis; 6 caixas, 3\$240 réis.

36 Remedios Especificos em pilulas saccharinas

(Registados)

Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade:
Febres em geral;
Molestias nervozas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos orgãos urinaes;
Molestias das senhoras e das creanças;
Dóres em geral;
Inflamações e congestões;
Impurezas do sangue;
Fraqueza e suas consequencias.
Frasco, 500 réis; 6 frascos, 2\$700 réis.

Consultem o livro—O Novo Medico—pelo Visconde Souza Soares, á venda nos depositos dos remedios do auctor. Preço: brochado 200 réis, encadernado 500 réis.

Medicamentos homeopaticos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos

1 Tubo com globulos 200 réis; duzia 2\$160.
1 Frasco com tintura 3.ª ou 5.ª 400 réis; duzia 4\$320.
1 Dito com trituração 3.ª 700 réis; duzia 7\$560.
Vede os preços correntes, o Auxilio Homeopatico ou O Medico de Casa e a Nova Guia Homeopatica, pelo Visconde Souza Soares.

Estes productos vendem-se em Coimbra na drogaria de Rodrigues da Silva & C.ª—Rua Ferreira Borges, 36.
Deposito geral em Portugal—Porto, rua Santa Catharina, 1503.

Aviso importante

O Estabelecimento tem medico habilitado, encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por escripto, sobre o tratamento e applicação deses remedios.

Os armazens GRANDELA & C.ª

RUA DO OURO, 115—LISBOA

mandam catalogos e amostras do seu colossal sortimento a quem as pedir.

Vendem para as provincias pelos mesmos preços que para Lisboa

Pagam o porte das encomendas cuja factura pode ser satisfeita no correio na occasião de as receberem

Mandam amostras a todos que as pedirem para que as confrontem com as das outras casas.

Não têm agentes em parte alguma, tratam todos os seus negocios directamente com o publico de todo o paiz, e é por isso que vendem mais barato que ninguem.

O catalogo geral de verão com 116 paginas e 1050 gravuras é enviado de graça a quem o pedir a.

Grandela & C.ª

Rua do Ouro, 115—LISBOA

CASA MEMORIA

SUCURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Luz, 1
Praça 8 de Maio, 10

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas máquinas de costura Memoria. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas máquinas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinas usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e compram-se pianos usados.

A sempre quantidades de piano para alugar.

Fumstro do Alemtejo

Recobem mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revededora em Coimbra, a

MERCEARIA LUSITANA

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUSITANA

Machinas fallantes

Deposito completo de aparelhos das principais marcas e para todos os preços a partir de 14\$000

Variada colleção de discos e cylindros com musicas e cantos executados pelos mais notaveis artistas.

Vendas pelos preços de Lisboa e Porto.
Depositaris da Companhia de Gramophone, da Edison National Phonograph, C.ª de New-York, e dos Grandophones (Odeon).

TELLES & C.ª

R. Ferreira Borges, 152, 1.ª
COIMBRA

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital—200:000\$000 réis

Séde em Lisboa—PRAÇA DO DUQUE DA TERCEIRA, 11, 1.ª

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mixtos, Praso Fixo, Combinados e Supervivencia, com ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitales differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Seguros operarios a 20 réis semanaes

Para informações e tarifas dirigir-se ao agente em COIMBRA:

JOÃO GOMES MOREIRA—R. FERREIRA BORGES

CAÇADORES

O mais importante estabelecimento de espingardas, carabines, rewolveres e munições, é o de JOÃO GOMES MOREIRA, rua de Ferreira Borges—Coimbra—Sucursal na Figueira da Foz (em frente ao Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

Espingardas Ideaes—da manufatura de Saint-Etienne, Galand Elite, Francesa, Francotts, Remington, Bernard, manufatura Liegeois
Carabinas—La Francott, Popular, Winchester, Colts, etc.
Rewolveres—Galand, Saint-Etienne, Smitt Werson, Vello-Doges, etc., etc.

Pistolas—Mauzer, Browing, Gaulois, etc., etc.
Munições de todos os calibres e qualidades

Mandam-se vir armad. de qualquer fabricante, como por exemplo: Holland & Holland, Puy, Dierrensen, Greener, etc.

PAPELARIA CENTRAL

Rua Visconde da Luz—Coimbra

Pianos GAVEAU

Recebidos directamente de Paris, vendem-se nesta casa pelos preços da fabrica e recebem-se pianos em troca, — pedir catalogos e condições de venda.

Um completo sortimento de **apparelhos** e todo o material preciso para a fotografia, que recebe dos principaes fabricantes e vende pelos preços mais baratos.

Grande edição de bilhetes postaes Illustrados

De Coimbra, Vizeu, Aveiro, Castelo Branco, Covilhã, Amarante, Beja, Mirandela, Serra d'Estrela, etc.

Papelaria Borges

COIMBRA

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.ª

Tomam-se seguros de predios mobilis e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Repara . . . Lê . . .
Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosses, coqueluche, influença e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenção sempre, e cuido as mais das vezes com o uso dos **Sacharolides d'alcatraz, compostos (Rebucados dos Milagrosos)** onde os efeitos maravilhosos do alcatraz, juntamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos **Sacharolides d'alcatraz, compostos (Rebucados dos Milagrosos)** são confirmados, não só por milhares de pessoas que os tem usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

CASA COELHO

Fornecedora da Casa Real

Visitem este estabelecimento e verão V. Ex.ª que ha vantagem.

Generos alimenticios das mais finas qualidades, em concorrência de preços com as cooperativas.

Vinho de meza e de Amarante, qualidades e preços sem competencia.

Distribuição aos domicilios, sem aumento de preço.

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno 2\$70
Semestre 1\$35
Trimestre 68

Sem estampilha:

Anno 2\$40
Semestre 1\$20
Trimestre 60

Brasil e Africa, anno 3\$60
Ilhas adjacentes, 3\$00

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 2 réis; para os senhores assinantes, de cento 50%.

Comunicados, cada linha 4 réis
Réclamos, cada linha 6 réis

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal é honrado.

Dr. Bernardino Machado

Foi concedida ao sr. dr. Bernardino Machado a exoneração de professor da Universidade.

Teria tal facto o carater de um verdadeiro desastre nacional, se representasse na verdade um protesto contra o ensino e não antes uma manifestação justificada de indignação contra a acção nefasta de um governo, que pretende estrangula-lo com mostras de dar-lhe alento.

O sr. dr. Bernardino Machado não protestou contra o ensino academico, julgando inevitavelmente perdida a questão do ensino em Portugal.

O sr. dr. Bernardino Machado protestou apenas contra as normas velhas e sem significação, contra actos injustos, contra a acção nefasta do governo.

O sr. dr. Bernardino Machado sae do ensino, quando a sua acção pela fase de melindrosa evolução porque passa, seria mais para de-sejar.

O sr. dr. Bernardino Machado conhece o problema do ensino, pela forma superior que indicou na sua celebre oração de sapiencia.

O seu espirito, sempre a libertar-se, sem deixar prender-se na promenorisação do detalhe, vê fundo e longe; habituado a ensinar, com conhecimento dos homens, o sr. dr. Bernardino Machado era um professor raro, um raro educador.

O seu ensino seria para admirar em toda a parte, era em Portugal uma excção rara.

Ensinar, creando o amor ao que se ensina, despertando faculdades adormecidas de trabalho, promovendo a educação pratica do aluno, guiando-o com uma orientação superior, sem o deixar prender no emaranhado das teorias, facilitando-lhe o trabalho, dando ao aluno confiança nas proprias faculdades, inculcando-lhe no espirito a confiança no estudo e trabalho proprio tal tem sido a missão do sr. dr. Bernardino Machado.

E é esse o avesso do ensino universitario em que domina o respeito aos textos sagrados das lições officias, em que o automatismo é de regra, em que procura sempre embaraçar-se a evolução original dos espiritos, submetendo-os á tortura de formas, ao autoritarismo dogmatico do professor, á sujeição ao texto e á letra de livros imutaveis.

O professor universitario, que durante a sua vida academica por um prejuizo de educação inveterado se conservou isolado, na aristocracia das suas classificações, não leva para o ensino o espirito de cordialidade quer para alunos quer para colegas no professorado.

Mantem-se toda a vida no mesmo isolamento esteril, no mesmo formalismo de attitude, de voz e de gestos que os denunciam e caracterizam como um dos ridiculos mais conhecidos da vida portugueza.

A aula universitaria é, sobretudo

do na faculdade de direito, ou de uma disciplina velha, sem significação, inflexivel, mas apenas superficial e externa, ou então da mais estranha e relaxada disciplina.

E em qualquer dos casos pelo mesmo motivo.

Contrastava com taes aulas a do dr. Bernardino Machado, em que mestres e discipulos trabalhavam em comum, conversando, discutindo, simplesmente com o espirito de trabalho e de saber, sem a preocupação de mostrar que tudo se sabe e aprendeu.

A aula do dr. Bernardino Machado era para os que se interessam pela Universidade um argumento sempre victorioso a favor da orientação moderna do ensino universitario.

O nome do illustre professor, a justa reputação de que gosava no paiz e no estrangeiro, deram á Universidade consideração especial, no meio de guerra, aberta contra este estabelecimento de ensino por tão encontrados interesses.

Era agora que a sua intelligencia, o seu saber, o seu experimentado bom conselho mais necessarios poderiam ser para a reforma que tão necessaria se torna no ensino nacional e que, pela desorientação do momento, se afigura tão difficil e tão perigosa.

O sr. dr. Bernardino Machado, sacrificando porém o seu amor ao ensino, a sua dedicação pela Universidade em homenagem aos ditames duma consciencia justa e inflexivel, deu uma prova de raro carater, perante a qual nos cumpre apenas inclinar.

Antero do Quental

Tornamos hoje a publicar o manifesto de 1862 1863, como tínhamos prometido, por se ter esgotado o numero da *Resistencia* em que o transcrevemos, tornando-se por isso impossivel satisfazer aos pedidos que nos têm sido feitos.

Publicamo-lo porém com as assinaturas, em que figuram tantos nomes que se distinguiram na nossa vida politica, magistratura, professores da Universidade e até tem representação o actual conselho de decaanos.

Por este manifesto se vê como são velhas e justas as reclamações que tão generosamente faz a geração actual.

Desde o dia 1.º de maio, o serviço dos americanos entre o Largo das Ameias e rua Infante D. Augusto e vice-versa, continua a ser feito como actualmente, sendo a ultima saída das Ameias ás 10 horas da noite e da rua Infante D. Augusto ás 10,30.

O serviço dos americanos para a estação B, continua a fazer-se para todos os comboios de Lisboa-Porto e Porto Lisboa, de dia e noite.

Recebemos o relatorio e contas da Associação de socorros tantuos União Artistica Conimbricense relativos ao anno de 1906.

Dos mapas publicados verifica-se que a receita subiu á importante soma de 1.222,650 reis e a despeza foi de 978,685 reis, havendo por isso um saldo positivo de 243 365 reis.

Os fundos em 31 de dezembro ultimo eram de 2.343 580 reis, o que abona o zelo com que tem sido administrada esta associação.

O FAZ-TUDO

Ou melhor o Fez-Tudo.
Assim o clama êle, assim o gritam os seus correligionarios.

E, havemos de concordar, que não a nome que melhor caiba a este remedião da politica monarchica, a este restaurador de coisas velhas e carunchosas, a este vendedor de elixires, ao homem que tudo salva, ao homem que tudo limpa.

Ele faz tudo: concerta tarecos velhos, consolida o poder real, restabelece o prestigio do exercito, a força da policia, amola tesouras e navalhas...

Para restabelecer reputações não ha outro.

Nodoa que exista, êle é o primeiro a vê-la, e a mostrar como alastrou, como entrou fundo; mas é tambem o primeiro a limpá-la.

Não ha melhor sabão!

E neste charlatanismo relas anda a imprensa franquista e o sr. João Franco, que distribue os discursos em que exalta os proprios meritos com o cuidado de reclame de um vendedor de drogas suspeitas.

Tudo faz o Faz-Tudo.

E por preços convidativos, com honestidade que pode abonar, emendado de antigos vicios.

Como os charlatões de praça, diz-se ignorante, faz gala da falta de estudos, e, como se falasse para gente ignorante dum carro de dentista, gaba dons excceçoes, diz-se inspirado da divina providencia.

E assim tem passado a vida inutil, contradizendo-se a cada passo, a cada instante faltado á sua palavra, sempre a gritar que o não deixam acabar a grande obra, que a todo momento o vence inimigos invisiveis, e que a administração publica sob a sua direcção magica melhora dia a dia, e que dia a dia o nosso credito se consolida.

E sua, e grita e barafusta a dizer que fez o que ninguém lhe vê fazer.

Lembra os pobres alienados que é tão vulgar encontrar em manicomios, caminhando a suar, vergados como se levassem grandes pezos, perando para gritar, procurando interessar-nos com obras imaginarias em que andam.

Se se pára e se lhe pergunta o que fazem, respondem invariavelmente: andamos a fazer o templo de Salomão!

Pobre Faz-tudo! Ele anda tambem como o louco, construindo o templo de Salomão, o rei de saber maravilhoso, do esperto conselho.

Como os doidos vulgares, se gaba de dotes extraordinarios, fica extatico deante da sua retorica sonora e vasta, como uma mina de agua seca.

Êle é o sabio. Êle construe o templo de Salomão.

E vae barafustando, verde, magro, sem ouvir, sem ver, o espirito na alucinação de uma obra quimerica...

Pobre Faz-Tudo!

«SERÕES»

O n.º 22 desta interessante revista, a mais perfeita publicação do genero entre nós, continua a manter os brilhantes creditos que tem merecido em Portugal e Brazil. D'entre os variados artigos que constam do seguinte sumario, destacamos: O que se occupa do pitoresco bairro da Mouraria e os que referem a duas brilhantes individualidades literarias, o padre Antonio Vieira e Rebelo da Silva. Numerosas e magnificas illustrações completam os primores do texto. Segue o sumario:

Feliz descoberta (Frontispicio) quadro de M. Stocks; *A Mouraria*, com 20 illustrações, por Vitor Ribeiro; *Criantismo*, com 7 illustrações, por W. de Moraes; *Rebelo da Silva*, com 9 illustrações, por José Lobo e Avila Lima; *De polo a polo*, com 2 illustrações, por

Jorge Grifit; *A Inquisição* — O Padre Antonio Vieira julgado por ela — com 8 illustrações, por Antonio Baião; *A lenda do canzárrão*, com 2 illustrações, por Conain Doyle, versão de Manoel de Macedo; *Os «Serões» dos bebés* — A Macã — com 4 illustrações; *Terceiro concurso fotografico dos «Serões»* — Simulando uma malhada — fotografia do sr. Gomes Pinto, Porto; *Actualidades*, com 24 illustrações; *Os «Serões» das senhoras*, com 24 illustrações: — Cronica geral de modas, Figurinos e chapeus, A nossa folha de moldes, Lavores femininos, Pelos altos, Consultorio de Luiza, Notas de dona de casa; *A musica dos «Serões»* — Gavota, musica de J. Sebastião, illustração de Bouquer.

O numero completo, com 76 illustrações, 200 réis.

No proximo dia 4 do proximo mez de Maio os alunos da 7.ª classe — curso de letras — do liceu de Coimbra farão uma excursão ao mosteiro da Batalha acompanhados pelos respectivos professores e pelo sr. dr. Luiz dos Santos Viegas, reitor do liceu.

Esta excursão foi promovida pelo sr. dr. Eugenio Sanches da Gama, que, com optima orientação pedagogica, levou já os seus discipulos á Sé Velha, aproveitando assim a ocasião de, ao lado da nossa historia militar e politica, expor sobre historia de arte ideias inspiradas em boa e sã leitura.

O sr. dr. Eugenio Sanches da Gama tem procurado agora preparar o espirito dos alunos, tanto sugerindo-lhes ideias, como recomendando-lhes leituras apropriadas, por fórma a que a excursão tenha o effeito educativo que se pretende.

Diligencia entre Coimbra e Luzo

Os srs. Lopes & Ferreira, proprietarios da cocheira ao caes, estabelecem, a partir do 1.º de maio proximo futuro, diligencias entre Coimbra e Luzo, por fórma a tornar facilis communicações que pelo actual horario dos comboios são incomodas.

A diligencia partirá da loja de correiro do sr. Clemente dos Reis, ás 5 horas da manhã, aos domingos, terças e quintas, devendo chegar a Luzo ás 8 horas da manhã.

De Luzo, partem do Hotel dos Banhos, nos mesmos dias, ás 6 horas da tarde.

Recomendamos o anuncio que vae na secção competente.

Hoje terá logar no teatro Principe Real a festa artistica dos actores Augusto Cordeiro e Lucinda Carvalho, que a dedicam á Associação Commercial de Coimbra.

Subirá á scena a comedia em um acto *Ditosa fado*, e o *Amor por aeneas* pelos beneficiados, *A creada politica* pela actriz Sofia Santos e *Os dois nenés* pelas sr.ªs D. Eteivina Gamboa e Sofia Santos e os srs. Augusto Cordeiro, Antonio Sanhudo e Augusto Peça.

Além disso o sr. Antonio Gomes, violinista do teatro de S. Carlos, executará alguns solos de violino e a banda do 23 tocará nos intervalos no salão do teatro.

Directorio do Partido Republicano

O Directorio do Partido Republicano, para a boa regularisação dos seus trabalhos, pede a todas as comissões e agremiações republicanas, que ainda não tenham participado a sua constituição, a fineza de lha participarem, a fim de serem inscritas nos livros respectivos.

O secretario do Directorio,
Antonio José d'Almeida.

OS DEPUTADOS REPUBLICANOS

Queixa-se o sr. João Franco de que os nossos correligionarios mostraram nas camaras a incapacidade para governar, pois não apresentaram um só projeto de lei, não introduziram nos apresentados pelo governo nenhum dos principios democraticos que tornassem clara e proficua a sua acção.

Arquiveemos já uma declaração; o sr. João Franco afirma que nas leis e projetos que apresentou não ha principios liberaes, nem se vê orientação democratica.

E não deixaria de ser para notar a incoerencia do illustre presidente do conselho que diz copiar a liberal Inglaterra, inspirar-se na França republicana, se a inconveniencia não fosse a caracteristica fundamental do temperamento do sr. João Franco.

Para que foram nomeados os deputados republicanos?

Para fazer a republica. Esse claro o seu fim ultimo e não o papel de simples fiscaes do contrabando monarchico; que lhes querem atribuir as diversas facções conservadoras.

Ora os deputados republicanos fizeram o seu dever, não opondo-se abertamente á acção deletaria dos bandos monarchicos, porque isso seria impossivel, as votações da maioria tudo esmagariam, mas denunciando todas as manobras do falso patriotismo, pondo-se claro o absolutismo que se escondia sob apparencias de ideias de liberdade e de justiça.

No combate em que os republicanos mostraram sempre força e rara serenidade, o governo viu-se obrigado a confessar todos os crimes vagamente suspetados da monarchia; a denunciar outros novos.

Pela primeira vez no parlamento portuguez se acusaram os governos passados e a propria corõa de abusos e illegalidades que não foram cobertos pela autoridade do governo.

E isso se deve á acção dos deputados republicanos.

Assim cumpriram o seu programa, trabalhando para afirmar as ideias democraticas, por estabelecer a republica em Portugal.

Projetos de lei não podiam apresentalos; porque mal tempo houve para ler os indigestos e esteferos projetos do governo.

E não deixa de ser bem significativa dos processos do sr. João Franco esta audacia com que se vem declarar que os republicanos não introduziram nos projetos do governo uma só modificação, traduzindo uma ideia democratica.

Como, se as emendas eram regeitadas pela maioria sem discussão se quer?

Como, se a maioria saía da camara, quando se falava, e só voltava para aprovar o que o governo queria aprovar, para regeitar o que o governo queria regeitar?

Os deputados republicanos, não abandonando porem as sessões, levantando sempre a voz a favor dos interesses do povo portuguez, denunciando os desmandos monarchicos, a marcha falsa e perigosa do governo, cumpriram o seu dever, trabalhando pela implantação da Republica em Portugal.

E nesse ponto porem, é forçoso confessalo, foram poderosamente ajudados pelo sr. João Franco.

Se os republicanos não colaboraram, como afirma o sr. João Franco e é verdade, na consolidação do poder real, não é menos certo que o sr. João Franco pela sua ignorancia, falta de intelligencia e tino governativo foi um excelente colaborador dos deputados republicanos, contribuindo para arregar as ideias democraticas em Portugal.

Comissario de policia

Não aceitou o logar de comissario de policia de Coimbra o sr. Antonio José da Costa e Cunha,

Manifesto dos estudantes da Universidade de Coimbra

1862-1863

Ao Governo, aos homens desinteressados e liberais desta terra, vamos dar razão do nosso procedimento. Oicam-nos. Pedimos um quarto de hora de atenção: não é muito que ao prazer e ao interesse se voum alguns minutos para atender á voz da mocidade de um paiz. Essa voz parte d'alma: é a voz da eterna justiça.

Todo o facto pede uma explicação. Se o acontecimento é grave, graves devem ser os motivos que o produziram; e, mais que ninguém, homens novos, quando deliberam, podem sim enganar-se, mas a intenção é sempre generosa e nobre.

Pergunta-se hoje em Coimbra, pergunta-se por todo o paiz: — Que querem os estudantes da Universidade de Coimbra? Que significa a evacuação da sala dos Capelos no dia 8 de dezembro de 1862? Que protesto é esse duma corporação contra o seu chefe?

Os Estudantes não são mais duzia de crianças turbulentas que, numa hora de galhofa, se combinem para pregar uma peça engraçada; tantos homens não se entendem, como um bando de rapazes de escola, só com o fim de se divertirem á custa de uma coisa muito seria. Não foi, pois, o prurido da infancia o motor daquele acontecimento. Esta hipótese nem se discute. O bom senso da nação regeita-a como uma ofensa feita a si mesma na pessoa dos seus melhores filhos.

Os Estudantes não são, tão pouco, instrumentos cegos de vingança pessoal, trabalhando á luz do dia, mas movidos por um braço oculto na sombra. São instrumentos sim, mas da propria causa. O braço que os impelle não vem de cima, nem vem de baixo o impulso que os leva. Escutam a voz da consciencia e obram.

Os Estudantes não são *discolos, amotinadores, faciosos ou assassinos*. Pois o leite que se bebe no seio das mães transforma-se-lhe em veneno ao primeiro sorvo do ar de Coimbra? Pois estarão tão gangrenado este paiz que o seu coração — um coração de vinte annos — só abrigue odios e trevas? Orgulho e miseria? Pois será esta a esperança do futuro? Ah! a nação também é mãe; não pode caluniar seus filhos.

A evacuação da sala dos Capelos no dia 8 de dezembro de 1862, o protesto da Academia contra o Reitor da Universidade deve, como todo o facto, ter um motivo e um fim. Partido de uma corporação onde o paiz reconhece o melhor, o mais puro de seu sangue, deve, mais que nenhum, ter um motivo justo, um fim grave e elevado.

Os que sobre nós lançam o estigma de amotinadores são esses os primeiros a reconhecê-lo. Pois se assim não fosse, se contra si não temessem a justiça da nossa causa, com que motivo adulariam os factos para depois os combater? Quem calunia, quem cria um fantasma para ter a estéril gloria de o derrubar ante os olhos do paiz, é que teme lutar com a verdade, é que sabe que o venceria a verdade, se confessasse.

Porque os factos foram adulterados. Debaixo da capa do anonimato fomos caluniados por cobardes que á luz do dia não se atrevem a dar com o seu nome garantia ás suas palavras. Julgou a boa fé dos nossos vinte annos que em questão tão grave sobrenadaria a justiça e a verdade acima da onda lamacenta do interesse pessoal, da calunia, das misérias duma ou doutra facção.

Foi ainda um engano. A boa fé do jornalismo do paiz foi também ludibriada. Quizeram desacreditá-lo, desacreditando-nos, fazendo-lhe repetir o que a malevolencia de alguém lhe segredou em hora de estulta inspiração.

Como homens, filhos desta epoca de liberdade, lamentamos que uma instituição que amamos, porque é a educadora dos povos, a mãe das nações livres, que a imprensa fosse enganada por falsos informadores e, ainda sem o querer, mentisse uma vez á sua missão. Mas, como membros de uma corporação, é do nosso dever, é da nossa honra aceitar a luva que nos lançam e esclarecer a opinião, salvando desta injustiça a imprensa portugueza.

Os Estudantes saíram da sala dos Capelos, mas não saíram amotinados. Viraram somente costas a um homem que não amam nem respeitam, porque

se não sabe fazer nem respeitado nem amado. Ficar é que seria crime porque fóra uma baixeza.

Os Estudantes, reunidos no terreiro da Universidade, deram vivas á independencia, vivas á liberdade, mas não tumultuaram, não se revolucionaram, não deram morras, não pediram a cabeça de ninguém; porque os Estudantes sabem que a cabeça de qualquer homem é sagrada, porque nossas mães não nos ensinaram a solettrar em seus olhos a religião do amor, para nós virtuosos aqui transformarmos-nos em bandidos e homicidas e a essa religião transformá-la em lei de morte.

A nós córar-nos iam as faces de vergonha por este povo, se em Portugal um só homem ousasse tal acreditar.

Não se pedia a morte de ninguém, não se perturbou um acto solene com vezes nem tumultos. Evacuou-se uma sala com o socego que tal evacuação comporta. Depois — fóra, no meio da praça — deram-se vivas á liberdade por que não sabiamos ainda aqui que esta palavra tivesse sido riscada, por ordem do Geral dos jesuitas, do dicionário politico desta nação.

Que infamia cometeram os estudantes da Universidade, saindo duma sala onde não podiam ficar, sob pena de ouvirem cousas desagracaveis para o seu brio, da boca de um homem que se compraz em os amesquinhar?

Que crime cometeram, num paiz liberal, os filhos dos homens do Mindelo, dando vivas á liberdade?

Sabemos manifestar-nos contra uma autoridade, nos limites da ordem e da lei. Ordem e lei, em terra de livres, não são circulo tão estreito que se não possa dar um passo sem lhes sahir logo da periferia.

E' esta a verdade. Para a restabelecer temos ainda voz que se erga, fale e se escute em todos os angulos desta terra. Falamos; que nos ouça a nação; que a nação são nossos paes, são nossas mães, é o coração de nossas familias, e aos vinte annos não se aprendeu ainda a linguagem da mentira para falar a um pae e a uma mãe.

A verdade é esta. Que se levante alguém e, arrojando a mascara vilã do anonimato, se atreva a desmentir-nos!

Eis o facto. Agora os motivos dele. Que tem o reitor da Universidade que mereça tal desaprovção?

Respondam por nós os jornaes do paiz que, ha tres annos, não cessam de registrar em suas colunas factos sobre factos, iniquidades e misérias. Respondam as representações, os pedidos de justiça, que cada acto seu tem promovido. Responda o corpo catedratico, onde raras vezes amigos encontra a apoio-lo. Responda a retidão de nossas intenções, — de nós, que o acusamos, que somos moços, e não erguemos a voz contra um homem sem razão, sem muita razão.

Póde supôr-se que o corpo docente da Universidade, que devemos julgar prudente e ilustrado; que a mocidade portugueza, que abriga no coração tanta retidão e justiça; que o jornalismo, eco da opinião publica; que a sciencia, nobreza de intenções, prudencia e illustração; que tanta gente, e da melhor, em tão diversos sitios, sem se passarem palavra, se um fim qualquer, se conspire e combine contra um homem, o acuse e guerreie... e que esse homem não tenha dado motivo a esta declaração de guerra? Póde supôr-se isto?

Se assim fosse, se a nação supozesse tal do que tem melhor em si... que ideia formariamos então da opinião publica, da moral deste paiz?

E' uma hipótese que se não discute. Estranho caso, em verdade, é encontrar na historia o facto de um homem grande, menosprezado, cusado injustamente por tudo quanto tem em si de melhor uma nação. Será o Reitor da Universidade o Colombo que nós todos desconhecemos?... Que lhe responde a consciencia.

Mas não é só contra o Reitor, o sr. Doutor Basilio Alberto de Sousa Pinto, que nos manifestamos, contra a autoridade que não cumpre o seu dever da justiça, o primeiro e unico que lhe impõe o seu cargo. Ha aqui mais alguma coisa, e alguma coisa peor. Gememos sobre o jugo de uma legislação iniqua,

porque é velha; necessariamente injusta, porque é confusa. Cumpre ao Reitor adogar-lhe o rigor, e, no meio da liberdade que tal confusão lhe dá, escolher sempre em harmonia com a ideia do seculo, que é a Justiça.

E' isso que ele não compreende; é isso que ele não quer; e é contra isto que nós protestamos.

Se uma vez não applica a lei, se muitas vezes é o arbitrio o seu unico código, é isto mau. Mas quando trata de a cumprir, quando é justo como executor da lei, porque se escuda com ela, incarnar em si todo o rigor da velha instituição, tirar-lhe as ultimas consequências, ter na sua mão uma espada, e, podendo escolher entre o gume e as costas, preferir o gume... isto é peor, porque isto é pessimo.

A manifestação contra o Reitor da Universidade é também protesto contra a iniquidade duma legislação atrasada de tres seculos, porque este Reitor simbolisa todo o rigor dessa lei, porque consubstancia em si tudo quanto ha de mau na instituição.

A lei pesa sobre nossas cabeças com o peso de muitos annos, mas o Reitor carrega ainda, com todo o peso da sua mão, sobre o já enorme da lei, e quer-nos esmagar sob a pressão imensa dos annos e do rigor ainda.

Um e outro jugo nos é odioso; contra ambos protestamos.

O Reitor que deu logr a vermos, em toda a sua lealdade, a injustiça da instituição, abriu caminho a que, manifestando-nos contra elle, nos manifestassemos contra ella também.

São esses os nossos motivos. E' este o duplo sentido do nosso protesto.

Em quanto ao fim é claro, depois disto qual ele seria.

Substituir a voz dos oprimidos, forte porque parte dum coração torturado á voz da imprensa—essa defensora dos que sofrem, sim, mas que não pode erguer-se tanto, porque não pede em causa propria. O jornal fala, mas como quem discute; perde-se-lhe a voz no meio do tumultuar dos muitos interesses que por ahí se agitam. Nós falamos, com o brado dos oprimidos, que todos escutam, que todos devem escutar, por que ninguém negará aos filhos dos heroes do Mindelo e do Porto, ainda pallidos pelo sangue que seus paes perderam, regando a arvore da liberdade, ninguém lhes negará, nesta terra de Portugal, o direito de pedir que lhes aliviem o jugo duma lei de opressão e espionagem, que corrompe porque rebaixa e envilece; uma lei velha de seculos, que aqui se esconde temendo a luz da nossa era, a luz do progresso; uma lei que viu e tratou os jesuitas e o poder absoluto; uma lei contemporanea da Inquisição!

Que querem, pois, os Estudantes da Universidade de Coimbra?

Vamos responder á es a ultima pergunta.

Os estudantes querem a reforma d'un processo inquisitorial; garantias de justiça; que se seja jugado e condenado como homem, como cidadão dum estado livre e não como relapso fugido aos carcereos do Santo Officio; que a egualdade perante a lei seja uma realidade aqui e não risivel fantasmagoria; que nos julguem homens desapaixonados e não os que mais estão no declive escorregadio das vinganças; que se distinga entre sciencia e costumes; e acabe por uma vez essa pena infamante que, com um traço negro de tinta, mata a reputação, o futuro de uma vida em começo, quando, muitas vezes também, não mata o coração de uma familia.

Que querem os Estudantes da Universidade?

Que se indague tudo da sciencia, que é patrimonio de todos, e nada da vida particular, que é asilo individual e inviolavel; que por detraz da cadeira do ensino se não lobrigue o olho do esbirro; que se faça prog edir a sciencia, e se deixe a moral desenvolver-se por si.

Que querem os Estudantes da Universidade?

Justiça! Um raio de sol também para nós, desse sol de liberdade e progresso que luz para todo o seculo e só a nós nos deixa nas trevas do passado. Um logar no banquete das garantias liberais, que nos é devido, porque essa liberdade custou o sangue de nossos paes, o nosso sangue! Garantias para quem quer ser livre, digno e justo; auxilio a estes escravos que querem, um dia, ser homens e cidadãos.

Antero de Quental, 4.º anno de Direito
Alberto da Cunha Sampaio, 5.º anno de Direito
Frederico Filemon da Silva Avelino, 3.º anno de Direito
João de Sousa Vilhena, 2.º anno de Direito
Francisco d'Assis Caldeira Quiroz, 5.º anno de Direito
José da Cunha Sampaio, 3.º anno de Direito
José Falcão, 4.º anno de Mathematica
João Lobo de Moura, 2.º anno de Direito
Manoel Ferreira da Silva, 3.º de Direito e 2.º de Teologia
Frederico d'Abreu Gouvêa, 5.º de Direito
José Perez Ramirez, 5.º de Direito
José Julio Rodrigues, 5.º de Filosofia
Antonio Fialho Machado, 5.º de Direito
Julio Lourenço Pinto, 4.º de Direito
Ernesto Kopke, 5.º de Direito
Albino Montenegro, 4.º de Direito
José Pedro da Cruz, 1.º de Mathematica
Lourenço Correia de Almeida Carvalhaes, 5.º de Direito
Francisco Lopes de Sousa Gama, 4.º de Direito
Augusto Corrêa Pinto Tameirão, 2.º de Direito
José Leite Monteiro, 4.º de Direito
Antonio José d'Oliveira Mourão, 1.º do Curso Administrativo
João Leite Monteiro, 4.º de Filosofia
José Gomes Ferreira Pinto, 2.º de Medicina
Augusto de Vasconcelos Monterroso, 2.º de Medicina
José de Mendonça Lemos e Melo, 2.º de Direito
Albino Vaz das Neves, 2.º de Medicina
Luiz José Ferreira Margarido, 5.º de Direito
Antonio Joaquim Ferreira Margarido, 2.º de Medicina
Antonio Joaquim Margarido Pacheco, 1.º de Direito
José Bernardino d'Abreu Gouvêa Junior, 4.º de Direito
José Maria Porto Migueis, 1.º de Mathematica
Carlos Mayer, 4.º de Filosofia
Antonio d'Azevedo Castello Branco, 3.º de Direito
Tomé de Brito Pina e Albuquerque, 3.º de Direito
Henrique de Macedo Pereira Coutinho, 5.º de Mathematica
D. Luiz de Castro e Almeida, 4.º de Direito
Guilherme Rodrigues d'Azevedo, 1.º de Medicina
José Antonio d'Almeida, 1.º de Medicina
Candido Joaquim de Macedo Batista, 2.º de Direito
Raimundo V. Rodrigues Capela, 4.º de Direito
Antonio da Trindade Carlos Teixeira, 3.º de Direito
Francisco Lopes d'Azevedo Coelho de Barros Castello Branco, 3.º de Direito
Antonio Maria Diniz de Sampaio, 3.º de Medicina
Francisco de Paula Xavier da Rocha Viana, 3.º de Direito
Francisco Eduardo Baraona Frogoso, 2.º de Direito
Antonio Brandão Pereira, 4.º de Direito
José Brandão Pereira, 2.º de Direito
José Braz de Mendonça Fortado, 4.º de Direito
Henrique de Bessa, 3.º de Direito
Antonio d'Oliveira Monteiro, 1.º de Medicina
Sebastião Jose Conde, 1.º de Teologia
José d'Elvas Leitão, 1.º de Teologia
Antonio Joaquim de Matos Pinto, 1.º de Mathematica
José de Matos Portugal Junior, 3.º de Filosofia
Filomeno da Camara Melo Cabral, 2.º de Filosofia

Antonio Guilherme Ferreira de Castro, 4.º de Mathematica
José da Silva Castro, 4.º de Mathematica
Eduardo Xavier d'Oliveira Barros Leite, 1.º de Medicina
João Candido de Moraes, 4.º de Mathematica
Zeferino Brandão, 4.º de Filosofia
Fernando Augusto d'Almeida Pimentel de Moura Coutinho, 2.º de Direito
Antonio Maria Tovar de Lemos, 5.º de Direito
Antonio Leitão de Sousa Maldonado, 2.º de Direito
Jacinto da Silva Baústa, 1.º de Direito
Antonio d'Avelar Severino, 4.º de Mathematica e 5.º de Filosofia
Antonio Leite Ribeiro e Silva, 3.º de Direito
Manoel Moniz Barreto Corte-Real, 2.º de Direito
João de Paiva de Faria, 2.º de Direito
Francisco Roberto d'Araujo Magalhães Barros, 3.º de Direito
Augusto Carlos Cardoso Pinto Osorio, 3.º de Direito
José Antonio Bastos Pinho, 1.º de Direito
Bernardo d'Aguilar Teixeira Cardoso, 3.º de Mathematica
José Pereira Pinto dos Santos, 4.º de Direito
João Freire Temudo d'Oliveira Mendonça, 1.º de Direito
Henrique de Queiroz, 4.º de Direito
Antonio de Melo Varajão, 5.º anno de Direito
José Carlos Godinho de Faria, 2.º de Medicina
Simão Coelho Ferreira, 1.º de Medicina
Alfredo Cesar Brandão, 2.º de Direito
Felix Loureiro da Rocha Páris, 3.º de Filosofia
Florido Teles de Menezes de Vasconcelos, 5.º de Direito
Antonio da Silva Albuquerque e Amaral, 1.º de Direito
João Maria de Santa Marta de Sousa Vadre, 2.º de Direito
Antonio Moreira Barroso do Couto e Abreu, 3.º de Direito
Antonio Guerreiro Faleiro, 1.º de Direito
Abilio Adriano de Sá, 1.º de Direito
José Antonio de Almada, 1.º de Direito
José Felix Pereira Junior, 3.º de Direito
Frederico de Gusmão Corrêa Arouca, 1.º de Filosofia
Antonio Joaquim Moutinho de Andrade, 2.º de Direito
Guilherme Machado de Faria e Maia, 1.º de Direito
José Taibner Crespo de Moraes, 5.º de Direito
Augusto Pereira Leite, 5.º de Direito
Fortunato Freire de Temudo, 2.º de Mathematica e 3.º de Filosofia
Caetano Pereira do Couto Brandão, 3.º de Direito
Eduardo Antonio de Almeida Andrade, 4.º de Direito
Luiz de Melo Bandeira Coelho, 2.º de Mathematica e 3.º de Filosofia
Antonio Justino Bigote, 3.º de Direito
José de Andrade Ferreira de Abreu, 1.º de Direito
João de Almeida Santos e Vasconcelos, 5.º de Direito
José Augusto Veiga, 1.º de Direito
Abel Rodrigo de Carvalho, 1.º de Mathematica
Antonio Francisco Santar, 1.º de Mathematica
Miguel de Araujo Cunha, 1.º de Filosofia
Antonio Rodrigues da Silva, 2.º de Filosofia
Antonio Eduardo de Moura, 2.º de Direito
Abilio Rodrigues d'Oliveira, 2.º de Direito
Eduardo Augusto Teixeira Barbosa, 3.º de Teologia
Jacinto Antonio Fernandes Pinto, 4.º de Filosofia
Bernardo José da Silva Pereira, 3.º de Mathematica
Antonio Augusto da Silva Guimarães, 5.º de Mathematica
Eduardo José Segurado, 3.º de Direito
Francisco Ferreira Gaspar, 2.º de Medicina
Eugenio Augusto Ribeiro de Castro, 1.º de Filosofia

20

Manoel Francisco de Paula Barreto Junior, 4.º de Filosofia
José dos Santos Cabrita, 1.º de Matematica
José Betencourt da Silveira e Avila, 4.º de Direito
Eduardo Correia Martins, 2.º de Direito
José Manoel de Brito, 3.º de Direito
João José Teixeira de Carvalho, 2.º de Direito
José Maria Pestana de Vasconcelos, 2.º de Direito
Manuel Tomaz Pereira Pinto e Castro, 2.º de Direito
Julio Augusto Henriques, bacharel formado em Direito e do 3.º de Filosofia
Joaquim José Pimenta Telo, 3.º de Medicina
José Cristiano A'Nel de Medeiros, 2.º de Matematica
José Eduardo Levira, 5.º de Direito
Rodrigo Lobo de Avila, 5.º de Direito
Antonio José de Avila Junior, 2.º de Matematica
Eduardo David e Cunha, 3.º de Medicina
Manuel Paes de Vilas-Boas, 5.º de Direito
João Djiogo da Costa Guerra, 5.º de Direito
João Baptista Guerra, 3.º de Direito
Artur Palmeirim, 3.º de Direito
Pedro Augusto de Carvalho, 5.º de Direito
João Dali Alves de Sá, 2.º de Direito
Manuel Cardoso Girão, 2.º de Direito
José Gregorio Figueiredo de Mascarenhas, 4.º de Matematica
Francisco Xavier de Lima Colaço, 2.º de Direito
Benjamin Constant do Amaral Neto, 4.º de Direito
Henrique Antonio Antão de Vasconcelos, 3.º de Direito
Francisco da Silva Magalhães, 2.º de Medicina
Isidoro Eutiquio de Oliveira Pimenta, 5.º de Direito
Leonardo de Melo Falcão Trigoso, 1.º de Direito
Jerônimo dos Santos Henriques, 2.º de Teologia
Joaquim Henriques da Fonseca, 3.º de Medicina
Francisco de Sousa Costa Lobo, 3.º de Direito
Francisco de Guimarães Fonseca, 3.º de Direito
Joaquim Ignacio Roxanes, 4.º de Direito
José de Vasconcelos Cerveira Lebre, 2.º de Direito
Francisco Ferreira de Carvalho, 4.º de Direito
Antonio d'Almeida Silva Junior, 2.º de Direito
Emilio do Rego Botelho, 4.º de Direito
Joaquim d'Oliveira Vale, 3.º de Direito
José Charters Crespo, 1.º de Matematica
José Maria de Penha e Costa, 2.º de Direito
Julio Dali, 3.º de Direito
Pedro Pereira de Sousa Brito, 5.º de Direito
José Luiz Ferreira Freire, 2.º de Direito
Antonio de Campos Paredes, 3.º de Medicina
Manoel Antonio da Costa, 3.º de Direito
Ignacio Moniz Coelho da Silva, 2.º de Direito
João Augusto da Penha Coutinho, 2.º de Direito
Bernardo Melo Cabral, 2.º de Direito
Francisco Antonio Duarte de Vasconcelos, 1.º de Direito
Manuel Vaz Nobre Figueira, 5.º de Direito
José Joaquim Lemos Couto de Carvalho, 5.º de Direito
Carlos Pires, 2.º de Direito
Augusto Luciano Simões de Carvalho, 5.º de Filosofia
José Teixeira Pinto dos Santos, 5.º de Filosofia
Francisco Augusto de Santiago Jordão, 4.º de Matematica
José Maximino da Silva Azevedo, 2.º de Direito
Manoel Timoteo d'Andrade Vasconcelos, 3.º de Direito
Constantino Alves Vilar, 3.º de Direito
Filipe Augusto d'Andrade Vasconcelos, 1.º de Matematica
Alexandre d'Albuquerque Tavares Lobo, 2.º de Direito
João Carlos d'Almeida Machado, 4.º de Matematica
José Teixeira de Sampaio, 3.º de Medicina
Mariano Machado de Faria e Maia, 3.º de Matematica
Candido José d'Andrade, 1.º de Medicina

David da Silva e Cunha, 4.º de Filosofia
Antonio Maria Mendes Gajera, 2.º de Filosofia
Alvaro Novaes de Carvalho Soares, 4.º de Filosofia
José de Barros Silva Carneiro, 4.º de Filosofia
Antonio Xavier de Sousa Cordeiro, 2.º de Filosofia
José Jacinto Nunes, 3.º de Direito
Antonio Ferreira de Miranda, 1.º de Teologia
Valerio Nunes de Moraes, 2.º de Direito
Manoel José dos Santos, 1.º de Medicina
João Maria de Sousa, 1.º de Medicina
José M. Rodrigues e Costa, 1.º de Matematica
Antonio Francisco Neto Parra, 3.º de Direito
Manoel José d'Arriaga, 2.º de Direito
Augusto dos Santos Ferreira de Miranda, 2.º de Direito
Aurelio da Cunha Seixas, 2.º de Matematica
José Julio d'Oliveira Baptista, 4.º de Direito
Augusto Dias Soares, 2.º de Filosofia
Manoel Paredes, 2.º de Filosofia
Antonio Pedro Xavier d'Oliveira Barros Leite, 1.º de Direito
José Augusto da Cruz Vasconcelos, 2.º de Direito
Sebastião Ribeiro Nogueira, 1.º de Matematica
Santos Valente, 5.º de Direito
Antonio d'Oliveira Figueiredo, 2.º de Direito
Antonio José Vasques, 3.º de Direito
José R. de Baraona Frigoso, bacharel formado em Filosofia e do 3.º anno do curso Administrativo
José Fortunato Freire Temudo, 3.º de Direito
Manoel Joaquim Carrilho Garcia, 2.º de Direito
Antonio Pessoa d'Amorim, 5.º de Direito
João Francisco Ferreira, 4.º de Direito
Luiz Candido de Faria e Vasconcelos, 4.º de Direito
José Eduardo d'Oliveira, bacharel em Filosofia e do 3.º anno de Medicina
José Germano Monteiro Grilo, 1.º de Matematica
Augusto Cesar Moutinho de Andrade, 1.º de Matematica
Joaquim d'Oliveira Rino Jordão, 2.º de Medicina
Caetano Maria Beirão, 3.º de Filosofia
Guilherme Augusto Brag, 2.º de Medicina
José Marques da Silva, 1.º de Teologia
Manoel do Nascimento d'Azevedo Coutinho, 5.º de Direito
José Maria da Cunha Seixas, 4.º de Direito
Antonio José Claro da Fonseca Junior, 1.º de Direito
Francisco José Lopes de Matos Viegas, 2.º de Direito
José Matias V. Perdigão, 2.º de Direito
Joaquim José da Costa Simas, 2.º de Direito
Francisco Manoel d'Almeida, 3.º de Direito
Francisco Lopes d'Almeida Ferreira, 3.º de Direito
Antonio Joaquim Pinto de Fonseca, 1.º de Matematica
Antonio Camilo Henriques, 3.º de Direito
Joaquim Carlos Vidal da Gama, 2.º de Direito
Henrique Xavier Corrêa e Silva L., 2.º de Direito
Antonio Maria Pinheiro, 5.º de Direito
José Maria de Eça de Queiroz, 2.º de Direito
Antonio Caetano Calado Castro e Lemos, 4.º de Direito
Antonio Augusto Braga, 2.º de Direito
Antonio Luiz Magalhães Brandão, 2.º de Matematica
Joaquim R. Simões de Carvalho, 2.º de Filosofia
José Eduardo Raposo de Magalhães, 2.º de Matematica
Tomaz Emilio Raposo de Magalhães, Bacharel formado em Direito e do 3.º anno do Curso Administrativo
João Mendes Leal, 2.º de Teologia
José Duarte, 2.º de Teologia
José Joaquim Coelho, 2.º de Direito
Joaquim Simões Cantante, 2.º de Direito
Francisco Antonio de Carvalho, 2.º de Direito
Jerônimo da Silva Mota, 2.º de Direito
José Mendes Silva, 1.º de Filosofia
Silverio da Silva Castro, 5.º de Direito
Augusto da Silva, 1.º de Direito
Manoel A. Severino de Avelar, 3.º de

de Direito e 2.º do Curso Administrativo
Antonio Maria de Araujo, 2.º de Direito
José Lopes Marçal, 1.º de Matematica
Jocinto B. da Fonseca, 2.º de Direito
Luiz Vaz Guedes Bacelar, 3.º de Direito
Julio Ferreira Pinto Basto, 2.º de Direito
Vicente Ferreira de Sousa Drumond, 1.º de Filosofia
Antonio José Borges, 3.º de Direito
David de Sousa e Cunha, 1.º de Filosofia
Antonio Julio de Queiroz Machado, 5.º de Direito
Agostinho Machado de Faria e Maia, 5.º de Direito
Joaquim Teofilo Braga, 1.º de Direito
Domingos José Dias de Castro, Bacharel formado em Direito e do 4.º de Teologia
Antonio Mendes Lages de Moura, 4.º de Filosofia
Francisco Adolfo Coelho, 1.º de Matematica
Pedro Vaz de Carvalho, 1.º de Matematica
Augusto Duarte Areosa, 4.º de Teologia
Luiz Henriques do Vale, 3.º de Direito
Francisco José da Costa Junior, 1.º de Direito
Leopoldo L. Torres, 1.º de Direito
Guilherme Nunes Maranhã, 3.º de Direito
José A. Guedes Teixeira, 1.º de Direito
Augusto F. Aleixo dos Santos, 1.º de Direito
José Joaquim T. da Silva Leal, 1.º de Direito
João José Dantas Souto Rodrigues, 4.º de Filosofia
Antonio Mendes S. de Vasconcelos, 1.º de Filosofia
Antonio Luiz de Seabra Junior, 3.º de Direito
Anastacio Cupertino Guerreiro, 5.º de Direito
Manoel José R. Vaz de Quina, 2.º de Direito
Sebastião Falcão de Melo, 2.º de Direito
Joaquim Pereira Pimenta de Castro Junior, 2.º de Matematica
Augusto C. Elmano da Cunha e Costa, 2.º de Direito
Diogo Pinto Cardoso, 5.º de Direito
Heitor de S. Sousa e Aragão, 2.º de Direito
Francisco A. Guerra Velho, 2.º de Direito
Abel Augusto Emilio, 1.º de Direito
Francisco Ima Scevola, 1.º de Direito
Manoel Simões Alegre, 1.º de Medicina
José d'Andrade Figueiredo, 2.º de Direito
Francisco E. Fernandes de Meira, 2.º de Medicina
Joaquim Dias Ferreira, 2.º de Medicina
Antonio J. Ferreira Pinto da Cunha, 2.º de Direito
João Antonio de Freitas Henriques Junior, 4.º de Direito
Henrique Luiz Ferreira, 4.º de Direito
Nicolau Moniz de Betencourt, 5.º de Direito
Antonio M. Larcher Marçal, 1.º de Filosofia
Francisco Tavares de Almeida Junior, 1.º de Filosofia
Francisco Machado de Faria e Maia, 5.º de Direito
Joaquim Romão Mendes Rojão, 1.º de Matematica
José Joaquim Dias Galas, 2.º de Direito
Francisco Nunes da Rocha, 2.º de Direito
Cristiano Maximo da Fonseca, 2.º de Direito
João Damasceno Sousa Afonso, 1.º de Matematica
João Manoel Correia Taborda, 1.º de Matematica
Sebastião de Almeida Trigoso, 2.º de Direito
Gaspar da Costa Pereira de Vilhena, 2.º de Direito
João Cardoso da Cunha, 2.º de Direito
José Pimentel R., 1.º de Matematica
João Leite Pacheco de Betencourt e Camara, 1.º de Filosofia
Francisco Ignacio Tavares, 1.º de Filosofia
José Filipe Vaz Jacome de Vilhena e Sousa, 2.º de Direito
José B. Lopes Bandarra, 2.º de Direito
José Paulo Camolino, 4.º de Direito e 5.º de Filosofia
João José Dias Galas, 3.º de Direito
Pedro Victor da Costa Sequeira, 3.º de Matematica e 4.º de Filosofia
Joaquim Gaspar P. de Almeida Camara Manoel, 2.º de Direito

Antonio Pedroso dos Santos, 3.º de Direito
Germano Vieira Meireles, 5.º de Direito
Em virtude de se acharem ausentes muitos estudantes por causa das ferias, continuará aberta a subscrição a este Manifesto depois de se terminarem os dias feriados do Natal.
Foi transferido para a segunda direção dos serviços fluviais e marítimos, o sr. José Teixeira das Neves, chefe de conservação na direção das obras publicas de Aveiro.
O sr. Luiz Gonçalves Moreira, chefe de conservação na segunda direção dos serviços fluviais e marítimos, foi transferido para identico logar na direção das obras publicas de Aveiro.
A igreja dos Bentos foi mandada entregar pelo ministerio das obras publicas ao liceu de Coimbra, para os exercicios de gymnastica sueca.
Antonio Ribeiro das Neves Machado
ALFAIATE
Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes
58, Rua da Sofia, 62—COIMBRA
Sortido variado de fazendas nacionaes e estrangeiras
Confeções para homens e creanças, pelos ultimos figurinos
Vestos para eclesiasticos
Grande variedade de coletes de fantasia, para verão
Gravatas, suspensorios, e diversos artigos para homem.
Carreira de diligencia entre Coimbra e Luzo
Aviso ao publico
LOPES & FERREIRA, proprietarios da cocheira estabelecida na Avenida Navarro, n.º 8, baixos da Fotografia Conimbricense, desejando beneficiar o publico desta cidade, em virtude do atual horario dos comboios não ser a horas convenientes para a comodidade dos passageiros, deliberaram estabelecer uma carreira de diligencia entre Coimbra e Luzo, a qual deverá ser inaugurada no dia 1.º de Maio proximo, sendo as viagens nos dias de terças, quintas e domingos.
Partida de Coimbra — Rua do Visconde da Luz, loja do correiro Clemente dos Reis, ás 5 horas da manhã, tendo as seguintes paragens: Fornos, Botão e Pampilhosa, e onde demora quinze minutos, a fim de tomar os passageiros que desejem aproveitar se deste meio de transporte, chegando a Luzo ás 8 horas da manhã.
Partida de Luzo — Hotel dos Banhos, ás 6 horas da tarde, tendo as seguintes paragens: Pampilhosa, Botão e Fornos, chegando a Coimbra ás 9 horas da noite.
Preços dos bilhetes de Coimbra a Luzo, ou vice-versa, 410 réis; ida e volta, 620 réis.
Os bilhetes acham-se á venda em Coimbra: na cocheira e na loja de correiro do sr. Clemente dos Reis; em Luzo: Hotel dos Banhos.
Coimbra, 27 de abril de 1907.
Lopes & Ferreira
LOJA DE FERRAGENS
Trespasa-se, nas melhores condições, um estabelecimento de ferragens, acreditado, num centro comercial importante.
Nesta redação se dão aos interessados todos os esclarecimentos necessarios.
JOSÉ EUGENIO FERREIRA
ADVOGADO
ESTRADA DA BEIRA 98,

Excursão
Ficou transferida para o proximo domingo a excursão artistica dos socios da Escola Livre das Artes do Desenho, que estava determinada para hoje.
Um grupo de socios do Ginasio-Club promove corridas de bicicletas para o proximo dia 26 do proximo mez de Maio.
Agradecimento
Ainda que tardiamente, venho por este meio agradecer a todos os meus amigos que se interessaram por mim durante a minha doenca, e muito especialmente ao ex.º sr. dr. Luiz Rosete, meu medico assistente, que como facultativo da Associação dos Artistas, á qual pertenceo, me tratou com inequalvel zelo e cuidado, não podendo eu por este motivo deixar de fazer publica a minha gratidão para com o mesmo senhor.
Coimbra, 27 de abril de 1907.
Bernardo Carvalho.

Consultorio de clinica dentaria
MARIO MACHADO
Praça 8 de Maio, 8
Tratamento de doencas da boca
colocação de dentes artificiaes
Consultas das 9 horas da manhã ás 4 da tarde

EDITOS DE 30 DIAS
Comarca de Coimbra
2.ª publicação
Pelo tribunal do comercio de Coimbra e cartorio do escrivão do quarto officio, que este subscreve, pende seus termos um processo para homologação de concordata requerida pelo negociante d'esta praça João Gomes Moreira pelo qual correm editos de trinta dias, chamando os credores incertos do referido negociante e os certos que não acceitaram a concordata: «Credores privilegiados», Manoel Lourenço d'Oliveira, Lamar-tine Cardoso, Francisco Simões da Silva, dr. Manoel Emidio Furtado Garcia, Fazenda Nacional. «Credores geraes», Oliveira Cardoso & C.ª, de Lisboa, João Batista G. de Carvalho, Eduardo Paiva, ambos do Porto, Oliveira Costa & C.ª, Antonio A. A. Ferreira, ambos de Guimarães, Salles de Vasconcelos, de Coimbra, Galande, de Paris, Richard Gans, de Madrid, Francisco Riviere & Filho, de Barcelona e Visconde de S. Tiago da Guarda, de Ancião, para no praso de cinco dias, posterior ao dos editos, que começar-se-hão a contar da ultima publicação do respectivo anuncio, deduzirem por embargos, o que considerarem de direito contra a mesma concordata.
Verifiquei a exatidão.
O juiz de Direito,
Ribeiro de Campos.
O escrivão do 4.º officio,
Artur da Costa Almeida Campos.

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.
Dóces de fructa de diversas qualidades, sécos e cristalizados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauces. Pudings de diversas qualidades, visto-samente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em vinhos generozos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal ofétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: Gatto & Canas Coimbra

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguezes, á venda na

Mercearia LUSITANA (Depósito unico em Coimbra)

Estab. Ind. Pharm. "Souza Soares,"

(NO BRAZIL E NA EUROPA)

Devidamente legalizado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.ª classe e cinco medalhas de Ouro, na America do Norte, França e Brazil, pela perfeita manipulação e eficacia dos seus productos medicinaes:

PEITORAL DE CAMBARÁ

(Registado)

(Marca registada)

Cura prompta e radicalmente as tosses ou rouquidões;
Cura a laringite;
Cura perfeitamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou astmatica;
Cura a tysica pulmonar, como o provam numerosos attestados medicos e particulares;
Cura incontestavelmente a asthma, molestia difficil de ser debellada por outros meios;
Cura admiravelmente a coqueluche, e, pelo seu gosto agradável, é apete-cido pelas creanças.
Frasco, 4\$000 réis; 3 frascos, 2\$700 réis.

PASTILHAS DA VIDA

(Registado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as nauseas e vomitos, o enjôo do mar, o mau halito, a flatulencia e a dilatação do estomago. São de grande eficacia nas molestias do utero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue.
Caixa, 600 réis; 6 caixas, 3\$240 réis.

36 Remedios Especificos em pilulas saccharinas

(Registados)

Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade:
Febres em geral;
Molestias nervosas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos órgãos urinaes;
Molestias das senhoras e das creanças;
Dôres em geral;
Inflamações e congestões;
Impurezas do sangue;
Fraqueza e suas consequencias.
Frasco, 500 réis; 6 frascos, 2\$700 réis.

Consultem o livro — *O Novo Medico* — pelo Visconde Souza Soares, á venda nos depositos dos remedios do auctor. Preço: brochado 200 réis, encadernado 500 réis.

Medicamentos homeopaticos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos

1 Tubo com globulos 200 réis; duzia 2\$160.
1 Frasco com tintura 3.ª ou 5.ª 400 réis; duzia 4\$320.
1 Dito com trituração 3.ª 700 réis; duzia 7\$560.
Vede os preços correntes, o *Auxilio Homeopatico* ou *O Medico de Casa* e a *Nova Guia Homeopatica*, pelo Visconde Souza Soares.

Estes productos venderão-se em Coimbra na drogaria de Rodrigues da Silva & C. — Rua Ferreira Borges, 36.
Deposito geral em Portugal — Porto, rua Santa Catharinas, 1503.

Aviso importante

O Estabelecimento tem medico habilitado, encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por escripto, sobre o tratamento e applicação destes remedios.

Os armazens GRANDELA & C.ª

RUA DO OURO, 115 — LISBOA

mandam catalogos e amostras do seu colossal sortimento a quem as pedir.

Vendem para as provincias pelos mesmos preços que para Lisboa

Pagam o porte das encomendas cuja factura pode ser satisfeita no correio na occasião de as receberem

Mandam amostras a todos que as pedirem para que as confrontem com as das outras casas.

Não têm agentes em parte alguma, tratam todos os seus negocios diretamente com o publico de todo o paiz, e é por isso que vendem mais barato que ninguém.

O catalogo geral de verão com 116 paginas e 1050 gravuras é enviado de graça a quem o pedir a

Grandela & C.ª

Rua do Ouro, 115 — LISBOA

CASA MEMORIA

SUCURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Luis, 1
Praça 8 de Maio, 10

Esta casa continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória*. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguém compre sem vizitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas máquinas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestações e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinas usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francózes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e comprão-se pianos usados.
A sempre quantidades de piano para alugar.

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revededôra em Coimbra, a

MERCEARIA LUSITANA

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUSITANA

Machinas fallantes

Deposito completo de aparelhos das principaes marcas e para todos os preços a partir de 14\$000

Variada collecção de discos e cylindros com musicas e cantos executados pelos mais notaveis artistas.

Vendas pelos preços de Lisboa e Porto.

Depositarios da *Companhia de Gramophone*, da *Edison National Phonograph, C.ª de New-York*, e dos *Gramophones «Odeon»*.

TELLES & C.ª

R. Ferreira Borges, 152, 1.º

COIMBRA

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital --- 200.000\$000 réis

Séde em Lisboa — PRAÇA DO DUQUE DA TERCEIRA, 11, 1.º

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mixtos, Praso Fizo, Combinados e Supervivencia, com ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitales differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Seguros operarios a 20 réis semanaes

Para Informaçoes e tarifas dirigir se ao agente em COIMBRA:

JOÃO GOMES MOREIRA — R. FERREIRA BORGES

CAÇADORES

O mais importante estabelecimento de espingardas, carabinas, rewolveres e munições, é o de JOAO GOMES MOREIRA, rua de Ferreira Borges — Coimbra — Sucursal na *Figueira da Foz* (em frente ao Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

Espingardas (Ideaes) — da manufatura de *Saint-Etienne, Galand Elite, Francesa, Francotts, Remington, Bernara*, manufatura *Liegeais*

Carabinas — *La Francott, Popular, Winchester, Colts*, etc.

Rewolveres — *Galand, Saint-Etienne, Smitt Werson, Vello-Doges*, etc., etc.

Pistolas — *Mauzer, Browning, Gaulcis*, etc., etc.

Munições de todos os calibres e qualidades

Mandam-se vir arma de qualquer fabricante, como por exemplo: *Holland & Holland, Puy, Diehrasuen, Greur*, etc.

PAPELARIA CENTRAL

Rua Visconde da Luz — Coimbra

Pianos GAVEAU

Recebidos diretamente de Paris, vendem-se nesta casa pelos preços da fabrica e recebem-se pianos em troca, — pedir catalogos e condições de venda.

Um completo sortimento d'aparelhos e todo o material preciso para a fotografia, que recebe dos principaes fabricantes e vende pelos preços mais baratos.

Grande edição de bilhetes postaes illustrados

De Coimbra, Vizeu, Aveiro, Castelo Branco, Covilhã, Amarante, Beja, Mirandela, Serra d'Estrela, etc.

Papelaria Borges

COIMBRA

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobiliis e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Repara . . . Lê . . .

Trata-se dos teus interesses

(2 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos órgãos respiratorios.

Se atenção sempre, e cûrão as mais das vezes com o uso dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* onde os efeitos maravilhosos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencioem em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* são confirmados, não só por milhares de passões que os tem usado, mas tambem por sabizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

CASA COLONIAS

Fornecedora da Casa Real

Visitem este estabelecimento e verão V. Ex.ª que ha vantagem.

Generos alimenticios das mais finas qualidades, em concorrencia de preços com as cooperativas.

Vinho de meza e de Amarante, qualidades e preços sem competencia.

Distribuição aos domicilios, sem aumento de preço.

"RESISTENCIA,"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno 2\$700
Semestre 1\$350
Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 2\$400
Semestre 1\$200
Trimestre 600

Brasil e Africa, anno 3\$600
linhas adjacentes, » 3\$000

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 reis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto 50%.

Comunicados, cada linha 40
Reclames, cada linha 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado.

Congresso republicano

Não é possível num artigo dizer o que foi o congresso do partido republicano, que acaba de se realizar em Lisboa, nem a elevada significação democratica do carater que assumiu aquélla importante assembleia partidaria. Bastará dizer-se, como afirmação synthetica, que o partido republicano se definiu numa rasgada orientação de principios e accentuou uma notavel disciplina e coesão.

Sob este duplo aspecto se afirmam dum para outro congresso os progressos da intima evolução do partido republicano, que da primitiva fase demagogica e inconsistente, caracterizada por uma nobre e salutar independencia de criterio individual, successivamente tem ascendido a uma harmonica integração colectiva de aspirações, característica da sua fase actual.

E assim se afirmou no ultimo congresso.

Os centenares de representantes do partido, idos dos mais afastados pontos do paiz, durante quatro extensas sessões, manifestaram um verdadeiro espirito democratico, orientado por uma perfeita disciplina partidaria, ao mesmo tempo, que, nas questões mais delicadas mostraram uma nitida compreensão dos seus deveres e das suas responsabilidades, collocando-se acima de quaesquer influencias pessoas para só considerarem de alto e á parte as questões.

Deste modo o ultimo congresso foi uma brilhante afirmação de força republicana, sendo de notar primeiro do que tudo a absoluta adhesão manifestada por forma iniludível á politica e aos actos do Directorio.

E assim, além do enorme prestigio moral que o partido republicano adquiriu perante o paiz pela elevação das discussões que no congresso se levantaram, pela nobreza dos principios que se proclamaram e pela homogeneidade que mais uma vez se afirmou entre a população republicana e o seu Directorio, este congresso teve ainda a suprema vantagem de demonstrar aos nossos irreductiveis inimigos monarchicos que o partido republicano se encontra inabalavelmente firme na sua organização partidaria.

A intriga monarchica, apenas o congresso foi anunciado, começou desde logo a propalar que não se realisaria porque não convinha ao Directorio a sua realisação; e o jornal officioso do governo não se cansou de intrigar neste sentido sob diversas formas numa campanha odiosa de insidias e protervias; a resposta dada á odiosa campanha foi a convocação do congresso ordinario, como na lei organica estava determinado.

Não pode realizar-se em Coimbra, porque as circumstancias de momento tal não permitiam, — por um lado para que o governo não continuasse alimentando a calumpnia de que o partido republicano inter-

vinha no conflito academico, por outro lado porque o governo, no seu criterio estreito, a ver o partido republicano em tudo, entendia que o Congresso em Coimbra seria um grande perigo para a ordem publica. Realizou-se em Lisboa, e na precipitação da transferencia houve corporações republicanas que não puderam fazer-se representar. Pois este facto perfeitamente explicavel serviu para novas insidias, para intrigas novas, immediatamente desfeitas pelas saudações e declarações de adhesão que essas corporações immediatamente enviaram ao Congresso e ao Directorio.

De modo que a verdade indiscutível é — que com o congresso está todo o partido republicano, acompanhando ao mesmo tempo numa inima comunhão de ideias, o Directorio, que do congresso saiu robustecido na sua força e no seu prestigio.

Podemos, pois, congratular-nos todos os republicanos pelo exito brilhante desta notavel assembleia, que marca uma epoca nova na vida do Partido Republicano Portuguez.

Está de luto pelo falecimento de sua irmã, a sr.ª D. Maria do Carmo Neves, o nosso amigo Antonio Augusto Gonçalves.

Sentidos pezames.

Artes graficas

A comissão organisadora da Associação de Classe das Artes Graficas, resolveu, na sessão de terça-feira, lançar na acta um voto de agradecimento ao sr. dr. Mendes dos Remedios pela oferta importante das suas obras, que fez áquella colectividade, que tem digna e de aplauso pelo esforço que está fazendo por accentuar o caracter profissional que toda a associação de classe deve ter.

Resolveu tambem a comissão organisadora nomear o sr. dr. Mendes dos Remedios socio honorario, logo que estejam aprovados os seus Estatutos.

A comissão irá, no domingo, procurar, pessoalmente, o sr. dr. Mendes dos Remedios, para lhe entregar um offico comunicando-lhe estas resoluções.

O conselho superior de instrução publica propoz que se enviasse ao inspector da 2.ª comissão escolar, Coimbra, o processo do conflito entre a sr.ª D. Maria Amelia Teixeira, professora em Pinhel e o delegado do sub-inspector de Trancoso.

Nota

E' do nosso presado colega da capital A Luta, o artigo que publicamos hoje com o titulo *A crise academica*, um dos mais interessantes e convincentes da magnifica serie que aquéle jornal tem dedicado a esta questão, acompanhando sempre os estudantes durante o conflito na mais generosa das campanhas.

O sr. Adriaõ dos Santos Mortagua com estabelecimento de fazendas brancas e mercador no Largo da Portagem associou aos seus negocios por escritura publica lavrada no cartorio do notario sr. dr. Gaspar de Matos o seu antigo empregado, sr. Manoel Neves Barata, ficando todo o ativo e passivo a cargo da nova firma que girará com a designação — Adriaõ dos Santos Mortagua,

O RANCHO

Ao protesto academico o governo deu primeiro a cor de um manejo republicano, procurando assim facilitar a resolução do conflicto, provocando a proposito odios politicos que abafassem a indignação contra um acto injusto.

Procurou mais tarde o sr. João Franco derivar para os dissidentes, e ultimamente para o sr. Hintze Ribeiro que pelo sr. Abel de Andrade e a reforma dos liceus teria tido uma influencia indisciplinadora na população escolar.

Ultimamente apresenta-se o caso como um episodio da indisciplina geral do paiz.

E assim se converte paradoxalmente para conveniencia do sr. João Franco, em acto de indisciplina, o mais e mais plausivel fenomeno de disciplina que, na indisciplina corrente da sociedade portugueza, modernamente se tem dado.

A maravilhosa disciplina com que no paiz se começa protestando contra os governos monarchicos, deve-se na verdade á acção do sr. João Franco que pelos processos de intransigencia, pela rudeza e despropósito das suas respostas aos mais fundamentados pedidos, pela sua insociabilidade, chamou, numa reacção explicavel, á união para o protesto os membros das classes que só nela viram a condição de viver e triumphar.

E assim foi que o innociavel sr. João Franco se tornou no maior promotor da confraternização das classes, como o absolutista sr. João Franco já se tornara tambem o maior agente da republicanização do povo portuguez.

No protesto academico não ha, é necessario repetir-lo visto não o terem compreendido ainda muitos conspiciosos categoricos, só um protesto contra a reprovação injusta do sr. dr. José Eugenio Ferreira.

Ha mais alguma coisa: o protesto contra o ensino antiquado na forma e na essencia da faculdade de Direito.

E, diremos mais, o protesto é mais um acto de dignidade academica, de revolta contra praxes de humilhação constantes e publicas, quer nas aulas quer nos actos, desde o primeiro até ao ultimo, do que propriamente contra a essencia do ensino, não porque esta seja boa; mas porque os actos de vexame a que os professores sujeitavam os alunos são mais de molde a provocar, mais rapido, a indignação, a colera e o protesto.

Na sociedade portugueza ha poucos protestos contra a disciplina; porque não ha fundamentalmente disciplina.

A disciplina é uma coisa externa na sociedade portugueza, reduz-se apenas a praticas de civilidade.

Não ha disciplina scientifica; porque não ha sciencia; não ha disciplina de ensino, porque não ha ensino.

Esta a regra.

Por isso o protesto academico é como as insubordinações comuns militares — uma questão de rancho.

Os academicos não se levantam num acto de indisciplina contra a sciencia: como no exercito, o que os amotina é o rancho.

E, havemos de confessar-lo, o rancho scientifico da faculdade de direito é do peor.

Não é contra o principio de autoridade, o sagrado principio de autoridade, o immaculado principio de autoridade, o veneravel principio de autoridade que os academicos se insubordinam, não!

Como no exercito, contra o que protestam é contra o rancho: as lições são mal cosinhadas, não ha cerebro que as digira...

E todavia, as lições são feitas pelos melhores livros estrangeiros...

São, mas é exactamente o caso do rancho: o grão de bico, a batata, o arroz, o tocinho e tudo aquilo com que v. ex.ª, que tudo sabem, bem sabem

se faz o rancho, são de primeira ordem, mas o cosinheiro é que não presta, o rancho é que é mau.

Por vezes, como no rancho, quando a falsificação alimentar é bem feita, o professor cita o ultimo livro, o mais reclamado, como o de espirito mais moderno, e erra.

E' verdade, mas em geral o professor compra de um livreiro autorizado e a sciencia é boa.

Lá está a propriedade do fornecedor.

Mas, por bom que seja o fornecimento, o rancho é mau.

O estudante recusa-se a come-lo, e, como na caserna, o cabo, perdão, o professor tenta fazer-lho engulir, com gritos altos, ameaças e...

Não chega ao cachaço, esse, por ora, não passou ainda da caserna para os Geraes.

Alguns desce ao argumento e a sciencia lá vem fóra de proposito.

Como aquéle caso do sargento do 23 que, por ter estudos de quimica, era olhado como de grande autoridade por os outros e foi chamado, para fazer engulir o rancho em que os soldados se recusavam a pegar; porque os jornaes traziam toda a gente em sobresalto da ameaça de colera e não se falava senão na alteração dos alimentos e das aguas por materias organicas.

O sargento chegou, estendem-lhe a colher fumegante de dourada sopa de grão de bico, coberta de olhos de gordura; êle cheira scientificamente, olha com olhos de saber, depois prova, dá um estalido com a lingua, fecha os olhos em concentração scientifica, logo abre os, entrega a colher, e diz autoritariamente para os soldados admirados com um saber que se evidenciava em cada attitude, em cada gesto: Podem comer, não tem substancias organicas!

Os soldados comeram, a sciencia salvára a disciplina.

O peor porém é que os estudantes não são tão facéis de levar como os recrutas, e a sciencia fóra de proposito converte-se em despropósito scientifico, dos que se contam aos centos, muito ridos e comentados.

Os fornecedores são bons, acreditados...

E o professor da faculdade de Direito faz gala em os citar muitas vezes.

Mas nem assim passa o rancho.

E' mal cosinhado; tem de tudo, mas não presta.

Por isso o não querem.

Como na caserna, o professor quer fazer-lhe ingerir á força com mau modo.

O estudante protesta.

Dahi a insubordinação, insubordinação simples, justificada, sem pretensões a desacato grave ao imponderavel principio de autoridade.

Oh! Não!

E' simplesmente uma questão de rancho mau, dado com maus modos.

Resolve-se simplesmente: mudar de rancho.

E um bocadinho tambem de boas maneiras...

Só isto!

Boa acção

O sr. José Alves Coimbra, proprietario da importante fabrica de fundição na rua das Sollas, reduziu as horas de trabalho aos seus operarios, desde segunda feira, a pedido destes.

Regressou da Carregosa o sr. Bispo Conde.

Foi mandada já á 2.ª direcção dos serviços fluviaes e maritimos, a portaria adjudicando ao sr. Antonio Simões Mizarela, o aterramento da insua junto ao porto dos Bentos, que terá de ser realisado no prazo de um anno.

Os outros concorrentes vão levantar as quantias em deposito.

A crise academica

Vão já passados quatorze dias sobre o encerramento das aulas e a questão academica acha-se ainda sem solução. Em França, em conflitos analogos, mas não tão extensos, as aulas não se mantêm fechadas por mais de oito dias. Durante este tempo, a Associação dos Estudantes reúne-se, formula as suas queixas, o decano da Faculdade ou outro delegado do governo conferencia com os estudantes, apresentam-se razões de um lado e outro; com toda a sinceridade, quem foi convencido declara-se convencido, e, por fim, chega-se a uma solução em que o que haveria de excessivo ou desrazoavel nas exigencias dos estudantes desaparece, e se desfaz o que havia de prevenção da parte dos professores. E é assim que, quando, ao fim de oito dias, as aulas se reabrem, a normalidade se acha completamente restabelecida.

Dado o desconto á pachorra nacional, podemos bem pôr quinze dias onde os francezes precisam de oito. Quer dizer, que a estas horas devia o conflito estar sanado, e as aulas podiam funcionar normalmente.

Mas, ao que parece, estamos longe disso. E' verdade que não temos associações de estudantes. Mas se isto é para lamentar, não é para impedir que se procurem os meios de chegar a uma entente.

Diz-se que conspicias creaturas, de taurina cerebração, aconselham sanhamente a marrada a todo o transe, encarniçada, ás cegas, nos sete cordeiros do sacrificio, como um diestro desastradamente colhido.

Estes partidarios da marrada não dão grandes razões: o conselho dos decanos sentenciou a expulsão, portanto a sentença deve cumprir-se, succeda o que succeder. E não ha movel os dali, persuadidos como estão de que, se a lei é respeitavel, é pelo facto de ser lei; e que teimosia é sinonimo de alteza e retidão de carater, como se fosse o burro o modelo supremo da nobreza moral.

A verdade é que aqueles senhores não dão razões porque as não têm. Porque, ninguem pôde negar da boa fé que o processo dos estudantes foi tumultuario e a sentença iniqua.

E agora a situação é melindrosa porque a Universidade não pôde já evitar o recuo, senão caindo na indignidade. A culpa é de quem deixou que as coisas chegassem a este ponto.

Eu conheço sufficientemente a Universidade e a Academia de Paris, para poder afirmar, sem receio de desmentido, que as coisas não teriam ali tomado esta feição. Porque a Universidade de Paris teria feito o impossivel para não chegar á situação em que se encontra a de Coimbra. Porque entre o Scylla do recuo e o Charybdes da indignidade, ela não poderia hesitar, recuar. Ah! não tenham duvidas a esse respeito.

E' que a França tem um entranhado amor á sua mocidade. Porque a sua mocidade é ella propria, é a sua força e o seu logar no mundo. E' ver as vantagens de que gosam os membros da Associação Geral dos Estudantes.

E' ver esta mesma Associação, reconhecida de utilidade publica em 1891, ter por presidentes honorarios, primeiro Chevreul, depois Charcot, e agora Laviisse, os quaes nunca deixam de falar nas grandes festas e anniversarios da Associação. E' ver o sr. Priard, vice-reitor da Academia de Paris, presidindo ao banquete annual da Associação, e presenteando-a sempre com novos melhoramentos. E' ver todos os ministros de instrução, todos os vice-reitores da Academia, todos os professores da Universidade, dos liceus, das escolas normaes, os Jules Simon, Ferry, Goblet, Bourgeois, Berthelot, Du-

mont, Liard, Gréard, Lavisse, Broux, Lussion, Fouillée, Payot, Crozet, Ausson e tantos outros, esforçam-se nos seus cursos, nas suas conferências, nos seus discursos, por elevar a alma da mocidade franceza, dar-lhe a preocupação dos grandes problemas moraes, insuflar-lhe um alto ideal de justiça, e de solidariedade, de actividade generosa e fecunda.

E' por isso que a Universidade de Paris teria a todo o custo evitado uma greve geral. Mas se, por impossivel, ela estourasse, pelos motivos da actual, eu afirmo que não seriam aquelles grandes amigos da mocidade que aconselhariam os mais tímidos a que furassem a greve.

E se elles soubessem que havia na greve pontos fracos, sobre os quaes bastaria uma pequena pressão para a fazer abrir, seria exactamente quando elles evitariam o minimo gesto neste sentido. E' que elles sabem bem que é uma bestialidade ou um crime desanimar na creança as tendencias elevadas, fazer nascer no seu espirito a suspeita de que ellas são frageis e não resistiriam a uma pressão mais forte do interesse. Dizer um mestre a uma creança que entrega cinco réis que encontrou no chão, que ella não faria o mesmo se fosse um tostão, ou é dum refinadissimo velhaco ou de uma cavalgada absoluta ignorante do seu papel de educador. Que dizer, então, de tentativas — que a serem veadoras seriam infames — para subornar os paes e fazer pressão sobre os estudantes em greve, pelo pavor da perda de anno?

Os mestres francezes, entre uma solução simplesmente desagradavel e outra indigna, prefeririam mil vezes que a Universidade recusasse a que a mais leve beliscadura esgarçasses a sua dignidade moral na pessoa da mocidade academica.

A primeira solução apenas amolgaria a vaidade e a prosapia do conselho dos decanos, — não o verdadeiro prestigio que é feito do valor intelectual e da nobreza moral e não da pompa das attitudes solenes e dos trages roçagantes.

A segunda solução, essa, seria uma derrota peor que Sedan, porque não seria apenas uma derrota material, mas uma verdadeira falencia moral — a bancarrota da alma franceza e do valor moral da França.

Eis o que elles veriam. Eis, tambem porque não creio, enquanto não vir, que seja esta a ultima solução que se pretenda dar ao conflito academico. Não é no prejuizo dos sete que está a questão, isso ficaria em segundo plano se a justiça tivesse sido respeitada. O que está em jogo é a dignidade da Academia, é a força e a altura de raça, é o seu lugar no mundo. E' na mocidade das escolas que todos nós, os amadores de uma patria erguida, nós os pessimistas e os misanthropos, vamos todos os annos renovar a nossa provisão de esperança.

Mas se a primavera vem já laiçada dos tons do outono, se a semente vem já infetada é o fruto carunchado, em que confiar?

José de Magalhães

RECOMPOSIÇÃO

A recomposição ministerial acentua a fase de decadencia definitiva em que entrou o franquismo.

Fez-se a recomposição e entraram para as pastas vagas da fazenda, estrangeiros e justiça, os srs. Martins de Carvalho, Luciano Monteiro e dr. Teixeira de Abreu.

E' mais uma solução paradoxal do paradoxal governo do sr. João Franco.

A solução apresentava-se difficil; havia difficuldade em encontrar quem quizesse o poder.

Como se resolveu a crise? Nomeando ministros homens que morriam pela pasta, homens que tinham feito dela o limite dos esforços de toda a sua ambicao e vaidade.

Ora para chegar a tal solução não era necessario grande quebreira, mesmo de ruim cabeça.

Porque é que se não apresentou logo desde começo?

Porque os srs. Martins de Carvalho, Luciano Monteiro e Teixeira de Abreu, são tidos como encarnando todos os vicios do sr. João Franco, sendo porem considerados geralmente como de inteligencia superior á do illustre chefe do governo, e de mais ardisosas manhas.

Não era esta a solução que convinha ao sr. João Franco, porque o deixa assim em evidencia em intransigencia e maus processos.

Para a solução ser de proveito para o governo devia fazer-se por forma a consolidar e não de maneira a sublinhar a fraqueza que se accentuou na demorada e discutida crise.

O governo está condemnado na opiniao publica, por falta de deias, por incapacidade governativa, por falta de tino e prudencia, por intransigencia a arvorar-se sempre fóra de tempo e lugar.

O sr. João Franco está condemnado, e quiz arraster os que se lhe haviam ligado, e a cuja complacencia deve apenas a difficil vida que arrasta, na queda que vê proximo, irremediavel, definitiva.

D'ahi a sua insistencia em fazer uma recomposição em que entrassem apenas elementos progressistas, que viessem assim por um ato publico assumir a responsabilidade dos seus atos passados e futuros.

O partido progressista recusou-lhe o socorro e o sr. João Franco teve de valer-se da vaidade, das ambições dos seus correligionarios, e terminou ridiculamente uma crise politica; porque será sempre ridiculo afirmar que se afastou uma difficuldade, gastando muito tempo a resolver a accitar o poder ao sr. Martins de Carvalho, Luciano Monteiro, e dr. Teixeira de Abreu que morriam ha muito tempo por ele.

O sr. João Franco não teve outros nomes com que pudesse encobrir a fraqueza de ter de aceitar os seus tres ambiciosos correligionarios para substituir os tres que lhe fugiram.

Teve assim de escolher homens de ambicao, inquietos, de intransigencia conhecida, quando mais necessario lhe era mostrar que no seu partido havia quem com elevação de inteligencia e saber não possuísse os detestaveis defeitos com que falsamente se tem formado ao sr. João Franco um caracter.

E não deixa de ser profundamente revelador da fraqueza ver nomear em tão critica situação ministro da fazenda o sr. dr. Fernando Martins de Carvalho, uma creança, cega de ambicao, com o estigma de desertor politico, sem educação especial, sem competencia.

Para a pasta da fazenda, uma das que exigem experiencia mais maduras, mais efectiva pratica, educação tecnica especial!

Para a pasta da justiça, teve de recorrer ao dr. Teixeira de Abreu, hoje sob antipatia recente que para os seus processos politicos veio da elaboração da lei de imprensa!

Como a solução grita alto a fraqueza de tal partido politico, a viver dos ultimos expedientes!...

Bussaco

A companhia dos caminhos de ferro portuguezes da Beira Alta no empenho, que mostrou sempre, em facilitar excursões e viagens de recreio, estabeleceu comboios especiais e bilhetes de ida e volta a preços muitissimo reduzi-

dos para Luso por occasião das festas da Ascensão, que tanta gente chamam á pitoresca mata.

Os preços dos bilhetes, com o imposto do selo incluido, são:

De Figueira, 620 réis em 2.ª classe e 420 em 3.ª; Maiorca e Alhadas, 620 e 420; Montemor, 620 e 420; Arzedez, 570 e 380; Limede-Cadima, 470 e 350; Cantanhede, 420 e 320; Murte de, 370 e 270; Pampilhosa, 220 e 150; Mortagua, 320 e 220; Santa Comba, 520 e 380; Carregal, 690 e 470; Oliveirinha e Canas, 770 e 520; Neiva, 820 e 570; Mangualde, 920 e 620; Gouveia e Fornos, 1200 e 720; Celorico, 12190 e 870; Vila Franca e Pinhel, 12390 e 970; Guarda, 12540 e 12120; Vila Fernando e Cerdeira, 12690 e 12270; Freinada e Vilar Formoso, 12840 e 12420.

As horas dos comboios são para a ida (além dos comboios ordinarios) Figueira a Luso — Partida ás 5,20 m.; Maiorca 5,36; Alhadas 5,45; Montemor 5,55; Arzedez 6,17; Limede-Cadima 6,28; Cantanhede 6,42; Murte de 6,58; Pampilhosa, 7,25; Luso (chegada) 7,45.

Para a volta (além dos comboios ordinarios) Luso a Mangualde — Luso (partida) 5,30 t.; Mortagua (chegada) 6,00; Santa Comba 6,31; Carregal 7,07; Oliveirinha 7,19; Canas 7,33; Neiva, 7,52; Mangualde 8,15.

Luso a Figueira — Luso (partida) 6,00 t.; Pampilhosa (chegada) 6,15; Murte de 6,47; Cantanhede 6,58; Limede-Cadima 7,08; Arzedez 7,18; Montemor 7,36; Alhadas 7,49; Maiorca 8,01; Figueira 8,15.

Luso a Pampilhosa — Luso (partida) 8,35 t.; Pampilhosa (chegada) 8,50.

Este comboio corresponde com os comboios da Companhia Real n.º 55 (Expresso) e 11 Omnibus, para os lados do Porto, que partem de Pampilhosa ás 9,15 e 9,20 da noite, respectivamente.

Em Luso haverá carreiras ao preço de 100 réis por cada passageiro, até ao edificio dos Banhos; bilhetes de ida ou volta da estação ao Bussaco, custarão 300 réis; e os dos Banhos ao Convento, 200 réis.

1.º de Maio

A festa dos operarios fez-se este anno sem grande entusiasmo, o que é facilmente explicavel pelas circumstancias especificas que Coimbra atravessa.

Pela manhã, ás 5 horas, alvorada pela filharmonica Boa-União, que percorreu depois, tocando, as ruas da cidade.

As 8 e meia horas da manhã, na sede da Federação das associações operarias, realizou-se a sessão solene, commemorativa do primeiro aniversario da associação de classe dos gazomistas, presidida pelo sr. Cesar Dias da Conceição, secretariado pelos srs. Caetano Rocha e Francisco Baptista.

Falaram os srs. Adriano Fernandes, Antero Vaz Teixeira, José Lopes da Fonseca, Isidoro Rodrigues e Cesar Dias da Conceição, sendo todos muito aplaudidos.

Pelas 10 horas e mais, formou-se na Feira o cortejo em que se incorporaram as associações de classe de fabricantes de calçado, officias e costureiras de alfaiates, carpinteiros e construtores civis, arte ceramica, funileiros, grupo musical José Mauricio, manipuladores de pão, gazomistas, officias de barbeiro e cabeleireiro, serralheiros, com as respectivas bandeiras, excepto os funileiros que levavam nos carros com flores para depositarem nos tumulos de operarios no cemiterio.

O cortejo abriu com a filharmonica Boa-União, seguindo-se-lhes as associações e fechando com um força de policia sob o comando de dois chefes.

O cortejo seguiu pela Couraça dos Apostolos, rua da Esperança, rua dos Coutinhos, largo da Sé Velha, rua Joaquim Antonio de Aguiar, Couraça de Estrela, largo da Portagem, rua Ferreira Borges, rua Visconde da Luz, Praça 8 de Maio, rua Olympio Nicolau Rui Fernandes, rua da Manutenção Militar e rua Occidental de Mont'Arroio, chegando ao cemiterio á 1 hora da tarde.

Oraram junto da vala geral os srs. José Paulo, Jeremias Coelho Bartolo, Antero Vaz Teixeira, Viriato Valeriano Teixeira, Domingos Dias da Cruz, e Antonio Francisco Mendes Alcantara. Da vala geral dirigiu-se o cortejo á sepultura de Adelino Veiga, onde falaram os srs. José Paulo e Antonio Francisco Mendes de Alcantara.

As diversas associações dirigiram-

se então a depor flores nas sepulturas dos seus associad os mortos, e os gazomistas deposeram uma coroa de flores naturais no tumulo do sr. Antonio Dorria, usando então da palavra os srs. Francisco Aires de Avelar e Caetano Rocha, abraçando todos o sr. José Dorria, filho do extinto, que estava presente e lhes agradeceu comovidamente.

Reorganizou-se por fim, outra vez o cortejo que se dirigiu á sede da Federação das Associações, em que tomaram a palavra, agradecendo ás diversas colectividades que se tinham feito representar, os srs. Domingos Dias da Cruz, Antero Vaz Teixeira, e Adriano Fernandes, dissolvendo-se a sessão no meio de vivas entusiasticos.

A' noite houve a recita de gala promovida pela associação dos gazomistas, no teatro Principe Real, que estava decorado com as bandeiras das associações.

Subiu á scena e comedia em tres actos: *O genro do Caetano*, e recitou o actor Augusto Cordeiro, uma poesia alusiva do sr. Alfredo França.

No fim do espectáculo os operarios gazomistas subiram ao palco, a agradecer ao publico, sendo então muito aplaudidos e vitoriaados.

A recita correu muito animada de risos e applausos.

Durante o dia foi distribuido profusamente o seguinte manifesto:

Proletarios! — E' hoje que em todo o mundo operario se celebra uma data grandiosa, data que constancia todo um grande cyclo de miseria e de sofrimento, dia em que a humanidade que geme arrastada á grilhota do salario, procede á revisão das suas forças, procurando no seu proprio esforço o remedio para os seus grandes males, unido se no sentido de os debelar. Grande dia na verdade!... A um tempo de festa e de luto, o 1.º de maio, é por excellencia, o dia consagrado á promulgação do codigo da igualdade humana, chamando os rapozos da actual organização social, a tomarem parte no banquetes da vida.

Operarios! escutae! Se em todos os cantos do globo, se levanta no dia d' hoje a massa anonyma dos que tanto produzem, sem nada possuirem, e porque as causas da servidão social que levou Lassalle a cognominar de Lei de Bonze, isto é lei tirana, porque se apoia da desigualdade economica, cada vez mais faz sentir o seu infamante litrogo sobre o presente e o futuro dos desherdados; é porque em face do Direito filosofico e social moderno, já não podem conter-se as velhas fórmulas, e cavernaes convencões, que até a propria fatalidade historica parece lançar na vala do seu passado tenebroso... E' ainda, por que o progresso, qual Aguiá gigantesca, estende suas azas vigorosas, cruzando o espaço em todas as direções... E' finalmente, porque o sol da instrução vae aspergindo seus raios de Luz, no cerebro dos que tem vivido na mais crassa ignorancia, preparando-os para a conquista dum futuro melhor, unido todos os escravos num mesmo pensamento da libertação.

Mas, se este mesmo pensamento liga os que sofrem as consequências funestas das organizações burguezas, quaequer que sejam as fórmulas, porque não se baseiam numa equitativa regularização das riquezas; porque não estabelecem uma racional e humana cooperação de todos os homens ao produto integral do seu trabalho; por isso mesmo que accitam, criam e protegem privilegios, já hoje tão condemnados pela moderna sciencia sociologica, nós operarios portuguezes, que somos victimas das mesmas injustiças, não devemos ficar silenciosos perante a grande acção mundial que se opera. Temos firmeza e fé, unido nos pelos laços da solidariedade, porque deste modo, concios dos direitos que a natureza repartiu por igual a todos os homens, constituiremos a Força do Trabalho, que aniquilará assim a supremacia do Capital!

O actual momento historico porque atravessa o proletario portuguez, é sem duvida o mais angustioso, e por isso mesmo, o periodo de maior sofrimento. Por toda a parte as mesmas misérias do maior numero; em todos os lares sem ar e sem luz, a familia operaria solta palavras de desconforto; e em todos os rostos, macerados pela dor fisica e moral, se notam bem visiveis os traços do sofrimento...

Levanta-te pois! Enxuga por um momento as lagrimas que a dor e o desespero te fazem brotar dos olhos tristes, e vem procurar na festa do 1.º de maio, que é tão só tua, incentivo para cometimentos grandes, que hão de libertar-te da servidão secular a que foste lançado!

Vem! Une-te fortemente nas associações, porque, o que não pode o braço do individuo, conquista-o ha a coletividade! Assim te obriga o dever de homem e de Pae!... E, ainda mais por teus filhos nós, que por ti...

Oh 1.º de Maio! dia de festa e de luto, como nós te saudamos!!!

Coimbra, 1.º de Maio de 1907.

Faleceu no domingo, vitimado pela tuberculose, o sr. Pedro Augusto das Neves de Moura, aluno do liceu de Coimbra e filho do sr. Antonio Viriato Pereira de Moura, empregado na secretaria do mesmo estabelecimento.

Em Anadia

No proximo domingo, 5 de Maio, realizar-se-á nesta formosa vila a inauguração do Centro Recreativo Popular com alvorada, sessão solene, corridas, mastro de cognac, e sarau, tocando durante os festejos a filharmonica Anadiense, que, além do seu escolhido e vasto repertorio, executará o hino da nova associação, expressamente escrito pelo sr. João Aleluia, de Aveiro.

Além da alvorada, haverá ás 11 horas da manhã a sessão solene da inauguração, sendo em seguida postas em exposição as salas que estarão vistosamente decoradas.

A's duas horas corridas velocipedicas, para que já estão inscritos muitos corredores.

A seguir corridas a cavallo, de gerrico, a pé, e mastro de cognac no largo Municipal.

A inscrição para as corridas está aberta em Coimbra na *Retrozaria da Moda, Foto-Velo, Gimnasio-Club e Centro Velocipedico.*

Para todas as corridas ha premios valiosos.

A' noite, fecharão os festejos com um sarau, em que se fará ouvir um quarteto da *Tuna Aguiense.*

Pelo falecimento de sua esposa está de luto o sr. João Bizarro, proprietario da Tipografia Popular.

O funeral da extinta que se realizou hoje pelas 10 horas da manhã, com grande concorrência, foi uma prova das simpatias que tem na classe operaria o sr. João Bizarro.

Estudantes militares

Os estudantes militares, aspirantes a facultativos do ultramar, que frequentam a faculdade de medicinas, foram, por ordem superior, mandados fazer serviço dos hospitaes da Universidade.

No proximo domingo, 5 de Maio, celebra-se na egreja do Carmo, da Veneravel Ordem Terceira, com toda a pompa, uma festividade em honra de Nossa Senhora da Maternidade, havendo, de manhã, ás 12 horas, exposição do S. Sacramento e missa solene, da qual é celebrante o rev. sr. Macario da Silva, ministro da Veneravel Ordem Terceira, e de tarde, ás 5 horas, ladinha, sermão pelo rev.º conego Andrade, distintissimo orador sagrado, *Te-Deum* e exposição do S. Sacramento.

Na vespera, ás 9 horas da noite, junto á egreja do Carmo, que estará externamente iluminada a gaz, executará as melhores peças do seu vastissimo repertorio a excelente filharmonica *Boa-União*, e será queimado magnifico fogo do ar, sistema do Minho, e lançado no espaço um lindo balão.

Esta brilhante festividade é feita a expensas d'um membro do definitive da Veneravel Ordem Terceira.

Pelo ministerio da fazenda foi solicitado ao das obras publicas, que o engenheiro, sr. Jorge de Lucena, e o condutor, sr. Monteiro de Figueiredo, possam acumular as funções dos seus cargos com as de presidente e vogal da comissão de avaliação predial urbana do concelho de Arganil.

Foram entregues ao poder judicial Alberto dos Reis, Joaquim Ferreira Canario, da Pedruña; Antonio Godinho, do Loretto; e Nuno Ribeiro, do Arco Pintado, que se achavam presos, e nos quaes recaem as acusações de terem agredido o guarda n.º 96 do corpo de policia civil desta cidade.

Directorio do Partido Republicano

O Directorio do Partido Republicano, para a boa regularização dos seus trabalhos, pede a todas as comissões e agremiações republicanas, que ainda não tenham participado a sua constituição, a fineza de lha participarem, a fim de serem inscritos nos livros respectivos.

O secretario do Directorio, Antonio José d'Almeida.

AO PAIZ

Com este titulo a comissao academica de Coimbra publicou e fez distribuir profusamente o manifesto seguinte.

Num periodo completo de calma, sem irritações e gestos quixotescos, na serenidade austera dos fortes e na altivez luminosa dos honestos, nós vamos falar ao paiz, neste momento em que o conflicto academico parece entrar numa fase de maior gravidade, impulsionado por quem devia ter desejos de vê-lo sanado dignamente e sem vaidades exaltadas. Temos assistido silenciosamente ás scenas mais ou menos burlescas, aos depoimentos mais ou menos desastrados que têm partido dalguns estudantes da Academia de Coimbra. Se esse silencio não denota aprovação, também não indica desprezo; estudantes como nós, lamentamos a sua attitude que pode caracterizar-se por uma profunda irresponsabilidade. Deixar passar dois mezes de movimentos e protestos, declarações e compromissos, enquanto se tratava de greve para aulas para, só ao fim desse prazo, quando se prepara a greve para actos, se oppôr ás consequencias logicas da maneira como foi iniciada a questão, não é positivamente uma attitude honesta da qual se possa tomar perante o bom senso, a responsabilidade. Mas nós deixamos passar esses factos, deixamos que essa semente de discordia fosse lançada, e continuamos na expectativa. E nessa simples expectativa ficamos ainda, se factos posteriores nos não determinassem flagrantemente a dizer da nossa justiça e a chamar, mais uma vez, a attention do paiz, para o que se está passando na Universidade de Coimbra.

A cordura e a firmeza com que temos procedido, que deixou espantados os conselheiros que vêm na mocidade das escolas um alegre bando de foliões; essa cordura e essa firmeza que teriam levado um governo de estadistas a guiar-se pelas mais rudimentares noções de Politica Experimental, continuam a ser as normas do nosso movimento e o processo que seguiremos para alcançar o nosso desideratum. Aos desafios do poder e ao abandono a que nos votou a Faculdade de Direito, nós responderemos com a manutenção das nossas reclamações, com a cara bem erguida para que todos a vejam, mas dispostos sempre a não prestar o nosso entusiasmo ás perturbações da ordem publica, no meio de tudo isto, o unico desejo concreto do governo.

Sendo assim, aproveitando esta occasião, para ainda uma vez frisar essa attitude, nós vamos passar ao que pro-

primente deve considerar-se a razão deste manifesto.

O jornal de Lisboa, *A Lucta*, em seu numero de 27 de abril, conta o que se passou na *Real Associação d'Agricultura*, quando uma comissao de paes dos alumnos da Universidade encarregada de solver o conflicto deu conta do seu mandado. Foi lida ali uma carta do lente de Direito, dr. Guilherme Moreira, em que o seu auctor dizia que se devia abrir a Universidade para actos, sem mais frequencia escolar, modo-dever esse que representava o de quasi toda a Faculdade, especialmente os drs. Dias da Silva, José Alberto dos Reis e Alvaro Machado Vilela.

Pondo de parte as outras affirmações da mesma carta, porisso que o seu auctor não se prestaria talvez a disculpar-nos, nós frisamos, no momento, as palavras atraz transcriptas. Isso é o sufficiente, isso só bastava, se nada mais houvesse, para nos dar razão, quando affirmamos que é de uma absoluta necessidade a reforma completa da Universidade de Coimbra. Essa carta será sempre o documento provativo da incompetencia pedagogica do seu auctor e dos que a perfitihem; ella demonstra a inconsciencia dos seus methodos e a acção limitadissima do seu ensino. Elles são os primeiros a reconhecer que se está apto para fazer actos apenas com metade da materia dada. Elles que votaram a prorrogação das aulas até 22 de junho, vêem hoje afirmar que tal prorrogação é inútil. De que precisamos nós mais para prova de que temos razão no nosso combate cerrado á incompetencia scientifica dos lentes e ao acanhamento do seu ensino?

No 4.º anno de Direito, por exemplo, na cadeira *Organisção judiciaria e Processo ordinario*, não se foi alem, até á data, das mais rudimentares noções dos principios gerais do Processo ordinario. Aberta a Universidade para actos e realizados elles, para o anno, os quintanistas iam estudar *processos especiales*, sem saber o que seja um processo geral!

É costume na Universidade andar-se vagarosamente até á Paschoa. Só depois vêm as pressas; muitas vezes mesmo, apoz o encerramento das aulas, sem mais 100 ou 110 paginas de materia, porque a estudada não é, no entender dos lentes respectivos, o sufficiente. Pois bem. Agora que estão as aulas suspensas desde o dia 26 de fevereiro, já nos achamos com sciencia bastante para tirar os nossos diplomas!

Não pode ser l não ha de ser assim! A Academia de Coimbra não se vende e não troca a sua dignidade profissional pelas miseraveis promessas que lhe está fazendo o governo, pelos lu-

ros ignominiosos e de aparente valor com que o mesmo governo julga vendel-a. A Academia de Coimbra quer aulas durante o tempo necessario para o conhecimento integral das diferentes materias; ella exige-as, quando mais não seja, por um simples decôr pessoal, para que amanhã não seja accusada de uma maneira irrefutavel, de falta de criterio e de probidade scientifica. Os lentes passaram-se o diploma de incompetentes; elles reconhecem que a sua sciencia para nada presta; elles vieram lançar sobre a sua consciencia de julgadores uma mancha de suspeição que jámais se apagará. Embora a Academia de Coimbra não está disposta a ser solidaria com tacs homens em tal assumpto. Ella não é composta de subordinados ou de escravos. Ella paga aos professores; tem direito de exigir que elles a ensinem. Se o governo apresentar, com o consentimento do professorado, tal solução, o dever da Academia de Coimbra é repelli-la como uma affronta aos seus brios e á sua dignidade mental.

E urge reformar, mas reformar profundamente, para que se não dêem casos desta ordem, que são a vergonha e o desprestigio dum estabelecimento scientifico. Em Portugal, não ha ensino. Desde as escolas de primeiras letras ás escolas superiores, ha a mais completa desorientação, a falta do mais simples espirito educativo e instructivo, de sorte que a mentalidade portugueza é, pelo que se refere a questões scientificas, de um atraso phenomenal. Sendo assim e sendo certo que os nossos reformadores padecem do mesmo vicio, segue-se que todos os tentamens de reorganisação são inúteis e vãos. A falta de methodo scientifico que faz com que o ensino secundario seja caracterizado por um humanismo retrogrado, o ensino universitario por uma metaphisica desenfreada, e o ensino technico por uma confusão desastradissima, manifesta-se, sobretudo, na existencia, em Portugal, de homens iminentes em especialidades, mas sem a noção encyclopedica dos conhecimentos, donde a inferioridade mental e a desharmonia entre as suas manifestações especulativas, affectivas e activas. Daqui decorre a inferioridade da nossa vida, a nossa pobreza, a nossa falta de iniciativa. «A viciosa preponderancia continua do espirito de detalhe sobre o espirito de conjunto, diz Comte, torna os sabios actives de tal modo incapazes de qualquer especie de governo, mesmo scientifico, que todo o homem sensato, extranho á sciencia, mas habituado ás questões gerais, escolheria melhor e conceberia melhores medidas...» Ora é precisamente o espirito de detalhe que caracteriza a vida mental portugueza.

É preciso portanto que comecemos a agitar, para ver se do nosso movimento alguma coisa de util e de grande sahirá para as futuras gerações. A reforma do ensino ha de fazer-se. Não podemos continuar a viver neste isolamento e neste atraso a que nos votam os proprios lentes da Universidade.

A sua affirmação de que podem comecar já os actos, sendo um symptoma de inferioridade e de incompetencia, é, para nós, um desafio ultrajante. É preciso responder a esse desafio com nobreza. A Academia de Coimbra vac cumprir o seu dever. Não haverá ninguem de intenções honestas, alheio a especulações politicas e a manobras afadistadas que seja capaz de aconselhar a ceder perante um governo que pensa apenas em compral-a. Nem os paes honestos, nem os tutores conscios do seu dever, indicarão um caminho de baixezas que hade macular toda a vida quem as praticar.

Assim, estão delimitados os campos: dum lado o governo sem a minima noção do que seja governar e o professorado de direito sem a minima noção do que seja ensinar; do outro lado a Academia Portugueza na serenidade de quem se sente forte e na altivez de quem se sente justo. Não queremos confusões. O paiz que nos julgue. Se nós merecemos um gesto de condemnação, venha esse gesto. Mas afirmemos mais uma vez que o fim final do nosso movimento é lançar as primeiras bases da reforma fundamental do ensino portuguez.

A comissao academica de Coimbra. A' venda na typographia deste jornal.

ASSOCIAÇÃO DE CLASSE DAS ARTES GRAFICAS

São avisados todos os socios desta coletividade que as sessões ordinarias da comissao organisadora têm logar nos dias 15 e 30 de cada mez, na sede da associação, rua Eduardo Coelho, 7 1.º, a qual se acha aberta todos os dias uteis, das 8 ás 10 horas da noite.

Coimbra, 31 de março de 1907.

O secretario,
J. Pereira da Mota.

Associação de socorros mutuos União Artistica Conimbricense

Balancete do 1.º trimestre de 1907

Receita	331,680
Despeza	348,525
Saldo negativo	16,845
Fundos existentes em 31 de dezembro de 1906	2:343,580
Fundos existentes em 31 de março de 1907	2:326,735

O secretario,
Antonio Maria Correia.

Rol da roupa enviada á lavadeira

Preço 120 reis

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses

58, Rua da Soia, 62 — COIMBRA

Sortido variado de fazendas nacionaes e estrangeiras
Confeções para homens e creanças, pelos ultimos figurinos
Vestidos para ecclesiasticos
Grande variedade de coletes de fantasia, para verão
Gravatas, suspensorios, e diversos artigos para homem.

Carreira de diligencia entre Coimbra e Luzo

Aviso ao publico

LOPES & FERREIRA, proprietarios da cocheira estabelecida na Avenida Navarro, n.º 8, baixos da Fotografia Conimbricense, desejando beneficiar o publico desta cidade, em virtude do actual horario dos comboios não ser a horas convenientes para a comodidade dos passageiros, deliberaram estabelecer uma carreira de diligencia entre Coimbra e Luzo, a qual deverá ser inaugurada no dia 1.º de Maio proximo, sendo as viagens nos dias de terças, quintas e domingos.

Partida de Coimbra — Rua do Visconde da Luz, loja do correeiro Clemente dos Reis, ás 5 horas da manhã, tendo as seguintes paragens: Fornos, Botão e Pampilhosa, e onde demora quinze minutos, afim de tomar os passageiros que desejem aproveitar se deste meio de transporte, chegando a Luzo ás 8 horas da manhã.

Partida de Luzo — Hotel dos Banhos, ás 6 horas da tarde, tendo as seguintes paragens: Pampilhosa, Botão e Fornos, chegando a Coimbra ás 9 horas da noite.

Preços dos bilhetes de Coimbra a Luzo, ou vice-versa, 410 réis; ida e volta, 620 réis.

Os bilhetes acham-se á venda em Coimbra: na cocheira e na loja de correeiro do sr. Clemente dos Reis; em Luzo: Hotel dos Banhos.
Coimbra, 27 de abril de 1907.

Lopes & Ferreira

ALVARO ROXANES

Medico-Cirurgião

Consultorio: Marco da Feira, 8 (telef. 173)

Das 10 ás 12 e das 2 ás 4

Residencia: R. de Tomar, 11 (telef. 176)

Maquinas falantes

Cilindros e Discos

PATHE'

Deposito geral no distrito de COIMBRA

Rua do Sargento-Mór, 11-1.º

Grande redução de preços

Cilindros impressos pelos melhores cantores e cançoneiros nacionaes e pelas maiores celebridades liricas.

Fados acompanhados a guitarra e violão.

Solos de piano, violino, cornetim, etc., por conhecidos e afamados artistas.

Trechos musicaes executados pelas bandas militares de Lisboa, Paris, Londres, etc.

Fonogramas para diversos preços, desde 50000 réis.

Cilindros desde 250 réis.

LOJA DE FERRAGENS

Trespasa-se, nas melhores condições, um estabelecimento de ferragens, acreditado, num centro comercial importante.

Nesta redação se dão aos interessados todos os esclarecimentos necessarios.

JOSÉ EUGENIO FERREIRA

ADVOGADO

ESTRADA DA BEIRA 66,

COIMBRA

(3) Folhetim da "RESISTENCIA," **COIMBRA NO SEculo XVII**

Tive bastante custo em me deixar convencer por esta: muito fatigado, tendo andado a pé cem leguas desde Cadix, e havendo trinta e quatro de Lisboa a Coimbra.

Por fim deixei-me convencer por me dizerem que era coisa para ver; e metemo-nos numa barca na segunda feira de Pentecostes, 8 de Junho de 1699 para ir para Santarem, em que se contam quatorze leguas a partir de Lisboa.

Eramos quatro frades capuchos. A maré faltou-nos a duas leguas de Santarem e fomos obrigados a dormir na barca. Como toda a gente em Lisboa tem guitarra, os nossos barqueiros e outros guitarrreamos quasi toda a noite. Pela manhã deixamos a barca e fomos por terra a Santarem, onde disse-mos a santa missa e ficamos o resto do dia para ver as raridades da terra.

Santarem — é uma cidade pequena, no alto de um monte; mas cuja maior parte fica numa baixa.

No convento dos padres benedictinos vê-se um crucifixo, cujo braço direito está desligado da cruz, e o corpo curvado.

Ahi vac a historia segundo os processos verbaes e os quadros que estão na egreja, que a representam toda.

Era uma vez uma pastorinha que passava a vida a guardar os seus carneiros.

Um fidalgo, isto é uma pessoa de qualidade, porque todos os gentis homens de Portugal se chamam fidalgos, quiz leva-la para o mau caminho. A ra-

pariga recusa satisfazer os seus desejos; elle insiste prometendo, casar com ella, sem ter todavia tenção de o fazer. Vendo-se solicitada tão fortemente, e com promessa de casamento, a rapariga disse-lhe: — Pois bem! Venha d'ahi a uma capela que ha aqui perto, e prometa-me deante do crucifixo que lá está que me desposará. Lá foi, puz a sua mão na da rapariga, e prometeu-lhe deante do crucifixo desposar-la.

Feito isto saíram e foram para onde quizeram.

Entretanto a rapariga appareceu grávida e o fidalgo não ia para casar com ella. Manda-l' e ella falar, elle zomba. Por fim ella obriga-o a ir á presença dos juizes; e elle nega ter-lhe prometido desposar-la. Os juizes mandam os embors; mas a rapariga cheia de fé, pede aos juizes para ele vir á capela em que lh' prometera desposar-la. Os juizes contentem e acompanham-no até.

Ao chegar, a rapariga apostrofa o crucifixo dizendo: — Não é verdade, Senhor, que este senhor me prometeu casamento?

Nesse momento o braço direito desprende-se e estende-se sobre a rapariga, ficando o corpo curvado, como a testemunhar o que ella dizia.

Vendo isto os juizes condenaram o fidalgo a casar com a pastora.

Só pôde ver-se o crucifixo com cerimonia, de capa e incenso. Eu vi-o. Ha ainda outras particularidades; mas, como não vi os diplomas autenticos, deixo-as e a Santarem e vamos para Tomar.

Tomar — é uma pequena cidade na base de uma montanha, que pouco val; mas, no alto do monte, ha um convento de conegos regulares que é muito belo,

É lá que o rei de Portugal arma os seus cavaleiros.

Seguimos o nosso caminho para ir para Coimbra, passando por Penela que é uma pequena vila.

Coimbra — famosa e celebre universidade, á margem do Mondego.

A cidade é mediocre. Uma parte occupa o alto do rochedo, a outra fica em baixo.

Ha muitos conventos de religiosos e até a rua de Santa Soia, que é muito bela, se compõe só de conventos.

Quando eu lá estava, contavam-se até nove mil estudantes que estudavam na Universidade.

Ha um famoso convento de conegos regulares, chamado *Santa Cruz*. Era lá que Santo Antonio era religioso, antes de tomar o habito de S. Francisco.

Neste convento estão os corpos de cinco religiosos de S. Francisco que soffreram o martirio em Marrocos.

Do outro lado da cidade, numa emmencia, está um convento de religiosas de Santa Clara perfeitamente bello e que faz uma bela decoração em frente da cidade.

Como tinhamos vindo a Coimbra com o unico intuito de ver o auto de fé, que lá se devia fazer e que não é mais do que muitos presos que saem dos carceres da inquisição, tendo sido lá metidos por terem feito ou dito cousas contra a fé, dos quaes os que pedem misericordia são absolvidos, condenados todavia a algumas penas temporaes, ao passo que os que a não gritam são condemnados a ser queimados vivos, particularmente judeus.

Como vi este auto inteiro relate-lo-ciefielmente, como se segue.

(Continua.)

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos de esta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.

Dóces de fructa de diversas qualidades, sécos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauçisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló**, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal afétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas Coimbra

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguezes, á venda na

Mercearia LUSITANA
(Depósito unico em Coimbra)

Estab. Ind. Pharm. "Souza Soares,"

(NO BRAZIL E NA EUROPA)

Devidamente legalisado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.ª classe e cinco medalhas de Ouro, na America do Norte, França e Brazil, pela perfeita manipulação e eficacia dos seus productos medicinaes:

PEITORAL DE CAMBARÁ

(Registado)

(Marca registada)

Cura prompta e radicalmente as tosses ou rouquidões;
Cura a laringite;
Cura perfeitamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou asthmatica;
Cura a tísica pulmonar, como o provam numerosos attestados medicos e particulares;
Cura incontestavelmente a asthma, molestia difficil de ser debellada por outros meios;
Cura admiravelmente a coqueluche, e, pelo seu gosto agradável, é appetido pelas creanças.
Frasco, 1\$000 réis; 3 frascos, 2\$700 réis.

PASTILHAS DA VIDA

(Registado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as nauseas e vomitos, o enjô do mar, o mau halito, a flatulencia e a dilatação do estomago. São de grande eficacia nas molestias do utero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue.
Caixa, 600 réis; 6 caixas, 3\$240 réis.

36 Remedios Especificos em pilulas saccharinas

(Registados)

Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade:
Febres em geral;
Molestias nervosas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos orgãos urinaes;
Molestias das senhoras e das creanças;
Dôres em geral;
Inflammações e congestões;
Impurezas do sangue;
Fraqueza e suas consequencias.
Frasco, 500 réis; 6 frascos, 2\$700 réis.

Consultem o livro — *O Novo Medico* — pelo Visconde Souza Soares, á venda nos depositos dos remedios do auctor. Preço: brochado 200 réis, encadernado 500 réis.

Medicamentos homeopaticos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos

1 Tubo com globulos 200 réis; duzia 2\$160.
1 Frasco com tintura 3.ª ou 5.ª 400 réis; duzia 4\$320.
1 Dito com trituração 3.ª 700 réis; duzia 7\$560.
Vede os preços correntes, o *Auxilio Homeopatico* ou *O Medico de Casa e a Nova Guia Homeopatica*, pelo Visconde Souza Soares.

Estes productos vendem-se em Coimbra na drogaria de Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges, 36.
Deposito geral em Portugal — Porto, rua Santa Catharina, 1503.

Aviso importante

O Estabelecimento tem medico habilitado, encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por escripto, sobre o tratamento e applicação destes remedios.

Os armazens GRANDELA & C.ª

RUA DO OURO, 115 — LISBOA

mandam catalogos e amostras do seu colossal sortimento a quem as pedir.

Vendem para as provincias pelos mesmos preços que para Lisboa

Pagam o porte das encomendas cuja factura pode ser satisfeita no correio na occasião de as receberem

Mandam amostras a todos que as pedirem para que as confrontem com as das outras casas.

Não têm agentes em parte alguma, tratam todos os seus negocios directamente com o publico de todo o paiz, e é por isso que *vendem mais barato* que ninguem.

O catalogo geral de verão com 116 paginas e 1050 gravuras é enviado de graça a quem o pedir a

Grandela & C.ª

Rua do Ouro, 115 — LISBOA

CASA MEMORIA

SUCURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Lús, 1
Praça 8 de Maio, 10

Esta casa continua a fornecer ao público as suas acreditadas máquinhas de costura *Memória*. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinhas usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas de pianos alorjáes e francózes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e compram-se pianos usados.
A sempre quantidades de piano para alugar.

Fumetro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a

MERCEARIA LUSITANA

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUSITANA

Machinas fallantes

Deposito completo de aparelhos das principaes marcas e para todos os preços a partir de 14\$000

Variada collecção de discos e cylindros com musicas e cantos executados pelos mais notaveis artistas.

Vendas pelos preços de Lisboa e Porto.

Depositarios da *Companhia de Gramophone*, da *Edison National Phonograph*, C.ª de New-York, e dos *Grandophones «Odeon»*.

TELLES & C.ª

R. Ferreira Borges, 152, 1.ª

COIMBRA

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — 200.000\$000 réis

Séde em Lisboa — PRAÇA DO DUQUE DA TERCEIRA, 11, 1.ª

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mixtos, Praso Fixo, Combinados e Supervivencia, com ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitales differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Seguros operarios a 20 réis semanacs

Para informações e tarifas dirigit se ao agente em COIMBRA:

JOÃO GOMES MOREIRA — R. FERREIRA BORGES

CAÇADORES

O mais importante estabelecimento de espingardas, carabinas, rewolveres e munições, é o de JOAO GOMES MOREIRA, rua de Ferreira Borges — Coimbra — Sucursal na Figueira da Foz (em frente ao Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

Espingardas (Ideaes) — da manufatura de Saint-Etienne, Galand Elite, Francesa, Francotts, Remington, Bernard, manufatura Liegeais

Carabinas — La Francott, Popular, Winstchester, Colts, etc.

Rewolveres — Galand, Saint-Etienne, Smitt Werson, Vello-Doges, etc., etc.

Pistolas — Mauzer, Browing, Gaulcis, etc., etc.

Munições de todos os calibres e qualidades

Mandam-se vir armas de qualquer fabricante, como por exemplo: Holland & Holland, Puy, Dierrassen, Grear, etc.

PAPELARIA CENTRAL

Rua Visconde da Luz — Coimbra

Pianos GAVEAU

Recebidos directamente de Paris, vendem-se nesta casa pelos preços da fabrica e recebem-se pianos em troca, — pedir catalogos e condições de venda.

Um completo sortimento d'*apparellhos* e todo o material preciso para a fotografia, que recebe dos principaes fabricantes e vende pelos preços mais baratos.

Grande edição de bilhetos postaes illustrados

De Coimbra, Vizeu, Aveiro, Castelo Branco, Covilhã, Amarante, Beja, Mirandela, Serra d'Estrela, etc.

Papelaria Borges

COIMBRA

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.ª

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Repara.... Lê....

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenção sempre, e cuido as mais das vezes com o uso dos *Sacharolides d'alcairão*, compostos (*Rebuçados Milagrosos*) onde os efeitos maravilhozos do alcairão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenciam em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacharolides d'alcairão*, compostos (*Rebuçados Milagrosos*) são confirmados, não só por milhares de pessoas que os tem usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

CASA COLONIAS

Fornecedora da Casa Real

Visitem este estabelecimento e verão V. Ex.ª que ha vantagem.

Generos alimenticios das mais finas qualidades, em concorrencia de preços com as cooperativas.

Vinho de meza e de Amaranite, qualidades e preços sem competencia.

Distribuição aos domicilios, sem aumento de preço.

"RESISTENCIA,"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

Brazil e Africa, anno..... 3\$600
Ilhas adjacentes, »..... 3\$000

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto 50%.

Comunicados, cada linha..... 40
Réclames, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal se avulso.

RESISTENCIA

Orgão do Partido Republicano de Coimbra

DIRETOR
Dr. Teixeira de Carvalho
Redação e administração
CENTRO REPUBLICANO JOSE' FALCÃO
Largo da Freiria, 5
Administrador e proprietário
MANUEL DE OLIVEIRA AMARAL
Officinas da composição e impressão
Rua da Moeda, 12 e 14 — Rua Direita, 9, 11 e 13

N.º 1204

COIMBRA — Domingo, 5 de maio de 1907

13.º ANNO

A CIRCULAR

A chamada circular dos paes é a ultima fase do conflito academico, por muitos apresentada como o caminho para a solução definitiva.

O que querem os paes?
Não se entende bem. A circular está escrita em termos vagos e pede autorizações não menos vagas.

O seu fim parece ter sido influir no espirito dos paes com o estilo de ameaça vaga e sempre eminente particular á retórica do sr. João Franco.

Pelo texto da circular vê-se que os estudantes do paiz inteiro estão arriscados a perder o anno e alguma coisa mais.

O que será esta alguma coisa mais? Mais nada, segundo as normas do sr. João Franco, para quem o sobrenome carregado, o dedo no ar, e a ameaça são processos de governar.

Pretendem os paes que se abram as aulas?

Querem os paes que a Universidade se abra apenas para actos? Mas quem lhes garante que a Universidade abre para aulas?

Com que autoridade pretendem que a Universidade se abra para actos?

Onde estão os dados officiaes de que deviam partir e que deviam tornar publicos para conhecimento dos interessados.

Que caracter tem a sua intervenção?

E' official?

E' apenas officiosa?

A nenhuma destas perguntas necessarias responde a circular, feita em termos vagos e que parece apenas destinada a pôr nas mãos do sr. João Franco a autoridade dos paes de todos os estudantes.

Por isso a circular é recebida com manifesta frieza e repulsão por parte dos paes, apesar de se terem procurado todas as formas de obter as assinaturas desejadas.

A solução procurada é na verdade a mais estranha.

O que ha a fazer, não é realizar os actos é ministrar o ensino.

O ensino está paralisado em todo o paiz, interrompido pela vontade do governo que pretende impedir-se á vontade dos estudantes que pedem reformas de ensino, á vontade da nação que não tem para o seu protesto senão palavras de louvor.

O ensino está interrompido, é o ensino que é necessario restabelecer.

Este é que é o problema que é necessario resolver.

E esse problema, se interessa os paes, como aliás toda a nação, mais interessa os professores e os alunos.

Os actos feitos antecipadamente não resolvem, iludem a questão.

Não é por obter um diploma de aprovação que o estudante fica sabendo.

Não é começando os actos que o professor mostra que acabou de

ensinar e que cumpriu o seu dever ensinando o que devia.

E' o ensino que é necessario restabelecer; porque a sua paralisção é prejudicial ao desenvolvimento da instrução e não porque esteja perigosamente interrompido o fabrico de bachareis e de doutores.

Não é de abertura dos actos que se necessita, é da abertura das aulas.

E quanto antes, ou então o mal será irremediavel.

Está de luto pelo falecimento de seu pae o nosso amigo e prestante correligionario sr. dr. Eduardo Vieira.

O extinto era um honrado velho, estimado de todos, sempre a sorrir para quem lhe falava nos netos ou nos filhos queridos.

Forte, sem um dia de doença, todos gostavam de ver a sua robustez antiga, a sua atividade sempre a dominar os annos.

Os filhos, que educou com tanto amor, numa vida longa de trabalho e sacrificio, eram para ele, como irmãos, cuja mocidade e força admirava, alegrando-se o seu olhar ao vê-los passar com os netos que idolatrava.

Desaparece de repente o bom velho, que todos estimavam, na saudade dos que veem desaparecer pouco a pouco as figuras amigas com que se criaram. Sentidos pezames.

Reunião tipografica

Reune hoje em sessão magna a classe tipografica desta cidade para lhe ser presente o officio da União das Artes Graficas, comunicando o conflito entre o quadro tipografico e a impreza do *Jornal da Noite*, pedindo para a solução do conflito a solidariedade dos tipografos de Coimbra.

O nosso amigo sr. Antonio Augusto Gonçalves acabou para o palacio do sr. Carvalho Monteiro em Contra a *maquete* de uma estatua de S. Pedro que começou já a executar-se nas officinas do sr. João Machado.

O novo trabalho do nosso amigo, feito com toda a fogueira do seu temperamento de artista, representa o santo pescador na attitude firme e decidida do fundador da igreja, cuja energia é dada magistralmente pelo gesto da cabeça erguendo-se sobre o peito forte na convulsão dos musculos do collo, acentuando a força homérica de figura.

O braço e a mão que se apoia sobre o peito, toda a carnção a descoberto estão dados em notações simples, de uma grande intensidade de vida, de um grande efeito decorativo.

Para a mesma capela está o sr. Antonio Augusto Gonçalves fazendo o modelo de uma estatua de santa que deve seguir-se a esta, já em começo de execução, como dissemos.

O sr. Santos Almeida, secretario da camara municipal de Coimbra, deu conta na ultima sessão da comissão de que fôra encarregado pelo municipio de realizar o seu emprestimo de réis 100:000:000 réis, operação que fez com a *Caixa Geral de Depósitos*, com vantagem reconhecida, afirmando assim mais uma vez as suas aptidões e o desejo sempre manifesto de bem servir o municipio.

O inspetor da 2.ª circunscricção escolar (Coimbra), consultou o conselho superior de instrução publica sobre as materias que devem versar os exames primarios do 1.º grau.

BERNARDINO MACHADO

O governo deu-se pressa em aceitar a exoneração requerida pelo sr. dr. Bernardino Machado. Aquilo foi tira mão, enfia dedo. Lá veio já estampado na folha official o decreto demissorio. A estas horas o illustre professor já não é catedratico na Universidade de Coimbra. Nem sequer apelo para a jubilação a que tinha irrecusavel direito. Preferiu demissionar-se *tout court*, cortar todas as suas relações com o ensino official, como forma de protesto a mais solene contra esse fóro universitario, atrabiliario e intolerante que, em pleno século XX, ainda julga e condena como se julgava e condenava nos mais espessos tempos medievaes.

Na verdade uma tal atmosfera de opressão, um meio assim escravizante e deprimente não se podia coadunar com a consciencia limpa e nobre, com o espirito progressivo e generoso, banhado de desassombro e luz, do nosso mais autorizado educador, do nosso mais notavel pedagogista. Se assim o compreendeu o sr. dr. Bernardino Machado, força é confessar-se que o governo o reconheceu também. Com despeito, é certo, como transluz do proprio laconico texto do decreto demissorio, duro como um calhau, seco como um defumado arenque: não ha nele a mais ligeira frase, pelo menos de formal apparencia, á capacidade intelectual do illustre professor e aos seus notaveis trabalhos, mesmo de caracter official, realidades em proveito da educação do paiz. O sr. dr. Bernardino Machado pediu a demissão. O governo concedeu-lha pronta e secamente, como quem se livra dum importuno ou intendesse tratar-se dum autentica ignominia do professorado.

Ora deve reconhecer-se que o governo procedendo assim, embora sem dar por isso, completou o ato do professor. Acentua-o. Valorisa-o singularmente. Presta-lhe integralmente a total e absoluta significação que, porventura, lhe tiraria, se doutro modo procedesse. Assim definiu posições, caracterizou tendencias, deu relevo a propósitos feitos. Não ha já lugar para equívocos. E não se dirá que, sob certos pontos de vista pelo menos, não importe vantagem o esclarecerem-se assim situações.

A maneira como o sr. dr. Bernardino Machado compreende o ensino universitario moderno e a proficua ação de todo o ensino superior em geral deixou-a ele magistral e profundamente impressa nessa sua famosa oração de *sapientia* que terá de ficar fulgurando nos pardos annaes da Universidade, como um documento digno dos aureos tempos atenienses, e ainda como um rasgado e amplo programa de luminosas ideias e afeitas aspirações. O professor irmanando-se com o aluno na labuta comum, incitando-lhe a iniciativa no trabalho escolar, despertando-lhe as facultades torpidas ou desconhecidas, criando-lhe o amor ao estudo, ao que lhe ensinam e ao que elle aprende, guiando-lhe os passos numa orientação superior e elevada desprendida de mesquinhasias comensalmente utilitarias, alentando-lhe a confiança nas proprias facultades e a segurança no seu trabalho proprio, fortificando-lhe o espirito e robustecendo-lhe o caracter, tal era a revolução que elle via e queria no ensino.

Era — e é — isso polarmente o contrario do espirito dominante em o nosso ensino universitario, sobretudo em Direito, em que o passivo automatismo é a regra imperiosa, a escravização estreita e depressiva é tirania literal dos textos a condição inquebrantavel do exito, o dogmatismo do mestre, intangivel e sagrado, a mais alta expressão dum mandarismo solene, improgressivo e ancho de sufficiencia.

Um formalismo inquebrantavel, estéril e esterilizante, vindo tradicional-

mente da penumbra das passadas ideias, inteirizado na armadura asfixiante dum convencionalismo despotico, eis o meio em que o illustre professor convictamente procurava insuflar o espirito novo, difusivo e simpatico, da moderna pedagogia e da moderna sciencia, despida de todos os preconceitos e inteiramente liberta nas suas afirmações e nas suas aspirações. Progredir! Avançar — dizia ele ao sórn paquiderme universitario, paralisado na esteril e estulta contemplação do proprio umbigo, engodado no ilusorio conceito da propria embofia. Tal programa era, com effeito, a revolução no ferrenho conservantismo que até ao presente tem desafiado a marcha das ideias e ao seu desenvolvimento tem buscado entravá-lo pela elevação dum autentica... *muralha da China mental*.

Ora, o governo, dando-se tanta pressa em aceitar a exoneração do dr. Bernardino Machado, dá ao espirito retrogado um fortissimo alento e mantém o velho tradicionalismo, improgressivo e irto, dos recuados tempos medievaes. Ferrenho conservador desse tradicionalismo na sua mais empirica manifestação, e o adversario casmurro de todo o espirito evolutivo eis, como no caso, definitivamente se revela esse governo que se dizia liberal e só para a liberdade queria governar! Assim aproveitou a ocasião para afastar do ensino superior a alta e illustre personalidade que nele mais brilhantemente representava a moderna evolução da pedagogia.

Tomou posições o governo, definiu se, sem dar por isso. Sublinhando o gesto do sr. Bernardino Machado, o governo marcou decididamente o inicio da formidavel campanha que, sem duvida, acabará por libertar definitivamente o ensino em Portugal, collocando-nos dentro das correntes intelectuaes do século. Será contra a vontade do governo, assim, que passaremos afinal a fazer parte da Europa culta. A demissão do sr. Bernardino Machado marcará dest'arte um padrão, abrirá um fecundo periodo na história da evolução da instrução em o nosso paiz.

A intolerância dos governos já mais deixou de corresponder no devido tempo a reação dos povos. Ora Portugal não esta tão abatido nas suas energias nem tão recuado na escala da civilização que deva constituir excepção singularissima a esta sabida e experimental lei historica.

Primeiro de Janeiro

São deste nosso estimado collega do Porto as palavras que hoje transcrevemos de merecido louvor ao nosso amigo e correligionario sr. dr. Bernardino Machado.

A camara foi entregue, na ultima sessão, uma representação de setenta e sete negociantes, pedindo á vereação para baixar o preço de 13 500 réis, que havia pedido por cada metro quadrado de terreno para o novo edificio da Agencia do Banco de Portugal, atendendo ao melhoramento que tal construção importa.

Foi entregue ao sr. dr. Machado e Sousa que, pela camara, está encarregado de liquidar este negocio.

Directorio do Partido Republicano

O Directorio do Partido Republicano, para a boa regularização dos seus trabalhos, pede a todas as comissões e agremiações republicanas, que ainda não tenham participado a sua constituição, a fineza de lha participarem, a fim de serem inscritas nos livros respectivos.

O secretario do Directorio,
Antonio José Almeida

A Universidade e o governo

Continua pendente a questão do ensino que o sr. João Franco procura resolver com processos bizantinos de administração, sempre em determinações de ocasião, sem uma resolução que traia a disciplina mental de um cerebro consciente.

O sr. João Franco pretende castigar o que em nenhuma universidade do mundo seria castigado, um protesto coletivo contra o ensino, feito refletidamente, e despertando no paiz inteiro um aplauso tão geral, como raro se terá verificado na nossa historia.

Movimentos coletivos conscientes nunca se castigaram, são pelo contrario aplaudidos em toda a parte, e em toda a parte tomados na consideração que merecem como reveladores dum necessidade nacional inadiavel.

O ensino em Portugal está atrasado, na essencia e na forma; necessita ser modificado, renovando-o dentro de normas de liberdade, aproximando-o do espirito moderno, a Universidade precisa entrar nos habitos tradicionais que se interromperam pela adopção da disciplina jesuitica, não deixando evolucionar a nossa Universidade, livremente, como as estrangeiras, que a essa evolução natural e ininterrompida devem o seu prestigio atual.

Isto o que dizem na sua linguagem simples os estudantes, isto o que é reconhecido por toda a nação.

A Universidade de Coimbra teve com o ensino jesuitico um grande golpe, e não melhorou, senão aparentemente e temporariamente, com a reforma pombalina.

Para se desenvolver naturalmente, para progredir, o ensino precisa de liberdade, a mais ampla, a mais sagrada, a liberdade do pensamento.

E a todos é necessario a liberdade, a mestres como a discipulos; e do jogo destas duas liberdades, sae o progresso do ensino.

Por isso as universidades foram estabelecidas com as maiores regalias e excepções para mestres e discipulos.

Assim foi também na Universidade de Coimbra; mas este estado foi rapidamente modificado pela intervenção direta e indireta da disciplina jesuitica.

Desde a sua chegada a Coimbra, que os jesuitas tentaram meter-se na Universidade e dominar no ensino.

Conseguiram-o em grande parte pela facilidade com que a ignorancia e o fanatismo punham o publico sob o dominio dos seus astuciosos ardis, e a Universidade definiu por influencia interna de alguns professores e mais que tudo, em nossa opinião, pela influencia externa, do meio extranho á Universidade.

Assim chegou ao vergonhoso estado de que pretendeu tira-la o marquez de Pombal.

A obra do marquez não foi porém muito longe, porque este errou também julgando que a crise se resolveria substituindo á disciplina jesuitica, a disciplina regalista.

Esta a causa da queda rapida da Universidade, quando o estabelecimento de novos estudos, com professores estrangeiros e nacionais de reconhecido valor, seguidos por uma mocidade estudando ardentemente, na alegria e na força entusiastica de quem, depois de sacudido um jugo, respirava á vontade livre da exgotante e esteril disciplina jesuitica, fazia agourar melhor resultados.

O marquez de Pombal errara. O ensino vivia apenas do favor real, arrastava por isso uma existencia difficil e sempre ameaçada. O ensino não pode viver senão na mais ampla liberdade.

A obra do marquez de Pombal extinguiu-se e teria sido definitiva, se o reformador se tivesse limitado a collocar a Universidade na sua situação antiga, dentro das normas naturaes da sua vida e desenvolvimento, longe da pressão dos governos.

Não era substituindo a disciplina jesuitica pela disciplina regalista que o ensino poderia progredir, não era substituindo Deus pelo Rei que a Universidade podia tomar alicios vitalisadores. Se, com o Marquez de Pombal, a influencia real foi em geral benefica, com os outros reinados começou a influencia nefasta que fez da Universidade o ninho de um preconceito.

Onde se acolhera o preconceito jesuitico, aninhou-se o preconceito absolutista, e o ensino definiu-se. A disciplina regalista separou mestres e discipulos e assim se originou o tristissimo conflito de que resultou, num desvaivamento, o assassinio dos lentes em Condeixa.

A lição porém não aproveitou e, com advento do constitucionalismo, a Universidade, a dar mostras de humilde e submissa, para fazer esquecer a deslealdade antiga, collocou-se de vez numa posição subalterna, de delegada do governo, convertendo-se o professor num empregado publico commum, da timidez, da subserviencia, falta de iniciativa e falta de amor professional que são a caracteristica geral do empregado publico no nosso paiz.

O professor tornou-se um official subalterno do ministerio do reino, pronto a responder solicito a officios que não embarcam a tranquillidade de governantes, sem uma iniciativa, sujeitando-se ás ordens superiores, sempre com medo que lhe tirem o ordenado.

É assim a Universidade em que o ensino só de longe tem acompanhado a marcha vertiginosa do pensamento contemporaneo, tem dado, em circumstancias criticas, o mais deploravel exemplo de subserviencia, perdendo de todo o amor ao ensino cujos interesses lhe foram confiados.

Um exemplo só: quando o sr. conselheiro José Dias Ferreira quiz organizar de uma maneira estavel o nosso orçamento, officiou a todos os estabelecimentos de ensino, perguntando quaes os côrtes que em cada gabinete ou instalação pratica se poderiam fazer, por forma a alliviar o tesouro sem prejudicar o ensino.

A maior parte, senão todos os estabelecimentos, responderam que nada podiam cortar nas despesas; porque, ha muito pediam, aumento na verba que o orçamento que lhes destinava e que era insufficiente.

Só a Universidade cortou, e cortou bem pelas magras dotações dos seus gabinetes.

Os outros estabelecimentos scientificos aproveitaram a occasião para reclamar, para protestar.

A Universidade obedeceu ao criterio habitual que faz de cada professor um funcionario do Estado, sem iniciativa, sem independencia.

E, como neste caso, está succedendo diariamente na vida da Universidade, que parece tomar o proposito firme de se extinguir, em homenagem a instituções caducas, as formulas varias de sentido.

Para viver, o ensino precisa de liberdade.

E sem ella morrerá!

Nova estrada

Na ultima sessão da camara municipal foi apresentado o projeto do segundo lanço de estrada do alto de S. João a Santo Antonio dos Olivas.

Foi mandado ás estações superiores pedindo a sua pronta approvação e a expropriação dos terrenos para utilidade publica.

O orçamento sobe á quantia de reis 2818.000.

Esta estrada é uma das que com mais urgencia se deveria ativar a construcção; porque constitue um verdadeiro embelezamento permitindo aos forasteiros que visitam Coimbra, fazer a excursão a Celas e S. Antonio dos Olivas, terminando por um passeio encantador, como é a nova estrada até entroncar na estrada da Beira.

E Coimbra tem necessidade de tratar da conservaçao e embelezamento das suas belezas naturaes que tantos visitantes que lhe trazem.

Em França ha um inspector de paesagens, para evitar que construcções de edificios particulares ou publicos, e aberturas de estradas destruam a beleza de sitios pitorescos.

Na Inglaterra é conhecida a obra de Rusckim. Em Portugal, terra de inspectores e olheiros, ha porém quem se ria do que chama excenricidades de nações ricas.

Antonio Augusto dos Santos

Já está collocado no cemiterio o tumulo que a este nosso malogrado correligionario mandou levantar no cemiterio da Conchada a piedade de alguns republicanos seus amigos.

O terreno para a sepultura custou 225145 réis, e o mauoleu importou apenas em 31210 réis, apesar da sua elegancia e execucao pela generosidade de João Machado, amigo e admirador do extinto.

Aqui deixamos arquivados os nomes dos subscribers para o belo tumulo do nosso infeliz e dedicado correligionario.

- Ricardo Pereira da Silva, 100000;
- Jaime Lopes Lobo, 60855;
- Evaristo José Cerveira, 10000;
- Alfio Pinto de Sousa, 500;
- Joaquim Carvalho da Silva, 500;
- José Pinto Alves Guimarães, 10500;
- Joaquim Lopes Gandarez, 500;
- Dr. Herculano de Carvalho, 10500;
- José Gonçalves, 500;
- José Correia Amado, 500;
- Ventura Batista d'Almeida, 500;
- Guilherme Barbosa, 500;
- M. Augusto Rodrigues da Silva, 20500;
- Francisco d'Oliveira Martins, 10500;
- Manuel Augusto da Silva, 50000;
- Manuel Antonio da Costa, 500;
- Cassiano Augusto M. Ribeiro, 20000;
- Albino Caetano de Silva, 20000;
- Francisco Villa da Fonseca, 10500;
- Francisco Alves Madeira Junior, 10000;
- João Augusto Simões Favas, 500;
- Dr. Alberto Nogueira Lobo, 10000;
- Dr. Angelo Fonseca, 20500;
- João Gomes Moreira, 10000;
- Francisco Maria da Fonseca, 500;
- Antonio Augusto Gonçalves, réis 10500;
- Dr. Francisco José Fernandes Costa, 10500;
- Manuel Oliveira Amaral, 500;
- Albino Amado Ferreira, 200;
- Candido A. Nazareth, 200;
- J. Simões da Fonseca Barata, 10000;
- José Marques Batista, 10000;
- João Machado, 10500.

Nas quarta e quinta feira proximas realizam-se no teatro Principe Real da Figueira da Foz dois espectaculos com a *Rajada* e *Tio Mihoes*.

Na Figueira estão as recitas da companhia do teatro D. Amelia despertando um interesse extraordinario, tendo-se vendido rapidamente fauteils e camarotes.

Lucilia Simões, Augusto Rosa, Henrique Alves são artistas que se ouvem sempre com prazer.

Museu de Azay-le-Rideau

Tinhamos aqui noticia da creação de um novo museu em França, no castelo deste nome que para nós tinha particular interesse.

Destinava-se na verdade a abrigar os restos da escultura e mobiliario da renascença franceza, que para nós tem interesse especial pela ligação intima que ha entre o movimento artistico do renascimento nos dois paes.

Como toda a historia de escultura franceza, a historia de escultura franceza do renascimento tem sido muito prejudicada pela admiração das obras dos esculptores italianos que trabalharam em França, e a quem se atribuem facilmente as obras, não datadas ou assignadas, de valor que o estudo dos archeologos vaie pondo em evidencia.

Os nomes dos artistas francezes não têm sido procurados nos arquivos, e estes apresentam grandes lacunas devidas ás commoções politicas e religiosas de que tem sido teatro a França.

A má orthografia dos nomes, orthografando á franceza nomes estrangeiros, tem contribuido para dificultar o problema.

Para ver o estado do pouco adelantamento em que estão estes estudos, apesar dos trabalhos dos eruditos francezes que Palustre concentrou numa obra monumental, infelizmente por acabar, basta notar que dos nomes dos genioses artistas francezes que trabalharam no convento de Santa Cruz, são absolutamente desconhecidos no registo das obras francezas, apesar de deverem ser ao tempo de fama bem estabelecida.

A unica forma de elucidar o problema é a comparação das obras, e isto não se pode fazer senão reunindo no mesmo local todos os objetos da mesma natureza.

É o que pretende fazer-se no museu de Azay-le-Rideau.

Para ajudar a reconstrução da decoração do castelo de Azay-le-Rideau fez-se apelo á generosidade dos amigos francezes que corresponderam briosamente.

Louis Stern, Charles Stern, Edmund

Rotschild, Eduard Rotschild, Gustave Dreyfus, Larcade, Ratzer dorfer, Kleinberger, Wildenstein, Jacques Seligman, Heilbronner, Kraemer, Loirwargard, Steuttner e Trotti ofereceram moveis, esculturas em madeira e pedra e pinturas, que são um poderoso elemento de estudo para a historia da renascença franceza.

E as dadas destes generosos colleccionadores vêm confirmar o que vimos dizendo sobre a ligação intima entre a arte do renascimento em Portugal e em França, que a cada passo se verifica.

Uma das dadas para o museu francez, a do sr. Trotti, é um grande contador portuguez do renascimento.

Excursão scientifica

Partiram ontem, no comboio da tarde, os excursionistas da sétima classe do liceu de Coimbra que vão visitar a Batalha.

A excursão foi organizada, como dissemos, pelo sr. dr. Eugenio Sanches da Gama, que aproveitou as visitas de estudo, que são recomendadas pelo programa, para fazer visitar aos seus alunos monumentos e que esteja ligada estreitamente a nossa historia politica ou religiosa, chamando lhes o mesmo tempo a atenção e solicitando lhes o espirito para o estudo da historia de arte, tão descurado entre nós.

Ao mesmo tempo o aluno aprende a respeitar os monumentos, compreendendo a sua verdadeira significação pelo sua dupla caracteristica historica e artistica.

O sr. dr. Eugenio Sanches da Gama procurou tambem tirar á excursão o simples caracter de passeio de curiosidade, doutrinando durante as aulas os seus discipulos sobre o valor historico dos factos que o convento e os monumentos parciais que encerra comemoram e autenticam, dando-lhes ao mesmo tempo noções geraes da arquitetura gotica e da sua evolucao em Portugal, sendo assim a excursão á Batalha o complemento educativo da visita de estudo á Sé Velha.

Para continuar na serie logica das excursões e visitas de estudo, o sr. dr. Sanches da Gama espera realizar uma excursão a S. Marcos, dando assim uma lição da arte da renascença, e outra a Mafra para que os alunos tenham conhecimento da arte do seculo xviii.

As excursões do sr. dr. Sanches da Gama são de uma iniciativa original que muito nos apraz applaudir, e organizadas com raro bom senso e orientação pedagogica.

Além do seu caracter artistico, do que tem de educativo pela importancia historica dos edificios, são para louvar por tentarem despertar no animo dos alunos o culto dos monumentos e por lhes chamarem a atenção para os problemas.

Mas, é esse o ponto capital, agradam-nos; porque são preparadas, porque são pretextos para leitura, e collocam assim o aluno fóra da atmosféra apertada do compendio e do programa.

O aluno aprende assim a estudar, toma conhecimento com livros, familiariza-se com a literatura do seu paiz.

O sr. dr. Sanches da Gama indicando lhes os livros de leitura, não fez estender de erudição, citou lhes os essenciais, restringindo-lhe assim o campo da elaboração cerebral, e ensinou-lhes a alegria do estudo feito unicamente pela vontade de saber, ensinou-lhes no fim a aprender que os monumentos valem pelo que representam não só na historia politica, como na historia da arte.

Com os alunos vão, além dos sr.s. Luiz dos Santos Viegas, reitor do liceu, os professores sr.s. Sanches da Gama, Silvio Pélico, Antonio Toró e Luciano Pereira da Silva.

Os excursionistas partem hoje o dia todo na Batalha, voltando amanhã.

Camisaria da Moda

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o anuncio que com este titulo, vaie na secção correspondente.

Tribunal do Comercio

O tribunal do Comercio resolveu que fossem vendidas as fendas que se arrolaram na falencia do sr. Eduardo Simões de Carvalho, no caso de este não conseguir no prazo de 30 dias a concordata que solicitou d: seus credores.

A logica franquista

Do Jornal do Comercio:

E o governo ficou, e ele, que só podia recompôr-se e viver com enxerto progressista, reconhece subitamente que podia viver e recompôr-se com os simples franquistas, que começara por engeitar.

Como se explica então, que não começasse logo por ahí, e declarasse demittir-se se lhe não dessem tres ministros progressistas?

Quereríamos dizer-lhe aos nossos leitores, mas infelizmente dentro da ordem logica nenhuma explicação logramos encontrar, e no campo da fantasia temos de reconhecer que a nossa, que, aliás, não é das mais apagadas, é insufficiente para imaginar e recompôr o trabalho mental, que desenvolveu esta enorme trapalhada, donde saiu, segundo uns, uma situação mais forte, e, segundo outros, certamente não menos autorizados, uma situação muito mais fraca.

Desistimos, pois, de explicar o que dentro da logica humana não tem explicação.

O sr. João Franco queria poupar a morte proxima aos tres parceiros que guardava para occasião de mais desafogada vida.

O sr. José Luciano não quiz condenar a morte rapida tres correligionarios seus.

Isto o que se imagina.

Benigna verba

É o titulo do ultimo livro de José Caldas publicado pela casa editora França Amado, com o cuidado e a preocupação de elegancia que distingue os trabalhos desta livraria.

É livro que se lê de um folego pela intensidade de argumentação, cerrada, sempre cingindo de perto o assunto sem perder se em divagações, sempre com elevação, sem se deixar possuir de colera irrefletida, conquanto vibrante sempre da mais sentida e justificada indignação.

Em Portugal, em que os assuntos historicos têm andado ou pela mão de literatos sem escrúpolos ou pela de eruditos que pelo amor ao documento perdem o ponto de vista historico superior, o livro de José Caldas é uma feliz surpresa pela superioridade de vista e independencia de conceitos.

É surpreende tambem pelo desdem, que revela pela historia que correntemente se escreve, este homem que na mais insignificante trova popular sabe achar palpitante a alma, o pensamento nacional.

Este homem que trata com desdem tão evidente os cronistas reaes, tem palavras de adoração pela obra dos verdadeiros historiadores, e a sua ironia desaparece ao falar de Herculano e de Teófilo Braga.

Como historiador, a sua monografia — *Historia de um fogo morto*, inaugura a serie de monografias communes, elemento imprescindivel para uma grande e verdadeira Historia Nacional, feita sem acatamento pela lenda, ou conformidade dos espiritos convencionaes, preferindo malquistar-se com todas as vaidades, e sómente seguir e seguir em paz, como justamente escreve, com a sua consciencia, dando de mão á estranha hipocrisia coletiva, mixto de orgulho e estupidéz, a que, no calão consagrado, se dá o surrado apelativo de amor á nossa terra.

As opiniões sobre o caracter do Infante D. Henrique, o espirito aventureiro de Afonso III, a imbecillidade de D. Fernando, as tenças de Rui de Pina, os pedidos de Diogo de Couto, a inutilidade das chronicas monasticas e reaes para escrever com probidade a historia patria, são opiniões que não são infelizmente correntes na educação geral, mas que tem a autoridade de todos os grandes historiadores.

Em todo o livro, de tão sobria erudição, mas revelando a cada passo pela sua orientação, pela vaidade e justeza do conceito a melhor leitura é mais fecundante orientação, se vê aparecer o entranhado amor á verdade em que José Caldas bebeu o entranhado amor que tem ao seu paiz.

E assim se forma, na admiração da obra de José Caldas, a verdade do conceito com que termina o seu livro:

«Para aquelles que, por temperamento, por dignidade propria e por ca-

racter, põem a alma no que escrevem, a patria, as conveniencias e os respetos sociais resumem-se nesta palavra santa e unica: a VERDADE.»

Agradecemos a amabilidade da oferta.

Policia

Partiu a ocupar a commissão, para que fôra nomeado na India, o sr. capitão Joaquim Ferreira de Aguiar, commissario de policia de Coimbra.

Por este motivo está exercendo o lugar de commissario o administrador do concelho sr. major Domingos de Freitas.

Comquanto a interinidade, e as circumstancias especiaes que Coimbra atravessa, não sejam as mais proprias para intentar uma reforma que ha muito se impõe, não deixaremos porem de lembrar a necessidade de reforma urgente na organização do corpo policial cujo funcionamento está longe de ser regular.

A policia é em pequeno numero, mal recrutada, não tem a educação tecnica, nem os regulamentos policiaes que deve ter a mais pequena cidade.

De noite as ruas da Alta, fóra de horas, têm o bulicio, a animação ruidosa, que se não toleraria, no entrudo em qualquer pequena vila.

As obscenidades ouvem-se a cada passo, na conversa corrente, em voz alta, ás vezes gritadas a distancia como um cumprimento de intimidade entre pessoas que se conhecem.

Ouvem-se ainda, á noite, nos cantos das guitarradas, cuja escolha não acredita nem a educação nem a elevação moral de quem os grita desabridamente, para fazer ruido, sem preocupações musiciaes.

O aspecto das praças e passeios publicos, por policiaes, é dos que menos abonam o adeantamento desta terra.

Ao despegar do trabalho, formam-se grupos ás esquinas dos passeios, interrompendo o transitio, provocando quem passa, dizendo insolencias ou obscenidades.

O largo de Sansão, com o seu mostruario de misérias nos degraus da casa da camara e as vendedeiras ambulantes, seria toleravel ha vinte annos.

Hoje é indigno.

As praças não são logares de reunião. Não é para isso que se fazem mais largas. São apenas pelo cruzamento de ruas logares de mais passagem.

A estagnação do movimento nas praças é prejudicial como a estagnação do ar.

Na aldeia o largo tem outra função.

Por esse motivo quereríamos que em occasião de feira dos 23 se não permitisse a paragem no largo da Porta gem em que os lavradores se demoram com os gados, fazendo dentro da cidade uma segunda e turbulenta feira.

Necessario seria tambem regulamentar o curso de bicicletas e automoveis, e fazer cumprir os regulamentos e posturas existentes já.

Emfim todo o quasi tudo ha a fazer no policiamento da cidade que se tem abandonado pela falsa orientação que a policia tem dado aos serviços policiaes.

A camara liquidou completamente a sua divida á anuga companhia de iluminação a gaz, pagando a quantia de 54.747:565 réis por saldo de capital e juros.

Foi transferido para infantaria 23 o musico de primeira classe de infantaria 16, sr. Joaquim Luiz.

Coerencia

Escreve o sr. conde de Burnay:

Recompsto o gabinete franquista com elementos valiosos, ver-se ha, dentro em pouco, se ganhou ou perdeu força, pois a priori, motivos ha para a ter g-nho e para a ter perdido.

Mas quando falamos em força, entendemos força para governar constitucionalmente, pois é de esperar que se não pense em reverter aos erros da ditadura, em alto protesto á qual nasceu a situação franquista.

O *Diario Ilustrado* explica dizendo que uma couza é dictadura, outra administração em dictadura.

Coisas que elle escreve para o diabo que o entende.

O conflito

Ao entrar na maquina o nosso jornal, recebemos a seguinte

Declaração

Os abaixo assinados, membros constitutivos da comissão executiva nomeada em assembleia geral da Academia para formar o nucleo da Comissão central, declaram depôr o seu mandato nas mãos dos outros estudantes da Universidade residentes em Coimbra, pelos motivos seguintes:

1.º — por serem acusados de obstar a resolução do conflito academico, não aceitando a pretensa solução que o novo reitor trazia;

2.º — por serem acusados de deslealdade e inconveniencia, na attitude que têm seguido; e

3.º — por não quererem a responsabilidade de iniciativas que são, no seu entender, desairosas para o brio da academia.

Os abaixo assinados declaram mais, que até hoje têm cumprido os seus deveres: afirmar que a academia faz greve enquanto os sete estudantes expulsos não forem readmitidos.

Porque se têm mantido nesse pé, é que são acusados de ter impedido a resolução do conflito e a réussite do movimento.

Portanto, qualquer que seja a orientação futura da Academia — ela não é da responsabilidade dos abaixo assinados.

Coimbra, 4 de maio de 1907.

Alfredo Pimenta
Bisaiá Barreto
Henrique Braz
Manoel Machado Macedo
Mario Monteiro
Alfredo França
Francisco Luiz Tavares
Pestana Junior
Costa de Cabedo
Lacerda Forjaz.

Por o visto ha entidades diversas a resolver o conflito, os paes e o sr. reitor.

Pelo visto não parecem os estudantes confiar demasiado na intervenção dos paes lisboetas.

Pois toda a gente diria que a prosa da circular era do sr. João Franco.

E pode bem ser que seja, atendendo a que os empregados das repartições publicas é que têm feito a sua distribuição.

Teríamos assim o sr. João Franco e a carta, um cumulo de constitucionalismo, o sr. D. João de Alarcão e o sr. José Luciano sem carta, o que é mais seguro...

A efetividade da colligação!

E toda a gente a dizer que andavam amuados...

(4) Folhetim da "RESISTENCIA," COIMBRA NO SECULO XVII

Na manhã do dia 14 de Junho de 1699 — pelas seis horas viu-se sair da inquisição a cruz dos reverendos padres de S. Tiago, atraz da qual seguiam oitenta e seis prisioneiros, com a estatueta em relevo dum que tinha morrido impenitente de chamas infernaes.

A maior parte destes prisioneiros eram judeus.

Iam uns atraz dos outros, segurando uma vela amarela na mão, com o seu rosario que quasi arrastava pelo chão, e acompanhados por dois irmãos da Misericórdia.

Os que eram convictos de judaismo e tinham gritado misericórdia, não eram condemnados senão a penas temporaes, como ser banidos do reino, metidos na cadeia durante algum tempo, e levar uma tunica, como dalmatica, sobre que havia, de alto a baixo, uma grande cruz amarela.

Atraz desta primeira cruz caminhavam oitenta (sic) presos; depois d'elles seguia-se outra cruz, no alto da qual havia um grande crucifixo, atraz de que seguiam tres homens e tres mulheres, que haviam de ser queimados por não terem querido retratar-se e gritar misericórdia.

Iam revestidos de uma tunica pintada com chamas infernaes, com o seu retrato na frente,

Pelo liceu

Comunicam-nos o seguinte:

O professor de sciencias, 1.º classe, turma A, quando indicou aos seus alumnos que os livros a comprar, nomeou a botânica de Pereira Coutinho como a legalmente aprovada. Foi pois esta que se comprou. Isso não obistou a que agora, que na sua aula, se anda estudando aquela disciplina, elle leia a por uma outra, marcando a lição pelos numeros e paginas desta.

Ora além da incerteza dos discipulos no que hão de estudar e do perigo em que estão sempre de não poderem satisfazer á lição, ha um outro mal de não menos gravidade pedagogica: — é o exemplo de despreso pela lei e pelos interesses dos seus alunos.

Claro está que superio por completo a opinião sobre a superioridade dum ou outro compendio.

Essa pode por ventura ser a explicação do professor que todavia não pode autorizar o seu procedimento depois de ter adotado outro compendio. Para outro anno a reforma, se houver motivo para se fazer.

O sr. Antonio Dias, guarda-livros da fabrica de bolacha da viuva de José Francisco da Cruz, partiu para o norte em serviço deste importante estabelecimento industrial.

Garrafeira

Realisa-se hoje uma garrafeira no Coliseu Figueirense, revertendo o produto para as festas proximas do S. João. Os 7 garrairos foram escolhidos nos campos de Coimbra e serão lidos por amadores da Figueira com o auxilio dum artista, e o bando do Pae Paulino, com os seus diferentes trabalhos, tanto do gosto nacional.

Os preços são baratissimos: camarotes, 2.000; balcão e cadeiras reservadas, 500; sombra, 300; meias entradas de sombra, 160; sol e galeria, 150; meias entradas de sol, 80 réis.

Estão á venda na Casa Havaneza, Praça Nova; e na Casa das Palmeiras, rua 11 de Setembro; e nas bilheteiras da praça, no dia da corrida.

Liga das Associações de Socorros Mutuos de Coimbra

Em conformidade com o disposto em o n.º 13.º do artigo 5.º dos estatutos, são avisados os interessados de que as contas da gerencia de 1906 podem ser examinadas todos os dias no escritorio da Liga.

Coimbra, 1 de maio de 1907.

O secretario da direção, Joaquim Teixeira de Sá.

Cada um tinha um reverendo padre jesuita para os exortar a retratar-se, mas inutilmente; porque, quando queriam fazer-lhes beijar o crucifixo, elles o repeliam com violencia; e assim morreram.

Seguia-os um homem que levava a estatueta de um que tinha morrido na prisão impenitente, e um outro um core pintado de chamas infernaes, onde estavam os ossos deste defuncto.

Todos estes presos, acompanhados, como disse, de dois irmãos da Misericórdia, fizeram uma procissão por uma parte da cidade, e foram para um grande teatro que se tinha levantado na praça principal, deante do convento dos conegos regulares.

Estayamos nesse teatro deade as cinco horas. A entrada da escada havia guardas para impedir o accesso, e não deixavam subir senão os padres e religiosos, e pessoas de distincção, porque havia uma multidão esmagadora. Diz-se mesmo que havia mais de doze mil estrangeiros, porque se julgava se veria uma rapariga que tinha sido jesuita dezoito annos e que tinha tomado ordens de presbitero. E, como se apparece nos autos com o habito com que se foi preso, e, como ha tres reverendos padres jesuitas que são do conselho de sua magestade, conseguiram que não apparecesse, roas que ficasse o resto dos seus dias presa.

Se padres ou religiosos são entregues á inquisição, apparecem com o seu habito de padre e de religioso, como eu vi tres padres que lá iam e de que falarei no lugar competente.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes da Beira Alta

Caminhos de Ferro do Minho e Douro e Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Serviço directo combinado

Tarifa especial N. B. n.º 2 — Grande velocidade

(N.º 13 g. v. interna da Companhia Real)

Em applicação desde 15 de abril de 1907

Bilhetes simples de passageiros

Table with columns: Station, Class, Bilhetes inteiros (1st, 2nd, 3rd), Meios bilhetes (1st, 2nd, 3rd). Includes stations like Porto, Gaia, Valladares, etc.

Ficam em vigor as condições das Tarifas Geraes. A presente annula e substitue, para todos os effeitos, a tarifa especial N. B. n.º 2 de g. v., de 20 de agosto de 1898. Lisboa, 2 de abril de 1907.

O Engenheiro Director da Companhia, Marquez de Gouveia.

LOJA DE FERRAGENS ALVARO ROXANES

Trespasa-se, nas melhores condições, um estabelecimento de ferragens, acreditado, num centro comercial importante. Nesta redacção se dão aos interessados todos os esclarecimentos necessarios.

Rol da roupa enviada á lavadeira

Preço 120 reis. A' venda na typographia deste jornal.

Manteiga do Telhado

A mais fina que se fabrica no paiz. Vende-se na rua Visconde da Luz, n.º 60 — Coimbra.

OS QUE JUDAISAVAM, UM CONTRA OS BLASFEMADORES DO SANTO NOME DE DEUS, E, ENFIM, O ULTIMO CONTRA OS QUIETISTAS, MOLINISTAS E INFAMES, PORQUE DE TODA ESTA GENTE TINHA APARECIDO NA INQUISICÃO.

Depois do pregador ter pregaado, subiu ao pulpito um padre, tendo na mão o processo de um judeu, que saíu do seu logar do anfiteatro e foi collocar-se deante do altar que estava no meio do teatro, e, mal lá chegou, o padre que estava no pulpito leu tudo o que elle tinha feito, depois do que aquele voltou para o seu logar, e veio outro depois d'ele, e assim consecutivamente se liam os processos e as belas ações destes presos.

Do numero era um bigamo, e um blasfemador que trazia um pão na boca; mas a maior parte dos prezos eram judeus.

Havia tambem tres desgraçados padres que casinavam o quietismo e cometiam muito más ações.

Entre outros os dois ultimos, dos quaes a primeiro quiz passar por santo, fingindo resuscitar mortos que estavam cheios de vida, e se gabava de fazer muitos milagres.

O segundo era um cura que tinha sido expulso de uma certa congregação, que tinha um certo numero de devotas a quem ensinava coisas muito perniciosas, e com as quaes cometia abominações tão grandes que o pudor me não permitta pintal-as neste papel.

Tinha tambem commercio com o demonio, fazendo muitas curas sem remedios, como soldar braços e pernas partidas e outras curas semelhantes.

(Continua).

LOTERIA DE SANTO ANTONIO

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

100.000.000

Estracção a 15 de junho de 1907

Bilhetes a 15000 réis Vigésimos a 2250 réis

A comissão administrativa da loteria, incumbese de remeter qualquer encomenda de bilhetes ou vigésimos, logo que ella seja acompanhada da sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Quem comprar 10 ou mais bilhetes inteiros tem uma comissão de 3 p. c.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Remetem se listas a todos os compradores. Lisboa, 1 de maio de 1907.

O secretario — José Murnelo.

CAMISARIA DA MODA

Acaba de chegar o que ha de mais chic em roupas brancas para senhora

Camisas, genero Imperio, guarnecidas com finissimas rendas e bordados. Vestidinhos e chapues para creanças — os ultimos modelos.

Córtes para vestidos de senhora, em lã e seda — lindos tecidos de completa novidade — recebidos directamente de Paris.

Córtes bordados para blouse, em algodão, lã e seda, a principiar em 12000 réis.

Blouses de soyeuse, tecido de novidade, guarnecidas com finas rendas e entremeios.

Sombriinhas para senhora e creança, em seda e algodão, plissadas.

Capas e toucas para batizado, em todas as qualidades e preços que o freguez deseje.

Leques para senhora e creança, o que ha de mais tentador e por preços baratissimos.

Tecidos em algodão, e algodão e seda para vestidos e blouses de fabrico inglez — lindissimos padrões.

Zéfires para camisas de cavalheiro e chemisettes de senhora — recebidos directamente de Inglaterra.

Em muitos mais artigos dificeis de enumerar

126 — RUA FERREIRA BORGES — 132 COIMBRA

Carreira de diligencia entre Coimbra e Luzo

Aviso ao publico

LOPES & FERREIRA, proprietarios da cocheira estabelecida na Avenida Navarro, n.º 8, baixos da Fotografia Comimbricense, desejando beneficiar o publico desta cidade, em virtude do actual horario dos comboios não ser a horas convenientes para a commodidade dos passageiros, deliberaram estabelecer uma carreira de diligencia entre Coimbra e Luzo, a qual devereá ser inaugurada no dia 1.º de Maio proximo, sendo as viagens nos dias de terças, quintas e domingos.

Partida de Coimbra — Rua do Visconde da Luz, loja do correiro Clemente dos Reis, ás 5 horas da manhã, tendo as seguintes paragens: Fornos, Botão e Pampilhosa, e onde demora quinze minutos, afim de tomar os passageiros que desejem aproveitar-se deste meio de transporte, chegando a Luzo ás 8 horas da manhã.

Partida de Luzo — Hotel dos Banhos, ás 6 horas da tarde, tendo as seguintes paragens: Pampilhosa, Botão e Fornos, chegando a Coimbra ás 9 horas da noite.

Preços dos bilhetes de Coimbra a Luzo, ou vice-versa, 410 réis; ida e volta, 620 réis.

Os bilhetes acham-se á venda em Coimbra: na cocheira e na loja de correiro do sr. Clemente dos Reis; em Luzo: Hotel dos Banhos.

Coimbra, 27 de abril de 1907. Lopes & Ferreira

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.
Dóces de fructa de diversas qualidades, secos e cristalizados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando-se de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauçisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló**, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal effectua seguros postaes, para todas as caboças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas
Coimbra

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguezes, á venda na

Mercearia LUZITANA
(Depósito unico em Coimbra)

Estab. Ind. Pharm. "Souza Soares,"

(NO BRAZIL E NA EUROPA)

Devidamente legalizado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.ª classe e cinco medalhas de Ouro, na America do Norte, França e Brazil, pela perfeita manipulação e eficacia dos seus productos medicinaes:

PEITORAL DE CAMBARÁ

(Registado)

Cura prompta e radicalmente as tosses ou rouquidões;
Cura a laringite;
Cura perfeitamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou astmatica;
Cura a tísica pulmonar, como o provam numerosos attestados medicos e particulares;
Cura incontestavelmente a asthma, molestia difficil de ser debellada por outros meios;
Cura admiravelmente a coqueluche, e, pelo seu gosto agradável, é appetido pelas creanças.
Frasco, 1\$000 réis; 3 frascos, 2\$700 réis.

PASTILHAS DA VIDA

(Registado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as nauseas e vomitos, o enjôo do mar, o mau halito, a flatulencia e a dilataçao do estomago. São de grande eficacia nas molestias do utero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue.
Caixa, 800 réis; 6 caixas, 3\$240 réis.

36 Remedios Especificos em pilulas saccharinas

(Registados)

Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade:
Febres em geral;
Molestias nervozas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos orgãos urinaes;
Molestias das senhoras e das creanças;
Dôres em geral;
Inflammações e congestões;
Impurezas do sangue;
Fraqueza e suas consequencias.
Frasco, 500 réis; 6 frascos, 2\$700 réis.

Consultem o livro — *O Novo Medico* — pelo Visconde de Souza Soares, á venda nos depositos dos remedios do auctor. Preço: brochado 200 réis, encadernado 400 réis.

Medicamentos homeopaticos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos

1 Tubo com globulos 260 réis; duzia 2\$600.
1 Frasco com tintura 3.ª ou 5.ª 400 réis; duzia 4\$000.
1 Dito com trituração 3.ª 700 réis; duzia 7\$000.
Vede os preços correntes, o *Auxilio Homeopatico* ou *O Medico de Casa e a Nova Guia Homeopatica*, pelo Visconde de Souza Soares.

Estes productos vendem-se em Coimbra na drogaria de Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges, 36.
Deposito geral em Portugal — Porto, rua Santa Catharina, 1503.

Aviso importante

O Estabelecimento tomou medido encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por escripto, sobre o tratamento e applicação destes remedios.

Os armazens GRANDELA & C.ª

RUA DO OURO, 115 — LISBOA

mandam catalogos e amostras do seu colossal sortimento a quem as pedir.

Vendem para as provincias pelos mesmos preços que para Lisboa

Pagam o porte das encomendas cuja factura pode ser satisfeita no correio na occasião de as receberem

Mandam amostras a todos que as pedirem para que as confrontem com as das outras casas.

Não têm agentes em parte alguma, tratam todos os seus negocios directamente com o publico de todo o paiz, e é por isso que vendem mais barato que ninguem.

O catalogo geral de verão com 116 paginas e 1050 gravuras é enviado de graça a quem o pedir a

Grandela & C.ª

Rua do Ouro, 115 — LISBOA

CASA MEMORIA

SUCURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Luz, 1
Praça 8 de Maio, 10

Esta casa continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória*. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas máquinas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestagão e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinas usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e compram-se pianos usados.
A sempre quantidades de piano para alugar.

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a

MERCEARIA LUSITANA

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUSITANA

Machinas fallantes

Deposito completo de aparelhos das principaes marcas e para todos os preços a partir de 14\$000

Variada collecção de discos e cylindros com musicas e cantos executados pelos mais notaveis artistas.

Vendas pelos preços de Lisboa e Porto.

Depositarios da *Companhia de Gramophone*, da *Edison National Phonograph*, C.ª de *New-York*, e dos *Grandophones* «Odeon».

TELLES & C.ª

R. Ferreira Borges, 152, 1.ª

COIMBRA

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital --- 200:000\$000 réis

Séde em Lisboa — PRAÇA DO DUQUE DA TERCEIRA, 11, 1.ª

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mixtos, Praso Fixo, Combinados e Supervivencia, com ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitacs differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Seguros operarios a 20 réis semanacs

Para Informaçoes e tarifas dirigi-se ao agente em COIMBRA:

JOÃO GOMES MOREIRA — R. FERREIRA BORGES

CAÇADORES

O mais importante estabelecimento de espingardas, carabinas, rewoveres e munições, é o de JOÃO GOMES MOREIRA, rua de Ferreira Borges — Coimbra — Sucursal na *Figueira da Foz* (em frente ao Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

Espingardas (Ideas) — da manufatura de *Saint-Etienne, Galand Elite, Francesa, Francotts, Remington, Bernard*, manufatura *Liegeais*
Carabinas — *La Francott, Popular, Winchester, Colts*, etc.
Rewoveres — *Galand, Saint-Etienne, Smitt Werson, Vello-Doges*, etc., etc.
Pistolas — *Mauzer, Browing, Gaulcis*, etc., etc.

Munições de todos os calibres e qualidades

Mandam-se vir arma de qualquer fabricante, como por exemplo: *Holland & Holland, Puy, Dierraaen, Greear*, etc.

PAPELARIA CENTRAL

Rua Visconde da Luz — Coimbra

Pianos GAVEAU

Recebidos directamente de Paris, vendem-se nesta casa pelos preços da fabrica e recebem-se pianos em troca. — pedir catalogos e condições de venda.
Um completo sortimento de *apparellhos* e todo o material preciso para a fotografia, que recebe dos principaes fabricantes e vende pelos preços mais baratos.

Grande edição de bilhetes postaes illustrados

De Coimbra, Vizeu, Aveiro, Cas telo Branco, Covilhã, Amarante, Beja, Mirandela, Serra d'Estrela, etc.

Papelaria Borges

COIMBRA

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.ª

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Repara . . . Lê . . .
Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenuão sempre, e cûrão as mais das vezes com o uso dos *Sacharolides d'alcatrao*, compostos (*Rebuçados Milagrosos*) onde os efeitos maravilhosos do alcatrao, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar eficacia.

É tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacharolides d'alcatrao*, compostos (*Rebuçados Milagrosos*) são confirmados, não só por milhares de pessoas que os tomam, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

CAÇA CELESTIAL

Fornecedora da Casa Real

Visitem este estabelecimento e verão V. Ex.ª que ha vantagem.

Generos alimenticios das mais finas qualidades, em concorrência de preços com as cooperativas.

Vinho de meza e de Amaranthe, qualidades e preços sem competencia.

Distribuição aos domicilios, sem aumento de preço.

"RESISTENCIA,"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2\$700
Semestre	1\$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2\$400
Semestre	1\$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno 3\$600
Linha adjacentes, " 3\$000

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto 50%.

Comunicados, cada linha 40
Réclames, cada linha 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal se honra.

Liberdades francaceas

O sr. João Franco que apregoou todas as liberdades, está cohibindo o uso de todos os direitos.

O sr. João Franco não tem senão liberdades de retórica inofensivas, e liberdades de gramática condenáveis.

Pela facilidade com que diz e desdiz, o estilo do sr. presidente do conselho é todo de liberdades poéticas.

Para amordaçar a imprensa o sr. João Franco mandou elaborar a mais ominosa das leis, prestando-se maravilhosamente a todas as coacções e todos os abusos do poder.

E' uma lei cheia de armadilhas, a que será difícil fugir, quando por ventura o governo quizesse fazer dela uso criminoso.

E é esse um mau sestro do sr. presidente do conselho: faz leis para elle só aplicar.

A lei de 13 de fevereiro era excelente, dizia-o o sr. João Franco, mas era mal aplicada!

O que a fazia má eram os juizes! Assim o escreveu.

Por uma incoerencia característica do seu temperamento o sr. João Franco, ao fazer a lei de imprensa, suprimiu o juri, e entregou a sua aplicação aos juizes.

Os taes juizes que tão mal tinham aplicado a lei de 13 de fevereiro e que o tinham coberto de tanta execração.

Decididamente o sr. João Franco tem empenho em ser desacreditado...

Com a liberdade de reunião, a mesma incoerencia que com a liberdade de imprensa.

Ao subir ao poder clamou que daria sempre a todos a liberdade de reunião, a liberdade de manifestação.

E assim foi durante algum tempo.

E é para admirar que esse tempo era o que mais perigoso poderia ser para elle e para as instituições que dizia ter tanto empenho em defender.

Quando mais excitado estava o publico, é que o sr. João Franco o deixava manifestar.

Não por medo, já se vê. Por feição do seu espirito, por amavel incoerencia.

Passa, porém, a agitação e o sr. João Franco, tão tolerante até então, começa a cohibir as mais simples manifestações e opõe-se, como agora, á inauguração do Centro João Chagas, em Matosinhos.

E não se percebe bem porque.

O sr. João Franco e a sua imprensa andam gritando aos quatro ventos que o partido republicano se está desagregando, e que os seus membros se não podem reunir sem que se levantem entre elles as maiores divergencias.

Ainda ha pouco, o congresso republicano foi apresentado como a prova mais clara e concludente de que os republicanos estavam divididos por desinteligenças fundas que embarçavam a marcha do par-

tido e o tinham levado a uma desorganização proxima da ruina irremediavel.

O que estava pois indicado?

Proibir as reuniões? Não! Facilita-las, provoca-las mesmo sendo preciso.

Proibir a criação e a inauguração dos centros?

Pelo contrario. O proprio partido republicano decidira que era necessario restringir o numero dos centros politicos, porque eram causa de dispersão prejudicial de actividades.

O sr. João Franco deveria estimar portanto a criação dos centros, favorecer por todos os meios a reunião de elementos republicanos, visto ser opinião sua que os partidarios da democracia se odeiam e estão resolidos a sacrificar aos seus odios a causa do seu partido.

O sr. João Franco porém faz exactamente o contrario, como se temesse as reuniões republicanas e as julgasse de perigo eminente para a monarchia.

E' que desta vez a incoerencia é apenas de palavras e o sr. João Franco vê bem que de cada reunião politica sae mais vigoroso o partido republicano portuguez.

O sr. João Franco viu bem que o ultimo congresso republicano, apesar de todo o cuidado dos partidos monarchicos em querer estabelecer divergencias, e em as apregoar, foi a manifestação mais clara da força do partido republicano que soube afastar intrigas monarchicas e apresentar-se mais unido e mais forte do que nunca.

Por isso o sr. João Franco teme as reuniões publicas do partido republicano e tenta impedi-las, como tentou amordaçar a imprensa.

E nessa lucta cairá, para nunca mais se levantar.

João Chagas

Está em Coimbra este nosso correligionario, um dos vultos mais em destaque do partido republicano pela intransigencia e nobreza do seu passado politico, pelas suas qualidades de pensador que tão procuradas fazem as suas cronicas do *Primeiro de Janeiro*.

Bem diferente de Ramalho Ortigão e Fialho de Almeida, cujos estilos, por demais decorativos, nem sempre encobrem a occupação unica da originalidade, João Chagas é hoje, como Silva Pinto, o unico critico que tem o comentario justo, no mais sobrio e forte dos estilos.

As nossas boas vindas.

Reuniram no domingo, como noticiamos, na sede da Associação das Artes Graficas os tipógrafos de Coimbra para lhes ser comunicado um officio da União das Artes Graficas de Lisboa.

Presidiu á sessão o sr. José Alves dos Santos, secretariado pelos srs. Alberto Gonçalves e José dos Santos Lima.

A assembleia decidiu protestar contra o procedimento havido pela empresa do *Jornal da Noite* com o seu quadro tipografico; manter a mais estreita solidariedade com os seus colegas de Lisboa, recusando-se a ir substitui-los, se para isso fossem convidados pela empresa, e lançar na acta um voto de admiração e sympathia pelo sr. Urbano Rodrigues, que acompañou os tipógrafos no seu protesto,

Reitoria e governo

Nada mais profundamente contristador pelo que significa de indisciplina mental, de desorientação administrativa, de falta de compreensão dos verdadeiros interesses da nação, do que o espetaculo que está dando o governo com a nomeação de um reitor que, se esperava, traria a solução do conflicto academico, com as mostras de benevolencia que aos estudantes costuma sempre dar, ao subir aquêlle logar, o que se chama em linguagem arcaica e sem sentido, num dispêndio de malusculas condenavel, o Venerando Prelado da Universidade.

Mas era de prever já, por quem está habituado ás decções da vida politica nacional, que tal se desse contra a opinião publica e contra o desejo geral, claramente expresso na imprensa periodica.

Se até a imprensa monarchica se confessava favoravel ao protesto dos academicos contra o ensino...

A nomeação do sr. D. João de Alarcão deveria ter sido muito ponderada, corresponder aos desejos geraes, que impunham um acto de benevolencia que, sem duvida para ninguem, teria acabado rapidamente o conflicto, e se ao mesmo tempo, pelo consenso dos dois partidos, um acto de força do que, em Portugal, se chama, por ignorancia da significação das palavras, a coligação liberal.

A crise do ensino era séria, impunha por isso ao governo a obrigação de empenhar todos os seus esforços em resolve-la.

O governo, porém, não viu no conflito mais do que a occasião de dar uma prova publica de consideração pelo sr. José Luciano e nomeou para a reitoria da Universidade o sr. D. João de Alarcão sem mais qualidades para o ser do que a intimidade no Paço dos Navegantes.

Não falta tambem quem avante que a nomeação do sr. D. João de Alarcão foi imposta pelo sr. José Luciano, que teve sempre na faculdade de Direito o seu maior reducto politico e que, agora, mercê da obra de sapo do sr. dr. Teixeira de Abreu, estava bem ameaçado de o ver tomado de vez pelo franquismo.

O que importa porém saber é que na nomeação do reitor da Universidade, em que deviam ser concordos os dois partidos coligados, o não foram e que o sr. D. João de Alarcão está aqui apenas com a confiança do partido progressista.

Não queremos insinuar que lhe falta a do sr. João Franco...

E, para que de tal não restassem duvidas, os correligionarios do sr. João Franco não foram em Lisboa despedir-se do sr. D. João de Alarcão ao partir para Coimbra, e, á sua posse, em Coimbra, onde procurou desfazer-se tão mau efeito, não faltou tambem quem se recusasse a ir, antepondo a sua qualidade de franquista á de concentrado.

O sr. D. João de Alarcão não é pois, como devia supôr-se o resultado de um esforço para resolver uma crise, é apenas, ao que parece, uma imposição politica fóra de proposito do sr. José Luciano que aproveitou a occasião de fazer engulir, perdoe-se-nos o calão da corte, ao sr. João Franco o sr. D. João de Alarcão, que ele procurara em tempos desqualificar, empreendendo contra ele uma das campanhas de mais irritante descredito dos ultimos tempos, bem fartos dela.

E aquil está c interesse que Coimbra e a Universidade mereceram aos dois partidos coligados.

Quando era necessario empenhar esforços para resolver uma crise prejudicial ao commercio e mais do que ao commercio ao ensino, os dois partidos coligados aproveitaram a occasião para assinalar por um acto irritante de má

politica partidaria os odios e as rivalidades que os separaram.

Mostraram-se fracos e desunidos, onde era necessario mostrar união e força.

A nomeação do sr. D. João de Alarcão foi um acto condemnavel de politica partidaria que não podia deixar de ser, como foi, prejudicial á resolução rapida da crise que se impunha.

A nomeação do sr. D. João de Alarcão foi tambem mal vista pelos professores, quizessem que sejam as provas publicas em contrario que a esta asserção se queiram opôr.

O mal do ensino tem sido a falta de autonomia, o seu vicio burocratico.

E é tão clara esta verdade que o sr. João Franco pretendeu fazer-se campeão da autonomia na reforma de instrucção que diz tentar.

Deveria por isso o sr. João Franco aproveitar a occasião asada que se lhe offerecia para acentuar os seus propósitos e nomear para reitor da Universidade um homem, não tardado pela peor politica, mas sim quem fosse justamente respeitado pelo seu saber, pelo amor ao ensino, pela capacidade pedagogica.

Esse sim seria, como fóra já o visconde de Vila Maior, bem recebido por mestres e discipulos como o verdadeiro guia, o orientador imprescindivel na hora critica que vai passando para o ensino portuguez.

O sr. D. João de Alarcão não poderia nunca ser bem recebido, a não ser que viesse, por um acto de benevolencia que se impunha, encobrisse a transigencia do governo que fóra imperdoavelmente precipitado nas primeiras palavras com que recebera o protesto dos estudantes.

Como reitor para ficar, porém, o sr. D. João de Alarcão seria recebido naturalmente com a frieza glacial que é característica nos actos forçados de mestres e discipulos.

Quando o sr. D. Duarte de Alarcão, que mais tempo demorava em Coimbra e mais sympathias aqui tinha, foi nomeado secretario da Universidade, não foi a nomeação bem recebida pelo pessoal universitario, que lhe mostrou sempre frieza bem acentuada, apesar da lha-neza, da cordialidade, da amabilidade com que se desempenhava das suas funções e que tão estimado o faziam.

Como admitir que fosse bem recebido o sr. D. João de Alarcão para cargo de maior jerarquia e responsabilidades, quasi um desconhecido, sem outras recomendações que dotes de politico muito discutidos, e bem mal qualificados?

Assim se agravou o conflicto e se dificultou a sua resolução, nomeando para reitor um politico cívico de formulas burocraticas, quando era necessario acentuar a autonomia do ensino e a sua independencia pela nomeação de um reitor apenas preocupado com as questões do ensino, sem preocupações de politica partidaria, sem sujeições ou tãras burocraticas.

Reitor assim, afastaria naturalmente, como afastou de si, os professores que não poderiam ter, nele a confiança que tão necessaria era para resolver o conflicto.

Este o resultado da politica do sr. João Franco.

Este o cuidado que á politica franquista merecem os interesses de Coimbra e da Universidade.

Directorio do Partido Republicano

O Directorio do Partido Republicano, para a boa regularização dos seus trabalhos, pede a todas as comissões e agremiações republicanas, que ainda não tenham participado a sua constituição, a fineza de lha participarem, a fim de serem inscritas nos livros respectivos.

O secretario do Directorio,
António José d'Almeida,

O DA FAZENDA

A conversão do novo ministro da fazenda aos principios conservadores foi tão desinteressada — dizem os jornaes do governo — que, ao ser ainda ha pouco citado para pagar uma contribuição, ele não o ponde fazer, o que significa que não recebeu os trinta dinheiros de Judas, como o afirmam os seus detractores.

Não os recebeu?

Tanto peor!

Isso não prova senão que fez um mau negocio, e certos negocios não nos são mais sympathicos pelo facto de serem maus.

Não houve negocio.

Ah! que houve então?

Muda-se de opinião desinteressadamente e estas mudanças desinteressadas são sempre respeitáveis.

Para verificar o desinteresse devemos, porém, observar sempre se, aquelle que muda de opinião, passa a servir verdades que pagam ou não pagam.

E, de resto, sempre assim que se avalia o desinteresse.

O novo ministro da fazenda deixou de servir a republica, — verdade que não paga, por ora, para servir a monarchia — verdade que paga já.

Servir a republica é jejuar. Servir a monarchia é digitar. Não me digam que não! O homem tem todo o genero de necessidades e nem todas são fisiologicas. O seu ventre é faminto, mas, muitas vezes, a sua presunção e a sua vaidade não o são menos. A todas estas necessidades a monarchia dá satisfação.

Admitamos que o objetivo unico do novo ministro da fazenda foi — ser ministro, receber barretadas de continuo e trazer um correio a cavallo atraz de um trem aturado. Admitamo-lo. Esse objectivo não o poderia admitir sob a republica senão quando a republica fosse um facto, e quando o seria ella? Sob a monarchia, ao contrario, foi um facto proximo e tão proximo que ele ahí está.

Quando, pois, a apostasia do novo ministro da fazenda não tivesse outro fim interesseiro, esse estaria patente, o não é bem pouco respeitavel uma mudança de opinião que se inspira em miseraveis razões de amor-proprio?

Eu só me inclinaria respeitavelmente perante um republicano convertido á monarchia se ele, depois da sua conversão, recolhesse a um convento de carmelitas descalços.

Não renunciando á vida e abraçando-se ao contrario a ella com tanto frenesi, não sou obrigado a nenhum genero de respeito para com esta categoria de conversos, nem mesmo quando a vida, ingrata, lhes desribue em vez de flores — mandados de penhora.

João Chagas.

Foco de infeção

A' camara, ou a quem competir, lembramos a urgencia de mandar proceder immediatamente ao saneamento de um foco d'infeção, que existe no Arnado, muito proximo da fabrica dos srs. Anibal de Lima & Irmão, pois que não só o pessoal que ahí trabalha é com isso anti-higiênicamente prejudicado, mas tambem o publico que por lá transita e habitantes visinhos.

Muitas pessoas se nos têm dirigido, extranhando o facto de naquêlle sitio se conservarem fossos abertos, em que grandes quantidades de materias infantantes se acumulam, com o perigo para a saúde dos que se avizinham dum tal foco.

Retirou para Lisboa na segunda feira o sr. tenente coronel Dias e o resto da policia de Lisboa que cá ficára. Ignora-se o motivo desta saída inesperada.

A INTERVENÇÃO DOS PAES

O sr. D. João de Alarcão está para Lisboa.

Foi tratar de resolver o conflito. Como? Ninguém o sabe.

O sr. D. João de Alarcão tomou posse, disse duas coisas vagas, inquiriu do modo de saber o nome dos paes dos estudantes matriculados na Universidade, maravilhou-se quando lhe entregaram o anuario e começou em conferencias com o sr. governador civil.

Ora o que o sr. D. João de Alarcão tinha a fazer era convocar as faculdades e informar-se por elas do que conviria fazer, recebendo alvitres, procurando orientar-se com as informações que por si mesmo colhesse e que corrigiriam o que de excessivo podessem ter as opiniões dos partidarios falseadas por má compreensão politica.

O governo tem consultado todos— governador civil, autoridades, influentes politicos, só não consultou as faculdades.

Porquê? Ele o sabe.

O sr. D. João de Alarcão veio assim acentuar o vicio politico de que enferma a questão quando o que mais conviria seria afasta-lo de vez.

O sr. João Franco trouxe apenas um expediente, o da intervenção dos paes de familia, coisa ridicula e bem symptomatica da desorientação em que doudeja a sociedade portuguesa.

A intervenção dos paes lisboetas pelo seu caracter acentuadamente politico, pelo tom insidiosos da circular e pelo misterio de que pretendia cercar-se, afastou de ella os estudantes que de mais conhecem o que sejam manobras politicas.

O sr. João Franco continuava porém, como a infeliz Inez de que ainda o dizem parente, em socego...

Tudo esperava de Lisboa. Não quizera o logar. Haviam teimado, apparecera um empenho mais alto, cedera, viêra.

E cá estava, como a outra, nos saudos campos do Mondego!

A espêra do que faziam os paes. Contra a comissão dos paes lisboetas levantou-se a comissão dos paes provincianos.

E afinal contra todas as comissões de paes levantam-se por fim as comissões academicas solidarizadas por estas desordenadas tentativas.

Se o sr. João de Alarcão não procurou a opinião dos lentes, não tentou tambem chamar a si os estudantes.

A primeira vez que os recebeu contou-lhes a historia dos seus triunfos politicos, e *As duas grinaldas* são desde então um estribilho favorito dos estudantes.

Por esta frase qualificára ele duas aventuras politicas— a da Madeira— e a demissão do commissario de policia dr. Ferrão.

As duas grinaldas perderam de começo o sr. D. João de Alarcão que não procurou tambem modo de insinuar-se no animo dos academicos e que em breve com as conferencias no governo civil, o pacto com os paes, os concluios secretos e mil expedientes politicos, que bem ou mal lhe são atribuidos, era olhado com desconfiança, bem cedo transformada em aberta hostilidade, por falta de tacto nas relações com os academicos.

O sr. D. João de Alarcão accentuava assim a orientação do sr. João Franco, que se queixava dos professores, accusando-os de não terem sabido no conflito manter o seu dever, afastando-se do professorado; accentuava a intransigência franquista despedindo asperamente uma comissão de estudantes, e, acolhendo alvoroçado a intervenção dos paes; parecia ainda obedecer ás ordens do sr. João Franco que sempre a esperara e desde o principio a sollicitara, prometendo até a benevolencia nos actos.

O sr. D. João de Alarcão que, pelo visto, não trazia consigo a resolução do conflito, não procurou orientar-se por forma a achá-la, e com a brevidade que deviam impôr-lhe os interesses multiplos em jogo.

A intervenção dos paes se foi mal recebida pelos estudantes não foi melhor recebida pelo publico que não pôde ver sem manifesto desgasto o interesse pelo diploma dos filhos, que se movia, sem ideia do que podessem ser as necessidades do ensino.

Os paes o que queriam era o diploma para os filhos, isso o necessario.

Saber que importa? O que é necessario é possuir o diploma que habilita ao concurso e á nomeação que se arranjará sempre, qualquer que seja o valor do bacharel, mesmo sem valor nenhum, se o partido politico dominante fôr o do paço ou o do politico que o proteger.

E assim vão desaparecendo, uma a uma, todas as soluções que pretendem fugir ao que é justo, ao que está no animo de todos, ao acto de benevolencia que a nação pede.

Se o indulto se der, todos o aceitam.

Porque não dá-lo? Porque não admitir uma hipotese, que todos receberão com mais ou menos boa vontade, é certo?

Se nas faculdades ha algum que o receba mal, não ha porém ninguem que o não aceite desde que ele seja dado.

Porque fazer uma excepção com estudantes, quando os apoia o paiz inteiro?

Porque não os indultar quando se tem perdoado a criminosos da peor especie, vistos com justa e clara animadversão pelo paiz inteiro?

Só o indulto resolverá a questão. Ninguem se oporá á execução do indulto.

Porque se não dá então o indulto?

Milagrices

No domingo, no Carmo, festa rija a Nossa Senhora da Maternidade, com arraial, musica e fogo de artificio na vespera.

Enfim, já que não ha muito que comer, é sempre para agradecer haver um bemfeitor que se lembre de nos alegrar a triste vida...

A festa foi, ao que se dizia, para celebrar o facto do devoto ter acabado de pagar uma casa que mandou fazer.

Ora a Senhora da Maternidade é como o nome indica, a padroeira doutras obras...

Quem estava indicado era antes S. Sebastião, que é orago nas Casas Novas.

Mas não quero teimar. Eu não sei muito disto...

Outro devoto mandou fazer ultimamente uma festa por lhe ter saído a sorte grande.

Mas essa é mais justificada. O pobre homem dissera: se me sair a sorte grande, faço uma festa ao santo.

O santo parece ter ouvido, e a sorte grande saiu ao feliz devoto.

Fez a festa. Andou bem. Fizera um contrato com o santo, o santo cumpriu, êle cumpriu tambem.

Para credito de ambos... E' um regalo falar destas coisas, assim, misticas!

O sr. dr. Silvio Pélico, illustre vicepresidente da camara, offerce hoje um jantar, comemorando assim, como uma piedosa obra de caridade, o restabelecimento da sua extremosa esposa.

A cooperativa de pão *A Conimbricense* distribuiu um aviso, pedindo para os compradores não tocarem no pão do cabaz no acto da venda, e advertindo de que o empregado que o consentir será multado pela primeira vez em 500 réis e á segunda despedido.

Tanto no escritorio da empresa, no largo da Feira, como na fabrica, á rua da Moeda, tem a cooperativa á venda para os seus associados farinhas de primeira qualidade a 90, 100 e 120 réis o kilo e pão ralado a 180 réis o kilo até cinco kilos e d'ahi para cima a 160 réis.

Deve inaugurar-se no proximo sabado, na rua do Cabido, um teatro fundado por um grupo de rapazes e que terá por titulo: — *Grupo Dramatico Recreativo e Familiar*.

Subirá á scena a comedia em 1 acto *Atribuições d'um estudante*, 1 acto de *Folias Bergéres* e a engraçadissima comedia em 1 acto *Taborda no Pombal*.

Ha grande entusiasmo entre os socios deste novo teatrinho.

Está gravemente enfermo o sr. José Maria Henriques Junior, nosso prestante correligionario.

Fazemos votos por um restabelecimento pronto e completo.

Liga d'Hygiene Escolar

Da Secção especial do Congresso contra a tuberculose, reunido no Porto no começo do mez findo, foi emitido um voto para que o mais brevemente possivel se creasse uma Liga com o titulo que nos serve de epigrafe.

A Liga d'Hygiene Escolar seria destinada a envidar todos os esforços para que as instalações escolares se fossem transformando, evolutivo tanto rapidamente quanto possivel, para o que podem e devem ser, obedecendo aos dictames da Hygiene em todos os seus ramos, de modo que nos fosse dado ver desaparecer em breve essas podagras tão imprópriamente chamadas escolas.

Veio a seu tempo este voto do Congresso, e nós pertencemos ao grupo daquelles que estão dispostos a sacrificar algum tempo, trabalhando no sentido proposto.

O aparecimento das Ligas d'estudos e de propaganda, quaesquer que sejam os seus fins, têm sempre a vantagem de despertar energias e congregar elementos dispersos, que se tornam outros tantos nucleos d'atração, donde irradiam ideias por vezes utilissimas para o progresso e bem-estar sociaes.

E' entre todas as Ligas, se destacam para o nosso espirito como as mais uteis e talvez ainda como as de mais seguro exito nos seus resultados, as que procurem realisar o aperfeiçoamento dos metodos e processos educativos, cuidando assim d'avivar os novos, futuro da nossa raça, como é uso dizer-se.

No juizo dos homens insinuam-se subrepticamente muitos sofismas deletorios, falsas justificações dum vicio quasi constitucional, a *preguiça* que nos meridionaes toma por vezes proporções de certo modo assustadoras.

E' assim que temos visto ir das creações de *Ligas para tudo* a homens dotados de espirito esclarecido. A respeito dos Congressos medicos ou outros, as mesmas expressões de mofa se ouvem, o mesmo encolher d'hombros resume as criticas feitas.

A estes temos respondido, que tomem parte em qualquer desses certámenes, com verdadeira actividade, ao menos como experiencia, e verão que mesmo para si proprios os esforços feitos não são perdidos.

Foi o que sucedeu connosco. Tentámos a experiencia varias vezes e, se mediocre tem sido o valor do nosso trabalho, muito tem sido pelo contrario o que temos lucrado em conhecimentos e em disciplina mental nessas horas regulares d'estudo e de mediação a que nos não teriamos entregado sem o estímulos dos Congressos.

Em face das Ligas a apreciação critica que fazemos, é vasada nos mesmos moldes.

Nós não temos illusões, quanto aos resultados ruidosos destas agremiações. Certamente que muito tempo decorrerá sem que possamos ver realizados na pratica os votos que por ventura sairão da Liga d'Hygiene Escolar.

Mas durante esse tempo de incubação da lei redentora, uma associação d'homens activos e dedicados pode bem fazer appressar a evolução das ideias no espirito dos governantes, preparando insistentemente e educando proficuasmente o espirito publico.

Ao desinteresse por todas as questões, mesmo as mais vitaeas, á falta de associação dos devotados a uma causa, é que se deve o estado ultrajante a que descemos como povo livre.

Dizer-se que nam paiz pequeno e rico, como o nosso, as guardas pretorianas sorvem do tesouro publico mais do que todos os graus d'instrução reunidos, dizer-se que o municipal e o policia civil passeiam pela nossa frente bem vestidos, gordos e sãofados, enquanto o professorado vive na miseria, é o suficiente para avaliar dos cuidados que têm mercedo aos espiritos que tudo têm perdido entre nós, a santa causa da instrução.

A nossa adesão, pois, á Liga Nacional d'Instrução, seja bemvinda a futura Liga d'Hygiene Escolar e todas as agremiações possiveis, das quaes resulte um movimento largo e audacioso em prol da educação nacional.

N. L.

Fizeram exame de farmacia, ficando plenamente aprovados, os srs. Alberto Carlos Martins Meira e José Pedro Martins Meira.

A ROLINADA

Com o pseudonimo de *A*, anda escrevendo no *Diario Illustrado* uns artigos sobre a *Rolinada* alguém, que não conhecemos, e que se diz interessado no actual conflito academico por trazer em Coimbra um filho a estudar.

Os artigos são feitos sem faltar á verdade historica, e pretende o seu autor mostrar que os estudantes não tinham então as miras de hoje, e não tiveram, como os de hoje, o lisongeiro acolhimento do publico.

Nada mais justo. A *Rolinada* foi um episodio da velha catula universitaria, muito celebrada em certa literatura para ocios de bachareis sem grandes exigencias literarias, e explorada por politicos sem escupulos.

Não chegou mesmo a ser um movimento geral, e a historia, escrita como não escreveu o sr. *A*, mostra com todas as particularidades da vida academica de então, bona na verdade bem pouco a elevação moral dos estudantes de esse tempo.

Não queremos já se vê referir-nos a *Antero do Quental* e a outros que não vism senão a apparencia da revolta e se deixavam ir por o que julgavam a dignidade da capa e batina, então pretexto para feitos retóricos multiples.

A *Rolinada* foi uma revolta de cabulas, justamente flagelada pela população do Porto que recebeu friamente os estudantes e não lhes poupava, quando passavam em grupos, comenterios que bem deviam custar a ouvir.

Que interesse pôde pois haver em comparar factos absolutamente diversos pela sua natureza, pela sua elevação moral e pelo reflexo que tiveram na vida nacional?

Para que ir buscar argumentos ao que então se fez e não fez para querer nortear o procedimento de agora, que é absolutamente diverso na nobreza de intuitos e no movimento de simpatia que levantou no paiz inteiro?

O sr. *A*. quiz claramente aproveitar o incidente historico para chamar leitores e expandir-se em considerações e allusões mais ou menos claras, a factos e homens de hoje.

Porque não faz-lo porém com o seu nome, deixando á inicial, tomando abertamente a responsabilidade do que afirma?

Retificação

O nosso presado colega de *O Conimbricense*, começa o seu notuario pela festividade elegante do mez de Maria e informa que se celebra na *Misericórdia*, todos os dias, excepto aos domingos, pelas 4 horas da tarde; no Seminario com canto e sermãozinho ás 5 da tarde; em *Santa Clara*, ás 6 horas da tarde, cantado todos os dias; nas *Ursulinas*, cantado, aos domingos, e dias santificados ás 5 e meia da tarde; e em *Santa Tereza*, resado, todos os dias, ás 5 horas da tarde.

Pois não está completa a lista, pezar do colega se pezar de bem informado.

Ha tambem mez de Maria, todos os dias, á tarde, na igreja de S. Salvador, com musica e tudo o que deve ter, que eu não sei.

E' até, este anno, a festividade da moda, com tapete, cadeiras para as senhoras... Um mimo!

Merece a pena ir.

O americano das 4 e meia é bom.

E' o preferido.

E' aquêle em que nós vamos todas as tardes... jantar.

Artes e letras

Alberto Monsaraz saiu a campo com todo o denodo de um antigo cavaleiro, de estandarte ao vento, pregoeiro, clamando o seu nome nobre.

O passo ao mui nobre e poderoso Alberto, filho do mui nobre senhor conde de Monsaraz, senhor de sete castellos e sete cidades!

E todos dormiram, como na historia do velho conto de crianças, ao ouvir a prosa longa e retorcida do mui nobre filho do senhor de Reguengos, ou de Reguengos, como, na conhecida historia, quer que seja mais autorizada a pronuncia a faculdade de direito.

Alberto veio a campo porque tem medo que a mocidade, a pedir vittimas, o mande suicidar.

E êle acha-se novo para morrer, o misero e mesquinho...

Alberto vem protestar contra a grê-

ve que acha destoante da intellectualidade academica.

Alberto Monsaraz acha a grêve propria só de gente vil, do baixo operariado...

Alberto tem um sangue nobre.

Alberto faz honra aos Monsaraz... futuros, visto que na sala dos viados, em Cintra, se não vê o seu glorioso braço, obra de poeta, glorioso como um canto dos Lusitadas...

Alberto não quer perder o anno.

Chassez le naturel... Alberto mostra-se ppança...

Mas cedo se vê a educação de quem desde menino anda longe dos livros, brincando com adagas e armaduras.

E' ver como ele define, numa imagem poetica, o movimento academico:

E' uma linda armada de aço resistente, mas vázia, espeçada por comissões de vigilancia e encostada a uma «parede» que se desmorona!

Se dentro dessa armadura conseguirmos meter um cerebro lucido e bem orientado, um coração generoso, musculos rijos e sangue....

E' a cantiga das escolas:

..... a carne e os nervos
O sangue de Portugal...

Oh! A força da hereditarietà del
Oh! Os maus versos do papá!...

E continua:

...então, sim, surgirá para a posteridade uma obra aleventada e culta, que ha de immortalisar a academia do nosso tempo.

Como o sr. conde de Monsaraz:

A escola que ha de erguer-nos
A' vida, á gloria imortal

Decididamente Alberto é o papá em prosa!
Por fim Alberto acaba:

Feitas estas declarações, libertome do que houver de me libertar...

Do que houver...
Por o visto não sabe bem ainda!
Enfim: Reguengos, como dizia o outro!...

Ginasio-Club

No dia 26 do corrente terão logar as corridas organisadas por um grupo de socios desta associação, cujo programa está já elaborado.

Haverá quatro corridas: a primeira, nacional, de 13000 metros, com tres premios—medalhas de ouro, de prata e de cobre; a segunda, infantil, de 2000 metros, com dois premios—magníficos objetos de arte; a terceira, para socios do Ginasio, de 13000 metros, com dois premios—valiosos objetos de arte; a quarta, para estudantes, de 13000 metros, com tres premios—medalha de ouro e um par de pneumáticos, uma raquette, uma lanterna—ofercidos pela casa do sr. José Bento Pessoa.

Terminarão as corridas com um match de tandem contra bicicleta, entre o sr. Abel Simões e os srs. Batista Gonçalves e José Lourenço, com um unico premio.

Durante os intervalos das corridas haverá diferentes jogos de sport.

Está aberta a inscrição dos corredores, e tudo promete que as corridas serão excepcionalmente animadas.

O tribunal de arbitros avindores resolveu por conciliação a reclamação entre a sr. Ermelinda Pereira, creada de servir, e o sr. Alberto Bastos da Costa e Silva, recebendo a reclamante 20000 réis por condescendencia do patrão, por se ter verificado que não tinha direito a toda a quantia que exigia.

Está nesta cidade o sr. major J. Kruss, que serviu largos annos na Africa e que parece ser o futuro commissario de policia de Coimbra.

Tudo parece depender apenas da sua anuencia ao pedido que lhe foi feito para ocupar este logar.

Reuniu ontem para apresentação de contas da comissão instruidora a cooperativa de pão *A Conimbricense*.

Excursão escolar á Batalha

O curso de letras do sétimo anno do liceu desta cidade, acompanhado pelo reitor sr. dr. Luiz Viegas e professores da classe drs. Silvio Péllico, Sanches da Gama, Leuchner, Luciano Pereira da Silva e Ermãno de Carvalho, realiso nos dias 4 e 5 do corrente mez um passeio escolar ao mosteiro da Batalha.

Esta excursão foi organisa da pedido dos alunos pelo professor de historia sr. Sanches da Gama.

Em preleções anteriores ao passeio o referido professor já lhes tinha explicado, com minucias, os diversos elementos que vieram a produzir a chamada arte gótica.

Mostrou-lhes a impropriedade da palavra — gótico — applicada a este genero de arte e bem assim que o angulo curvilinio chamado incorrétamente Ogiva não é original nesta arquitetura, pois já fôra empregado anteriormente pelos persas no seculo sexto e pelos arabes no seculo nono.

Tambem lhes descreveu desenvolvimento do cruzamento ou cruz de ogivas e o arco-botante, que são os elementos fundamentais da resistencia de estes elevados monumentos da meia-idade em que resalta evidente a luta constante dos architétos contra a pressão e peso das abobadas.

Egualmente lhes indicou as características differencias dos periodos do gótico primitivo, lanceado, radiante e flamejante, e bem assim a marcha triunfal deste genero de arte nascida em França e propagada rapidamente pelas associações ou familias de artistas ambulantes, na Inglaterra, Alemanha e outros paizes europeus.

Emfim o sr. Sanches da Gama esforçou-se por incutir no espirito dos seus alunos uma consciencia e respeito admiração por esta arte sublime em que o homem, pela sua fantasia e talento artistico, conseguiu dominar a bruteza da materia e realisar maravilhas de arquitetura que até ahí ninguém sonhara.

Entrando propriamente na descrição do mosteiro da Batalha demonstrou a semelhança do templo com outros monumentos da França, Inglaterra e da vizinha Hespanha.

Aproveitando tambem os nomes dos diferentes membros da dinastia d'Aviz, cujas cinzas venerandas ali repousam, não se esqueceu o sr. Sanches da Gama de lembrar os gloriosos feitos desses heroes da historia nacional.

Finalmente recordou lhes que o mosteiro de Santa Maria da Vitoria, cimentado com o sangue do nosso Povo, é um patrão glorioso que assinala o inicio da nossa verdadeira Patria, livre emfim do incerto destino das monar-

(5) Folhém da “RESISTENCIA,”

COIMBRA NO SECULO XVII

Apareceram pois os tres padres como os outros, por sua vez, deante do altar acima dito, em que lhes leram todas as suas belas ações.

Levaram tres horas a ler as infamias de aquel: cura expulso de certa congregação, a que todo o mundo levantava os hombros. Só ele se não espantava e as ouvia ler com uma tranquillidade tão grande, como se lhe estivessem lendo as mais belas coisas do mundo em louvor seu.

Foram todavia todos tres condenados a não exercer mais qualquer função de sacerdocio e a prisão perpetua.

Este modo de ler publicamente todas as vilanias não me agradou; porque havia grande numero de mulheres inglezas que estavam ás suas janelas e que as ouviam ler, como nós, do que se riam e faziam zombarias, o que é em detrimento da religião. Mas é essa a pratica da inquisição.

Depois de terem o processo destes tres padres, sendo perto da uma hora da tarde, e estando eu a pé desde a uma hora da noite para ir dizer missa; porque as começaram a dizer desde então, atravessi a multidão e fui jantar a casa dos francezes, em que estavam hospedados.

Os outros tres padres não tardaram muito tempo a seguir-me; os senhores da inquisição fizeram o mesmo.

Pelas tres horas se começou o auto da inquisição, e não acabou senão no dia seguinte depois do meio dia.

Como queriam fazer queimar nesse

quias flutuantes da Peninsula, para seguir vitoriosa, na idade moderna, o caminho das conquistas, das descobertas e da civilisação!

A viagem correu agradavelmente seguindo professores e alunos em numero de 97 no mesmo grupo em 2 carruagens de 2.ª classe, os rapazes com a sua costumada animação, conversando, cantando e tocando com grande entusiasmo.

A chegada, foram vitoriadados pelos alunos do liceu de Leiria, trocando se saudações mutuas.

Dirigiram-se todos para o Hotel Comercio, onde lhes fôra preparado alojamento devido aos cuidados do distinto aluno Alvaro Justice que foi de uma atividade e d'um tino inexcedivel na organisação de todos os detalhes da excursão, sendo coadjuvado pelos seus colegas Galvão e Pina Cabral.

No dia seguinte, antes de almoço os professores Drs. Sanches da Gama e Silvio Péllico, foram visitar o Castelo acompanhado por alguns alunos que curiosamente investigaram sobre a fundação do Castelo e Capela gotica que n'ele se encontra. A visita foi rapida porque o tempo urgia.

Recolheram no Hotel, donde em seguida ao almoço o grupo seguiu para a Batalha em 3 Riperts grandes e um char á bancas.

A chegada, os rapazes esperaram os professores no atrio da Igreja dando vivas prolongadas ao Dr. Sanches da Gama e mais professores.

Começou a visita pela análise exterior do edificio, e apreciação do portico principal com as suas 6 ordens de estatuas na archivolta cercando o timpano, d'onde o Padre Eterno abençoa o mundo, e, do portico lateral com a sua disposição archaica na columna e archivolta.

Seguiu-se a entrada no grandioso templo sendo indiscutivel a sensação de assombro e de elevação artistica que arrebatou o espirito do visitante.

Nas visitas que se seguiram á capella do Fundador, onde se notaram os tumulos e as divisas adoptadas pelos diferentes membros da dinastia ali sepultados, aos claustros, á sala do Capitulo e ás Capellas Imperfeitas, era consolador ver o interesse dos rapazes e como as lições anteriores lhes aproveitaram, applicando os conhecimentos adquiridos com notavel intelligencia, inquirindo do professor o que lhes faltava saber e completando os seus apontamentos.

A visita durou 4 horas, regressando todos encantados do que observaram.

Seguiu-se o jantar, que foi de despedida do curso. Trocaram-se afetuozos brindes, sendo os professores muito aclamados com palmas e vivas.

Fez o primeiro brinde o talentoso

aluno Alvaro Justice, que foi a alma da excursão, sendo muito aplaudido pelo seu belo discurso.

Agradeceu o sr. dr. Sanches da Gama, em seu nome e dos colegas, fazendo-lhes notar que fôra ali, em Leiria, que pela primeira vez o povo teve ingerencia na administração publica em Portugal, esse povo que, aliado com os reis, preparou o nivelamento das classes, donde resultou mais tarde o governo consciencie da nação pela nação, fonte das liberdades modernas.

E que fôra esse mesmo povo que vettera ali bem perto o seu sangue generoso pela emancipação da Patria, que desde então entrou definitivamente no seu destino politico e que a visita ao templo da Batalha era, alem de uma excursão historica e artistica, uma romagem civica, porque debaixo das suas arcarias goticas ainda resava ajoelhada, em mistico arrebatamento, a alma gloriosa da velha Patria Portugueza!

Terminou, bebendo pelos alunos e professores.

Seguiu-se no uso da palavra o estudante Miguel Galvão, que produziu um discurso renhido e entusiasta, sendo muito felicitado.

Falou por ultimo o estudante Castanheira de Figueiredo, que fez notar que aquella festa, alem do seu fim patriotico, scientifico e artistico, era uma grande lição educativa, um grande exemplo de federação escolar entre mestres e alunos, e que entre a população escolar do liceu de Coimbra não existia a barreira de gelo que se nota noutros estabelecimentos scientificos e que era a principal e talvez unica causa de lamentaveis conflitos.

Terminou o jantar no meio do maior entusiasmo, repetindo se os vivas aos professores e as palmas.

Seguidamente foram para o teatro, onde havia recita em honra dos excursionistas, estando os camarotes das senhoras enfeitados com as capas academicas.

Foi inexcedivel a correção da parte dos rapazes durante o espectáculo, bem como em toda a digressão. O seu entusiasmo e natural alegria, não passaram alem dos limites da melhor educação.

Na partida, os estudantes vendo na Praça Rodrigues Lobo o sr. dr. Medeiros, venerando professor do liceu de Leiria e autor do *Hino Academico*, que se vinha despedir de seu sobrinho o sr. dr. Sanches da Gama, romperam em grandes vivas ao velho professor, que não podendo, pela sua idade e commoção, agradecer a grande manifestação que lhe era feita, encarregou seu sobrinho de o fazer em seu nome.

E assim acabou este belo passeio, regressando todos saudosos, mas satisfeitos, pelo belo exito alcançado.

o companheiro, não sendo de Coimbra a Compostela mais de sessenta leguas ou pouco mais...

Custou-me a dizer que sim, porque, estando na vespere do Corpo de Deus, e, tendo ouvido dizer que havia muitos ranchos de dançadores mascarados para dançar deante do Santissimo Sacramento, eu gostava de ver esta especie de cerimonia que tem mais de gentilico e de paganismo que de cristão, mas emfim, solicitado, apezar de tambem ficar bem satisfeito em fazer tal viagem, deixei me vencer facilmente e partimos de Coimbra para...

Para onde, meu caro Augusto Mendes?

Não o adivinhou? Para... Aqui está a minha maior surpresa. Para o Bussaco!

E ahí tem o meu amigo, que tem feito das antiguidades do deserto carmelita um tào consciencioso estudo, e que é, ha muito, o que mais alto celebra as belezas de aquelle pitoresco sitio, mais as comovidas palavras que o capucho francez dedicou ao Bussaco, palavras cheias de admiração sentida.

Copiei-as fielmente, na tranquillidade da biblioteca de Ronen, nuns dias pardos de outono, na saudade do sol que ao longe, nesta nossa adorada terra, illuminava as folhas, na variedade das cores que tomam os campos como se as folhas vestissem, ao morrer, o colorido de todas as flores, na saudade da primavera distante.

E com esta impressão do Bussaco acabo, certo como estou que não poderia encontrar fecho que mais seja do seu agrado, meu bom amigo.

Relatorio

Está em distribuição o relatorio e contas da gerencia do Monte pio Coimbricense Martins de Carvalho em 1906, a cujo prospero estado nos referimos já quando noticiamos a assembleia geral em que foi apresentado o relatorio.

Agradecemos a oferta.

No sabado e domingo devem reunir se nesta cidade os bachareis em direito do anno de 1897. dos quaes alguns são hoje professores da Universidade.

Os exercicios de quadros da quinta divisão militar, com sede em Coimbra realizam-se nos dias 16 a 21 do proximo mez de Junho.

A Empresa Industrial Portugueza, a quem foi adjudicada a ponte sobre o Mondego no sitio do Martir Santo, a montante de Montemor-o velho, conseguiu prorrogação no prazo para a conclusão das obras até 31 de Dezembro.

Durante o mez de abril findo foram passados por o governo civil de Coimbra 291 passaportes a emigrantes, sendo 269 para o Brazil e 22 para Africa.

ASSOCIAÇÃO DE CLASSE

DAS

ARTES GRAFICAS

São avisados todos os socios desta Colevidade que as sessões ordinarias da comissão organisaadora têm lugar nos dias 15 e 30 de cada mez, na sede da associação, rua Eduardo Coelho, 7 1.º, a qual se acha aberta todos os dias uteis, das 8 ás 10 horas da noite.

Coimbra, 31 de março de 1907.

O secretario,

J. Pereira da Mota.

Obras de ALEXANDRE DUMAS

Memorias dum medico

PRIMEIRA PARTE

JOSÉ BALSAMO

VOLUME VII

CASA EDITORA DE GUIMARAES & C.ª

R. de S. Roque, 68 a 70 — Lisboa

Bussaco — é um convento de carmelitas descaldas numa montanha muito elevada; porque gastamos mais de uma grande hora para subir lá.

Os padres carmelitas chamam-lhe o seu deserto, e é o na verdade; porque está muito afastado de povoações.

A cerca tem bem legua e meia de circuinto, toda cercada de muros.

Apezar de eles lhe chamarem deserto, é todavia a mais agradável e encantadora estancia que possa admirar-se, não havendo na cerca senão cedros, arvores de balsamo, mirto e uma infinidade de arvores e ervas odoríferas que fazem prazer.

Ha além disso fontes numerosas e muito belas cascatas que são naturais. Ha na dita cerca muitas ermidas, em que os religiosos vão passar quarezesmas inteiras sósinhos.

Têm cuidado em lhes levar tudo o que é necessario.

Estas ermidas são compostas por um quarto, uma pequena capela, uma cozinha pequena e um jardimito ex que ha uma fonte.

Têm uma sineta para chamar o confessor quando querem confessar-se.

O senhor Bispo de Coimbra tem uma ermida, um pouco maior, que as outras em que vem fazer o seu retiro.

Emfim, pôde dizer-se que este lugar, bem longe de ser um deserto é um paraizo terrestre, por isso tinhamos muito prazer em lá estar e de boa vontade teriamos feito delle nossa morada se estivesse na nossa mão; mas tivemos de deixar este lugar de prazer, e não deserto, para seguir na nossa viagem de S. Tiago de Compostela....

Companhia de Seguros A Comercial

SÉDE NO PORTO

Seguros terrestres e maritimos

Correspondente em Coimbra

JAI ME LOPES LOBO

43 — Praça do Comercio — 45

Tomam-se seguros de predios, mobilias e estabelecimentos, contra o risco de incendio, ou quaesquer mercadorias exportadas por mar, para qualquer ponto.

CAMISARIA DA MODA

Acaba de chegar o que ha de mais chio em roupas brancas para senhora

Camisas, genero Imperio, guarnecidas com finissimas rendas e bordados. Vestidinhos e chapéus para creanças — os ultimos modelos.

Córtés para vestidos de senhora, em lã e seda — lindos tecidos de completa novidade — recebidos directamente de Paris.

Córtés bordados para blouse, em algodão, lã e seda, a principiar em 15000 réis.

Blouses de soyeuse, tecido de novidade, guarnecidas com finas rendas e entremeios.

Sombrinhas para senhora e creança, em seda e algodão, plissadas.

Capas e toucas para batizado, em todas as qualidades e preços que o freguez deseje.

Leques para senhora e creança, o que ha de mais tentador e por preços baratissimos.

Tecidos em algodão, e algodão e seda para vestidos e blouses de fabrico inglez — lindissimos padrões.

Zéfires para camisas de cavalheiro e chemisettes de senhora — recebidos directamente de Inglaterra.

E muitos mais artigos dificeis de enumerar

126 — RUA FERREIRA BORGES — 132

COIMBRA

Maquinas falantes

Cilindros e Discos

PATHE'

Deposito geral no distrito de COIMBRA

Rua do Sargento-Mór, 11-1.º

Grande redução de preços

Cilindros impressos pelos melhores cantores e cançonetistas nacionaes e pelas maiores celebridades liricas.

Fados acompanhados a guitarra e violão.

Solos de piano, violino, cornetim, etc., por conhecidos e afamados artistas.

Trechos musicaes executados pelas bandas militares de Lisboa, Paris, Londres, etc.

Fonogramas para diversos preços, desde 5000 réis.

Cilindros desde 250 réis.

CONSULTORIO DENTARIO

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade

Consultas das 9 horas da manhã ás 4 horas da tarde, em todos os dias uteis.

Esripturações mercantis

Para comercio em sociedade ou por grosso, encarrega-se pessoa habilitada, durante algumas horas de que possa dispor.

Tambem lecciona esta materia. Para informações, carta para esta tipografia.

T. C.

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 *Rua Ferreira Borges* - 156
COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.
Dóces de fructa de diversas qualidades, sécos e cristalizados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
Variada pastelaria em todos os generos, especializando-se de folhado.
Galantines diversas. Tété d'Achar. Patê de Lievre e Foie.
Saneisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló**, pelo sistema de Margaride.
Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das principaes marcas.
Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal effectua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas*
Coimbra

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguezes, á venda na

Mercearia LUSITANA
(Depósito unico em Coimbra)

Estab. Ind. Pharm. "Souza Soares,"

(NO BRAZIL E NA EUROPA)



Devidamente legalisado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.ª classe e cinco medalhas de Ouro, na America do Norte, França e Brazil, pela perfeita manipulação e efficacia dos seus productos medicinas:

PEITORAL DE CAMBARÁ

(Registado)

Cura prompta e radicalmente as tosses ou rouquidões;
Cura a laringite;
Cura perfeitamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou asthmatica;
Cura a tísica pulmonar, como o provam numerosos attestados medicos e particulares;
Cura incontestavelmente a asthma, molestia difficil de ser debellada por outros meios;
Cura admiravelmente a coqueluche, e, pelo seu gosto agradavel, é appetido pelas creanças.
Frasco, 4\$000 réis; 3 frascos, 2\$700 réis.

PASTILHAS DA VIDA

(Registado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as nauseas e vomitos, o enjô do mar, o mau halito, a flatulencia e a dilatação do estomago. São de grande efficacia nas molestias do útero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue.
Caxa, 800 réis; 6 caixas, 3\$240 réis.

36 Remedios Especificos em pilulas saccharinas

(Registados)

Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade:
Febres em geral;
Molestias nervosas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos órgãos urinares;
Molestias das senhoras e das creanças;
Dóres em geral;
Inflamações e congestões;
Impurezas do sangue;
Fraqueza e suas consequencias.
Frasco, 800 réis; 6 frascos, 2\$700 réis.

Consultem o livro — *O Novo Medico* — pelo Visconde de Souza Soares, á venda nos depositos dos remedios do auctor. Preço: brochado 200 réis, encadernado 400 réis.

Medicamentos homeopaticos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos

1 Tubo com globulos 260 réis; duzia 2\$600.
1 Frasco com tintura 3.ª ou 5.ª 400 réis; duzia 4\$000.
1 Dito com trituração 3.ª 700 réis; duzia 7\$000.
Vêde os preços correntes, o *Auxílio Homeopatico* ou *O Medico de Casa* e a *Nova Guia Homeopatica*, pelo Visconde de Souza Soares.

Estes productos vendem-se em Coimbra na drogaria de *Rodrigues da Silva & C.* - *Rua Ferreira Borges*, 36.
Deposito geral em Portugal - Porto, rua Santa Catharina, 1503.

Aviso importante

O Estabelecimento tomou medico encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por escripto, sobre o tratamento e applicação destes remedios.

Os armazens GRANDELA & C.ª

RUA DO OURO, 115 - LISBOA

mandam catalogos e amostras do seu colossal sortimento a quem as pedir.

Vendem para as provincias pelos mesmos preços que para Lisboa

Pagam o porte das encomendas cuja factura pöce ser satisfeita no correio na occasião de as receberem

Mandam amostras a todos que as pedirem para que as confrontem com as das outras casas.

Não têm agentes em parte alguma, tratam todos os seus negocios directamente com o publico de todo o paiz, e é por isso que vendem mais barato que ninguem.

O catalogo geral de verão com 116 paginas e 1050 gravuras é enviado de graça a quem o pedir a

Grandela & C.ª

Rua do Ouro, 115 - LISBOA

CASA MEMORIA

SUCURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Lús, 1
Praça 8 de Maio, 10

Esta casa continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória*. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que é mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas máquinas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinas usadas em troca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e compram-se pianos usados.

Á sempre quantidades de piano para alugar.

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a

MERCEARIA LUSITANA

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA
Mercearia LUSITANA

Machinas fallantes

Deposito completo de aparelhos das principaes marcas e para todos os preços a partir de 14\$000

Variada collecção de discos e cilindros com musicas e cantos executados pelos mais notaveis artistas.

Vendas pelos preços de Lisboa e Porto.

Depositarios da *Companhia de Gramophone*, da *Edison National Phonograph*, *C.ª de New-York*, e dos *Grandophones «Odeon»*.

TELLES & C.ª

R. Ferreira Borges, 152, 1.ª
COIMBRA

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital --- 200.000\$000 réis

Séde em Lisboa — PRAÇA DO DUQUE DA TERCEIRA, 11, 1.ª

Seguros de vida inteira. Temporarios. Mixtos. Frasco Fixo. Combinados e Supervivencia, com ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitales differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Seguros operarios a 20 réis semanaes

Para Informaçoes e tarifas dirijir-se ao agente em COIMBRA:

JOÃO GOMES MOREIRA — R. FERREIRA BORGES

CAÇADORES

O mais importante estabelecimento de espingardas, carabinas, revolvers e munições, é o de JOAO GOMES MOREIRA, rua de Ferreira Borges - Coimbra - Sucursal na Figueira da Foz (em frente ao Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

Espingardas (Ideas) — da manufatura de *Saint-Etienne*, *Galand Elite*, *Francesa*, *Francotts*, *Remington*, *Bernard*, manufatura *Liegeais*
Carabinas — *La Francott*, *Popular*, *Winstchester*, *Colts*, etc.
Revolvers — *Galand*, *Saint-Etienne*, *Smitt Werson*, *Vello-Doges*, etc., etc.
Pistolas — *Mauzer*, *Browning*, *Gaulois*, etc., etc.

Munições de todos os calibres e qualidades

Mandam-se vir armas de qualquer fabricante, como por exemplo: *Holland*, *Fuy*, *Dierrassen*, *Gresur*, etc.

PAPELARIA CENTRAL

Rua Visconde da Luz — Coimbra

Pianos GAVEAU

Recebidos directamente de Paris, vendem-se nesta casa pelos preços da fabrica e recebem-se pianos em troca. — pedir catalogos e condições de venda.

Um completo sortimento de *apparelhos* e todo o material preciso para a fotografia, que recebe dos principaes fabricantes e vende pelos preços mais baratos.

Grande edição de bilhetos postaes illustrados

De Coimbra, Vizeu, Aveiro, Castelo Branco, Covilhã, Amarante, Beja, Mirandela, Serra d'Estrela, etc.

Papelaria Borges
COIMBRA

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 166, 1.ª

Tomam-se seguros de predios mobiliars e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Repara... Lê...
Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçöis, bronquites, rouquidões, asma, tosses, coqueluche, influenza e outros encoimoços dos órgãos respiratorios.

Se atenuão sempre, e curão as mais das vezes com o uso dos *Sacharolides d'alcatráo*, compostos (**Rebuçados Milagrosos**) onde os efeitos maravilhosos do alcatráo, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencioão em toda a sua salutar efficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacharolides d'alcatráo*, compostos (**Rebuçados Milagrosos**) são confirmados, não só por milhares de pessoas que os toem usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro
PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

CASA COLONIAS

Fornecedora da Casa Real

Visitem este estabelecimento e verão V. Ex.ª que ha vantagem.

Generos alimenticios das mais finas qualidades, em concorrência de preços com as cooperativas.

Vinho de meza e de Amaranite, qualidades e preços sem competencia.

Distribuição aos domicilios, sem aumento de preço.

"RESISTENCIA,"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$850
Trimestre..... 880

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

Brasil e Africa, anno..... 3\$800
libras adjacentes, >..... 3\$000

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto 50%.

Comunicados, cada linha..... 40
Reclames, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal se honra.